PARNASO MARIANO

COLLIGIDO

POR

Abilio Augusto da Fonseca Pinto

SEGUNDA EDIÇÃO

Correcta e augmentada.

Ave, Maria, gratia plena

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1890

PARNASO MARIANO

PARNASO MARIANO

COLLIGIDO

POR

Abilio Augusto da Fonseca Pinto

SEGUNDA EDIÇÃO

Correcta e augmentada

> Essa é a Virgem-Mãe, voz suavissima
> D'esse cantico eterno — o Evangelho;
> A Virgem... Mãe... de Deus! Virgem purissima,
> Cheia de graça e de justiça espelho.
>
> João de Deus.

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1890

Á

MEMORIA SAUDOSA

DE

ANTONIO JOSÉ VIALE

E

FRANCISCO ANTONIO RODRIGUES DE GUSMÃO

ANTONIO JOSÉ VIALE

Les moines et les soldats du modeste royaume du Portugal ont peut-être plus répandu la civilisation et les lumières de l'Évangile parmi les peuples barbares et païens du Nouveau-Monde, et ses poètes, à commencer par le plus célèbre de tous, le Camões, le rival d'Homère et de Virgile, jusqu'à ceux de nos jours les plus illustres, ont plus et mieux chanté les triomphes et les gloires de MARIE que ceux d'aucun autre grand royaume catholique de l'Europe. Aussi avons-nous salué avec bonheur l'apparition du splendide volume où un écrivain de talent, très connu, a réuni les plus beaux morceaux de poèsies des favoris des muses, dont les lyres ont réveillé de leurs sons mélodieux les échos des rives du Tage et du Mondego: odes, sonnets, cantates, élégies, pastorales etc., et il en a tressé comme une brillante couronne qu'il a déposée sur le front de la VIERGE IMMACULÉE.

Ce magnifique Recueil sera pour les catholiques sincères un pieux sujet de méditations, et pour les lettrés délicats une mine inépuisable où ils trouveront des matériaux précieux, et des modèles à imiter très remarquables pour la plupart par la diversité de genre et de rhythme, l'élégance de la forme, l'élévation et la profondeur de la pensée. Ce qui lui donne, à nos yeux, un grand prix c'est la biographie, faite par l'auteur très érudit, de chacun des poètes éminents qui ont apporté leur pierre pour la construction de ce monument grandiose élevé à la gloire de la REINE du ciel et de la terre.

Nous laisserons aux lecteurs le soin et le plaisir d'ap-

précier par eux-mêmes la valeur incontestable du plus grand nombre des pièces que renferme *O Parnaso Mariano,* la tendresse des sentiments, la délicatesse des pensées, la vivacité de la foi, l'amour ardent et la vénération profonde de tous ces hommes de génie, qui font en même temps ressortir les beautés de cette langue portugaise trop peu connue en France.

Toutefois le savant auteur du livre nous permettra de jeter quelques fleurs sur la tombe à peine fermée d'un vénérable vieillard, qui nous honora de son estime et de son amitié et daigna traduire quelques uns de nos modestes vers dans sa langue natale: ANTONIO JOSÉ VIALE, dont *l'Institut* nous a fait connaître l'immense érudition et décrit en quelques pages la vie si noble et si chrétienne; c'est pour moi un acte de reconnaissance, de traduire peut-être un peu trop librement une de ses dernières pièces, où se révèlent la foi vive, la ferme espérance du catholique et sa grande confiance dans la SAINTE VIERGE aux approches de la mort:

TRISTESSES ET PRIÈRES

. . . .
. . . .
. . . .

Où puiser le courage
Pour l'instant redouté
De ce triste voyage
Vers une éternité?

Jésus, mon Dieu, mon Père,
J'entends ta douce voix,
Qui me crie: — Au Calvaire,
A l'ombre de ma croix. —

Jésus, sur le Calvaire
Tu me donnas pour Mère
La Vierge de Juda,
Celle qui t'engendra.

Vierge, mon espérance,
Vers ton Fils, mon Sauveur,
Accours, prends la défense
D'un malheureux pécheur.

O Jésus, ô Marie,
Dont les noms sont si doux,
Que dans mon agonie,
Je ne pense qu'à Vous.

A ce moment suprême
D'angoisse et de douleur,
O bon Jésus que j'aime,
Pardonne un vieux pécheur.

Que ma lèvre tremblante
Rebaise mille fois
Ton image sanglante
Suspendue à la croix.

1889.

THOMAS BLANC.

FRANCISCO ANTONIO RODRIGUES DE GUSMÃO

Falleceu no dia 22 do proximo passado mez de fevereiro n'esta cidade (de Coimbra), pela uma hora da madrugada, na edade de setenta e tres annos, pois nascera a 6 de janeiro de 1815, o nosso excellente amigo,... o bacharel Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão.

O illustre medico succumbiu ao cabo de prolongado e crudelissimo soffrimento, que motivara a cardio-ectasia por infiltração gordurosa do miocardio. Mezes inteiros de tortura physica e moral, alanceado pela preoccupação amarissima da orphandade, que lhe ia já enlutando a esposa e os filhos estremecidos, perpassaram ante seus olhos tristes, resignados, de uma tranquilla e perenne doçura de philosopho e de christão. A cultura esmerada do seu espirito em alliança com suas crenças religiosas, arraigadas e sinceras, collocavam-n'o corajosamente em face do problema terrivel da morte, como perante uma inilludivel fatalidade da natureza obediente em tudo aos mandatos do Creador. Durante esse largo periodo de lenta agonia, em que assistimos ao desapparecimento gradual de uma vida, tão laboriosa, tão util, tão exemplar, tão rica de bons exemplos que legou aos filhos e servem de espelho a extranhos, conscio intimamente do seu destino, nunca lhe escapou uma palavra de colera mal contida, de revolta, de protesto ou desfallecimento. Sobresaltava-o apenas a sorte dos seus; e foi este o thema dominante de suas palavras nos dias sombrios de clausura, que a doença implacavel lhe preparou.

Finou-se, pois, um dos homens mais conhecidos e esti-

mados entre os que em terra portugueza frequentam as lettras e as sciencias. Rodrigues de Gusmão foi um clinico habil, estimadissimo e feliz, nos logares onde exerceu, e onde deixou outros tantos amigos quantos os seus clientes; os fastos da sua pratica nobilitariam qualquer levita do bello sacerdocio, cuja alva tunica já vai manchando o lodo da especulação hodierna. Porém esse aspecto sympathico de seus serviços á sciencia encobre-o um pouco a roupagem mais rica e mais brilhante do escriptor, do erudito, do bibliophilo e do archeologo. Não foi um experimentador; não lh'o permittiam os recursos limitados do mister na provincia; não foi um therapeuta innovador e audaz; não foi um especialista, dividindo em mal disfarçados lances de agiota a integridade formal do organismo; não mirou seu animo claro alguma das incoerciveis excellencias, que constituem o apanagio de nossos modernos sabios. Foi um trabalhador sincero, de todas as horas, versando a bella linguagem portugueza com rara consciencia, amando incondicionalmente a boa leitura e os bons livros, de que possuia uma vasta, rica e curiosissima collecção, interessando-se por nossos fastos e monumentos, que estudava com amor e predilecção de patriota. Conciliado n'uma direcção concordante todo o trabalho que os actos quotidianos e o afastamento de um centro de estudos o obrigaram a dispersar por innumeras publicações, a sua obra fôra extraordinaria. Apezar, porém, de todas as circumstancias desfavoraveis, poucos medicos temos que hajam legado á posteridade tão variadas e multiplices publicações de bom quilate; entre os medicos provinciaes nenhum, nem antigo nem moderno, póde defrontar com Rodrigues de Gusmão.

Foi elle um exemplo, que infelizmente não deixará imitadores. Digam-nos que o medico na provincia pouco mais póde que praticar evangelicamente o seu ministerio; e que, chegando á noite a casa extenuado, após as fadigas incessantes de um dia de trabalho, mal poderá furtar o corpo ao descanço para repetir no dia immediato a mesma tarefa improba, crystallisando pouco a pouco n'uma rotina miseranda; eu lhes opporei victoriosamente o nome de Rodrigues de Gusmão, que soube registrar no mais accesso da sua faina clinica os factos, por qualquer titulo interessantes, de uma observação esclarecida. E afóra os trabalhos

d'esta ordem ainda talhou ocios para redigir noticias litterarias, criticas, biographicas, bibliographicas e archeologicas, que d'elle fizeram um collaborador inestimavel, prestantissimo, da grande maioria das tentativas generosas, scientificas e litterarias, que durante quasi meio seculo se envidaram entre nós para o levantamento da cultura mental.

Em todos esses innumeros escriptos poz o nosso amigo o cunho de uma individualidade bem characterisada. Como escriptor a sua penna discorria sobriamente, com elegancia e concisão rarissimas, propria e vernacula, com dignidade e austeridade, predicados que o elegeram entre os mais grados escriptores nacionaes do nosso tempo. Como medico foi um seguidor fiel das doutrinas e preceitos hippocraticos, temperados pelos progredimentos modernos, que acompanhava com prudencia, mas ininterrupta e amorosamente, mostrando-nos instructiva harmonia entre as lições da tradição e os reptos do progresso; que foi um clinico consciente, meticuloso observador, sagaz semeiologista, attestam-n'o, para completar as outras prendas, muitas das suas memorias. Como erudito, bibliophilo e archeologo, poucos entre nós lhe levaram as palmas; de uma erudição certa, copiosa, segura, bebendo suas origens no conhecimento das humanidades latinas e gregas, nos textos purissimos dos prosadores e poetas da antiguidade classica, e ascendendo para os classicos nacionaes pela via segura da investigação nas proprias fontes, e tocando por todas as faces, ainda as mais previstas para quem o não conhecesse de perto, nos productos da publicidade moderna.

. . . .

1888.

DR. AUGUSTO ROCHA.

PREAMBULO

Sob os auspicios d'um nosso amigo sahe á luz a segunda edição do *Parnaso Mariano*. Vai um pouco accrescentada e emendada, mas resentindo-se ainda assim da brevidade com que foi composta no escasso tempo que nos restava de pensões trabalhosas e inadiaveis.

Á memoria saudosa de dois amigos a consagramos, já pela estima que mutuamente nos ligava, já pela gratidão singular que lhes devemos, porque muito auxiliaram e animaram a primeira impressão d'este livro. Conselhos proficuos, collaboração prestimosa, tudo nos foi constantemente prodigalizado por sua affeição sincera.

A historia d'este *Parnaso* acha-se claramente explicada nas palavras seguintes que em tempo dirigimos a quem nos movera e instigara á primeira publicação da obra. São as seguintes:

«Cumpro a minha promessa, começando a enviar-lhe poesias consagradas á VIRGEM NOSSA SENHORA por poetas nossos de todos os tempos e escholas, e até de oppostas opiniões. Esta collecção, que lhe mostrei ha pouco tempo, fôra feita por mim sob a fórma d'um diario do mez de Maria, que é o mez de maio; e, findo elle, accrescentei-lhe outras que a tornaram mais copiosa. Gostou V. Ex.ª da minha lembrança, e pensou que tal collecção caberia bem no seu jornal como prova de que a veneração tributada á Mãe de Deus é antiga e constante no nosso paiz. O Marianismo, como alguns lhe chamam, não é uma seita mas sim uma devoção, muito conforme á nossa indole e

PARNASO MARIANO

I

CONCEIÇÃO

Para se namorar do que creou
Te fez Deus, sacra Phenix, Virgem pura.
Vède que tal seria esta feitura
Que para si o seu Feitor guardou!

No seu alto conceito te formou
Primeiro que a primeira creatura,
Para que unica fosse a compostura
Que de tão longo tempo se estudou.

Não sei se digo em tudo quanto baste
Para exprimir as raras qualidades
Que quiz crear em ti quem tu creaste.

És Filha, Mãe e Esposa: e se alcançaste,
Uma só, tres tão altas dignidades,
Foi porque a Tres de Um só tanto agradaste.

Luiz de Camões.

II

NATIVIDADE

Não seja hoje o sol de luz avaro,
Mostre mór resplendor, mór formosura,
Pois nasceu hoje aquella Virgem pura
Da qual outro nasceu mais puro e claro.

Com gosto espiritual, com prazer raro
Celébre toda a humana creatura
O parto que deu luz á noite escura,
Rainha deu ao céo, á terra amparo.

Felice parto, que o inferno espanta,
Enche o céo de belleza e maravilha,
Restaura-nos a graça que perdemos.

Com tal filha te alegra, ó Anna sancta,
Com seu filho se alegre a sancta filha,
E nós com todos tres nos alegremos.

Diogo Bernardes.

III

ENCARNAÇÃO

Desce do céo immenso Deus benino
Para encarnar na Virgem soberana.
Porque desce o divino a cousa humana?
Para subir o humano a ser divino.

Pois como vem tão pobre e tão menino,
Rendendo-se ao poder da mão tyranna?
Porque vem receber morte inhumana
Para pagar de Adão o desatino.

É possivel que os dois o fructo comem
Que de quem lhes deu tanto foi vedado?
Si; porque o proprio ser de deuses tomem.

E por esta razão foi humanado?
Si; porque foi com causa decretado,
Se quiz o homem ser Deus, que Deus fosse homem.

Luiz de Camões.

IV

Á VIRGEM DO AMPARO

Tu, por Deus entre todas escolhida,
Virgem das virgens, tu, que do assanhado
Tartareo monstro com teu pé sagrado
Esmagaste a cabeça entumecida:

Doce abrigo, sanctissima guarida
De quem te busca em lagrimas banhado,
Corrente com que as nodoas do peccado
Lava uma alma, que geme arrependida:

Virgem, d'estrellas nitidas c'roada,
Do Espirito, do Pae, do Filho eterno
Mãe, filha, esposa, e mais que tudo amada:

Valha-me o teu poder, e amor materno;
Guia este cego, arranca-me da estrada,
Que vai parar ao tenebroso inferno!

Bocage.

V

A NOSSA SENHORA

Se a febre atraiçoada emfim declina,
E se se esconde a aberta sepultura,
Ao vosso rogo o devo, ó Virgem pura,
Por quem me quiz livrar a Mão divina:

Sem vós debalde a experta medicina
Traça e apparelha a desejada cura;
Sem vós o indio adusto em vão procura
A amarga casca da saudavel quina.

Quando em lucta co'a morte me contemplo,
Sem haver já no mundo quem me valha,
Do vosso grão poder, que grande exemplo!

Venceste; e em memoria da batalha
Penduro nas paredes d'este templo,
Rasgando um novo Lazaro a mortalha.

NICOLAU TOLENTINO.

VI

EM LOUVOR DA SANCTA VIRGEM

Ó Padre-Eterno vos creou formosa,
E sancta entre as mulheres, Virgem pura;
Como os filhos de Adão, a mordedura
Não soffrestes da serpe venenosa.

O Verbo que baixou da luminosa
Morada a ser humana creatura,
De vós a carne teve, que ventura
Da carne foi corrupta e criminosa.

Comvosco liberal o esposo sancto,
Que graças, e que dons vos não daria,
Que aos céos da terra vos subiram tanto?

Jámais de vos louvar me cançaria;
Mas co'o peso não póde o debil canto
Das vossas glorias, inclita Maria.

Fr. José do Coração de Jesus.

VII

Á VIRGEM DAS DORES

Ó Virgem dolorosa,
inclina á desditosa
o teu benigno olhar!
Só tu, com sete espadas
no coração cravadas,
sabes o que é penar;

tu sim, que viste afflicta
pender, ó mãe bemdicta,
o filho teu na cruz,
e alçaste, com dois rios,
aos céos teus olhos pios,
chamando em vão Jesus

Da dor que me lacera
mortal nenhum podera
sondar a profundez.
O que este peito chora,
treme, receia, implora,
só tu, Senhora, o vês.

Que dor! Nos sonhos cevo-a;
corro a fugir-lhe, levo-a;
que dor, oh mãe, que dor!
Sósinha a ti me abraço,
e em pranto me desfaço.
Mercê! perdão! favor!

Antes que a aurora assome,
já o mal que me consome
o somno me quebrou;
sentada já no leito
regando afflicta o peito
co'as lagrimas estou.

Quando hoje abro a janella,
para dos vasos d'ella
trazer-te um ramo aqui,
e a vejo apedrejada...
co'o choro suffocada
sem luz no chão cahi.

Ó Virgem dolorosa,
inclina á desditosa
o teu benigno olhar!
Só tu, com sete espadas
no coração cravadas,
sabes o que é penar.

Castilho.

VIII

AVE MARIA

Maria, doce mãe dos desvalidos,
A ti clamo, a ti brado!
A ti sobem, Senhora, os meus gemidos,
A ti o hymno sagrado
Do coração de um pae vôa, ó Maria,
Pela filha innocente.
Com sua debil voz que balbucia,
Piedosa mãe clemente,
Ella já sabe, erguendo as mãos tenrinhas,
Pedir ao Pae dos céos
O pão de cada dia. As preces minhas
Como irão ao meu Deus,
Ao meu Deus que é teu filho e tens nos braços,
Se tu, mãe de piedade,
Me não tomas por teu? Oh! rompe os laços
Da velha humanidade;
Despe de mim todo outro pensamento
E van tenção da terra;
Outra gloria, outro amor, outro contento
De minha alma desterra.
Mãe, oh! mãe, salva o filho que te implora
Pela filha querida.
Demais tenho vivido, e só agora
Sei o preço da vida,
D'esta vida, tão mal gasta e prezada
Porque minha só era...
Salva-a, que a um sancto amor está votada,
N'elle se regenera.

Almeida Garrett.

IX

A NOSSA SENHORA DO CABO

Virgem mãe do mesmo Deus!
Virgem filha de teu Filho!
Não ha estrella de mais brilho
Nesses céos!

D'olhar fito nesse olhar,
D'olhos fitos nesses olhos,
Não ha baixos, não ha escolhos
Neste mar!

Vem a onda, sobrevem
Nova onda; e nada teme
Quem te vê guiando o leme,
Virgem mãe!

Tu guardaste em gozo e dor
Sempre n'alma a paz d'um templo!
Foste em vida o nosso exemplo,
Mãe de amor!

Navegando, mas de pé,
Neste mar, cavado embora,
Vou na barca salvadora,
Que é a Fé!

Não me assusta a multidão
De inimigos que me aggride;
Contra a TORRE DE DAVID
Tudo é vão!

Por feroz que esteja o mar,
De repente fórma um lago!
Basta um só reflexo vago
D'esse olhar!

Esse olhar é quem a mim
Me encaminha e me soccorre!
O meu norte é só a Torre
De marfim!

Meu pharol, refugio meu,
Sol que dia e noite brilha!
Mãe de Deus e de Deus filha!
Mãe do céo!

João de Deus.

X

Á VIRGEM SANCTISSIMA

CHEIA DE GRAÇA, MÃE DE MISERICORDIA

Num sonho todo feito de incerteza,
De nocturna e indizivel anciedade,
É que eu vi teu olhar de piedade
E (mais que piedade) de tristeza...

Não era o vulgar brilho da belleza,
Nem o ardor banal da mocidade...
Era outra luz, era outra suavidade,
Que até nem sei se as ha na natureza...

Um mystico soffrer... uma ventura
Feita só do perdão, só da ternura
E da paz da nossa hora derradeira...

Ó visão, visão triste e piedosa!
Fita-me assim calada, assim chorosa...
E deixa-me sonhar a vida inteira!

Anthero do Quental.

XI

AVE MARIA

No sino da freguezia
Tres badaladas ouvi;
Sobre a terra humida e fria,
De joelhos mesmo aqui,
Oremos, que é findo o dia;
Ave, Maria!

Das faldas da serrania
Moço pastor ao curral
Os fartos rebanhos guia;
D'abundancia, ao d'hoje egual,
Dá-lhe ámanhã outro dia,
Virgem Maria!...

....

Não deixes que a ventania
Negras azas possa abrir;
Do p'rigo o nauta desvia,
Dá-lhe uma estrella a luzir,
Como luz o sol de dia,
Virgem Maria!

Ao triste dá-lhe alegria,
A quem tem fome dá pão;
Ao que o teu nome injuria
Dá sincera contrição
Antes do extremo dia,
Virgem Maria!

Ao moribundo abrevia
As horas do padecer;
Livra-o da grande agonia,
Leva-o, depois de morrer,
Ao mundo do eterno dia,
Virgem Maria!

Por quem jaz na terra fria
Oremos aqui tambem!
Já lá tens quem mais te qu'ria,
Já lá tens amante e mãe!!...
Acompanha-as noite e dia,
Virgem Maria!

E quando da freguezia
O sino outra vez tocar
Sons de tal melancolia,
Junctos te havemos rezar
Oração do fim do dia,
Ave, Maria!

F. Palha.

XII

SALVE RAINHA

Salve, templo da luz, mãe compassiva,
Soberana do céo, Virgem formosa,
Esperança de amor, doçura e vida,
Salve, mãe dos mortaes, do Eterno esposa.

Filhos do pranto e dor, os de Eva filhos,
Desterrados, gemendo a ti bradamos...
Neste valle, de lagrimas regado,
Por teu soccorro, ó Virgem, suspiramos!

De amor e compaixão teus olhos volve;
O penhor que nos déste, ó Virgem pura,
Em ti nos deu recurso, amparo e guia;
Eia! volve-te a nós, mãe de ternura.

E depois do desterro emfim nos mostra
O fructo do teu ventre, ó doce, ó pia;
Acode aos filhos de Eva, ó tu sem mancha,
Ó mais formosa que o sol, Virgem Maria.

Roga, pede a teu filho, ó mãe formosa,
Como fructo de amor e de esperança,
Que nos leve a gozar no seio eterno
As delicias do bem que o justo alcança.

Se a Virgem pura,
Mãe de clemencia,
De nova essencia
Produz a flor,

É porque a origem
De antigos males
Do Eden nos valles
Perdeu a cor.

Outr'Eva abrindo
Celeste manto
Desfaz o pranto
Que faz a dor.

Escuta o echo
Dos peccadores,
Ouve os clamores,
Ó mãe d'amor.

Se o pae ao filho
Tudo concede,
Quanto a mãe pede
Nos dae, Senhor.

Ottoni.

XIII

Á VIRGEM MARIA

Esposa do Deus vivo, templo augusto
Do Senhor que governa os céos e a terra,
Escuta os meus gemidos, e do abysmo
Do peccado a minha alma desenterra.

Ó das filhas dos homens a mais bella,
Em cujo seio amigos se abraçaram
A justiça e a clemencia, e pelos homens
Com vinculo divino se ligaram.

Mãe do meu Deus, refugio esperançoso
Do peccador afflicto, vem depressa
Em meu soccorro contra o vil imigo,
Que de bramir em roda nunca cessa.

Lembra-te que na cruz cruel o sangue
Se verteu de teu filho angustiado,
Para as chagas lavar torpes e impuras
Do peccador que a culpa tem manchado.

Ó doce pensamento, que derramas
Lisongeira esperança no meu peito;
E a protecção benigna me asseguras
D'aquella a quem o céo vive sujeito.

SOUSA CALDAS.

XIV

A SOLEDADE DA VIRGEM MARIA

Nos braços do occidente agonisava
Em crystallino leito o pae do dia;
E a noite o negro manto desatava,
E de pallidas sombras se vestia;
Quando a sentir saudades se apartava
Do melhor sol a aurora de Maria;...
....

Vendo sem luz o sol que o mundo adora,
Murcha do prado a flor mais peregrina,
Ficou sem luz a mais suprema aurora,
Sem resplendor a estrella matutina.
....

Com o tormento a lingua emmudecida,
O coração no peito lhe fallava;
E quando o echo nalma repetia,
Resposta o coração reverberava,
Ai saudade! (o coração dizia)
Ai solidão! (a alma articulava)
Se uma dor, que está viva, é mais violenta,
A alma tem esta dor que me atormenta.

Já sem a luz do claro sol ausente
Me tem a saudade em noite escura;
Sendo a pena maior, que esta alma sente,
O ter a sua gloria em sepultura.
....

Oh quanto agora, amado filho, oh quanto
Me lembra que em Belem, em doces laços,
Vi vosso pranto allivio de meu pranto,
Sendo oriente d'esse sol meus braços!
Agora, em solitario e triste espanto,
Sigo d'aquellas lagrimas os passos...
....

Sentindo a dor da vossa soledade,
Oh quem, pura Maria, hoje podera,
As ancias reprimindo da vontade,
Tornar do peito o bronze em branda cera!
Porque em vossa maior penalidade
Meu pranto companhia vos fizera;
E se eu sentir a vossa dor me vira,
Não sentir como vós é que sentira.

Tornada a rosa em candida assucena,
Publíca a vossa dor vosso semblante;
A quem o coração, de magua e pena,
Mil correios envia a cada instante.
Que suspireis, Senhora, o amor ordena
Pelo querido filho e doce amante:
Suspirai, Virgem pura, que eu bem vejo
Ser pena o suspirar, porque é desejo.

Já sem acção nenhuma de vivente
Vos tem a triste dor que o peito encerra,
Padecendo na lastima presente,
Em campanha de amor, saudosa guerra.
A vossa dor a morte não desmente;
E a vossa pena a vida não desterra:
Que viva estais, da pena maguada;
E morta, porque a vida está apartada.

EUSEBIO DE MATTOS.

XV

L'ÉTOILE DES MERS

Brille, et que ta lueur nous guide et nous console!
Brille, astre de salut, sur l'océan brumeux!
Comme un phare sacré, que ta sainte auréole
Dirige notre esquif sur les flots écumeux!
Soutiens-nous, sauve-nous, ô Vierge tutélaire!
O toi que Dieu donna pour mère aux malheureux!
Qu'en un jour de clémence il promit à la terre,
Toi qu'il remplit de grâce, ô Vierge, amour des cieux!
Pure rose d'Éden que n'a point profanée
Le souffle qui ternit tout un monde en sa fleur,
Mystérieuse rose à Dieu prédestinée,
Couronne des élus au séjour du bonheur,
. . . .

O Vierge, tu le sais, dès ma tendre jeunesse,
Je t'offris mes concerts, et mes vœux et mes pleurs.
Quand mon front de douze ans se voila de tristesse,
Mon luth te raconta mes naïves douleurs;
Mourante je chantais: «Prends mes jours purs encore!
«Heureux l'enfant pieux qui s'endort au Seigneur,
«Et la vierge expirant à sa première aurore
«Comme un lis moissonné dans sa pure blancheur!

Mais tu n'as pas voulu rompre sitôt mes chaînes.
J'ai vécu: ce calice amer je l'ai tari!
Durant de longues nuits, sur ces vagues lointaines,
A soupiré mon luth, écho d'un bord chéri;
Mais, calme en sa douleur, tu le sais, Vierge sainte,
Rassuré par ton nom,

Ce faible cœur de femme ignorait toute crainte,
Quand les flots se dressaient, quand grondait l'aquilon.

Je pressais sur mon sein ta glorieuse image,
Et croyais m'appuyer sur un bras tout puissant;
Mêlant un chant d'amour aux longs cris de l'orage,
Je disais, l'œil fixé sur le ciel menaçant:
«Brille, étoile des mers, apparais blanche et belle!
«Que ta présence annonce et ramène un beau jour!
«Guide-moi, guide-moi vers le port que j'appelle,
«Terme d'un long exil, objet d'un saint amour!»
. . . .

Sois ma force et mon guide, o Vierge tutélaire!
O toi que Dieu donna pour mère aux malheureux!
Toi qu'en un jour de grâce, il promit à la terre,
Sois ma force et mon guide, o Vierge, amour des cieux!
Brille, et que ta lueur nous guide et nous console!
Brille, astre de salut, sur l'océan brumeux!
Comme un phare sacré, que ta sainte auréole
Dirige notre esquif sur les flots écumeux!

M^lle^ PAULINE DE FLAUGERGUES.

XVI

ENCARNAÇÃO

GABRIEL

Oh! Deus te salve, Maria,
Cheia de graça graciosa,
Dos peccadores abrigo!
Gosa-te com alegria,
Humana e divina rosa,
Porque o Senhor é comtigo.

VIRGEM (Á PRUDENCIA)

Prudencia, que dizeis vós?
Que eu muito turbada sam;
Porque tal saudaçam
Não se costuma antre nós.

PRUDENCIA

Pois que é auto do Senhor,
Senhora, não esteis turbada;
Tornae em vossa color,
Que, segundo o embaixador,
Tal se espera a embaixada.

GABRIEL

Ó Virgem, se ouvir me queres,
Mais te quero inda dizer.

Benta és tu em mereceres
Mais que todas as mulheres,
Nascidas, e por nascer.

VIRGEM (Á HUMILDADE)

Que dizeis vós, Humildade?
Que este verso vai mui fundo;
Porque eu tenho por verdade
Ser em minha calidade
A menos cousa do mundo.

HUMILDADE

O anjo, que dá o recado,
Sabe bem d'isso a certeza.
Diz David no seu tractado,
Qu'esse sp'rito assi humilhado
É cousa que Deus mais preza.

GABRIEL

Alta Senhora, sab'rás,
Que tua sancta humildade
Te deu tanta dignidade,
Que um filho conceberás
Da divina Eternidade.
Seu nome será chamado
Jesu e Filho de Deus;
E o teu ventre sagrado
Ficará horto cerrado;
E tu—Princeza dos céos.

VIRGEM

Que direi, Prudencia minha?
A vós quero por espelho.

PRUDENCIA

Segundo o caso caminha,
Deveis, Senhora Rainha,

Tomar com o Anjo conselho.

. . . .

GABRIEL

Spiritus sanctus supervenit in te;
E a verdade do Altissimo,
Senhora, te cobrirá;
Porque seu filho será,
E teu ventre sacratissimo
Por graça conceberá.

VIRGEM

. . . .
Justo é que imagine eu,
E que estê muito turbada,
Querer quem o mundo é seu,
Sem merecimento meu,
Entrar em minha morada,
E ũa summa perfeição,
De resplendor guarnecido,
Tomar pera seu vestido
Sangue do meu coração,
Indigno de ser nascido!
E aquelle que occupa o mar,
Enche o ceo e as profundezas,
Os orbes e redondezas;
Em tão pequeno logar
Como poderá estar
A grandeza das grandezas!
. . . .
Ecce ancilla Domini,
Faça-se sua vontade
No que sua Divindade
Mandar que seja de mi,
E de minha liberdade.

GIL VICENTE.

XVII

ANNUNCIAÇÃO

II

. . . .
Na culpa entrou mulher,
Assi convinha no remedio ser,

III

Virgem sagrada e pura
Que a natureza esmalta,
E tanto atraz de si tudo deixou,
Perfeita creatura,
Posto em parte tão alta
Que nunca culpa algũa lá chegou,
Comnosco conversou
No mundo por seu meio
O Verbo divinal;
Por nós feito mortal.
Co'a cruz ás costas, de tão longe veio,
E com taes armas sós
Taes imigos venceu só para nós.

IV

Foi o primeiro Adão
De limo virgem feito,
Inspirando-lhe alli divino sprito:
Assim estava em razão
Que est'outro mais perfeito
De ventre virginal saia bemdicto,
Isento do delicto
Em que a serpente antiga
A todos involvera:
O céo, que Eva perdera,
Quem nol-o abriu ficou fóra de briga,
Foi-lhe hoje entregue a chave,
Foi-lhe o nome mudado de Eva em Ave.

V

O Embaixador divino
Com tal acatamento
Propoz como o menor ante o maior;
A Virgem indo a tino
Regia o pensamento,
Deixando nas mãos tudo do Senhor,
Divino resplendor,
Divina claridade,
Em noite escura alli tão claro dia,
Quanto em gloria subia,
Tanto descia mais em humildade,
Temia e confiava,
Cuidando ora no céo, ora onde estava.

VI

Contemplava cada hora
Que havia de parir
Uma Virgem, signal dado na lei.
Sempre diz: ah quem fora
Digna de a servir,
Virgem e madre de um tão alto rei!
Peccador, que direi
Em mysterios tão altos,
Filho no céo sem mãe?
Filho em terra sem pae?
A taes escuridões taes sobresaltos:
Este pó, terra indigna,
Quando cuida que atina, desatina.

VII

Se á tua grande, mas pobre vontade
Fora dada igual graça,
Sahir poderas, canção minha, á praça.

SÁ DE MIRANDA.

XVIII

Á SENHORA DA ENCARNAÇÃO

. . . .

Eis o Espirito excelso,
Radiosa emanação do Pae, do Filho,
Mystica pomba de pureza etherea,
Á donzella idumeia inclina os vôos,
Pousa, bafeja e divinisa o puro.
Tu, Verbo, sobrevens; aerea flamma
Com tanta rapidez não sulca o polo!
Eis alteado o grau da humanidade;
Eis fecunda uma Virgem:
A Redempção começa, o Deus é homem.

. . . .

Mulher divina exulta;
Celestial penhor, que os anjos cantam,
Que as estrellas, que o sol, que os céos adoram,
Virgem submissa, mereceu na terra
Circumscrever em si do Empyreo a gloria.
Salve, oh! salve, immortal, serena diva,
Do Nume occulto incombustivel sarça,
Rosa de Jerichó, por Deus disposta!
Flor, ante quem se humilham
Os cedros de que o Libano alardeia!
Ah! No teu gremio puro anima os votos
Aos mortaes de que és mãe: seu pranto enxugue,
Seus males abonance um teu sorriso.

BOCAGE.

XIX

A CONCEIÇÃO

. . . .
Coroada de estrellas scintillantes,
Já do Libano desce a Mulher forte,
A cuja nova luz fica assombrado
O claro sol no ponto mais brilhante...
Deixa o pranto, Israel, sacode as cinzas:
Rompe em cantos de jubilo; os louvores
Canta da victoriosa Virgem pura,
Que a indomavel serpente vencer pôde,
Ficando illesa do mortal veneno.
Ella só entre todos os humanos
Foi do commum contagio preservada:...
Assim uma só náu salvar-se pode
Das ondas vingadoras do diluvio;
Assim de Gedeão o secco vello
Entre o grosso chuveiro illeso fica,
Que as denegridas nuvens desatavam...
Fonte de graça, fonte de prodigios,
Á tua incomparavel formosura
Cedem as flores dos amenos prados,
A lua cede, que as estrellas vence,
E cede o mesmo sol, que a lua assombra.
Simples pastores, em louvor da Virgem...
As vossas doces frautas ás estrellas
Levantem de MARIA o nome sancto,
E logo vereis como a mão piedosa
Espalha em vossos campos a abundancia...

DOMINGOS DOS REIS QUITA.

XX

DORES DE NOSSA SENHORA

....
E tua filha, madre, esposa,
Horta nobre, frol dos céos,
Virgem Maria,
Mansa pomba gloriosa;
Oh quão chorosa
Quando o seu Deus padecia!
Oh lagrimas preciosas,
De virginal coração
Estilladas!
Correntes das dores vossas,
Co'os olhos da perfeição
Derramadas!
Quem hũa só podera haver,
Vira claramente nella
Aquella dor,
Aquella pena e padecer,
Com que choraveis, donzella,
Vosso amor.
E quando vós amortecida,
Se lagrimas vos faltavam,
Não faltava
A vosso filho e vossa vida
Chorar as que lhe ficavam
De quando orava.
Porque muito mais sentia
Polos seus padecimentos
Ver-vos tal;
Mais que quanto padecia,

Lhe doïa,
E dobrava seus tormentos
Vosso mal.
  Se se podesse dizer,
Se se podesse rezar
Tanta dor;
Se se podesse fazer
Podermos ver
Qual estaveis ao cravar
Do Redemptor!
Oh fermosa face bella,
Oh resplendor divinal,
Que sentistes,
Quando a cruz se poz á vela,
E posto nella
O filho celestial
Que paristes!
  Vendo por cima da gente
Assomar vosso conforto
Tão chagado,
Cravado tão cruelmente,
E vós presente,
Vendo-vos ser mãe do morto,
E justiçado!
Oh rainha delicada,
Sanctidade escurecida,
Quem não chora
Em ver morta debruçada
A avogada,
A força da nossa vida!

Gil Vicente.

XXI

A NOSSA SENHORA DA PIEDADE

Eu de vós que direi, Virgem sagrada?
De vós, que ao pé da cruz de espada aguda
Vejo co'os olhos da alma trespassada?

Nada posso dizer sem vossa ajuda;
Pois vós nunca a negais a peccadores,
Soltae a minha lingua atada e muda.

Por ver que sempre fui o mór dos mores,
Jámais pude de mi presumir tanto,
Que tentasse cantar vossos louvores.

Agora vos dou choro em vez do canto,
Que grande razão é, Virgem sem magua,
Que com pranto acompanhe o vosso pranto.

Os vossos olhos vejo fontes de agua;
Vendo sua luz morta em vossos braços,
Que fazem estes meus em tão grão magua?

Ai! quanto são de lagrimas escassos!
Quanto mostra de amor pequeno effeito
Uma alma a quem a dor não faz pedaços!...

Ai cegos, descuidados peccadores!
Pobres de piedade e de sentido,
Não vemos de que somos causadores!

Não vemos o Senhor da cruz descido,
Que tal está no collo da Senhora,
Que não sei como d'ella é conhecido!

Abri-vos, olhos meus, e vède agora
Em qual forma se mostra, em qual estado
Aquelle a quem a terra e céo adora.

Vède como no seu corpo sagrado
Dès' a planta do pé 'té á cabeça
Não tem onde não seja maltractado.

Cruelissimas mãos, gente perversa,
Quem para executar tal crueldade
Vos deu tammanha força, quem tal pressa?

Como vos não movia a piedade
D'um cordeiro sem magua a mansidão?
Da sua falla a grão suavidade?

Como vos consentia o coração
Pagar com tal crueza tal brandura?
Ha gente cega, gente sem razão.

Aquelle Sol sereno, claro e puro
Do seu divino rosto ai! quão asinha
Cobriu a luz e se mostrou escuro!

Que fará a triste Mãe, que por vós tinha
Gosto da pobre vida.................
.................................?

Porque tractastes mal tal formosura,
Bem tinheis corações de ferro duro,
Quando desfigurastes tal figura.

Vejo que sobre vós está chorando,
E com o licor triste que derrama
As sanctas chagas vos está lavando...

Diogo Bernardes.

XXII

Á VIRGEM NOSSA SENHORA

A quem pretende, ó Virgem Soberana,
Na lyra celebrar os teus louvores,
Para não profanar sacros mysterios,
Um divino tremor comprima o peito...
....

A formosa mulher[1], sob cujas plantas
A lua estava, e a quem o sol vestia,
De brilhantes estrellas coroada,
Representou-te apenas;... que em figura
Differentes mysterios sacrosanctos
Da mundana sciencia recatava.

Pois, celeste rainha, acreditamos
Que nem com dôr pariste[2], nem que o drago[3],
Que as estrellas com a cauda removia,
Pela extensão etherea despenhado,
Se avançou contra ti, antes tremendo
E prostrado ainda jaz, depois que o collo
Co'o calcanhar, ó Virgem, lh'esmagaras.

Ainda o claro sol, que reanima
Com seu almo calor este universo,
Por lei que lhe impozera o Ser primeiro,
Não reinava, monarcha luminoso,

---

[1] Apoc. c. XII — vv. 1, 2, 3, 4.
[2] Isaias LXVI, v. 7; XXXV, v. 1.
[3] Not. (1).

'Té o concavo fim da extrema esphera;
Nem do termo da ellipse revocava,
Para lhes renovar o ardor extincto
E dar proficuo alento, com que possam
Perfazer novo gyro seus planetas:
Nem, da lua mostrando o bello rosto
Co' a luz reflexa, a noite abrilhantava;
Pois primeiro que o sol, e o mar, e a terra,
E em confuso embrião tudo existisse,
Então já no fecundo entendimento
Do sempiterno Padre, Virgem pura
E mãe de Deus, sem mancha do peccado,
Mais formosa que o sol resplendecias.

Ah! louvem-te os mortaes, louvem-te os anjos!
Com teu filho tambem; e eternamente
Seja por todo o céo, por toda a terra
Em canticos teu nome repetido;
Que eu no fraco alaúde sou ditoso
Se expressar o piedoso sentimento
Que leda m'inspiraste,...
....

Leitão de Gouveia.

XXIII

TRISTEZAS E PRECES

. . . .

Cedo meus olhos
Serão cerrados,
E entre os finados
Me contarão.

Impende a todos
O fatal corte;
A mim a morte
Não tarda, não.

Quatorze lustros
São longa vida;
Prestes a lida
Terminará.

No horrendo trance
Do passamento
Vívido alento
Quem me dará?...

Vívido alento,
Em tanto abalo,
Só posso achal-o
Juncto da cruz.

Em ti sómente
Toda descança
Minha esperança,
Christo Jesus.

Na cruz pregado,
Por mãe me déste
Virgem que houveste
Pôr genitriz.

Juncto ao teu filho,
Virgem, Senhora,
Sê protectora
D'este infeliz.

Oxalá que em taes momentos,
Entre as ancias da agonia,
De Jesus e de Maria
Possa os nomes proferir:

Que mil osculos ardentes,
Meu intento em Deus só fixo,
Sobre os pés d'um Crucifixo
Haja ao menos de imprimir!

Antonio José Viale.

XXIV

AVE MARIA

Ave, Maria, tão bella,
Casta pomba de Israel,
Que da vida em mar de fel
Brilhas, propicia estrella;
Que nas horas da procella,
Como porto salvador,
Extendes ceruleo manto
Que vela os seios á dor,
Que aos olhos enxuga o pranto.

Ave, Maria, formosa
Assucena de Jessé;
Mais linda e pura não é
A mais pura e linda rosa;
Ave, Maria, és mimosa
Como alvorada sem véo;
És mais viva em teus fulgores,
Que o vivo facho do céo,
Que o rei da luz e das cores...

Maria, cheia de graça,
Deus em ti quebrou as leis,
Donde até nascem os reis,
Donde nasce a humana raça;
E roto o grilhão que enlaça
Entre si, sempre fiel,
Na origem a humanidade,
Em ti creou-se o annel,
Que a nós prende a divindade...

Maria! Deus é comtigo,
Comnosco tambem serás;
Filha e mãe, qual és, não vás
Deixar filhos sem abrigo;
Não deixas; teu seio amigo
É fonte aberta ao christão;...

Ave, Maria, que és nossa
Padroeira, e crença, e mãe!
Portugal outra não tem,
Mais bella, nem que mais possa;
Não quer outra a humilde choça,
Nem o palacio real;
És nossa, do rei, do povo,
És de todo o Portugal...

João de Lemos.

XXV

SALVE RAINHA

Salve, Rainha, Mãe
Da paz e da concordia!
Mãe de Misericordia!
Fonte de todo o bem!

Rainha! nossa *vida!*
Doçura, esperança nossa!
Da mais humilde choça
Aos altos céos querida!

Salve, Rainha eterna,
De throno inabalavel!
Soberana sempre affavel!
Rainha sempre terna!

A Vós, *a Vós bradamos*
Cá d'estes descampados,
Por onde *os degredados,*
Os *filhos de Eva* andamos.

Por Vós, nestes anceios
De insupportavel dor
Ah! *suspiramos* cheios
De saudade e amor!

Gemendo e sempre assim
Chorando o nosso mal
Neste profundo *valle*
De lagrimas sem fim!

Das nuvens *eia pois,*
Oh! *Advogada nossa,*
Rompa um clarão que possa
Mostrar-nos já quem sois.

Sim: *esses vossos olhos*
Tão *misericordiosos,*
Que tornam os abrolhos
Lirios deliciosos,

A nós volvei, Senhora
Do céo e mar e terra!
Onde o que ha bom se encerra,
Que todo o mundo adora.

E se um viver sem luz
Expía tanto erro,
Depois d'este desterro
Mostrae-nos a Jesus!

Oh! Mãe sempre *clemente!*
Oh! Mãe sempre *piedosa!*
Mãe sempre carinhosa!
Mãe sempre complacente!

Oh! nossa *doce* Mãe!
Oh! *sempre Virgem* pura!
Excelsa creatura,
Fonte de todo o bem!

Maria, a nossa voz
Ouvi-a lá nos céos!
Rogae, *rogae por nós,*
Oh! *sancta Mãe de Deus!*

Para que, auxiliados
D'essa divina graça,
Nós, filhos da desgraça
E pobres desherdados,

Sejamos (ás avessas
Do mal que nos attrahe)
Ah! *dignos das promessas*
De Christo — Deus e Pae!

João de Deus.

XXVI

A NOSSA SENHORA

(NO CAPTIVEIRO)

SONETO

Quanto o remedio humano mais incerto
Estou vendo, ó sanctissima Maria,
Quanto mais d'elle a vida desconfia,
Tanto o divino em vós está mais certo.

Bem vèdes qual estou neste deserto,
Onde captivo choro a noite e o dia,
Onde me dão por cama a terra fria,
Onde me tolhem ver o ar aberto.

Este meu desamparo, estas cãs tristes,
Que mais alvas se fazem com meu pranto,
Vos inclinem, Senhora, a soccorrer-me.

Pois sempre em minhas pressas acudistes,
Virgem, não tardeis mais, não tardeis tanto,
Que, se tardais, quem poderá valer-me?...

DIOGO BERNARDES.

XXVII

A NOSSA SENHORA

(NO CAPTIVEIRO)

CANÇÃO

Ó Virgem, sobre todas soberana,
De resplendor vestida e luz divina,
De luzidas estrellas coroada,
Se logo a dar remedio vos inclina
Qualquer extremo de miseria hnmana
Em que se vê a vida attribulada,
A minha, tantas vezes desmaiada
Nesta desaventura,
Virgem serena e pura,
Espera ser por vós remediada.
Esta grão fé que tenho, esta me valha,
Pois esta me valeu,
Ó rainha do céo, na grão batalha.

Ó Virgem, sempre Virgem, do pae vosso
Sacratissima mãe, filha, e esposa,
Alegria do céo, da terra amparo,
A lua, porque fosse mais formosa,
Por chapins vol-a deu o filho vosso,
O qual vos escolheu como sol claro,
Aquelle eterno amor, a vós tão charo,
Do vosso amor dino,
Aquelle amor divino,
Que já nos libertou do reino avaro,
Tenha conta commigo á vossa conta
Antes que mais descaia,
Para que livre saia d'esta affronta.

Ó Virgem, das mais sanctas a mais sancta,
Do inconstante mar fiel estrella,
Porta do paraiso, estrada e guia,
Volvei os olhos bellos, Virgem bella,
Vède tanta estreiteza, magua tanta,
Quanta com magua choro a noite e o dia;
Não me deixeis sumir, doce Maria,
Neste profundo pégo,
Porque povo tão cego,
Como se ri de mim, de vós não ria;
E saiba que deixastes castigar-me
Por grão peccador ser,
E não por não poder do seu livrar-me.

Ó Virgem, de humildade e graça cheia,
Que converteis em riso o triste pranto
Da triste, miseravel vida nossa,
Como vos cantarei alegre canto,
Captivo, sem repouso, em terra alheia,
Entre barbara gente, imiga vossa?
Desatae vós esta cadeia grossa
Que meus erros sem fim
Forjaram para mim,
Porque, solto por vós, cantar-vos possa
Na ribeira do Lima sem receio,
Ó madre de Jesus,
Não do turvo Lucus, de sangue cheio.

Ó Virgem milagrosa, Virgem branda,
Amor do summo amor, prazer dos sanctos,
Ouvi, Senhora, lá suspiros tantos,
Quantos meu triste peito de cá manda;
Pois vêdes que em vós só tenho esperança,
Pesae as minhas culpas na balança
De vossa piedade,
Que d'outra qualidade
Mal póde em tal fortuna haver bonança;
Vède que tal me vejo, vède qual
Tão pouco ha me vi,
E com tempo acudi a tanto mal.

Virgem, por cuja mão são repartidas

Mil graças que Deus faz na terra e céo,
Que o mesmo céo e terra encheis de graça,
Essa mão, que das mãos me defendeu
Que deram cruel fim a tantas vidas,
De ajuda me não seja agora escassa,
Porque a dilação em mim não faça
Que não fez o ferro,
E a dor d'este desterro
Que vai roendo a vida como traça.
Antes de ser de todo consumida
Levae-me, pois podeis,
Onde de mim sereis melhor servida.

Ó Virgem singular, pura, sem magua,
Sem sombra de erro algum, por cujo rogo
Se conserva no mundo o ser humano;
Ó sarça de Moysés, verde no fogo,
Ó platano formoso juncto da agua,
Esperança do povo lusitano,
Por vosso amor acuda a tanto damno
O poder infinito,
Que já no duro Egypto
Outro povo livrou d'outro tyranno.
Não olhe o clementissimo Jesus
A nossos erros sós,
Mas olhe que por nós se poz na cruz.

Ó Virgem, imperatriz do céo empyreo,
Preservada de culpa e escolhida,
Quem vos póde louvar, quem entender?
Ditosos os que soffrem nesta vida
Tribulação por Deus, cruel martyrio,
Pois a elle e a vós merecem ver.
Se com penar aqui, se com soffrer
As penas em que vivo,
Se com morrer captivo
Tão alto bem se póde merecer,
D'aqui não saia mais,
Porque por meios taes a tal fim venha......

Diogo Bernardes.

XXVIII

Á VIRGEM DO RESTELLO

«O Virgem do Restello,
Dizia humilde o rei,
Se eu chego a merecel'o,
Ouvi o meu appello,
E os olhos nos volvei,
A mim, e á minha grei.

«D'alto mysterio um sello
Toda esta empreza tem.
Toda! e poder rompel'o,
Ó Virgem do Restello,
Só vós, e mais ninguem.

«Parece-me ainda vel'o!
Sáe, dobra o cabedelo,
Ao largo mar se fez;
E passa o dia, o mez,
Dous annos... e, a escondel'o,
Sempre esta nevoa... vês,
Ó Virgem do Restello?

«Ha tanto tempo já!
Onde é que elle estará,
Ó Virgem do Restello?
Quem poderá detel'o?
O que o detem por lá?
A guerra? os sóes? o gelo?
Ai! quando é que virá!

«E, ó Virgem do Restello,
Cá dentro podeis lel'o...
Se o plano herança é
De um rei, de reis modèlo,
Moveu-me a commettel'o,
Não a ambição, a fé.

«Só este ardente zelo
De cultos dar á Cruz...
Vós bem deveis sabel'o,
Ó Virgem do Restello,
Ao feito audaz me induz.

«Não heis-de protegel'o?
Não me direis que sim,
Ó Virgem do Restello?
Pedir-vol'o, hoje, vim;
Viria, se fazel'o
Preciso fosse assim,
De rastos e em cabello.

«Que q'reis? que vos convem,
Que exprima o meu desvelo?
Com claustro um templo?... Bem.
Se a frota agora ahi vem...
D'aqui prometto erguel'o,
Do orago de Bethlem,
Qual vossa ermida o tem,
Ó Virgem do Restello.»

A. Pereira da Cunha.

XXIX

SENHORA DA NAZARETH

(PROPHECIA DE ROMANO)

No cimo do monte bravo
foram n'uma ermida entrar:
paredes, meio delidas!
Crucifixo sobre altar!

Novas, nem signaes de gente,
não lh'os soube a ermida dar,
mais do que uma campa rasa,
sem letras para fallar.

Era sitio de tristezas;
tristezas vinham buscar;
e por melhor serem tristes,
se quizeram separar.

El-Rei ficou só na ermida,
que foi mui triste ficar!
passou Romano adeante;
não houve muito que andar.

Nas mesmas fragas marinhas
achou logo outro logar,
por escondido e medonho,
conforme ao seu desejar.

Jazia entre duas rochas,
que se arremessam a par,

duzentas braças a pique
penduradas sobre o mar.

N'uma lapa que era em meio
foi a Senhora assentar,
com mil desculpas e prantos
por tão pobre a agasalhar.

Co'as magras mãos foi-lhe erguendo
(que mais lhe podia dar?)
paredes de pedra ensossa,
ao som d'um longo cantar.

— «Senhora dos céos, e é este,
«(lhe dizia) o teu solar?!
«pobres musgos... pobres conchas...
«que alfaias para brilhar!

«Em vez das harpas celestes,
«ouvirás ondas roncar;
«em vez de mil coros de anjos
«um só velho a te guardar;

«um só velho, vaso impuro
«cheio de antigo peccar.
«E em chegando a minha morte,
«que já não póde tardar,

«nem sequer um servo indigno
«terás para te guardar,
«nem uma voz quebrantada
«para o teu nome entoar;

«Virgem minha, meus amores,
«ai! quão só que has de ficar!
«ninguem virá renovar-te
«os musgos do teu altar;

«Mas virá dia, algum dia,
«quando o teu filho ordenar,
«que de gente baptizada
«te vejas desencantar.

«Dar-te-hão elles o que o velho
«te não póde agora dar:
«dar-te-hão casa, far-te-hão festas,
«grão fama, grão triumphar.

«Junctarás aqui romeiros,
«como as ondas d'esse mar;
«e contará teus milagres
«quem as areias contar.

«De Nazareth por memoria
«terá nome este logar;
«nem sitio na christandade
«não lhe ha de a palma levar.

«Virão pobres, virão ricos,
«vir-te-hão reis a visitar;
«todos de ti, morenita,
«morenita singular,

«todos de ti namorados,
«que assim és de enamorar;
«e os ossos nús do teu servo
«na terra se hão de alegrar.»

Assim cantava Romano,
cada dia, sem faltar,
na madrugada, ao sol posto,
ás estrellas, e ao luar.

E aquella foi prophecia
que lhe Deus quiz inspirar;
que por seculos ávante
se cumpriu todo o cantar.

Morto o velho, Dom Rodrigo
se foi para não voltar;
e só se ouviam nas rochas
o vento, os corvos e o mar.

CASTILHO.

XXX

STABAT MATER

Brancas ossadas, sangue, e rochas duras,
onde nem cresce o musgo das ruinas,
    nem passa a viração!
onde não cantam aves peregrinas
seus segredos de amores e ternuras
    aos echos da soidão!

cèrro de maldicção, furnas perdidas,
onde abutres só vèm á meia noite
    ao putrido festim!
throno para quem foi do mundo açoite!
pedestal para estatuas de homicidas,
    de Nero, de Caim!

mal hajas, ó Calvario!—D'essa agrura
nas erriçadas pedras ha momentos
    se arrastava uma Cruz!
levava-a um semi-morto a passos lentos;
e, após os mil horrores da amargura,
    nella morreu Jesus!

. . . .
. . . .

Emquanto lá por baixo em festins ledos
no tripudio febril de cem orgias
    folga Jerusalem,
os restos sacrosanctos do Messias,
sentinella perdida entre rochedos,
    guarda a chorosa Mãe!

Fugi de juncto d'ella, almas descrentes!
não maculeis a dor da Virgem bella!
Não tendes dó? passae!
Mães desgraçadas, panteae com ella!
Orphãos, pobres, meninos innocentes,
é vossa Mãe! chorae!

Guarda no seio o cofre dos amores;
por c'rôa tem o iris da bonança;
nos labios, o perdão!
Ai! quem recolhe a pomba da alliança,
que anda cançada sobre um mar de dores
pedindo um coração?!

....

Virgem das Dores, na soidão chorosa!
pomba formosa, inconsolavel, só!
só, nesta magua, e soluçando tanto!
só com teu pranto... e sem ninguem ter dó!

....
....

Se, reo de morte de Israel perdida,
arrasto a vida encarcerado aqui,
lá nos teus reinos d'uma eterna aurora
lembra, Senhora, que chorei por ti!

Thomaz Ribeiro.

XXXI

STABAT MATER

Eil-a só a Virgem languida,
Rôla viuva gemendo;
Eil-a, a mãe, nos braços tendo
O filho de infindo amor;
O filho chagado, exanime;
O filho que é luz, que é vida,
Que lhe deixa a alma partida
Na soledade da dor!

Eil-a junto á Cruz, patibulo
D'onde seu filho pendera;
Ai! como a triste lhe dera
Mil vidas, todas d'amor!
Mas vê já aberto o tumulo,
Lá cahe a pedra tombada...
E fica mais desgraçada
Na soledade da dôr!

Vinde, vós que chorais lagrimas,
Vinde, ó afflictos da terra,
Ó mães, cujo peito encerra
Doces mysterios d'amor;
Vós todos de dores asperas,
Vinde ver se ha dor mais funda
Que a d'esta mãe gemebunda
Na soledade da dor!

O que tem nos braços tremulos
Era o Bem, era a Virtude,
Era o Sol ao mundo rude,
Era a Vida, era o Amor;

E o mundo na cegueira impia
Deu-lhe crua morte em paga,
Por isso em pranto se alaga
Na soledade da dôr!

Quem poderá, Mãe ternissima,
Tentar sequer consolar-te,
Se debalde em toda a parte
Tu buscas o Eterno Amor?
Quem póde esse quadro lugubre
Esconder-te?... Eis o sudario...
Geme do alto do Calvario
Na soledade da dor!

Mas tu podes, Flor angelica,
Ter por fim grande conforto,
Lá sobe ao celeste porto
Triumphante o divo Amor;
Exulta comnosco extatica,
Teu filho é Deus, e as algemas
Quebrou aos homens; não gemas
Na soledade da dor.

A Cruz infamante é fulgido
Sceptro agora e throno e solio,
E do erguido Capitolio
Abre seus braços d'amor;
Bem vês os povos em canticos
Celebrar quem os remira,
E que já ninguem suspira
Na soledade da dor.

Livres, pois, nós vimos supplices
A teus pés; cumpre o legado
Que o Filho crucificado
Te fez ao materno amor;
Sob as azas, Pomba candida,
Toma os filhos que ficaram,
E que comtigo choraram
Na soledade da dor!

João de Lemos.

XXXII

STABAT MATER

Estava junto da cruz
A triste mãe dolorosa,
Vendo, afflicta e lacrimosa,
Pendente o charo Jesus.

Banhada em pranto de amor,
Gemendo em dura agonia,
Sua alma o echo sentia
De aguda espada de dor.

Que tristeza! que afflicção!
Em que abysmo de amargura
Supportou esta Mãe pura
Do Unigenito a paixão!

Convulsa de suspirar,
(Com que dor! com que vehemencia!)
Via o Justo por essencia
Padecer por nos salvar.

Que supplicio, oh Mãe de amor!
Qual seria o peito humano,
Que, sentindo o proprio damno,
Não sentisse angustia e dor?...

Ella via o seu Jesus,
Em tormento acerbo e novo,
Pelas culpas do seu povo
Flagellado sobre a Cruz.

Viu que o céo se annuviou,
Quando o filho desolado,
De seu Pae desamparado,
Sobre o Golgotha expirou.

O universo estremeceu...
Ah! permitte, oh Mãe de amor,
Que eu, sentindo intensa dor,
Possa unir meu pranto ao teu.

Dá-me luz, fervor, uncção
De suave intelligencia,
Que no amor de pura essencia
Me transforme o coração...

Se o teu Filho padeceu
Só por dar-me luz e abrigo,
Reparte as penas commigo,
O criminoso sou eu...
....

OTTONI.

XXXIII

Á IMMACULADA CONCEIÇÃO

ODE

ESTROPHE I

Ah! longe, longe d'este fertil monte,
A Phebo consagrado,
Fuja o vulgo profano,
Em cujo coração não alça a fronte
Das sanctas Musas o furor sagrado:
E vós, em cujo peito soberano
Celeste choro seu furor inspira,
Attenção; que hoje intento
Novo tocar altisono instrumento.

ANTISTROPHE I

Clara de immensa luz brilhante chamma,
Na rude escura mente
Seus raios espalhando,
A negra nevoa rompe, e já me inflamma:
Transportar-se a minha alma já se sente.
Ah! nos campos, que rega murmurando
O crystallino Alpheu na bella Arcadia,
Não guardo pobre gado;
Noutra especie me sinto transformado.

EPODO I

Occulta força
Da opaca terra
Entre os céos a subir me anima e esforça,
De brancas plumas
Cobrir me vejo;
E qual de Thebas o cantor sonoro,
Pelo ar vagando vou, cysne canoro.
Já sacudindo as azas inquietas,
Vejo sob os meus pés astros, planetas.

ESTROPHE II

Mas que serpe feroz se nutre e ceva
Naquelle inferior globo?
Que estrago miserando
Em seus viventes faz! na densa treva
Tanto não faz no gado cerval lobo!
Uns nas garras crueis vai lacerando,
Outros traga, e co'o bafo envenenado
Ainda os mais distantes
Subito mata ou deixa agonisantes.

ANTISTROPHE II

Por todo o largo globo se derrama
O halito venenoso!
Em toda, em toda a parte
O contagio letifero se inflamma!
Gente infeliz! no estrago lastimoso
Quem te póde valer? quem ajudar-te?
Mas que brilhante luz lá vem raiando,
Qual a da roxa Aurora,
Quando em serena manhã as nuvens cora!

EPODO II

Que maravilha!
Do sol trajada
Da progenie de Adão a melhor filha,
Que a branca lua
Airosa pisa,
E tece as soltas, crespas tranças bellas
Diadema immortal d'aureas estrellas,
É a que derramando vem briosa
A torrente de luz pura e formosa!

ESTROPHE III

Oh! e que airosos passos vem formando
Toda de graça cheia!
Ao vel-a o monstro horrendo
As salpieadas conchas erriçando,
De que espantoso o negro corpo arreia,
Tinge de sangue os olhos, e batendo
Com a comprida cauda a dura terra,
De pó nuvens espalha,
Ensaio horrivel da cruel batalha.

ANTISTROPHE III

Ai! que contra a Donzella delicada
(De horror gélo e desmaio!)
Silvando se abalança!
Já sobre a grossa cauda levantada
Dardeja da farpada lingua o raio,
E para a devorar o collo avança.
Já em circulos mil, para prendel-a,
Umas vezes extende,
Outras em gyro estreito o corpo prende.

EPODO III

Mas á victoria
Em vão aspiras,
Serpe cruel, que cheia d'alta gloria
A Mulher forte
Firme resiste,
Qual o guerreiro exercito ordenado.
Ah! já deixas o campo ensanguentado,
Já foges, já te segue, e a sublime
Na indomita cerviz planta te imprime.

ESTROPHE IV

Valerosa Mulher, tu só soubeste
Domar a horrivel furia
Da medonha serpente.
Entre as filhas de Adão tu só podeste
De teu sexo vingar a grande injuria.
Mas que formoso, que esquadrão luzente
As nuvens rompe, e em torno a cerca e c'roa?
Ah! dos celestes choros
Estes são os espiritos canoros.

ANTISTROPHE IV

Taes sobre ella ao passar lançam velozes
Um diluvio de flores,
Taes ao som de instrumentos
A seu alto valor, soltando as vozes,
Cantando vêm celestiaes louvores.
Silencio, que já soam seus accentos.
Oh bemdicta Mulher, que entre as mulheres
Aos céos alçaste a fronte,
Qual o cedro do Libano no monte.

EPODO IV

A incombustivel
Sarça entre o fogo
Tu, Virgem, foste, á culpa inaccessivel.
Tu entre as filhas
De Adão brotaste,
Qual entre espinhos brota o branco lirio.
Tu dos anjos és gloria, tu do empyreo:
Tu filha do Senhor, e esposa amada.
Vem triumphante, vem, serás c'roada.

Diniz.

XXXIV

A NOSSA SENHORA

OITAVAS

Quem é esta que tanto tem subido,
E que tem com seu Deus tanto privado,
Que do Sol se lhe corta o seu vestido,
E da Lua se faz o seu calçado?
Para o poder cuidar falta o sentido,
Para o saber sentir falta o cuidado,
Pois, sendo terra, mais que o céo subiu,
Porque na terra a Deus no céo pariu...

Quem é esta que sobe a tal estado,
Que mais que toda a ave tem subido,
A qual ave com um ave tem ganhado
Quanto este ave ás yéssas tem perdido?
Eva no mal nos tinha derribado,
Ave em todo o bem nos tem subido,
E mais gloria nos deu quando desceu,
Do que Eva nos tirou quando comeu...

Quem tão formosa é, quem é tão pura,
Que os amores de Deus são suas flores?
Quem é a que tem tanta formosura,
Que as flores d'ella são de Deus amores?
Quem é esta que, sendo creatura,
É mãe do Creador, com taes favores,
Que por descer na terra á mór baixeza,
Tem subido no céo á mór alteza?...

INVOCAÇÃO

Virgem, dos altos céos alta rainha,
Dos mortos o remedio, mãe dos vivos,
Cofre da mór riqueza que o céo tinha,

Consolação dos males mais esquivos,
Mãe da sancta esperança que vou tendo,
Mina que deu o resgate dos captivos:

Porta por onde o céo se vai enchendo,
Janella d'onde Deus sempre nos chama,
Paraiso da gloria que pretendo...

Fonte por seu licor assignalada,
Poço donde se tira agua da vida,
E náu do pão celeste carregada;

Estrella da manhã, antes nascida,
Formosa manhã, clara e graciosa,
Que, sendo d'este nosso sol vestida,

Que esse formoso sol sois mais formosa,
O qual por se afamar quiz afamar-vos;
Emfim do immenso Deus mãe, filha, esposa:

Senão ficara a culpa de aggravar-vos
Co'o mesmo aggravo d'ella desculpada,
Dobrada culpa fôra o invocar-vos...

A culpa que o mundo encheu de réus,
E que do homem derriba a peccador,
De mulher vos levanta a mãe de Deus.

Sem ella não nascera o Salvador,
Faltara da desculpa o sancto meio,
Assim não foreis mãe do Redemptor...

BALTHAZAR ESTAÇO.

XXXV

Á PURISSIMA CONCEIÇÃO

CANTO

. . . .
Tu, doce chamma, angelica ternura,
Que o Creador envia á creatura,
Oh dadiva celeste, oh dom do Immenso,
Com que aterramos Satanaz infenso,
Com que a tormenta das paixões se acalma,
Baixa dos céos e purifica esta alma.
Eis desce, eis desce, não me engano, é ella!
Agora sim, que posso, oh Virgem bella,
Enxugar criminoso, indigno pranto,
E a teus ouvidos elevar meu canto:
Profana lyra, a molles sons affeita,
Vil instrumento, minha mão te engeita.
   Inda no horror do cahos, ou do nada
Jazia a natureza inanimada:
Inda na vasta região dos ares
Os grandes, os pasmosos luminares,
Que o polo aclaram, que os viventes guiam,
Que as ondas abrilhantam, não luziam,
E já Maria, para Deus guardada,
Na ideia omnipotente era creada.
Ah! Cante-se o prazer, cante-se a gloria
Do céo, da terra; acclame-se a victoria
Da immaculada Virgem sacro-sancta,
D'Aquella que te impoz a invicta planta,
Tartarea serpe, na cerviz medonha,
Ficando illesa da infernal peçonha.

. . . .

Remir-vos, oh mortaes, do captiveiro
Eis que resolve o numen justiceiro:
Fecundada por elle idosa planta,
Brota o celeste fructo, a pura, a sancta,
Cujo louvor os seraphins entoam
No refulgente empyreo, que povoam;
E cuja Conceição, por Deus obrada,
Da mancha universal foi preservada.
Virgem depois de mãe, mulher bemdicta,
Debalde o torvo Lucifer vomita
Contra ti do espumante, horrivel seio
O veneno letal, de que está cheio;
Contra ti seu furor em vão despede,
A teu alto poder o monstro cede:
Tu lhe calcas a fronte ameaçadora,
Que erguera para Deus; tu, vencedora,
Por terra deixas o dragão damnado,
Que nos infernos cáe desesperado.

. . . .

Ah! Dos teus olhos um volver piedoso
Desarme, ó Virgem bella, o justiçoso
Ente immortal, que os improbos fulmina;
Apaga o raio, que na mão divina
A prumo sobre a fronte me chammeja:
A quem te invoca teu favor proteja...

Bocage.

XXXVI

AVE MARIA

Ave, Maria,
Que neste dia
De pranto e dor,
Oh casto lirio,
Viste o martyrio
Do Salvador.

Cheia de graça,
Viste-lhe a taça
Beber de fel.
Mãe sem conforto,
Do Filho morto
Viste o painel.

Deus é comtigo
No eterno abrigo
Da salvação,
Virgem celeste,
Que aqui soffreste
Cruel paixão.

Tu és bemdicta
Lá na infinita
Mansão do céo,
Oh Mãe piedosa,
Mystica rosa,
Astro sem véu.

Entre as mulheres
Tu, Virgem, queres
De um Deus ser Mãe,

De um Deus que expira
Dos maus á ira
Por nosso bem.

Bento é o fructo
Por quem de luto
Sião gemeu,
Que a dura pena
Já Deus condemna
No seio teu.

Sancta Maria,
Sê nossa guia,
Mystica flor;
Leva estes prantos
Aos sacrosanctos
Pés do Senhor...

Roga, intercede
Por nós, e pede,
Pede ao Senhor,
Pede,—que as preces
Que tu lhe offereces
Têm mais valor.

Nós, peccadores,
Por quem de dores
Morreu na Cruz,
Como atrever-nos
Dos céos eternos
A olhar a luz?...

Tu só lhe implora,
Pede-lhe agora,
Hoje e na hora
Da extrema dor,
Quando o abandono
D'este vão somno
Nos leve ao throno
Do Salvador.

A. de Serpa.

XXXVII

A MAE DE DEUS

(EXCERPTOS)

. . . .

Oh Deus! Oh grande Deus! sempre estampado
Nas obras de teu braço; onde em traslado,
Ou ellas sejam grandes, ou pequenas,
Nellas descrevem ineffaveis pennas,
Em hieroglifos, a sagrada historia
De teu nome, e poder, de tua gloria.
Na rocha colossal certo ar grosseiro
Vejo, mas nisto mesmo um dom fagueiro.
A gruta solitaria, a inculta brenha
Tua mão poderosa me desenha.
O verme d'oiro, e vil, que o pó revolve,
Tambem mysterios tem, tambem involve
Graças mil, como a linda pregoeira,
Que do céo preconisa a luz primeira.
E assoalhando a terra, e os mares d'oiro,
De Pátaras acorda o numen louro.
Porém se cousas taes são só brinquedos
De teu rico pincel; quaes os segredos
Serão do nunca visto desempenho,
Onde estala o trovão de teu desenho?
   Tecem as aves delicados ninhos
Aos pennugentos languidos filhinhos;
Urde o verme delgados ricos fios
Por fugir ao rigor dos ares frios;
Só se geram nas conchas prateadas
As lagrimas da aurora congeladas;

Throno d'ostro, e de gemmas precioso
Para si se adereça o rei vaidoso:
E tu do rei, da perla, da ave, e insecto
Senhor, serás tão pobre, ou tão abjecto,
Que um asilo não busques mais prestante,
Que a seda, o oiro, a perola, ou diamante?
Que mais florido thalamo fizeras,
Quando em pompa de esposo descenderas
Dos paços paternaes, por humilhar-te,
E á natureza escrava desposar-te?
Que mysterios de premios, de grandeza
Nelle desperdiçados? Que riqueza?
Mas ah! que o tal portento está presente:
Deslumbra os olhos meus, deslumbra a mente:
Que se na solidão não vissem parte
Já do lume, que aos divos se reparte,
Hesitariam nesta conjunctura,
Se era Deus o que vem, se creatura.

. . . .

Filha dos Patriarchas,... Ó germe
Do Propheta Real, que impub're e inerme
Já rompia leões, teu valimento
Não foge ao meu pensar: n'outro momento
Eu te vi nuvem fertil, que, desfeita,
Á terra a sede mata, e verde a enfeita.
Viu Carmelo tambem, Soumér o sente,
Que em flagellos do céo ardia a gente.
Mas viu-se por ventura o que ora vejo?
A virgindade mãe, fecundo o pejo?
Quiz-l'o assim o Pintor da azul esphera.
Quem lhe ha de perguntar porque quizera?
Tal da velha raiz, já carcomida,
Brota o pomo feliz, pomo da vida.
Tal no leão, já morto, encontra o bravo
Terror dos philistheus mellifluo favo.
Oh que distancia vai! Oh quanta altura
Do vivo Original á copia escura!
Esse ar de majestade, que dardeja
Teu rosto divinal, faz que se veja
Em teu porte eu não sei que soberana
Graça mais que terrena, mais que humana.
És filha, sim, és filha do primeiro,

Que a prole degradou e o mundo inteiro;
Mas herdando-lhe o sangue e a natureza,
As pensões não lhe herdaste da fraqueza.
. . . .
. . . . Porque, ditosa Filha,
(Accrescenta) entre nós se é maravilha
Luzeiros germinarem das mulheres,
Genios de vôo audaz, altos saberes,
Que prodigio não é do teu materno
Seio a Prole abrolhar do proprio Eterno?
De sublimes heroes ser mãe confesso
Que é sorte de invejar, que é excelso preço,
Que é aquelle brazão, aquella gloria,
Que atroa o mundo e que embelleza a historia.
Mas o que é que isto tem de novidade?
Transpõe acaso as leis da humanidade?
Porém que uma terrena, uma menina
Seja a mãe de seu Deus, sem ser divina;
Isto sim, quanto a mim, é grão mysterio,
Que da mortal razão transcende o imperio.
Curem evos debalde ennobrecer-te
E de titulos vãos enriquecer-te:
Chamem-te estrella, chamem-te ornamento
Do choro angelical, do ethereo assento;
Chamem-te os homens gloria soberana
Da progenie de Adão, da raça humana;
Lisongeiem-se as virgens da ventura
De seres do seu sexo creatura.
Chame-te o peccador seu forte escudo;
Tu és a mãe de um Deus, nisto está tudo.
Mas se deusas não ha, antes a idèa
De deusas a eternal noção afèa,
D'onde vens? Ou que tens de affinidade,
Para ser mãe de um Deus, co'a Divindade?
Procurar-te exemplar inutil fora:
És unica, e de ti só imitadora:
Nem antes, nem depois tens concurrente:
Deus nascido não nasce novamente.
Esta ventura pois, esta alegria
Só te pertence...

Fr. Francisco de S. Carlos.

XXXVIII

PRANTOS DE NOSSA SENHORA

Fili mi, Jesu, Jesu
O mi Jesu, fili mi.
Quem me matasse por ti,
Porque não morresses tu.

Oh vós omnes qui transitis
Pola via da amargura,
Chorae a desaventura
D'esta triste Sunamitis,
Senti sua gram tristura.
Oh gentes, chorae meu mal,
Vede bem sua grandeza,
O cutelo de crueza
Que corta com dor mortal
Minha alma com tal tristeza.

Oh judaica crueldade,
Onde me levas meu bem.
Oh cruel Hierusalem
Matador sem piedade
Dos Prophetas que a ti vêm.
Que te fez o meu cordeiro
Filho do meu coração,
Porque tanto sem rezão
Condemnaste ao madeiro
Toda sua salvação.

. . . .
Como poderei viver,
Sem ti que será de mim,
Oh triste, quam tarde vim,

E quam cedo heide ver
Tua fim e minha fim.
Oh filho tão desejado,
Em pureza concebido,
Em virgindade parido,
Em tal doçura criado,
Em mãos de algozes metido.

Oh meu bem que não te vejo
E não posso já comtigo
Tão francamente te sigo
Quam fortemente o desejo
Me leva a morrer comtigo.
Oh quem podesse chegar
Antes da fim um momento,
A ver teu padecimento,
Porque de ver-te matar
Me mate teu sentimento.

Mas este mortal desmaio
Tem cortado o coração
De tão forçosa paixão,
Que se quero andar caio,
Esmorecida no chão.
Oh donas, encaminhae
Esta mais triste das tristes;
Se meus males cá ouvistes,
Dizei-me por onde vae
O meu filho, se o vistes?

. . . .
Oh cruel cutelo forte,
Oh crueza desmedida,
Oh mortal dor tam crecida,
Ver morto e ver a morte
Á vida de minha vida:
Oh morte, porque acrescentas
Mais mortes com teus espaços?
Filho meu, morto nos braços,
Oh, como não arrebentas,
Coração, em mil pedaços!

Fr. Antonio de Portalegre.

XXXIX

A NOSSA SENHORA

ORAÇÃO D'UMA MÃE

Defronte d'um sanctuario,
Sósinha, sem mais ninguem,
Á Senhora do Calvario
Assim orava uma mãe:

Ai, filhinho, meu thesoiro!
Que dores sinto por ti...
Meu lindo baguinho d'oiro,
Não has de morrer assi.

Tende dó do innocentinho,
Mãe de Deus, ai! que se fina...
Quebrantae ao coitadinho
Aquella febre mofina.

É o filho d'estas entranhas
Qu'este peito amamentou...
Que soffre dores tamanhas,
Que o mal feio maguou,

Em vez de rosas e lirios,
Que na fronte tinha outr'ora,
Roxa c'rôa de martyrios
Lh'a cerca de dor agora.

Se vou beijar-lhe a boquinha,
A febre m'a vem queimar:

Dias e noites sósinha
Passo ao pé d'elle a chorar.

Virgem Sancta, pelas dores
Que soffreste ao pé da cruz,
Ponde cobro aos meus temores,
Pedi por elle a Jesus!

Vós sois mãe... tendes soffrido,
Sabeis quanto é p'ra carpir
Vêr um filho estremecido
Na terra fria dormir,

Onde ninguem o agasalha,
Onde carinhos não tem:
Por camisinha a mortalha,
A feia morte por mãe...

Que não definhem, Senhora,
Os mimos da tenra flor...
Lembrae-vos que a esposa chora
O seu primeiro penhor.

Ai, filhinho, meu thesoiro!
Que dores sinto por ti...
Meu lindo baguinho d'oiro,
Não has de morrer assi.

GUILHERMINO DE BARROS.

XL

AVE MARIA

Já na ermida solitaria
Bateu trindades o sino;
É quando nascem saudades
Dos tempos que era menino.

«Ave! cecem mimosa,
Maria, mãe de Jesus!
És da pureza o escudo,
És do mundo aurora e luz!

«Oh, bemdicta entre as mulheres,
Firme tronco de Jessé!
Desprendeu-se dos teus braços
O fructo da nossa fé.

«Ave! rainha das virgens,
Flor dos valles de Judá!
Tens no teu seio o perfume
Dos incensos de Sabá.

«Maria, nome de graça,
Ave! eleita do Senhor!
Com teu azulado manto
Amparas o peccador.»

Já na ermida solitaria
O sino bateu trindades;
É quando os anjos na terra
Choram do céo com saudades.

Theophilo Braga.

XLI

SALVE REGINA

Monstra te esse matrem:

Volve a nós teus olhos puros,
Lembrae-vos de nós, Senhora;
Neste valle de amarguras
Sede nossa protectora.

Volve a nós teus olhos puros,
Lembrae-vos de nós, Senhora.

Lembrae-vos de quem na terra
Arrasta a cruz do peccado,
Do vosso auxilio, Senhora,
De todo desamparado:

Lembrae-vos de quem na terra
Arrasta a cruz do peccado.

Neste mundo de tristezas
Sois a nossa só esp'rança;
Sois como ao nauta nas ondas,
Se vê luzir a bonança:

Neste mundo de tristezas
Sois a nossa só esp'rança.

Não deixeis que nos percamos
Nos baixios d'este mundo,
Onde ha tormentos que os homens
Arrastam do mar ao fundo:

Não deixeis que nos percamos
Nos baixios d'este mundo.

Senhora, vós sois piedosa,
Sois mãe d'immensa ternura,
Não deixareis vossos filhos
Nestes trances d'amargura:

Senhora! vós sois piedosa,
Sois mãe d'immensa ternura.

Volve a nós teus olhos puros,
Lembrae-vos de nós, Senhora;
Neste valle d'amarguras
Sede nossa protectora:

Volve a nós teus olhos puros,
Lembrae-vos de nós, Senhora.

L. A. Palmeirim.

XLII

A VIRGEM DA LAPA

A esta lapa vimos, Virgem sancta,
Humildes e devotos peregrinos;
Que os olhos sejam de te ver indinos,
Ver o que o mundo todo alegra e espanta,

E que a pureza em nós não seja tanta,
Tua graça nos fará, Senhora, dinos
De ouvires nossos versos, nossos hymnos,
Que cada alma fiel te off'rece e canta.

Grandes são teus poderes, tuas grandezas.
Novos signaes, Senhora, não esperamos.
Depois de Deus, de ti tudo mais cremos.

Alimpa em nossas almas suas torpezas.
Desfaze as nevoas, com que nos cegamos:
E estes grandes milagres cantaremos.

ANTONIO FERREIRA.

XLIII

Á VIRGEM SACRATISSIMA

Virgem e mãe de Deus, quem tanto atina,
Que saiba em vós fallar? Quem mais levanta
A vós o entendimento, mais se espanta
E perde a luz em vossa luz divina.

Ante vós todo o céo se humilha e inclina;
De vós, Senhora, toda a Egreja canta;
Todos vos chamam sancta, sancta, sancta,
Que assim a sancta verdade nol-o ensina.

Fostes de vosso filho tão amada,
Que toda, como a si, vos quiz na gloria,
Como d'um cremos, d'outra confessamos.

Só de Reliquias de vosso uso ornada
Deixou a terra indigna a tal memoria:
Essas amamos, essas veneramos.

PEDRO DE ANDRADE CAMINHA.

XLIV

LABERINTO

Virgem, de mil graças cheia,
Co'o Senhor por graça unida,
Sois luz que o céo formoseia;
Em vós tem certa guarida
A vida que mais receia.

De Deus filha, mãe e esposa,
D'esse mesmo Deus figura,
Vossa presença amorosa
Neste mundo a vida escura
Faz alegre e faz ditosa.

Da divina mente ideia,
Fostes por graça escolhida.
A lua, quando mais cheia,
Sua luz vendo rendida,
A vossos pés se recreia.

Ponde a vista piedosa
Na terra vil, baixa e escura;
Mostra-se-nos graciosa
Alma que perde a luz pura,
Se se chega a vós chorosa.

Não se mostre agora irada
Contra esta humana fraqueza
Essa presença estimada;
Uma alma a que a culpa peza
Deve ser por vós guardada.

Fernão Alvares do Oriente.

XLV

A NOSSA SENHORA

CANÇÃO

I

Virgem formosa que achastes a graça
Perdida antes por Eva, onde não chega
O fraco entendimento, chegue a fé.
Coitada d'esta nossa vista cega
Que anda apalpando pela nevoa baça
E busca o que, ante si tendo, não vê!
Sem saber atinar como ou porquê
Entrei pelos perigos,
Rodeado de imigos:
Por piedade a vós venho, e por mercê;
Vós que nos destes claro a tanto escuro,
Remedio a tanta mingua,
Me dareis lingua e coração seguro.

II

Virgem toda sem magua, inteira e pura,
Sem sombra nem d'aquella culpa herdada
Por todos até o fim des o começo,
Claridade do sol nunca turbada,
Sanctissima e perfeita creatura,
Ante quem de mim fujo e me aborreço,
Hei medo a quanto fiz, sei que mereço!
Dos meus erros me espanto
Que me aprouveram tanto,
E agora á só lembrança desfalleço,

Mas lembra-me porém que vós fizestes
Paz entre Deus e nós,
E a quem por vós chamou sempre a mão destes.

III

Virgem, seguro porto e amparo e abrigo
Ás móres tempestades; ah que tinha
Aos ventos esta vida encommendada
Sem olhar a que parte ia ou vinha,
Vãmente descuidado do perigo,
Surdo aos conselhos, tudo tendo em nada,
Não vos seja em desprezo esta coitada
Alma que ante vós vem,
Por rezões que tem,
De imigos grandes mal ameaçada.
E que eu tão peccador e errado seja,
Vença vossa piedade
Minha maldade grande e assi sobeja.

IV

Virgem, do mar estrella, neste lago
E nesta noite um pharo que nos guia,
Para o porto seguro um certo norte;
Quem sem vos atinar, quem poderia
Abrir sómente os olhos, vendo o estrago
Que atraz olhando deixa feito a morte?
Quem proa me daria com que corte
Por tão brava tormenta?
De toda a parte venta,
De toda espanta o tempo feio e forte.
Mas tudo que será? Co'a vossa ajuda
Nevoa que foge ao vento
Que num momento s'alevanta e muda.

. . . .

VI

Virgem e madre juntamente, quem
Tal nunca ouviu nem d'antes nem despois
Senão em vós? quem foi o que o entendeu?

Vós madre e filha, vós esposa sois
D'aquelle que apertado ao peito tem
Os vossos braços sanctos, outro céo.
Na vossa alta humildade se venceu
O soberbo tyranno
Que com inveja e engano
Nos fez tão perigosa e longa guerra:
Em mulher começou tal damno nosso;
Quem nos restituiu,
De vós sahiu, Senhora: o preço é vosso!

VII

Virgem, nossa esperança, um alto poço
De vivas aguas, donde a graça corre
Em que se matam para sempre as sedes;
Não de Nembroth, mas de David a torre,
Donde soccorro espero ao meu destroço,
Assi tão perseguido como vèdes,
D'entre tão altas, tão grossas paredes,
De ferro carregado,
Um coração coitado
Chama por vós involto em bastas redes.
Esse que eu sou, signaes inda alguns tenho
De ser do vosso bando,
Que a vós bradando por piedade venho.
. . . .

XI

Virgem das virgens, como o tempo voa!
Quem sabe quanto avança
Nossa certa esperança!
Quanto suspiro a toda a parte soa,
Quantas lagrimas cahem mal derramadas!
Mas, posto de giolhos,
A vós os olhos: tudo o mais são nadas.

Sá de Miranda.

XLVI

NO CALVARIO

(FRAGMENTO D'UMA ELEGIA)

....
Aquellas mãos que o mundo edificaram,
Aquelles pés que pizam as estrellas,
Com durissimos prégos se encravaram.

Mas qual será o humano que as querelas
Da angustiada Virgem contemplasse,
Sem se mover a dor, e magua d'ellas?

E que dos olhos seus não destillasse
Tanta copia de lagrimas ardentes,
Que carreiras no rosto signalasse?

Oh quem lhe vira os olhos refulgentes
Convertendo-se em fontes, e regando
Aquellas faces bellas e excellentes!

Quem a ouvira com vozes ir tocando
As estrellas, a quem responde o céo,
Co'os accentos dos anjos retumbando!

Quem vira quando o puro rosto ergueu
A ver o filho, que na cruz pendia,
Donde a nossa saude descendeu!

Que maguas tão chorosas que diria!
Que palavras tão miseras e tristes
Para o céo, para a gente espalharia!

Pois que seria, Virgem, quando vistes
Com fel nojoso e com vinagre amaro
Matar a sêde ao filho que paristes?

Não era este o licor suave e claro,
Que para o confortar então darieis
A quem vos era, mais que a vida, caro.

Como, Virgem Senhora, não corrieis
A dar as puras tetas ao Cordeiro,
Que padecer na cruz com sêde vieis?

Não era só, não, esse o verdadeiro
Poto que vosso filho desejava,
Morrendo por o mundo em um madeiro;

Mas era a salvação que alli ganhava
Para o misero Adão, que alli bebia
Na fonte que do peito lhe manava.

Pois, oh pura e sanctissima Maria,
Que, emfim, sentistes esta magua, quanto
A grave causa d'ella o requeria;

D'essa Fonte sagrada e peito sancto
Me alcançae uma gotta, com que lave
A culpa que me aggrava e pesa tanto.

Do licor salutifero e suave
Me abrangei com que mate a sêde dura
D'este mundo tão cego, torpe e grave.

Assi, Senhora, toda a creatura
Que vive e vivirá, e não conhece
A lei de vosso filho, a abrace pura;
. . . .

LUIZ DE CAMÕES.

XLVII

Á SENHORA DE NAZARETH

Oh Virgem de Nazareth,
Oh doce mãe de Jesus,
Lirio aberto aos pés da cruz,
Cujas petalas de luz
Vertem lagrimas de fé:

Que o teu amor me proteja,
E eu te prometto ir de joelhos
A beijar os Evangelhos,
Que brilham como uns espelhos
Sobre o altar da tua egreja!...

Aos que choram pelos trilhos
Da noite, só que lhes falles,
Podes tanto e tanto vales,
Que extingues todos os males,
Oh mãe de todos os filhos.

Se é descrente, logo crè;
Se é cego, tu dás-lhe luz...
Os meus tristes olhos puz
Em ti, oh mãe de Jesus,
Oh Virgem de Nazareth...

MONSARAZ.

XLVIII

NASCIMENTO DE CHRISTO

(Fragmento)

I

Estando em Nazareth em torno á fonte
Um grupo de formosas nazarenas,
Ridentes, como estrella que desponte,

Silenciosa, a scismar, estava apenas
Uma que tinha as tranças cor d'amora
E o rosto irmão da flor das açucenas.

No olhar revela o encanto que se adora,
Que vem do coração aonde brilha
Um virginal diluculo de aurora.

Chegara um forasteiro, e aquella filha
De Nazareth, com singular bondade,
Consentiu que bebesse pela bilha.

Já cahia a nocturna escuridade,
E o extranho perguntou-lhe se haveria
Tecto para o cobrir, por caridade.

Ella então, com suavissima alegria,
Convida para casa o forasteiro,
Satisfeita do bem que lhe fazia.

Era modesto o ninho hospitaleiro;
Mas viviam tranquillos na pobreza
Maria e seu marido, um carpinteiro.

Sentou-se o viandante á sobria mesa,
Em que batia a luz intermittente
Da chamma inquieta da lareira accesa.

Estivera fallando longamente;
E vendo a estrella d'alva que nascia,
Voltou-se para o céo, como um vidente,

E exclamou: «Saudae o novo dia
«Que ha de fazer fecunda a erma terra
«E dar sol á caverna mais sombria.

«Virá com elle a paz, a crua guerra
«Fugirá, como a fera espavorida
«Foge ao incendio que pegou na serra.

«Chega o tempo em que a pomba sem guarida
«Ha de pousar nos tectos da cidade,
«Sem que seja de abutres perseguida.

«Exulta, pois, ó flor de castidade,
«Unge teu coração com oleo sancto,
«Que a bonança succede á tempestade.

«Ha de entoar Israel eterno canto,
«Quando mostres o filho, esposa amada,
«A' absorta multidão, ebria d'encanto!
....

Antonio d'Azevedo Castello Branco.

XLIX

A VIRGEM DE GALILEA

Era uma vez uma Virgem
em Nazareth, branca aldêa,
que tinha um noivo da origem
dos velhos reis da Judéa.

Á porta do seu casal
crescia a flor do espinheiro,
como um emblema primeiro
do diadema real.

De rastos seus pés beijavam
as plantas como ás rainhas.
No seu telhado adejavam
as azas das andorinhas.

Consolar a alheia magua
ninguem sabia tão bem!
Era mais pura que a agua
da cisterna de Bethlem.

Havia anceios contidos,
como vozes de quem roga,
quando ia, de olhos descidos,
ao sabbado, á synagoga!

Vinham as pombas em bando
sobre as suas mãos pousar,
quando fiava cantando,
sentada á porta do lar.

Dizia a branca açucena
para a flor do rosmaninho:
— Que casta virgem morena
toda vestida de linho!

O mar, que se ri da sonda,
dizia com tom extranho:
— Quem me déra uma só onda
do seu cabello castanho!

Toda a tarde um rouxinol
cantava á flor do espinheiro:
— Que lindo rosto trigueiro!
— Que cantos cheios de sol!

Os marinheiros as barcas
paravam como em delirio.
Era o mais mystico lirio
do bordão dos Patriarchas!

Ora uma vez que fiava,
cantando ao pé do espinheiro,
á porta do lar pousava
um singular mensageiro.

Voavam pombas nos cumes.
O sol descia a ladeira.
No ar boiavam perfumes
mysticos de larangeira.

O rosto do mensageiro,
placido, resplendecente,
brilhava como um guerreiro,
ou como o sol no oriente.

Então com voz grave, cheia
d'uma ineffavel poesia,
á Virgem da Galiléa
saudou-a: «Ave Maria!

Ave, ó lirio impolluto!
cheia de graça ante os céos.

Bento no ventre é o fructo.
Comvosco é o Senhor Deus!»

Mas ella, com humildade,
como a rasteirinha herva:
— «Faça-se a vossa vontade,
Senhor! — eis a vossa serva.»

Então as rolas voaram.
Deu graças o Oceano vario.
— Mas sobre as hastes choraram
as violetas do Calvario.

Gomes Leal.

L

Á VIRGEM MARIA

Oh joia primorosa
Da coroa do Senhor!
Oh sempre fresca rosa
De puro e casto amor!

A quem a flor envia
O seu primeiro aroma
Logo ao romper do dia,
Mal a aurora assoma.

Oh immortal aurora
Que céo e terra encanta!
Por quem a rosa chora!
Por quem a ave canta!

A quem por toda a terra,
A quem por todo o mundo,
No pincaro da serra,
No valle o mais profundo,

Foi levantada egreja,
Foi levantado altar,
Que ao longe nos alveja
Como um baixel no mar!

Alli se abriga a esp'rança
Na grande desventura;
Alli auxilio alcança
O triste que o procura!

Alli se quebra o encanto
De mal fundado amor!
Alli se enxuga o pranto
De irreparavel dor!

De luz se inundem os céos,
Franjem-se as nuvens de ouro
Em honra da mãe de Deus!
Essa gloria, esse thesouro
Que o Senhor tem a seu lado,
E os anjos cantam em choro!
Aquella que o seu cuidado
É a pobre mãe afflicta,
O orphão desamparado!
Virgem Maria bemdicta!

Curvae, arvores frondosas,
Até ao chão vossa rama!
Encha-se a estrada de rosas!
Esta é quem o céo proclama
Sancta, pura, immaculada!
Que os seus filhos tanto ama!
Incançavel advogada
E protectora nos céos
De toda a alma accusada
Lá no tribunal de Deus.

Esta é quem o navegante
Debaixo da tempestade
Chama, invoca supplicante!
Que em toda a necessidade
Nos ampara, nos abriga
No manto da piedade!
Que uma palavra que diga
Ao filho em nosso favor,
Já o Senhor não castiga,
Condoe-se do peccador.

João de Deus.

LI

CANTICO DA NOITE

Sumiu-se o sol esplendido
Nas vagas rumorosas!
Em trevas o crepusculo
Foi desfolhando as rosas!
Pela ampla terra alarga-se
Calada solidão!
Parece o mundo um tumulo
Sob estrellado manto!
Alabastrina lampada,
Lá sobe a lua! Emtanto
Gemidos d'aves lugubres
Soando a espaços vão!

Hora dos melancolicos
Saudosos desvaneios!
Hora, que aos gostos intimos
Abres os castos seios!
Infunde em nossos animos
Inspirações da Fé!
De noite, se um reverbero
De Deus nos alumia,
Destilla-se de lagrimas
A prece, e a profecia!
Alma elevada em extasis
Terrena já não é!

Antes que o somno tacito
Olhos nos cerre, e os sonhos
Nos tomem no seu vortice,

Já rindo, e já medonhos,
Hora dos céos, conversa-me
No extincto e no porvir.
Onde os que amei? sumiram-se.
Onde o que eu fui? deixou-me.
D'elles, só vans memórias;
De mim, só resta um nome.
No abysmo do preterito
Desfez-se chôro e rir.

Desfez-se! e quantas lagrimas
Brotaram de alegrias!
Desfez-se! e quantos jubilos
Nasceram de agonias!
Teu curso, ó Providencia,
Quem n'o sondou jámais?
Que horas d'est'hora tacita
Me irão desabrochando?
Quantos não fez cadaveres
N'um leito o somno brando!
Vir-me-hão co'a aurora proxima...
As saudações? Os ais?

Se o penso, tremo; aterro-me.
Porém, se ao Pae Supremo
Remonto o meu espirito,
Exulto; já não temo.
A alma lhe dou; reclino-me
No somno sem pavor.
Chama-me? ascendo á patria;
Poupa-me? aspiro a ella.
Servir-te! ou ver-te, e amarmo-nos!...
Que sorte, ó Deus, tão bella!
Vem! cerra as minhas palpebras,
Virgem do casto amor!

Castilho.

LII

Á VIRGEM MARIA

DEPRECAÇÃO

Minha mãe, meu refugio e minha guia,
Humilde imploro, a vossos pés prostrado,
Do meu Deus o perdão para mil crimes;
Valei a um desgraçado...

Senhora, de quem sou um servo indino,
Com que palavras louvarei teu nome?
Tu foste a aurora do formoso dia
Em que, dos céos baixando,

A paz não duvidou seu niveo manto
Sobre a terra extender, puros deleites
Fazendo rebentar nos ferreos peitos
Dos miseros humanos...

Imagem bella do Supremo Nume,
Desenhada lá desde a eternidade,
E digna de mandar os céos, e a terra,
De que és a Soberana!

Ó mãe do meu Senhor, embora irados
A carne e o mundo, e o barbaro inimigo
Que do Tartaro habita o lago immundo,
Contra mim se embraveçam.

Nada já temo: dentro no teu seio
Busquei seguro asylo,.........

Fatal peccado do primeiro humano,
Que de idade em idade dominaste,
Nem sempre has de acurvar a enferma raça
Do homem desgraçado.

Vem, MARIA, vem ser o meu amparo,
Minha libertadora e minha gloria,
No meio dos peccados que me offuscam
O espirito abatido...

Vem salvar-me, ó esposa do Deus vivo,
Pelo sangue do Deus, que sobre a terra
Não duvidou morrer, para resgate
Do peccador ingrato.

SOUSA CALDAS.

LIII

Á SENHORA DA AGONIA

Vós, Senhora da Agonia,
Dos homens consoladora,
Tende dó da peccadora,
Oh Virgem Sancta Maria!

De luz carecem as flores;
Sem luz extingue-se a vida;
O iris de paz promettida
Sem luz não tivera cores.

Sem a graça, luz formosa
Das almas, tudo era pranto
No mundo. A luz é o encanto
D'esta terra tenebrosa.

Ella em negra escuridade,
Ella, a candida Joanninha
De mal d'amor se definha,
De longa acerba saudade.

Dae, Senhora da Agonia,
Dae á triste luz e esp'rança;
Dae-lhe dias de bonança,
Oh Virgem Sancta Maria!

Sophia Pimentel.

LIV

GRATIAE PLENA...

Poetas, escutae!
Adormecei, ó laranjaes em flor!
Brancos lirios do céo, desabrochae,
Cantando ao largo uma canção d'amor!
Foi n'uma tarde pelo outomno... A lua
Deslisava no céo — branco jasmim —
Como a nota serena que fluctua
Sobre as cordas d'um velho bandolim...

As petalas suavissimas das rosas,
Em convulsões d'amor,
Pediam sequiosas
Das estrellas o limpido fulgor;
E o crescente nocturno ia a boiar,
Tão languido, tão doce,
Como se acaso fosse
Um ligeiro batel a fluctuar...

N'isto, ao suave esmorecer do dia,
Viu-se a mais doce e timida creança,
— Uma pombinha mansa
Com o suave nome de Maria.
Tinha os eburneos pés em miniatura,
No labio uma expressão triste e serena,
E na cinta, — um prodigio d'esculptura!
A graça virginal d'uma açucena.
Descahia-lhe o rosto sobre a mão,
E na cabeça angelica e franzina
Poisava uma grinalda pequenina
De lirios em botão.

Ao ver o triste agonisar do sol
N'esta amplidão d'estrellas recamada,
O meu suave amante — o rouxinol
Chorava uma tristissima ballada...
Viu-se então assomar graciosamente,
Junto da Virgem desmaiada e fria,
Um anjo de figura resplendente,
Dizendo-lhe baixinho:
«Ave Maria!»

Ella ergueu tristemente o rosto bello,
— A face desbotada,
Singela miniatura encastoada
Sob as fartas madeixas de cabello...
E ao suave clarão do rosiclér
O archanjo disse n'um sorrir maguado:

«Deus é comvosco, ó timida mulher;
«Bemdicto seja pois, lirio nevado,
«O fructo que teu seio conceber.»
....

EUGENIO DE CASTRO.

LV

Á SANCTA VIRGEM

A vossos pés sagrados, Virgem pura,
Antigos erros detestar quizera;
Mas o meu coração, como de fèra,
Não dá signal ou mostra de brandura.

Vós sois a mãe do amor e da ternura,
Que só podeis tornar o bronze em cera;
Querendo vós, com lagrimas podera
Gastar a condição da alma dura.

Tirae, tirae, Senhora, de meu peito
Tão pesados gemidos, que a balança
Um pouco abaixo do Juiz direito.

Já sinto commover-me, que mudança!
Do vosso amparo sinto o doce effeito,
Oh do mundo suavissima esperança!

Fr. José do Coração de Jesus.

LVI

A NOSSA SENHORA

Oh! clara luz, formosa e bem nascida,
De nossa salvação certa esperança,
Porque já o mortal de novo alcança
A sua paz, por Eva e Adão perdida:

Pois tomaes pae divino, humana vida,
Com que de cançado o mundo já descança,
Por tão alta mercê, tão alta herança,
A gloria a vós se dê, a vós devida.

E d'este campo os rusticos pastores,
O vosso nome alçando aos céos serenos,
Espalhem sobre vós mimosas flores.

Pois eu, um pastor vil que posso menos,
Ensinarei a cantar vossos louvores
N'este campo aos rosaes frescos e amenos.

Francisco Galvão.

LVII

A NOSSA SENHORA

CANÇÃO

Longe, barbaro vulgo!
Fugi, fugi de mim, porque os subidos
Mysterios, que divulgo,
Na attenção dos incredulos ouvidos
Não fazem doce effeito:
Põe, ó musa, tanta alma no conceito
D'este alto assumpto que me occupa a mente,
Que, ferida de um raio intelligente,
Faça o que for compondo
Harmonia no céo, no inferno estrondo.

Não cantarei de Ormias,
De Lucrecias, de Porcias as vulgares
Estranhas ousadias,
A quem no mundo a fama ergueu altares;
Nem de outras de igual fama:
Cantarei a Matrona, que se acclama
Entre as fortes mulheres MULHER FORTE;
Que as leis vencendo da invencivel morte,
Os vinculos desata
Da culpa, e vive co'a pureza intacta.

Não cantarei as Didos,
As Sabás, as Semiramis, que, gloria
De seus reinos luzidos,
Inda duram nas paginas da historia,
A divina, a profana:
Cantarei a Rainha Soberana,
Que já muito antes de que houvesse idade,

A preservou de humana enfermidade
Quem todo o poder tem
Co'um poder alto, nunca dado a alguem.

Não cantarei Joannas,
Ursulas, nem Luzias, que vencendo
As suggestões profanas,
Que arma contra a pureza o vicio horrendo,
De coroas e palmas
Ornam triumphantes as preciosas almas:
Cantarei a mais pura, intacta e sancta,
Que a Fé adora e que a Egreja canta,
Que foi mãe, sendo Virgem,
Fonte de graça, da pureza origem.

Não cantarei as Saras,
As Lias, as Racheis tão conhecidas,
Na formosura raras,
Grandes em nomes, celebres em vidas,
Notaveis na Escriptura:
Cantarei a celeste formosura
Que honrou da enferma natureza a massa,
Que de graças encheu o auctor da graça,
A rosa mais perfeita,
Que o céo, plantada em Jericó, respeita.

Cantarei a formosa
Judith contra o gigante do peccado,
Tanto mais valorosa,
Quanto vai da figura ao figurado:
Do Testamento a Arca
Cantarei, cantarei aquella barca,
Que no diluvio da original tormenta
Entrou no mundo do naufragio isenta;
E a pomba, que o virente
Ramo trouxe da paz a toda a gente.

Cantarei uma aurora,
Não como a que ante o sol nos vem raiando,
Mas outra precursora,
Que á luz do mesmo sol as luzes dando,
As recebeu mais bellas

Do Creador do céo e das estrellas:
E se o meu fraco espirito lá chega,
Neste alto mar de luz em que navega
Nova estrella me guia,
Que és tu, és tu, sanctissima Maria.

Oh! Como vivamente
Na ideia se me está representando
Que no céo (altamente
O teu nome sanctissimo entoando)
A espiritos divinos
Repetir ouço os canticos e os hymnos;
E que o mesmo Senhor, tres vezes sancto,
De um amor ineffavel se enche tanto,
Que, se possivel fora,
A gloria sua se augmentara agora.

Oh! Como me parece
Que as estrellas scintillam mais brilhantes!
Que o mar não se enfurece,
Que estão de nós os céos menos distantes!
Que lá dos horizontes
A terra inclina os levantados montes!
Porém que o reino de ira sempiterna,
Onde tudo sem ordem se governa,
Ouvido o nome sancto,
Levanta horrendo e inconsolavel pranto;

Que trasbordando fóra
Fervem da Estygia as denegridas aguas,
Que a chusma gemedora
O peso soffre de dobradas maguas:
Que os impios maldizentes
A raiva exprimem no estridor dos dentes;
E as almas novamente atormentadas
Á força das cadeias arrastadas,
Sentem tremer absortas
Nos duros eixos as tartareas portas.

Megera espavorida
Que quer fugir do carcere parece,
E achando-o sem sahida,

Contra os soltos cabellos se enfurece,
Nas impias mãos trazendo
As viboras mortaes que está mordendo:
Que este Dragão, que presidencia impia
Tem da região que não conhece o dia,
Da immunda bocca solta
Rios de espuma em negro sangue envolta.

Mas já do infame throno
Descer o vejo tremulo e forçado;
E qual de grande somno
Tres vezes cahe no chão desacordado,
Incendios vomitando:
Em tanto a devoção continuando
A celebrar o nome de Maria,
O monstro, contumaz na rebeldia,
Na cauda quer firmar-se,
Porém debalde intenta levantar-se.

Sanctissima Senhora,
Vós, que debaixo d'essa invicta planta
Lhe pisais vencedora
A venenosa e tumida garganta
Por toda a eternidade,
Ponde tão milagrosa suavidade
No baixo som da minha rouca lyra,
Que ser a harpa de David se infira,
E em vosso nome sancto
Afugente o demonio com meu canto.

Já, Senhora, não quero
Aquella, que invoquei, profana musa;
Pois só de vós espero
Aquelle ardor, que quem o alcança escusa
Outro algum poderoso,
Quanto mais o do Pindo fabuloso.
Canção minha, publíca a toda a gente
Que, se se entoa algum louvor differente,
Para sempre emmudeça,
Que outro louvor mais sancto se começa.

João Xavier de Mattos.

LVIII

Á VIRGEM DA CONCEIÇÃO

IDYLLIO

(EXTRACTO)

Virgem incomparavelmente pura,
Centro de sanctidade e de belleza,
Em meu canto infundi alta doçura,
Regei a minha lyra nesta empresa;
A minha alma accendei de um sancto fogo,
E se acaso piedosa ouvis meu rogo,
A graça me inspirae, a suavidade,
Com que louvada sois na eternidade.

Das estrellas a turba scintillante,
A roxa luz da aurora matutina,
O louro sol no ponto mais brilhante,
A pureza da neve crystallina,
Raros assombros são de formosura;
Mas vós, milagrosissimo portento,
Muito mais bella sois, muito mais pura,
Que quanto a terra mostra e o firmamento;
Sois a estrella que o sol nunca escurece,
Resplendecente Sol nunca turbado,
Pura neve, que nunca desfallece...

Vós, que, trazendo o antidoto celeste
Contra o funesto e misero veneno
Que a mão de Eva esparziu, vos involveste

Entre os fios mortaes do véo terreno,
Não d'aquelle que a culpa fez impuro,
Mas noutro, todo sancto e todo puro,...
Oh rara, oh sacrosancta maravilha,
De Deus omnipotente mãe e filha,
Extremo mar de graça sempre claro,
Oh rainha dos céos, do mundo amparo!
Quanto sublime sois, quanto admiravel!...
Oh! como estaes piedosa consolando
Dos afflictos a turba innumeravel,
Que busca o vosso abrigo, e estaes chamando
Os que cegos seu damno vão seguindo,
E até aos que de vós já vão fugindo!

Oh copiosa fonte de piedade,
Que sobre o mundo, centro da maldade,
Correntes derramou de paz constante,
Tanta graça, e belleza em vós se encerra,
Que um prodigio semelhante
Nunca viu, nem verá o céo, e a terra.

Candido Lusitano.

LIX

A MARIA SANCTISSIMA

ODE

Divina luz, a cuja sancta sombra
Se eclipsa das estrellas a luz pura,
Trazendo em seu fulgor, almo e divino,
Á terra bens celestes!

Virgem incomprehensivel, em quem o sol,
Que tudo vivifica e aviventa,
Doce morada fez, pera que o mundo
Do negro cahos sahisse!

Dá-me, ó Virgem, luz, mas não do sol,
A quem pequena nuvem cobre e cerca,
Após a qual a vista, leda e pura,
Possa empregar ditoso.

E que a alma, em o seu mal dormente, sonhe
Leixar do abysmo a espantosa fauce,
E obras de caridade e de vida obre
Em todo o tempo e estado.

Porque na fatal hora, e postemeira,
Bebendo o trago da terrivel morte,
Possa, livre da terra, alçar-se aos céos,
Dos justos san guarida.

Ayres Telles de Menezes.

LX

A NOSSA SENHORA DA OLIVEIRA

ODE

Ave, escolhida Virgem bella e pura,
Purpurea rosa em Jericó plantada:
Verde oliveira, symbolo ditoso
Da paz serena.
Tu, que pisaste da serpente astuta
A venenosa, tumida garganta:
Tu, que fizeste que do céo de bronze
Chovesse o Justo:
Tu purifica com accesas brazas,
Qual o alado Espirito celeste
A de Isaias, minha tosca e rude
Lingua profana.
Cantar pretendo, na toante lyra,
Teu sancto nome, teu louvor sagrado,
Os dons propicios que benigna espalhas
Na lusa terra.
Tu nos quebraste os affrontosos ferros
Em que gememos cruelmente atados,
Em quanto o sceptro portuguez esteve
Nas mãos ibéras.
Depois que os rudes africanos bravos
Nas tingitanas férvidas arèas,
Em sangue tinctas, as sagradas quinas
Aos pés pisaram,
O patrio Tejo lastimado via,
Nas ermas praias da agarena costa,
Alvos montões dos insepultos ossos
Dos caros filhos.

Eis que talando nossos livres campos,
Os andaluzes capitães ligaram
Em duros ferros os valentes braços
Que antes temiam.
Por doze lustros sobre as altas torres
Seus estandartes tremular se viram:
E as lusitanas bellicas insignias
No chão prostradas.
Mas não podendo seus crueis insultos
Soffrer mais tempo os affligidos povos,
Ante os altares teu soccorro imploram,
Teu nome invocam.
Benigna ouviste seus instantes rogos:
Tu inflammaste os generosos peitos
Aos varões fortes de alta gloria dignos,
De nome eterno.
Nas transtaganas escalvadas terras.
Oh! quantas vezes os virentes louros
De porfiadas bellicas victorias
Lhes concedeste!
'Té que seguro o lusitano imperio
Dos vãos esforços da soberba Hespanha,
Baixar fizeste lá do céo sereno
A paz dourada.
A paz dourada, que aos guerreiros bravos,
Das mãos tirando as sanguinosas armas,
Faz ondear nos dilatados campos
As louras messes.
Oh piedosa, oh singular Maria,
Por tantos dons, por beneficios tantos,
Que honrosos cultos, que festivos hymnos,
Te não devemos!
Sim, Virgem pura, graças te rendemos;
E humildemente no teu sancto templo
As nossas armas, nossas mesmas vidas
Te dedicamos.

Garção Stockler.

LXI

NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES

ENCARNAÇÃO DE BUARCOS

Já o sol descora; já fagueira brisa
Sacode a calma com as azas humidas,
Que roçou no mar;
Vamos agora pela praia lisa,
Do ardor intenso d'este dia torrido,
Vamos respirar.

Que linda vista que d'aqui se alcança!
Que extensão d'aguas, reflectindo limpidas
O celeste azul!
E a curva margem, sempre ao nauta esp'rança,
Aqui parece dar-lhe seio placido,
Onde quebra o sul.

Talvez lhe velem pela paz das ondas
Esses dois fortes, sentinellas rigidas,
Que alli o homem poz;
Talvez, Oceano, de impotente, escondas
Aqui, gemendo, essa braveza tumida,
Algemado á foz.

Graciosa a villa pela breve encosta
Arquêa os braços; mais além descobre-se,
Como grata flor
Ao navegante lá de industria posta,
Da sancta Virgem a capella alvissima,
Que é conforto á dor.

Oh! Quantas vezes na amplidão dos mares,
Por entre o horror de tempestade indomita
D'atra cerração,
Co'os olhos longos atravez dos ares
A busca e encontra o pescador em ancias,
Na afflicta oração!

Oh! Quantas vezes d'esta praia imploram
Do mar a estrella, contra o tempo naufrago
Sobre um barco além,
Mães aterradas, que em desmaio choram
Até do alto lhes luzir propicia,
Porque é mãe tambem!
....

UM VOTO

— Foi voto, Padre? — Foi duplice
Voto da rede e do amor;
Lembrou-se no p'rigo supplice
Da Virgem o pescador,
E a Virgem valeu-lhe a ponto.
— Contais-nos o caso? — Conto.

Era por inverno frigido,
Noite negra, negro céo;
O vento silvava rigido
Pela crista do escarceu,
E o escarceu com furia brava
Em flor então rebentava.

No barco só elle, e avido
Ia a terra a demandar,
Mas o tufão vinha rabido
Pôl-o sempre mais ao mar;
Luctava, espreitava o corso,
Depois de um esforço outro esforço

Crescente, pesada, humida
Se fechava a cerração;

A escuma da vaga tumida
Só listrava a escuridão,
Porque visse que não via
Senão as trevas em que ia.

E o triste a lidar acerrimo,
Sempre a remar e a reger;
Aó do temporal asperrimo
Oppunha todo o seu ser;
Mas o mar, que irado freme,
N'um sacão leva-lhe o leme!

Tinha os remos, tinha valida
Inda a força, e mais talvez,
Que sentiu na face pallida
Accender-se a pallidez,
Ao sopro da raiva logo,
Em vivas chammas de fogo!

Mettia agua o barco; e gela-se,
Que em vão acode co'a pá!...
Oh! Se o vissem... arrepela-se,
Morde as mãos, blasphema já...
E a sumir-se... e o barco á roda...
E a fugir-lhe a esp'rança toda!

Podia nadar... mas tumulo
Era-lhe a terra por fim
Sem barco e redes... o cumulo
Da desventura era assim!
E viu a mulher, que é bella,
Co'os filhos em volta d'ella!

Deixa então cahir das flaccidas
Mãos os remos... e rezou...
Nem vento, nem aguas placidas
Pediu na reza... invocou
Do mar a estrella, e dizia:
Tu és mãe, Virgem Maria!...

Foi ver a bonança e vividas
Logo as estrellas brilhar,

E as sombras fugirem lividas
De sobre as aguas do mar!
Então fez da rede o voto,
E ser da Virgem devoto.

Porisso ahi, nesse duplice
Voto da rede e do amor,
Vèdes já contente e supplice
O pobre do pescador
Honrar da Virgem a gloria.
— É esta a singela historia.

JOÃO DE LEMOS.

LXII

A IMMACULADA CONCEIÇAO

CANTATA PASTORIL

CORO

Pastoras do Tejo,
Louvae á porfia
A Virgem Maria,
Em graça gerada
E nunca manchada
Da culpa de Adão.

DULCE

Vamos, querida Elvira,
Os passos aligeira,
Augmentar vamos os devotos cultos,
Com qua o pio, magnifico Manique
Neste ditoso dia
Sempre honra de Maria
A augusta Conceição Immaculada.
Não ouviste a harmonia concertada,
Que na oca penedia circumstante
Ha pouco despertou Echo travessa,
Que com voz retumbante
De repetir não cessa?

ELVIRA

Vamos, Dulce amorosa,
Ao longo do ribeiro,

Que entre os seixos quebrando,
Vai saudosamente murmurando.
Que noite deleitosa!
A espaços no arvoredo surdamente
Rugir o brando zephiro se sente:
Na abobada celeste
Milhões de astros se accendem,
Que as invejosas sombras
Com tremulos farpões de luzes fendem.

DULCE

Vê que immenso clarão sobe ás estrellas
Afogueando os ares!
Atravez das esplendidas janellas
Do sumptuoso alcàçar
Que torrea... eis resoa
A doce melodia encantadora
Que ouvimos inda agora.

CORO

Pastoras do Tejo,
Louvae á porfia
A Virgem Maria,
Em graça gerada
E nunca manchada
Da culpa de Adão.

ELVIRA

Graças ao céo! Chegámos, cara Dulce.
Que luzida assemblèa
De cidadãos honrados,
De egregios magistrados,
De illustres bellas damas,
E de augustos ministros
Do Senhor dos Senhores
Em torno se divisa,
Que vêm hoje louvar a Sacra Virgem,
Que, vestida de sol, a lua pisa!

DULCE

Escutemos, Elvira;
Nossos ouvidos chama
A accorde immensa orchestra,
Que sonora rebrama
Dos aureos frisos e estucados tectos
Da majestosa sala,
Cujo intenso esplendor ao dia eguala.
Lá canta Dorothea,
Que com a maga voz o vento enfrea.

DOROTHEA

Soberana Rainha
Do Empyreo refulgente,
Do Universo alegria,
Sacrosancta Maria!
Não posso dignamente
Com o meu baixo ingenho e canto rude
Louvar tua virtude,
E a tua Conceição de graças rica,
Que da primeira culpa illesa fica.
Mas se tu prezas só o affecto puro
De um coração devoto,
Benigna acolhe o voto,
Que de louvar-te eternamente eu juro.

ARIA

Cobria ao mundo a noite,
Medonha e procellosa,
Da culpa venenosa
De nossos paes primeiros;
E os cantos lisongeiros,
E a fatua luz dos vicios
A tristes precipicios
Errante o vão guiar.
Doeu-se o Eterno Padre
Da cega humana gente;
Da graça omnipotente

O seu thesouro abria,
Sua alma pura envia,
Sanctissima Senhora,
Brilhante, bella aurora
Do justo sol, que amante
Com luz vivificante
O veio alumiar.

ELVIRA

Viva a linda pastora!
Que voz encantadora!
Que angelica toada!
Minh'alma alvoroçada
Correu aos meus ouvidos;
E enlevada a honrosa companhia
De seus labios gentis toda pendia.

DULCE

Escuta, amiga Elvira;
Eis solta a doce voz Mathilde bella
Para os louvores da real donzella,
Da raiz de Jessé ramo florente,
Nósso refugio, nossa mãe clemente.

MATHILDE

Malevolo dragão, pae do peccado,
De embustes sempre e de traições armado,
Que invejoso sahiste
Do reino dos horrores
A corromper a paz e a innocencia
Dos felices auctores
Da humana descendencia:
Onde está a barbara soberba
E a tumida vangloria,
Com que ajoelhado o mundo inteiro vias
De teus grilhões cingido?
Ou cego submergido
De vis idolatrias
Em mil torpes lameiros

Por teus vãos embusteiros?
Eu te vejo jazer sujeito agora
Aquella MULHER FORTE,
Do sangue de David alma Senhora,
Que, superando a culpa e a impia morte,
Com pé immaculado te quebranta
A esqualida garganta.

ARIA

Entre arbustos venenosos
Um fragrante lirio alvo,
Do geral negrume salvo,
Gosa só da luz solar.
Typo he teu, ó mãe da graça,
A quem o Sol Increado
Dos horrores do peccado
Te quiz sempre preservar.

CORO

Serranas do Tejo,
Gentis, engraçadas,
Cantae alternadas
Os pios louvores
Da que é os amores,
Delicias e encanto
Do Espirito Sancto,
A Virgem MARIA,
Dos céos alegria,
Da terra e do mar.

DULCE

Salve, porta do alto Empyreo,
Do empolado mar estrella,
Toda sancta, toda bella,
Obra prima do Senhor.

CORO

Dèm-te os anjos e os humanos
Perennal, digno louvor.

ELVIRA

Salve, throno de virtudes,
Esplendor da formosura,
Sempre Virgem, sempre pura,
Doce mãe do Salvador.

CORO

Dèm-te os anjos, etc.

DOROTHEA

Salve, templo da Trindade,
Que de immensas graças brilha,
Casta esposa, mãe e filha
Do Uno e Trino Creador.

CORO

Dèm-te os anjos, etc.

MATHILDE

Salve, branco véo enxuto,
Sarça ardente, não queimada,
Ab æterno preservada
Para mãe do Bom Pastor.

CORO

Dèm-te os anjos, etc.

DULCE

Tu, humilde, do céo abres
Os ferrolhos de diamantes,
Que a soberba fechou antes
Do primeiro nosso auctor.

CORO

Dèm-te os anjos, etc.

ELVIRA

Tu nos déste o suspirado,
Divinal, puro Cordeiro,
Conservando illeso e inteiro
O virgineo teu candor.

CORO

Dèm-te os anjos, etc.

DOROTHEA

Tu do mundo naufragante
Salvação, porto seguro,
Nos quebraste o grilhão duro
Do infernal dominador.

CORO

Dèm-te os anjos, etc.

MATHILDE

Tu, mudando de Eva o nome,
Quanto aquella rouba pagas;
Ficam sans de culpa as chagas,
Foge a morte, e foge a dor.

CORO

Dêm-te os anjos, etc.

TODOS E O CORO

Ó Virgem sacrosancta,
Acceita os nossos votos
E os nossos pios cultos;
Escuda os teus devotos
Dos barbaros insultos
Da languida doença,
E bens em copia immensa
Lhes dá com larga mão.
Honrar cada anno juram
O dia, mãe amavel,
Da tua incomparavel
E pura Conceição.

Domingos Maximiano Torres.

LXIII

HARPA D'ISRAEL

LAGRIMA D'EVA

No fim da tarde o sol nas orlas do occidente
Franjava as nuvens d'oiro, e o majestoso ambiente,
Que em seu azul reflecte a cor da immensidade,
Deixava na alma triste indizivel saudade!
. . . .

Lentamente do mar a lua se alevanta...
Viu então o Apostolo um signal que espanta:
Uma Mulher no céo, coroada de estrellas,
Veste-a o brilho do sol!
Cantae, harpas singelas.

O Vidente

(lançando-se por terra ao contemplal-a)

«Quem é esta que se ergue,
Em luz d'amor envolta,
Altiva como um cedro
Que ao Libano dá sombra?

Nos desertos a fonte
Não é clara e suave,
Como o riso mavioso
Dos purpurinos labios.

Ave! lirio dos valles
Do jubiloso Empyreo,

Oh pomba da Arca solta,
Throno d'amor, MARIA!

Santelmo de bonança,
Ramo da paz divina,
É teu ceruleo manto
Vela que leva ao porto.

Estrellas a corôam,
Tem sob os pés a lua,
Onde calca a serpente
O pé da MULHER FORTE!»

E o Apostolo viu n'essa vertigem
Que uma estrella do céo se desprendia,
Vindo luzir na aureola da VIRGEM!

«Ave! LAGRIMA D'EVA! feliz dia
«O da culpa! — uma voz lhe disse a medo —
«Eil-a a brilhar no rosto de MARIA!
. . . .

A SALVE DOS MAREANTES

Na orla do horizonte o sol se afunda,
Ríspido o vento sopra do nordeste,
Pallidas sombras vão-se amontoando,
Cerram a escuridão da noite feia.
Sobre o convez a marinhagem crente
Se perfila, e á hora do sol posto
Rezam a *Salve* com fervor piedoso.
Era energico o som d'aquellas vozes
Rudes, cançadas, cheias de verdade:

«Em nome do Padre e Filho,
Do Espirito Sancto, amen!
Digam a SALVE RAINHA,
Em boa intenção de quem
Seu fado mau faz andar
Por sobre as aguas do mar.

«Salve! Rainha dos Anjos,
Senhora, mãe dos afflictos,
No meio da tempestade
Ouvís os cançados gritos
Dos que andam sem descançar
Por sobre as aguas do mar.

«Sois a doçura da vida,
O porto de salvamento;
O vosso manto azulado
Se extende no firmamento,
Formosa estrella polar,
Por sobre as aguas do mar.»

THEOPHILO BRAGA.

LXIV

STABAT MATER

Mulher que tanto amais, mulher que soffreis tanto,
Ardente coração, espirito piedoso,
A quem chorais, a quem? O pae, o irmão, o esposo?
Uma illusão perdida? Um subito quebranto?

Dos mundanos desdens, que vos tomam de espanto,
Desejais recatar a dor que já foi gozo?
Ou desejais sumir em delirar saudoso
Nas rosas do pudor as perolas do pranto?

Mulher, seja qual for o vosso mal profundo,
Secreto desengano ou sonho temerario,
Não julgueis morta a flor, o porvir infecundo.

O rosto erguei com fé na paz do sanctuario:
Conforto, exemplo, guia, e estrella, e aurora ao mundo,
Achais a Virgem-Mãe no cimo do Calvario!

Mendes Leal.

LXV

CONCEIÇÃO

HYMNO

Tota pulchra es... et macula non est in te.
CANTIC. CANTIC. IV. 7.

I

Antes que o seu veneno
Satael derramasse,
E o barro damasceno
Contra o seu bemfeitor se rebellasse;
Antes que os montes a alta testa erguessem;
Antes que os rios para o mar corressem;

II

Inda o Orbe estrellado
Pelo grande Archetypo
Não era arredondado;
Inda a materia um numero infinito
De gerações e partes não continha;
Inda Deus em si mesmo se sustinha;

III

Inda estava em conceito
O fecundar-se o nada,
De que tudo foi feito,
E já da CONCEIÇÃO Immaculada...
Mas em que abysmo, oh Musa, me poseste!
Onde estou eu! que immenso vacuo é este!

IV

Que noite tenebrosa!
Que silencio profundo!
Solidão portentosa
Tão afastada da creação do mundo!
Tempo sem tempo, espaço sem medida;
Eternidade nunca compre'ndida!

V

E sou eu tão ousado,
Que ia marcar o instante,
Em que foi preservado
Da lei fatal aquelle SER brilhante?
Teria Deus principio? ou Deus seria
Não sabedor de que Eva peccaria?

VI

Tu és, oh Summa Essencia,
A mesma eternidade,
A fonte da sciencia,
De amor, sabedoria e de bondade:
Tu vês, sabes, pódes; e altamente
Dentro em ti mesma tudo te é presente.

VII

Vias o famulento
Adão comer do fructo
Da morte, e do tormento,
Que deixou a seus filhos por tributo;
E que antes de os gerar os mataria
Em virtude do pacto que faria.

VIII

Vias essa imprudente
Mulher, que ouvidos dera
Á voz de uma serpente,

Mulher, emfim, que a tantos corrompera;
Mas viste o mal, e preveniste o modo
De dar n'outra remedio ao mundo todo:

IX

Aquella Mulher Forte,
Esquadrão ordenado
Contra o poder da morte,
Por quem Deus foi em carne aos homens dado,
E em seu remedio tal virtude obteve,
Que tanto ao filho, como á mãe se deve;

X

De Israel a esperança,
Mãe de misericordia,
A Arca da alliança,
Que trouxe ao mundo o pacto da concordia
Entre Deus e as nações, e que esmagara
Com seu pé ao dragão que Eva escutara.

XI

Mas aonde pretendo
Levar os teus louvores,
Oh milagre estupendo!
Fluctuando n'um mar de resplendores,
Nelle sem rumo o meu batel navega,
Que a mesma luz que me guiou me cega.

XII

Irei eu no fogoso
Carro do grande Elias?
Terei o glorioso
Rapto de Paulo? o anjo de Isaias
Virá purificar-me a bocca immunda,
Dar-me celeste uncção, lingua facunda?

XIII

Ah que deliro, ou sonho!
Não têm virtude tanta
Os versos que componho.
Oh Conceição Immaculada e Sancta!
Em vão para correr-te o véo forcejo;
Só co'a razão, só com a fé te vejo.

XIV

Se até representada
A unica Maria
Naquella Arca sagrada
Tanta veneração se lhe devia,
Que Oza a vida perdeu, porque se atreve
Pôr sacrilegas mãos onde não deve;

XV

Se Theopompo ficara
Do juizo privado,
Só porque misturara
Com vans palavras de um juizo errado
Os preceitos da lei, que a voz do Eterno
Dera a seu povo para seu governo;

XVI

Qual será hoje o susto,
Com que tremendo toco
Mysterio tão augusto!
Eu tento aos céos, e seu furor provoco,
Um frio medo sobre mim se espalha,
Trunca-se a voz, o sangue se coalha.

XVII

Pois, Musa, que faremos?
Outra vez pela terra
O peito arrastaremos?

Não havemos um dia fazer guerra
Ao nosso espirito de furor tão falto,
Bater as azas e voar mais alto?

XVIII

Não, a nossa fraqueza
Deseja, mas não sabe
Sahir d'esta baixeza:
Em breve concha o vasto mar não cabe.
Oh Pae da luz, Espirito Divino,
De teu fogo immortal eu não sou dino.

XIX

Mas, céos! porque contemplo
Tão humilde o meu voto,
Não hei de entrar no templo,
Porque não tenho do illustrado Scoto
A subtil força, a graça do Baptista,
E a harpa de ouro do grão rei psalmista?

XX

Tu, madre soberana,
Vês de um ar indiff'rente
O throno e a choupana:
Não te suborna o ouro refulgente:
O barro para ti nas mãos do pobre
Tem mais valor, é dadiva mais nobre.

XXI

Se a formosa e bemdicta
Filha de Sião sancta
Consente que eu repita
O que o teu côro solemnisa e canta
De ti, a quem dá culto em seus altares,
Mãe de Deus Filho, Esposa dos cantares;

XXII

Chamar-te-hei fresca rosa
Em Jericó plantada,
Mais que Rachel formosa,
Mais que a viuva de Bethulia ornada
De graça e de valor: Lia fecunda,
Mais que Debora forte e Esther jocunda.

XXIII

Tu és o valoroso
Braço de Gedeão;
Tu és o saboroso
Favo de mel na bocca do leão;
A bandeira de paz, em alto erguida
Nos arraiaes da terra promettida.

XXIV

Tu és o feno casto,
Onde o puro cordeiro
Achou descanço e pasto:
Tu és o sanctuario verdadeiro,
Em que o seio do Padre deposita
Altos mysterios da palavra escripta.

XXV

Repousa no teu rosto
Dos anjos a pureza;
Revêm-se em teu composto
Todas as perfeições da natureza;
De teus olhos a luz ao sol traspassa;
Sobre teus labios se diffunde a graça.

XXVI

Coroam-te as estrellas;
Mas a alta graça tua
Luz mais que todas ellas:

Debaixo de teus pés curva-se a lua,
O cothurno te calça, e co'o celeste
Manto azulado o mesmo céo te veste.

XXVII

Oh grande Deus! e é crivel
Que o Verbo se fizesse
Palpavel e visivel
N'uma mulher que macula tivesse,
Mãe de teu Filho, Esposa do Amor Sancto,
A quem sempre exaltou da Egreja o canto?!

XXVIII

Se no claustro materno
Sanctificaste a tantos
Por teu juizo eterno,
Qual João, Jeremias e outros sanctos;
A Rainha de todos quem diria
Que egual com seus vassallos ficaria?!

XXIX

Havia ser escrava
A que alto congresso
Da Trindade mandava
Trazer a Adão de seu resgate o preço?
E a mais segura taboa, que no mundo
Tantos salvou, havia de ir-se ao fundo?

XXX

A mão abençoada,
Que tirar manchas vinha,
Ficaria manchada?
Isto ao amor, isto á razão convinha
De um Deus? Longe de nós, oh repugnantes,
Frias questões de escholas delirantes!

XXXI

Oraculos da Egreja,
Conclave soberano,
Fazei que o mundo veja
Por ultimo esplendor do Vaticano
Entre os dogmas da Fé ser este dogma
Um novo esforço do poder de Roma.

XXXII

Vosso férvido zelo
Fulmine das censuras
O tremendo flagello:
Mas que digo! Já vêm d'essas alturas
Angelicaes Spiritos do Eterno
Fazer cessar a logica do inferno.

XXXIII

Unico, sancto e puro,
Manifesto milagre,
Eu te cenfesso e juro:
Todos te crêm. O mundo te consagra
Um voluntario amor, que o mais seria
Accender tochas, quando nasce o dia.

XXXIV

Oh Virgem, nosso escudo,
Co'as virgens te festejo,
Co'os anjos te saudo,
Com os padres do Limbo te desejo,
Com a luz dos prophetas te annuncío,
E em ti co'a fé dos martyres confio.

XXXV

Nas azas te levantem
Os Thronos sublimados;
Castos hymnos te cantem

Dominações, Virtudes, Principados;
Amem-te os Seraphins! sirvam-te os Anjos,
As Potestades, Cherubins e Archanjos.

XXXVI

Grande Deus! Tu fizeste
A machina do mundo;
Tu mil fórmas lhe déste,
Tiradas só do teu saber profundo,
E farás outros mundos, se quizeres,
Que tu podes, Senhor, tudo o que queres.

XXXVII

Visivel e invisivel,
Tudo, tudo ajoelha
Ao aceno terrivel
Da tua portentosa sobrancelha:
Mas de graça em Maria tanta enchente
Acabou de mostrar-te omnipotente.

João Xavier de Mattos.

LXVI

Á VIRGEM MARIA

É meiga, é doce a figura
De Jesus, o Redemptor;
Dizem seus labios, se falam,
Falas de paz e de amor;

Mas ha não sei quê de grave
Naquelles traços divinos,
Mesmo quando acolhe e afaga
A sorrir os pequeninos,

Ou defende a peccadora
Do furor da turba insana,
Ou aos miseros e humildes
Elle, forte e Deus, se irmana,

Um não sei quê de severo,
Que nos mostra a cada instante
O filho dos céos, o mestre,
Na palavra e no semblante.

Soffre, e cala quanto soffre;
Morre, e perdoando expira;
Nem chora, nem quer que o chorem;
Porque a carne que vestira

De homem deu-lhe a apparencia,
Porém não a realidade,
E ficou sendo na essencia,
Como outr'ora, divindade.

Ella não, a Virgem Sancta;
Essa é fraca, essa é mulher;
E, antes de ser divina,
Conhece o que é padecer.

Geme, pranteia, soluça,
Vendo pregado na cruz,
Já pallido, agonisante,
O seu filho, o seu Jesus;

Depois o sagrado corpo,
Sanguento, livido, frio,
Beija, e sobre elle derrama
Tristes lagrimas em fio;

F a todos que encontra, anciosa,
Pergunta: «Oh vós que passais,
Dizei-me se dor como esta
Houve no mundo jámais!»

É que, ao matarem-lhe o filho,
Arrancaram-lhe tambem
Como que as proprias entranhas;
É que sobretudo é mãe.

É mãe; esta voz sómente,
A mais bella, a mais sublime,
Resumo de affectos varios,
Que o mais puro affecto exprime,

Só esta voz nos explica
O vivo culto, o fervor
De quantos com fé se acolhem
Ao seu manto protector.

Gemeu, ouvirá quem geme;
Chorou, verá os que choram;
E buscam-n'a confiados;
E, como filhos, a imploram.

Mãe os poetas a cantam,
Mãe debuxam-n'a os pintores,

Ou co'o menino nos braços,
Ou no Calvario entre horrores,

Aos pés da cruz, de joelhos.
É mãe, e mãe de piedade;
Com mil nomes, em mil templos,
Mãe lhe chama a christandade;

Que, por mãe, é mais humana,
É entre os homens e Deus
Formosa ponte de graças
Do abysmo da terra aos céos.

JOSÉ RAMOS COELHO.

LXVII

Á SOMBRA DA VIRGEM

I

Bem como avesinha implume
procura calor, guarida,
juncto ao seio carinhoso
de mãe que lhe deu vida,
que é seu esteio e seu lume;
como a timida gazella
se refugia tremente,
e se acosta ás companheiras,
se o inimigo presente
sobre o monte ou nas clareiras;
como o barco amaina a vela,
e á força de remos tenta
entrar no seguro porto,
se se avizinha a tormenta,
nós, o carinho e o conforto,
nós, o refugio tambem
temos contra o vendaval,
tristes pombas sem pombal,
pobres gazellas sem mãe.

II

O nosso porto é o manto,
que em suas dobras abraça
universa humanidade,
da mãe, que é refugio sancto,
d'aquella que despedaça
sob seus pés a serpente,
e esteve de Deus na mente

desde toda a eternidade;
da que se c'roa de estrellas,
da que é pharol nas procellas,
e enche co'os resplendores
da sua luz a terra inteira
e as profundezas do mar;
da que nos é padroeira,
auxilio de peccadores
e nossa estrella polar;
da que é consolação
de pobres e desherdados;
da que é rainha dos céos;
o nosso abrigo é o manto
da formosa Mãe de Deus.

Nós somos as mais felizes
das que a fortuna esqueceu.
Nossa mãe, a mãe do céo,
tem na fronte luminosa
c'roa de luz e matizes,
dons nas mãos, nas fallas cantos;
risos na bocca de rosa
que um beijo desabrochou;
guia, aquece, ampara, abriga,
e só com perdões castiga
as pobrinhas que adoptou.
....

A. X. Rodrigues Cordeiro.

LXVIII

Á VIRGEM MARIA DA CONCEIÇÃO

(PEROLAS SOLTAS)

Mãe dos tristes mortaes, Virgem celeste,
Intacta, pura, sancta, immaculada,
Calça-te a lua, e d'orbes coroada
Fulgor mais puro que o do sol te veste:

No collo a planta á serpe audaz poseste,
Que em vão se anela, se corcova anciada:
Abriste as portas de Sião sagrada
E ao mundo escravo redempção trouxeste.

Depois que leis observa a natureza,
Só tu nasceste, por divino arcano,
De graças fonte, fonte de pureza;

Que na mente do Eterno Soberano
Foste *ab initio* do contagio illesa,
Que a prole infesta do primeiro humano.

Curvo Semmedo.

LXIX

A VIRGEM NO PRESEPIO

Linda a Virgem da Judeia
Se recreia,
Vendo a face ao filho seu,
Toda graça, toda riso,
Paraiso
Tão donoso como o céo.

D'ella em braços o menino,
Pequenino,
Embalado quer dormir,
Mas a Virgem tem desejos
De mil beijos,
Que em seus labios vê florir.

Foge o somno entre os carinhos,
Quaes dos ninhos
Fogem aves co'a manhã;
Cora a Virgem de mimosa,
Como a rosa,
Como a rosa mais louçã.

Prende o filho n'um abraço,
Doce laço
Para o collo maternal;
É a abelha mais doirada,
Pendurada
Dentre o lirio virginal.

São-lhe palhas o bercinho,
E nusinho

Deita-o n'ellas sua mãe;
Quem lá vira esta riqueza
Na pobreza
Do Presepe de Belem!

Que mysterio! A Divindade
Na humildade!
Na miseria o Rei dos céos!
Animaes desentendidos
Escolhidos
Para côrte ao Senhor Deus!

¡O Presepe era um exemplo!
¡Era um templo,
Onde as palhas são altar!
Reis e povos, ricos, nobres,
Com os pobres
Vinde todos adorar.

Vem dos campos a zagala,
Toda gala,
Trazer mel, trazer amor;
Traz a infancia cestos novos,
Cheios d'ovos,
E cordeiros o pastor.

Toda a terra pressurosa,
Fervorosa,
Vem correndo a ver a luz;
Mal chegados moços, velhos,
Em joelhos,
Dizem — gloria ao Deus-Jesus!

Uma estrella do Oriente,
Vem luzente
Os tres reis a alumiar;
Vozes d'anjos logo ouviram,
Quando viram
Presa a estrella se quedar.

Entram, pasmam, estremecem,
Reconhecem,

Que já reis alli não são;
Dão-lhe myrrha, incenso e oiro,
E o thesoiro
Que é melhor — a adoração.

Chora a Virgem de ventura,
E se apura
A lindeza em tal crisol;
Era aurora co'os diamantes
Rutilantes
Ao nascer do Eterno Sol.

Já dos anjos n'aurea pluma,
Uma e uma
Vão as lagrimas d'amor;
E já d'ellas lá na gloria,
Por memoria
Faz estrellas o Senhor!

Grave o padre putativo,
Pensativo
Juncto ao filho ajoelhou:
Alvo côro de mil anjos
E d'archanjos
Canto ignoto alli cantou:

«Ás penas d'homens deu mate
«O resgate,
«Que na terra já reluz;
«Gloria a Deus, á Virgem Madre,
«Gloria ao Padre,
«Gloria ao Padre e ao seu Jesus!»
. . . .

João de Lemos.

LXX

SALVE RAINHA

Salve, Rainha, terna mãe, piedosa,
Vida, doçura, solida esperança
Dos degredados filhos, da mudança
Da fragil Eva prole criminosa!

Ouvi, Senhora, a chusma lacrimosa,
Que mil clamores, mil gemidos lança,
Em vós só pondo a sua confiança,
N'esta mansão de dor impetuosa!

Da clemencia os suaves attractivos
Exercei sobre a terra desgraçada,
Onde em desterro perduramos vivos!

E depois, ó bonissima advogada,
Volvei a nós os olhos compassivos,
E mostrae-nos a patria desejada!

COUTINHO.

LXXI

SALVE RAINHA

(GLOSADA)

Salve, celeste pombinha;
Salve, divina belleza;
Salve, dos anjos princeza;
E dos céos *Salve Rainha.*
Sois graça, luz e concordia
Entre os maiores horrores;
Sois guia de peccadores,
Madre de Misericordia.
Sois divina formosura;
Sois entre as sombras da morte
O mais favoravel norte;
E sois da *vida doçura.*
Porto, em que mais se resalve
Nossa fé que sois se alcança:
Sois, por ditosa esperança,
Esperança nossa; salve.
Vosso favor invocamos
Como remedio o mais raro:
Não nos falte o vosso amparo;
E vêde que *a vós bradamos.*
Os da patria desterrados,
Viver da patria desejam.
Quereis vós que d'ella sejam
D'este mundo *os degredados?*
Se Deus tanto agrado leva
De com os homens viver,
Como póde ausentes vêr
Os mesmos *filhos de Eva?*

Humildes vos invocamos
Com rogos enternecidos;
E a esse amparo rendidos,
Senhora, *a vós suspiramos.*
Se Deus nos perdôa, quando
A nossa culpa é chorada;
Todos, por ser perdoada,
Estão *gemendo e chorando.*
Mas vós, por quem menos vale
Lirio do valle, chorais?
E o vosso pranto val' mais
Neste de lagrimas valle.
Já que tão piedosa sois,
Senhora, com o vosso rogo
Alcançae-nos perdão logo;
Apressae-vos, *eia pois.*
Porque desde agora possa
Triumphar qualquer de nós
De inimigo tão atroz,
Pedi, *advogada nossa.*
E em quanto n'estes abrolhos
Do mundo postos estamos;
De nós que o caminho erramos
Não tireis *os vossos olhos.*
Sejam sempre piedosos
Para nos favorecer;
E para nos defender
Sejam *misericordiosos.*
Pois remediar nos quereis
De vossos olhos co'a guia,
Gloriosa Virgem Maria,
Sempre elles *a nós volvei.*
Livrae-nos de todo o erro,
Para que assim consigamos
Graça, em quanto aqui andamos
E depois d'este desterro.
E pois vosso filho é a luz,
E aluminar-nos quereis;
Para que esta luz mostreis,
Nos mostrae a Jesus.
E se como raio bruto
O fructo vemos vedado,

N'outro paraiso dado
Veremos *o bento fructo.*
  Em nossos corações entre
Seu amor; pois é razão,
Seja meu do coração
O que *foi do vosso ventre.*
  De Jericó melhor rosa,
Puro e candido jasmim,
Quereis vós que seja assim,
Oh! clemente! oh! piedosa!
  Tenhamos nossa alegria,
Esta doçura tenhamos;
Pois que tanta em vós achamos,
Oh doce Virgem Maria!
  Se quem mais póde sois vós,
Chegando a Deus a pedir;
Para melhor vos ouvir,
Pedi-lhe, *rogae por nós.*
  Que então os favores seus
Muito melhor seguramos;
Pois que n'elles empenhamos
A Sancta Madre de Deus.
  Dae-nos fortaleza e tinos
D'este mundo contra os sustos;
Porque os bens sigamos justos,
Para que sejamos dinos.
  E se nos concedeis isto
Que vos pede o nosso rogo,
Mui dignos nos fazeis logo
Ser *das promessas de Christo.*
  Seja pois, divina luz;
Melhor estrella, assim seja,
Para que por nós se veja
Vosso amparo. *Amen Jesus.*

GREGORIO DE MATTOS GUERRA.

LXXII

Á PURISSIMA CONCEIÇÃO

Que espectaculo, oh céos! Eu velo?.. Eu sonho?..
Que diviso!.. Onde estou!.. Purpurea nuvem
Ante os olhos attonitos me ondêa.
E chuveiros de luz despede á terra!
Mais bella que o fulgor, que ao sol precorre,
Alta Matrona augusta
Do vapor luminoso,
Que os zephyros mantêm nas tenues plumas,
Quão risonha contempla o baixo mundo!
Aureas estrellas congregadas brilham
No rutilo diadema,
Que a fronte majestosa lhe guarnece;
Aureas estrellas semeadas brilham
Nas roçagantes vestes,
Côro do estivo clarão, que philtra os ares!
De alados genios candida phalange
Reverente a ladêa,
E pelas niveas dextras balançados,
Pingue, fragrante aroma, em honra á diva,
Os fumosos thuribulos derretem......

Oh Virgem formosa,
Que domas o inferno,
Creou-te *ab aeterno*
Quem tudo creou.

Illesa notaste
Do mundo o naufragio,
Da culpa o contagio
Por ti não lavrou...

BOCAGE.

LXXIII

STABAT MATER

Se o filho na cruz está,
Triste mãe, quem poderá
Enxugar o vosso pranto?
  A cruel espada tanto
Vos passava e vos feria,
Que olhar-vos magua fazia.
  Mãe fostes, mas dolorosa;
Entre as mulheres ditosa,
Mas o filho vos mataram.
  As penas, que supportaram
Os seus membros extendidos,
Foram os vossos gemidos.
  Choro, vendo que chorais
O filho terna que amais,
E de vós me compadeço.
  Tal suspirar, tal excesso
De dor, ai! só não podera
Mover entranhas de fera.
  Por meus peccados, Senhora,
O vosso Jesus agora
Soffreu horriveis tormentos.
  Dar os ultimos alentos,
De todos desamparado,
No lenho o vistes sagrado.
  Se o meu coração sentira
Como o vosso, o mundo vira
Que de afflicção estalara.
  Oxalá vos consolara
O filho amando saudoso,
Que o sangue deu precioso.

Quem m'o dera retratado
Cá dentro da alma chagado,
E que nunca me esquecesse.
Inda que nada merece
Um peccador tão ingrato,
Nelle ponde o seu retrato.
Eu a vida lhe tirei,
As vossas dores causei,
Ó Virgem, que tyrannia!
Mas nunca me fartaria
De estar agora chorando,
Vossos ais acompanhando.
Senhora, chorar desejo,
Pois maguada vos vejo,
Quero imitar-vos tambem.
Nada tanto me convém
Como de abraçar na cruz
O vosso doce Jesus.
Nella fazei, que me alente,
Que pelo filho innocente
Deve morrer o culpado.
Oh! não veja o aspecto irado
Daquelle juiz inteiro,
Que tornais manso cordeiro.
A cruz seja o meu thesouro,
Seja aquella chave de ouro,
Que as portas me abra do céo.
Se o vosso Jesus venceu,
Triumphe tambem minha alma;
Porém dae-me vós a palma.
Chegue o dia suspirado
De me ver ainda ao lado
Deste illustre capitão.
Do santo Deus de Sião,
Mostrae-me a face divina,
Correi, Senhora, a cortina.

Fr. José do Coração de Jesus.

LXXIV

PARAFRASE DA AVE MARIA

Ave preciosa Maria,
Que se deve interpretar
Transmontana do mar,
Que os mareantes guya.
Ave tu, Senhora minha,
Exempta daquel pecado,
Que o mundo ha contaminado,
Ave resplendor do dia.

Ave tu plena gracia,
Ave precioso sacrario,
Ave santo relicario
Cheo daquel pam, que farta
Todo mundo, e o espaça
Em esta angustiosa vida,
E nos chama e convida
A seus gozos sem falacia.

Ave, que o Santo Senhor
Dos ceeos he contigo,
Non contigo soo digo,
Mas em ti preciosa flor,
Templo do Divino amor,
Ave, pois tua ternidade
Catando tua humildade
Magnificou teu valor.

Ave Reynha gloriosa,
Bendita antre as molheres,

Deste nome só eres
Digna tu, Virgem preciosa.
Porque a madre golosa
Da fruita devedada,
Toda molher obfuscada,
Leixou com pena dampnosa.

Ave, que o fruito bendito,
Senhora do ventre teu
Non abasta ao louvor seu
Lingua, nem pena, nem scripto,
Ave, porque o mundo aflicto
Por o pecado primeiro,
Triunfando no madeiro,
El o salvou, livrou e quitou.

Por esta Santa Saudaçom,
Mui Sanctissima Senhora,
Ora ao Rrey, a quem o mundo adora
Por a Christaã naçom,
Qua a tua obsecraçom
Nunca desdem recebeo,
Nen sem efecto quedou
Tua Santa suplicaçom.

Fr. João Claro.

LXXV

VIRGINIDOS

(POEMA GONGORICO E HEROICO)

PROPOSIÇÃO E INVOCAÇÃO

I

Canto as armas da Torre sublimada,
. . . .

II

Aquelle alto Castello illustre, e bello,
Em que primeiro entrou Deus humanado,
Que entrasse de Bethania no castello,
Onde este mais gentil foi figurado:
. . . .

III

A vida dizer quero esclarecida,
Daquella Ave do céo, Phenix sagrada,
Que por dar morte á morte, foi nascida,
E por dar vida á vida, foi creada:
Que, do céo para porta preferida,
Por cedro incorruptivel foi buscada,
Por quem o mesmo Deus no mundo aporta,
Que, sem abril-a, entrou por esta porta.

V

Daquella que por sua fortaleza
Torre chamada foi, que ella figura

Que seu divino corpo é na belleza
Torre na guarnição e na estatura:
De alicerce lhe serve a lua accesa
Em fulgido candor, em prata pura,
De paredes o sol, que doura os múros,
D'ameas de crystal os astros puros.

VI

Porta e janella tem no céo traçada,
E casa, em que a habitar Deus se offerece,
E tem, com ter tambem formosa escada,
Cisterna, que do céo a agua merece:
Que janella do céo, porta sagrada,
E casa de Deus foi, que elle enriquece,
Escada de Jacob celeste, e altiva,
E de Bethlem cisterna de agua viva.

IX

Esta é a Torre, que excede aos horizontes,
Que em rouca e inculta voz cantar intento,
A que as vozes d'Orpheos, e de Ariontes,
Indignas são de dar condigno accento:
S'hum encantou os mares, outro os montes,
Inda assi sua voz falta de alento,
Para poder cantar com digna traça,
Estes montes de luz, mares de graça.

X

Vós, Espirito sacro, e esposo amante
Da Virgem que decanto, alta e serena,
Para que escreva puro, e destro cante,
Dae-me uma vossa lingua, e vossa penna:
Se em branca pomba, e em fogo rutilante,
Noutro tempo pendestes da aura amena,
Ignea lingua me dae, penna suave,
Para que escreva douto, e dicte grave.

Barbuda e Vasconcellos.

LXXVI

A VOZ DA GRATIDÃO

HYMNO

I

Virgem sagrada, Virgem portentosa
Da pura CONCEIÇÃO immaculada,
Tua sagrada mão, por milagrosa,
Tornou á debil vida o fragil nada;
Seguindo o sancto filho, por piedosa
Te vistes de meus ais logo apiedada;
Parastes a feia morte no seu gyro,
Pois fizestes-lh'errar seu duro tiro.

II

Qual da vida a serpente remidora,
Que de Israel os filhos alentava,
Quando da morte a mão consumidora
Por justiça do céo os sepultava;
Assim a meu favor, sancta Senhora!
Vendo que a morte a vida me cortava,
Me azulastes as já enxutas vèas,
E me abristes os olhos das idéas,

III

Qual o cego, que a núa lança entranha
No sacrosancto lado de teu filho,
Tanto que salta o sangue, os olhos banha,
Tornando-lhe a cegueira em puro brilho;

Assim a sancta Graça me acompanha,
Graça, a que reverente a fronte humilho,
Illuminando a sordida cegueira,
De meus erros culpada companheira...

VIII

Bem como o naufragante, procellando
Em asperos penedos junto á morte,
Que ora taboa, ora leme vê faltando,
Sossobrado, do mar no impulso forte;
Assim co'as mortaes ondas fui luctando
Exposto á natural, humana sorte;
Os olhos semimortos não boliam;
Os dentes das gengivas se despiam.

IX

Cadaverico o rosto macilento,
Falto o vital calor, os beiços frios,
Um suor, tão mortal como o tormento
Que da vida cortava os tenues fios;
Apenas com vigor o pensamento
Para melhor pensar nos meus desvios;
Eis da vida o final, misero estado,
De que fui pela Virgem libertado...

XXIV

Senhora! attende, escuta o grato peito,
Que tanto foi por ti maravilhado:
Apezar de inda ser lodo imperfeito,
Não deixe de ficar abençoado:
O corpo tem por força algum defeito,
Porque emfim foi de Adão originado;
Mas do bom que eu tiver, o máo desculpa;
Pois não póde haver homem sem ter culpa.

JERONYMO EZEQUIEL DA COSTA FREIRE.

LXXVII

Á GLORIOSA VIRGEM NOSSA SENHORA

Virgem, estrella pura, clara e bella,
Que, tomando do sol a luz divina,
Déstes ao mesmo sol a roupa humana;
Virgem, que, sendo vós formosa estrella,
Sois effeito de luz tão peregrina,
E causa d'esta luz tão soberana:
Luz que cria, e não dana
As flores que produz,
Esta divina luz,
Sendo do fructo verde doce amparo,
Do fructo secco já certo reparo,
No prospero dais luz, dae luz no adverso,
Que quem fez a Deus claro,
Claro póde fazer todo o universo.

Virgem, aurora roxa e graciosa,
Que, vindo as trevas todas desfazendo,
Ides o mundo todo alumiando,
Tão rica, tão dourada e tão viçosa,
Que estaes o céo supremo enriquecendo
Das graças que na terra is semeando:
Na mesma ides creando
Todas as pedras finas,
E as brancas boninas,
Com que fica formosa a terra feia,
Com que Deus se ornamenta e se recreia.
A aurora, de que o mundo faz thesouro,
Se doura, se prateia;
Vós o mundo fazeis de prata e d'ouro.

Virgem, horta de Deus, por Deus cercada,
Onde este mesmo Deus quiz ser disposto,
Para poder crescer sendo encarnado:
De Deus que em vós nasceu sois cultivada,
De vós tem o proveito, a honra e o gosto,
Pois gente, gloria, amor, lhe tendes dado.
Em vós se tem creado
A arvore da vida,
A todos offerecida.
Semeasse em vós Deus, vós semeais
O mesmo Deus nas almas que amimais;
Pois pondes em regalos tanto estudo,
Tudo dareis, e dais,
Porque horta que dá Deus, pode dar tudo.

Virgem, torre divina, firme, estavel,
Da qual o inferno Deus tem destruido,
E d'ella o mundo todo conquistado:
Torre, por ser de Deus inexpugnavel,
A cuja alteza só tem Deus subido,
Porque elle tem sómente nella entrado,
Por vós o homem, armado
Com as armas celestes
Da graça que lhe destes,
Derruba, espanta, rompe e desbarata,
Accommette, captiva, prende e ata
Os duros inimigos de sua alma,
A quem ou fere ou mata,
Porque armas de tal torre dão tal palma.

Porém baixa, canção, podes cessar,
Pois tua voz indigna não levanta
Aquella de quem canta,
Porque só Deus a pode levantar.
E é bem que de teu canto desconfies,
Cessando de cantar;
E pois cantas tão mal, não aporfies.

BALTAZAR ESTAÇO.

LXXVIII

ODE A NOSSA SENHORA

Virgem formosa, que, do sol vestida,
Ao summo sol, de estrellas coroada,
Agradaste que dentro se escondeu
Em tua virginal arca sagrada:
A voz vai de minha alma a ti movida,
Graça te pede, e a quem ta concedeu
A elle a pede, que sempre respondeu
        A quem por elle chamou;
        Oh Virgem, se a ti chegou
A voz de algum que a ti se soccorreu,
Ouve, será benignamente a minha;
        Soccorre-me n'esta guerra,
Bem que sou terra e tu do céo Rainha.

Virgem, que em tudo és inteira e pura,
De teu parto gentil a filha e madre,
....
Porta dos céos, e entrada mais segura,
Vem-me a salvar do derradeiro dia,
Porque dos mortaes és a luz e a guia.
        Tu só por nossa dita
        Tornas, Virgem bemdicta,
O pranto de Eva em graça e alegria.
O amor de teu filho, meu bom Deus,
        Me doa, Virgem sagrada,
Que coroada estás nos altos céos.

Virgem sublime, que, de graça cheia,
Co'as azas de sanctissima humildade

Subiste ao céo, e me ouves d'elle agora,
Tu a fonte pariste de piedade,
E de justiça o sol, com que alumeia
O mundo escuro, e seu error melhora:
Tres doces nomes poz em ti, Senhora,
De mãe, filha e esposa.
Virgem, és gloriosa
Ancilla do Senhor, que nos tem fóra
Dos laços da cruel gente malina,
Com as chagas bemdictas,
Que na alma escriptas me dá Virgem benigna.

Virgem, que, posta no assento eterno,
Do mar tempestuoso és clara estrella,
Que em noite escura guias quem navega
Na tempestade, vou vendo-me n'ella
Só, sem remedio, leme, nem governo,
Em gritos com que se alma desapega,
Na esperança toda em ti se emprega.
Virgem, favor te peço
Contra o mal que mereço,
Não o goste de ver a gente cega;
E peço-te, Senhora, que me lembre
De Deus mãe soberana
A carne humana que lhe deu teu ventre.

Virgem, com quantas lagrimas me vejo,
Derramadas em vão, confuso e cego,
Com dor e pena, com trabalho e damno,
Depois que vim dos campos do Mondego
A os derredores do dourado Tejo,
Mar de tormentos, de afflicções e engano!
Oh quantos males soffre um corpo humano!
Se tu em pena tanta,
Virgem sagrada e sancta,
Não dás ao fim teu premio soberano,
Meus dias vão correndo em curto ferro,
E por varios peccados
Já são passados, e só a morte espero.

Virgem, que assi cercado de mil dores
Vive meu coração em pranto eterno,

Em mil males a mim mesmo escondidos,
Em vida vou dentre elles ao inferno;
E passo cá na terra outros maiores,
Que a morte em roda traz a meus sentidos:
Porém será do céo, pois são perdidos
De tal modo meus bens,
Dá-me tu dos que tens,
Pois és remedio a tristes e affligidos;
A tantos males valha tua virtude,
Que curar esta dor
A ti louvor, e a mim será saude.

Virgem, minha firmissima esperança,
Que quer e póde lá dos altos céos,
Soccorre-me na mór necessidade;
Miseravel sou eu, mas fez-me Deus,
E quiz que fosse á sua semelhança:
Alto por elle sou, mas na verdade
Não mereço por mim achar piedade;
Mas tu, dos céos Rainha,
Desfaze esta alma minha
Em lagrimas de amor e de humildade;
Acuda-lhe no fim tua virtude,
Com que passe a jornada,
Pois tão errada foi na juventude.

Correm depressa os dias por tal ordem,
Unica e sancta Virgem;
E tanto esta alma affligem,
Que a morte e consciencia m'a remordem;
Sem teu favor de bens 'stá incapaz;
Teu filho, Homem e Deus,
A leve aos altos céos em firme paz.

PEDRO DA COSTA PERESTRELLO.

LXXIX

A NOSSA SENHORA EM SUA ASSUMPÇÃO GLORIOSA

Cantemos endechas,
Alma saudosa,
Que só versos tristes
Nos convém agora.
Aquella rainha,
Que toda formosa
É do mar estrella;
É do céo aurora;
Aquella, que em tudo
Foi tão venturosa,
Que do eterno verbo
Foi viva custodia;
Aquella, que é cifra
Das virtudes todas,
Peregrina phenix,
Soberana pomba;
Aquella, que é sempre
Nossa protectora
Para defender-nos
Alma, vida e honra,
Agora nos deixa,
E vai para a gloria
A ser coroada
Pelas tres pessoas.
Agora se ausenta,
E para os céos voa
A lograr o premio
De suas victorias.
Agora se parte
A ver quem adora,

Com muito de viva,
E pouco de morta.
  E se bem da terra
Ha de ter memorias,
Como quem piedades
Sempre nos outorga.
  Nem toda a certeza
De suas melhoras,
Nem de seus favores
Nossa dor minora.
  Parai, divina aurora,
Não deixeis, não, Senhora,
A terra orfã.
  Mas ai, que já vos ides
Para a gloria!
Ai, que saudades
Nos deixais, Senhora!
  Ai, que já vos levam
Com festiva pompa
Serafins amantes,
Luzes voadoras!
Ai que saudades
Nos deixais, Senhora!
  Ai, que já os anjos
Vos cantam victoria,
E em nossa presença
Cada qual se prostra!
Ai, que saudades
Nos deixais, Senhora!
  Ai, que já ficamos
Sem mãe tão piedosa,
Sem tal advogada,
Sem tal protectora!
Ai, que saudades
Nos deixais, Senhora!
  Parae, divina aurora,
Não deixeis, não, Senhora,
A terra orfã;
Mas ai, que já vos ides
Para a gloria!
Ai, que saudades
Nos deixais, Senhora!

VIOLANTE DO CEO.

LXXX

EM LOUUOR DE NOSA SÑORA

Marystela deos te salue
madre de deos tanto santa
q̃ sempre virgem te canta
a jgreja muy suaue
O tam bem aventurada
porta do çeo mater pya
ante secula cryada
em teus louuoros me guya.

Tu tomante aquela aue
por boca de gabryel
conçebeste emanuel
per mesajem tanto graue
Funda nos em paz senhora
poys mudaste o nome deua
todo pecador satreua
pedir graça quentymora.

Tyras presões os culpados
os çegos das crarydade
destruy nossos pecados
por tua gram pyedade
Nossos males de nos lança
da nos bẽes esprituaes
rroga polos temporaes
segundo tua ordenança.

Amostrate seres madre
rreçebe os rrogos per ty
quem carne tomou de ty

e see à destra do padre
e poys q̃ por nos naçydo
teu filho lhe prouue ser
salvarnos de padeçer
lhe seja per ty pydydo.

Virgo syngularys manssa
mays q̃ todalas naçydas
a yra do padre amanssa
nam pareçam tantas vydas,
e sendo nos desatados
de culpas e de maldade
em manssydões e castidade
nos tem madre consseruados.

Danos vyda limpa e puro
caminho per onde vamos
aparelha nos seguro
este ser q̃ desejamos
Por tal q̃ vendo à jhũ
com ele nos alegremos
o qual bem nam mereçemos
seo nam alcanças tu.

O padre por eyçelençya
louuor a crysto vytorya
o esprito santo grarea
tres em huũ deos por essençia
Graças a nossa senhora
q̃ tanto bem mereçeo
e o padre a escolheeo
pera nossa jnterçessora.

Fym.

Por tua grande cramẽçea
o rraynha anjelycal
pyduo rrey çelestryal
calenante apestelençea
e fames de portugal.

Luys anrriques.

LXXXI

A NOSSA SENHORA

VILANCETE

Raynha çelestrial
rrepayso de nossas dores
grandes sam os teus louuores.
Senhora como naçeste
tua vertude foy tanta
qua quela enbaxada santa
com grande fe mereçeste.
tam contynente vyueste
q̃ nom bastam oradores
rrecontar os teus louuores.

A merçe q̃ percalcaste
nossa vyda rrepayrou
poys com teus peyt' cryaste
aquele que te cryou.
foste causa q̃ mudou
o gram senhor dos senhores
em prazer as nossas dores.

Por em ty ser encarnado
e por seres sua madre
o nosso prymeyro padre
foi dos tormentos lyurado:
somos liures de pecado
quando queres dar fauores
os q̃ ssam teus servidores.

O fonte de piedade
madre de misericordia

quẽ de ty nam faz memoria
vay muy longe da verdade.
es chea de carydade
e de tamanhos primores
q̃ sam grandes teus louuores.

Mytygua nossos torment'
q̃ com tantos males crecem
poys nossos mereçyment'
sem os teus nada mereçem.
socorro dos q̃ padeçem
q̃ sejamos pecadores
fazenos mereçedores.

Fym.

E assy por teu respeyto
dyna virgem e de cora
faze q̃ ajam effeito
As nossas preçes senhora
q̃ se nos deyxas hũa ora
a nossos persyguydores
nam teremos valedores.

Diogo Brandam.

LXXXII

A VOZ DA GRATIDÃO

SONETO

Meu ser a pouco e pouco se extinguia;
Chorava, commovida, a natureza;
Pallida cor, presagio da fraqueza,
Se via na mortal physionomia.

Em noite se tornava o claro dia;
Em mim luctava a morte co'a tristeza;
Toldava-se dos olhos a viveza
Pela condensa nuvem da agonia.

Beijo da Virgem sancta a veste pura;
Sobresalta-se o corpo, o sangue gyra,
A branca, extincta vêa vê-se escura.

Sancto fogo immortal vida me inspira;
A Virgem me salvou da sepultura;
Já bate o coração, alma respira!

Jeronymo Ezequiel da Costa Freire.

LXXXIII

CONCEIÇÃO

Tincto de assombro, eu vejo o drago infando
Enroscado cingindo um globo denso;
Morde a farpada cola em odio intenso,
As estridentes conchas encrespando.

Maria em cima mais, que o sol brilhando
Unica salva do veneno immenso,
Com pé forte lhe pisa o collo infenso,
Em vão por bocca e olhos chammejando.

Em torno doctas vozes á porfia
Os seus triumphos em louvar se esmeram
Com hymnos de grandiloqua poesia.

Que premios seus devotos não esperam?
Crede ás mãos puras que Ella ao céo envia
Em vão jámais em nosso bem se ergueram.

Domingos Maximiano Torres.

LXXXIV

ASSUMPÇÃO

De refulgentes astros laureada,
Mais que o sol bella, sobe ao céo Maria,
Uivando o inferno, uivando a morte impia,
Entre milhões de seraphins levada.

Chega á porta, de gemmas estrellada;
Eis o salão da etherea monarchia
Retumba com dulcissima harmonia,
Pelas candidas virgens modulada.

Com jubilo a beatifica Trindade
Recebe a filha, a mãe, a casta esposa,
E a coroa de immensa majestade.

Serena, oh Terra, a face lagrimosa;
Depõe as tristes roupas da orphandade,
É a mesma no Empyreo a mãe piedosa.

Domingos Maximiano Torres.

LXXXV

A NOSSA SENHORA

MARIA, mãe de Deus! dos céos rainha!
Oh paz da humanidade attribulada!
A cujas plantas geme agrilhoada
A serpe que infestando o mundo vinha:

Tu, que d'uma innocente és a madrinha,
Que foi, antes de ser, a ti votada,
No apoio do pae firm' a afilhada,
Melhora por bem d'ella a sorte minha.

A ti, que tens o sceptro da clemencia,
Recorre um triste, a quem raivosa intriga
Quer denegrir a candida innocencia.

Dá-me conforto certo, não se diga
Que a mim mesmo roubei minha existencia;
Pois, senão fores tu, de certo p'riga.

ANTONIO PINTO DA FONSECA NEVES.

LXXXVI

A VIRGEM DA CONCEIÇÃO

Aponta a bella aurora, luz primeira,
Que a grão nova nos deu do claro dia:
Vesti-vos, corações, já de alegria,
E recebei da vida a mensageira.

Da humana Redempção nasce a Terceira:
Alegra-te, divina Monarchia;
Da terra terás cedo a companhia,
Do céo verás tambem a nossa feira.

De tal obra se espanta a natureza,
Confuso fica de temor o inferno,
Vendo-a nascer isenta da defeza.

Lei geral era posta desde eterno;
Mas o Senhor da Lei toda limpeza
Para o Sacrario seu guardou Materno.

LUIZ DE CAMÕES.

LXXXVII

ÁVE·MARIA!

Inviolata, Integra et Casta.

Salve, Rainha dos céos!
Salve, Escrava do Senhor!
Salve, Maria Purissima!
Salve, Mãe do Redemptor!

Permitte que a ti se eleve
Este canto em teu louvor!
Oh! salve, Virgem Maria!
Salve, Mãe do Redemptor!

És a doçura, és a vida,
O anjo consolador
De todos que por ti clamam!
Salve, Mãe do Redemptor!

És a estrella da manhã
Do eterno dia de amor,
Que o justo vai ter nos céos!
Salve, Mãe do Redemptor!

És o vaso que contém
O balsamo para a dôr
D'estes pobres filhos de Eva!
Salve, Mãe do Redemptor!

Tu és, ó Virgem Clemente,
Refugio do peccador!
Bemdicta sejas! Bemdicta!
Salve, Mãe do Redemptor!

O teu seio serviu de aza
A Christo, Nosso Senhor,
Para vir do céo á terra!
Salve, Mãe do Redemptor!

Permitte pois que se eleve
Nosso canto em teu louvor!
Oh! salve, Virgem Maria!
Salve, Mãe do Redemptor!

Zephyrino Brandão.

LXXXVIII

A NOSSA SENHORA DO ROSARIO

Embarquemo-nos, senhores,
No mar da mais bella aurora,
Que sendo o mar de Maria,
Será o porto o da gloria.

Embarquemo-nos no immenso
De devoção tão ditosa,
Pois do Rosario divino
Dependem as ditas todas.

Naveguemos sem temores
De tormentas rigorosas,
Que aonde tudo é bonança
Nenhuma tormenta assombra.

Norte divino é Maria,
Mar de graças o das Contas,
Pois nelle tudo são graças
Para serem tudo glorias.

Oh que navegação tão venturosa,
Pois é norte Maria,
E porto a gloria!
Feliz derrota,
Pois nos leva o Rosario
Com doces ondas
Vento em popa, senhores,
Maré de rosas.

Liberdades, escravas
De tal Senhora,
Alegria, que temos
Maré de rosas.

Navegantes felices,
Almas ditosas,
Alegria, que temos
Maré de rosas.

Attenções, que a Maria
Seguis absortas,
Alegria, que temos
Maré de rosas.

Corações rosaristos,
Que anelais glorias,
Alegria, que temos
Maré de rosas.

Oh que navegação tão venturosa,
Pois é norte Maria,
E porto a gloria!
Feliz derrota,
Pois nos leva o Rosario
Com doces ondas
Vento em popa, senhores,
Maré de rosas.

Violante do Ceo.

LXXXIX

A SOLEDADE

Væ soli!

Que voz dolorosa, que tristes gemidos
Os echos retumbam d'antiga Sião?!
Rachel se lamenta dos filhos perdidos?
Não ha consolal-a, porque elles não são?
São ais e saudades, que solta Maria,
Chamando entre angustias seu caro Jesus.
Debalde o procura com tanta agonia!
Do filho que resta?... no monte uma cruz!
A cruz, que sua alma consola e tortura!
Agora na terra seu unico amor!...
Oh vós, que provastes da vida a amargura,
Dizei se ha tormento que eguale essa dor!
O Archanjo, se agora baixasse, Senhora,
Saudando teu nome da parte de Deus,
Esse *Ave* festivo calara d'outrora,
Seus ais compassivos unira co'os teus.
Nem «*Deus é comtigo*» teria juntado,
Que Deus já parece de ti se ausentou,
Deixou mesmo o filho, foi surdo a seu brado;
Do seu desalento Jesus se queixou.
Mas ah! se n'outr'ora te disse *Bemdicta,*
Não menos agora t'o deve dizer;
Que a benção celeste por Deus foi predicta
A quem sobre a terra chorar e soffrer.
Bemdize, pois, Virgem, as maguas que soffres,
Que eterna ventura no céo te darão!
Com ellas, abrindo das graças os cofres,
Alcança conforto p'ra os filhos de Adão.

D. MARIA RITTA CORREIA DE SÁ.

XC

STABAT MATER

HYMNO

(TRADUCÇÃO LIVRE)

Lá junto á cruz dolorosa,
Triste, afflicta e lacrimosa,
Firme estava a mãe constante;
Ergue os olhos tristemente
Ao madeiro, e vê pendente
O seu filho agonisante.
Com o peito angustiado,
E o rosto em pranto banhado,
Oppressa gemia ao ver
Dos braços da cruz suspenso,
No martyrio mais intenso,
O filho a quem deu o ser.
A sua alma enternecida,
Da cruel dor opprimida,
Sentidos ais exhalava;
Conheceu n'aquelle instante
Quanto lhe era penetrante
A ponta da aguda espada.
Veria alguem sem transporte
O filho em ancias de morte,
E o pranto da triste mãe?!
Haveria algum mundano
Tão cruel e deshumano
Que não chorasse tambem?!
'Stava em tanto desamparo
Da Virgem o filho caro!

O que é senhor do céo
Morria crucificado,
A golpes despedaçado,
Por culpas do povo seu!
Ó mãe dos attribulados,
Por meus erros e peccados
Dei causa a tanta paixão;
Em castigo, ó Virgem pura,
Esse calix de amargura
Me entornae no coração.
Longe a terrena alegria
Só em vossa companhia
Quero viver junto á cruz,
De dia e noite chorando
O regicidio nefando,
A morte do bom Jesus.
Fazei que eu logre a ventura,
Que essa morte me assegura,
Doce mãe, fonte de amores;
Tornae meu peito uma fragua
De amor, meus olhos mar d'agua
Para sentir vossas dores.
Para sentir penas tantas,
Essas chagas sacrosanctas
Me imprimi no coração:
Sejam minha guia e norte,
Pois de Christo a acerba morte
É signal de redempção.
Quando os miseros mortaes
Sentirem ancias fataes
Da universal agonia,
P'ra que a chamma me não queime,
Ó doce mãe, defendei-me
Lá n'esse terrivel dia!
E quando ao fim da carreira
Sôe a hora derradeira
D'esta vida transitoria,
Lembrae-vos de mim, piedosa,
E dae-me a paz que se gosa
Comvosco na eterna gloria.

D. Maria José Furtado de Mendonça.

XCI

MULHER, ECCE FILIUS TUUS...
ECCE MATER TUA

S. J. Cap. xix, vers. 26 e 27

Em pé, junto da cruz, Maria, estavas
Vendo morrer na cruz o autor da vida,
Morrer Esse que o céo cobre de nuvens,
E de um aceno a noite enche de estrellas!
Choravas, que eras mãe... mas, filha d'Eva,
Sorrias vendo a pobre humanidade
No sangue d'essa Cruz lavando a nodoa,
Que o primitivo crime lhe estampara.
Do alto da montanha Tu mostravas
Aos povos, a Israel, aos céos e infernos,
Que alli vinhas cumprir sobre o Calvario
O que ao celeste nuncio prometteras,
— Corredemptora ser da raça humana, —
A prol do homem, como Eterno, dando
O mais que tinhas... Deus... Teu proprio Filho.

Chorosos, como Tu, os milhões d'anjos
Que pelos céos e terra, e mar, revoam,
(Quasi invejando o homem, que valia
Do Filho do Senhor o sangue todo)
Prostrados ante o Christo soluçavam,
Vendo humilhado, como réo, Aquelle
Que sobre os mundos erigiu Seu throno.
As festas de Belem, as alegrias
Em prantos se mudavam sobre o Golgotha...
Tudo era lucto e dor, saudades tudo.
Mas quando a Ti Jesus volveu seus olhos
— «Mulher (dizendo), os homens são teus filhos,
«Em meu logar T'os deixo, Eu T'os entrego;

«D'elles todos sê mãe, mãe carinhosa», —
Foi então que o sonoro Hosanna ouviste
Que inteira a creação Te descantava.

Os anjos das nações, banhando as azas
No sangue do Teu Filho moribundo,
Voaram para os povos, que guardavam;
E sobre elles o balsamo espargindo,
Que das nevadas plumas lhes manava,
Em concerto co'os orbes Te disseram:

«Hosanna ao Teu nome, que és cheia de graça,
Bemdicta entre todas! Hosanna, oh Maria!
A serpe do abysmo Teu pé despedaça:
As furias lhe domas: Hosanna, ó Maria!

«O Filho não chores, que houveste do Eterno:
O homem por filho Te fica, Maria!
Invejam-no os anjos, pragueja-o o inferno,
Acatam-no os mundos: Hosanna, ó Maria!

«Das obras divinas não é a mais bella?
Não foi o seu preço Teu Christo, ó Maria?
Tu mesma o remiste, celeste donzella,
Tu mesma o salvaste... Hosanna, ó Maria!

«O que Eva de males causou peccadora,
Saraste, acceitando ser Mãe, ó Maria:
E Mãe dos humanos tornaste-te agora:
Ó gentes reunidas, Hosanna a Maria.

«Que és mãe, tu lhes mostra, que nunca Te esqueces,
Que a Cruz tantos filhos Te deu, ó Maria!
Ao Verbo apresenta seus rogos e preces,
Dizendo-te (escuta-os): Hosanna, ó Maria!

«Do alto lhes brilhes, estrella dos mares,
Nas trevas da vida, piedosa, Maria!
Na angustia consola-os, ó mãe dos pezares,
Recebe-lhe' os cultos: Hosanna, ó Maria!»

D. José Maria da Piedade e Lencastre.

XCII

AVE MARIA

Uma tarde no ermo, exhausto e cheio o espirito
De fervente poesia,
Fui-me a procurar longe á ermida solitaria
A sancta Ave Maria.

O campo ennoitecia: enviava ao céo fragrancias,
Qual thuribulo que arde,
No ar boiavam sons; eram a prece e os canticos
Do hymno christão da tarde;

A voz do lavrador, o vento pelas plúmulas
Da seara extendida
E ao longe entré os pinhaes a longa infantil supplica
Do sininho da ermida.

Hour of love, of prayer, diz Byron, o poetico,
Da hora da Ave Maria:
Oh campo! oh solidão! oh Byron saudosissimo!
Oh poesia! poesia!...

S. Domingos de Bemfica. Maio, 1857.

JULIO DE CASTILHO.

XCIII

SALVE RAINHA!

PARAPHRASE

Salve dos anjos inclita Princeza!
Salve piedosa mãe, por quem bradamos
Os tristes degredados, que arrastamos
As cadeias de quem triumphaste illesa!

A nós os olhos volve, aonde accesa
Brilha a misericordia, em que esperamos;
As lagrimas consola, que choramos
No valle de amarguras e torpeza.

Virgem pura, das virgens soberana,
Ouve os ais, os gemidos allivia
Da fragil geração, da culpa insana.

Eia pois, oh Sanctissima Maria!
Do misero desterro a turba humana
Clemente á promettida patria guia.

DOMINGOS DOS REIS QUITA.

XCIV

SALVE RAINHA

. . . .
Immaculada
Virgem formosa,
Mãe venturosa
Do Salvador:

Salve, Rainha,
Tão piedosa,
Quão poderosa,
De almo dulçor!

Do mar estrella,
Trazes bonança,
Guia, esperança
Do viajor!

Culpados, punidos,
Gememos, choramos,
Ao peso vergamos
De justo rigor.

De maguas, de pranto
No valle habitamos,
E n'elle invocamos
O vosso favor.

. . . .
Ouvi compassiva,
Desde onde reinaes,

Clamores, suspiros
Dos fracos mortaes.

Vossos olhos piedosos,
Terna mãe, a nós volvei,
Ser-nos-ha do vosso filho
Leve jugo a sancta lei.

E depois que findo seja
Este triste exilio nosso,
Nos mostrae do filho vosso
O semblante divinal.

A visão do Omnipotente,
Vosso filho e padre e esposo.
Nos será perpetuo goso
Lá na patria celestial!
Amen.

Antonio José Viale.

XCV

A MONJA

Singular coisa! Uma tarde
eu, o eterno sonhador,
entrei na sombria Egreja
das freiras do Salvador.
Vinha triste; procurei
um canto escuro da nave,
e no ladrilho ajoelhei.
Era por baixo do côro
onde as monjas vão orar;
ouvi chorar, soluçar,
e fallas por entre o chôro.
No templo silencioso
repercutia baixinho
aquelle carpir teimoso,
teimoso qual veio de aguas,
cujo terno murmurinho
tambem, tambem chora máguas.
Presto ouvidos sem querer;
era uma voz de mulher
(uma das monjas talvez)
que sosinha ali gemia;
e d'entre o negror das grades
de quando em quando se ouvia
a voz, que afogada em lagrimas
repetia:
—«Ave Maria,
«cheia de Graça,
«Deus é comvosco!
«benta sois Vós!
«Bento é o fructo

«do vosso ventre!
«Santa Maria,
«rogae por nós.»

Que é isto?—pensava eu;
Que tristezas são aquellas?
Que revôltas agonias
n'aquellas phrases singelas?!
Brilhava solemne a lampada
nas sombras do Sanctuario;
tudo era silencio em torno;
todo o templo solitario.
—Meu Deus! Senhor! Pois aqui—
pensava eu—n'este encerro,
n'esta casa de virtude,
tambem ousa entrar a dor?!!
Porque geme aquella monja?
Porque geme, alto Senhor?!...
Estas paredes são puras;
o mundo, e os seus vendavaes,
não transpõem com dores impias
para aquem d'esses hombraes,
para alem d'aquellas portas.
Por que hão-de pois estas pombas,
mortas já, e em vida mortas,
sentir, como os peccadores,
pungir tammanho amargor?
Se lhes não valeis, Senhor,
onde hão-de ir buscar abrigo,
estas doces foragidas,
se a mão do Celeste Amigo
não as sustém na agonia?
E em quanto eu assim pensava,
misturada co'os soluços,
na nave austera e sombria
repetia a triste voz:
—«Ave Maria
«cheia de Graça,
«Deus é comvosco!
«benta sois Vós....»

Valeu-lhe a oração, Senhor.
A oração vale bem mais

do que o pranto afogador,
e os desesperos fataes.
A oração é a vida;
é a ponte, o elo de amor
entre a fragil creatura
e o Divino Creador.
A oração é a força;
é o abraço de Jesus;
é o allivio sobrehumano
das agonias da Cruz.
Fosse qual fosse a amargura
da monja do Salvador,
manso, mui manso, a tormenta
vai serenando; um torpor
a vai tomando; vislumbra
não sei que lampejo ethereo
lá do fundo da penumbra.
E vi (porque o vi, meu Deus,
co'a alma, que não co'os olhos),
vi que pura e resignada
a pobre monja se erguia,
e que o seu leito de abrolhos
em rosas se convertia;
e que a sua voz inda tremula
como rola que esvoaça
já mais brando repetia:
—«Ave Maria
«cheia de Graça!....»

Oh! delicias da oração!...
pensava eu restaurado
ao sair d'aquelle templo
com mais Fé no coração,
mais confiança no Senhor.
E quando a nave descia
da Egreja do Salvador,
inda ouvia a triste monja
que na sombra repetia:
«Ave Maria!.....
«Ave Maria!....»

....

JULIO DE CASTILHO.

XCVI

AVE MARIAS

. . . .
Lá, por traz da penedia,
tange a campa do Convento;
é o placido lamento
da singela Ave-Maria.

✠

Orae! é a hora divina,
em que as nossas orações
se exhalam dos corações,
como o vapor da campina.

Nossas lagrimas sem fito,
nossa ineffavel tristeza,
são o arfar da Natureza
para o Mysterio Infinito.

Não ha, não ha sentimento
como o que esta hora encerra;
é o suspiro da Terra
adejando ao Firmamento.

*

Todo o mal emmudeceu;
e a nossa alma, como a ave
abriu azas, e suave
remontou-se até ao Ceo.

Maria, Nuncia do Bem,
clara Estrella vespertina,
luar que nos illumina,
Virgem-Mãe, que és nossa mãe;

de agonias e orphandades
ó meiga Consoladora,
eis-te comnosco, ó Senhora,
na hora santa das Trindades.

*

Ás horas do entardecer,
sáis dos áditos celestes,
e por tuas mãos, já prestes
a esmola nos vens trazer:

ás mentes atribuladas
uma aragem de bonança;
aos tibios, a fé, a esp'rança;
allivio ás forças cançadas;

macia pennuge ao ninho;
socego á oppressa consciencia;
e em tudo a casta influencia
do teu maternal carinho.

*

Que de intensas alegrias
sente o espirito um momento,
ao som do triste lamento
do tanger de Ave-Marias!...

✠

Do enfermo, do solitario,
te vais, subtil, acercar;
e ouvimos o teu chamar
no vibrar do campanario.

Por onde quer que Tu passas,
ó Flor dos castos amores,
diz o perfume das flores:
MARIA, CHEIA DE GRAÇAS!...

Das aves o papear,
e dos anhos o balído,
saúda em terno vagido:
MARIA, ESTRELLA DO MAR!...

*

Na antiga nave sombria,
das virgens a turba santa
aos gemidos do orgão canta:
VIRGEM DAS VIRGENS, MARIA!...

O maritimo escarceo
do ceruleo mar profundo
retrôa aos confins do mundo:
MARIA, PORTA DO CEO!...

E os soes, com lettras de luz,
ao pressentir-te a presença,
traçam na abóbada immensa:
MARIA, MÃE DE JESUS!...

*

Quando os teus pés, Virgem pura,
pisam as nossas soidões,
cantam as Sacras Legiões
com indizivel ternura;

e ouvindo o bradar dos sinos,
os teus Anjos, pressurosos,
aos nossos ais lacrimosos
misturam seus santos hymnos.

Oremos pois, que no orar
de instantes assim devotos,
co'os nossos unem seus votos
o Empyreo, as terras, e o mar.

*

Não ha, não ha poesia
que restaure almas penadas,
como as longas badaladas
da singela Ave-Maria!...

✠

Julio de Castilho.

XCVII

MATER DOLOROSA

SONETO

Quando, Virgem, diviso teu semblante,
tão cortado de lucto e de amargura,
sumido em mar de dó, torvo e espumante,
o eterno sol da tua formosura,

quizera até morrer; mas, nesse instante,
cheio de pejo, cheio de tristura,
por fugir a esse olhar dilacerante,
cuido pequena a propria sepultura.

Abysmos de peccado uma só baga
de teu olhar bemdicto extingue e paga;
mas nossa culpa, ó doce mãe gemente,

na dôr que te esmorece é tal, tamanha,
que mal basta a apagal-a essa torrente
de amargo pranto que teu rosto banha.

José de Sousa Monteiro.

XCVIII

O ANNEL DE JOANNINHA

(IMITAÇÃO DO FRANCEZ)

Perdeu a pobre Joanninha
o seu annel de oiro fino;
(bruxa lh'o furtou da mão).
Procura, procura em vão,
não apparece o mofino.
Cobra esp'rança, Joanninha,
na celeste intercessora:
verás como o encontras já;
todo o perdido está lá
no regaço da Senhora.
Lá vai a triste Joanninha,
tão sósinha e tão chorosa,
resando caminho além.
Mas lá vem dos ceos, lá vem
um Anjo faces de rosa.
Lá desce, e diz: — «¡Joanninha!
«venha lá esse sorriso;
«o teu annel vel-o aqui.» —
¡Ella o toma, e chora, e ri!
todo rescende a paraizo.
Já se vê rir a Joanninha;
e diz: — «Orar com fé viva
«é bem melhor que chorar.
«Não ha prece, a que no altar
«a Mãe de Deus seja esquiva.»

JULIO DE CASTILHO.

XCIX

NA PAIXÃO DE CHRISTO

ELEGIA

. . . .

Vós, altos céos, de lá da mór alteza,
Bem sei quanto sentis a Divindade
Em tal miseria posta e tal baixeza.
Pois vêdes o Senhor da majestade,
Que vos creou de nada, submettido
Por amor puro aos pés da humildade.
Senhor, que amor foi este tão crescido,
Que tão dobradas forças faz singelas,
Só por tão alto, baixo e abatido?!
Oh preciosas chagas roxas, bellas
Luminarias da noute tenebrosa,
De toda luz privada das estrellas.
Oh cruz bemdicta, chara, preciosa,
Contempla bem o passo que te deram,
Oh corôa d'espinhos amargosa.
Vós, sanctos cravos, quando vos metteram
Á força de martello, logo á hora
As serpentes e dragos s'esconderam.
Oh coração, oh alma, quem não chora
Vendo-te, Redemptor, com tantas dores,
Em pedra viva de diamante mora.
Que não contemplais isto, peccadores,
E derramais mil lagrimas no dia
Vendo o Senhor tão triste dos Senhores.
Tu, Virgem pura, Sancta Ave Maria,
Cheia de graça, esposa, filha e madre,
Mais formosa que o sol ao meio dia,

Que vás buscando ao esposo, filho e padre,
Qual cordeira perdida da manada
Sem guarda de pastor, nem cão que ladre;
Vae, Rainha dos Anjos mui amada,
E preciosa pedra diamantina,
De perfeições e graças esmaltada;
Vae, estrella do mar, vae, luz divina,
Escolhida do céo, vae, cordeirinha,
Branca açucena e rosa matutina;
Vae caminho da gloria, vae, pombinha
Branca sem fel, bamdicta antre as mulheres,
Vae, mãe da lei da graça, vae asinha
Ao monte calvario, se ver queres
Ao teu precioso filho antes de morto,
Desconsolada vae, vae, não esperes.
Ao qual acharás bem sem conforto,
Posto na cruz, por partes mil chagado,
Por nos dar socegado e manso porto.
Escarnecido, só, desamparado
Antre dous malfeitores condemnados,
De phariseus e armas rodeado.
Oh duros corações desatinados,
Cegos, maldictos, torpes de má casta,
Lobos, no sangue justo encarniçados:
Dizei que Tigre Hircano ou que Cerasta,
Qu'Aspe, Basilisco, ou que Dipsarta,
Das quaes a quente Lybia é cheia e basta;
Que Thracia, Grecia, Colchos, Scythia, Sparta,
De tragicos insultos nunca farta,
Ou que barbara gente crua e fera,
Humana não deixara e não perdera
A crueldade toda, se te vira,
Jesus benigno, posto na Cruz vera.
. . . .

LUIZ DE CAMÕES.

II

NOTAS

NOTAS[1]

Anthero Tarquinio do Quental (X), filho de Fernando do Quental, nasceu na ilha de S. Miguel a 18 de abril de 1842. A formosissima poesia que d'elle tomamos pertence a um elegante opusculo que consta de 28 sonetos, colleccionados pelo redactor do jornal a *Renascença,* o sr. Joaquim de Araujo. Foi impresso no Porto em 1880, e com o titulo de PLENA GRATIAE já se publicara em 1875 no *Cenaculo* (pag. 110 e 111), jornal redigido pelo sr. Candido de Figueiredo.

O mesmo sr. Candido de Figueiredo num dos seus livros (*Homens e Letras,* pag. 166 e 167) refere o modo como recebeu esta poesia: «Aqui tem (diz elle em conversa com o Marquez de Sousa)...: é um soneto firmado por um dos nossos collaboradores mais distinctos. Intitula-se *Plena gratiae,* e é dedicado á Virgem Sanctissima, Senhora nossa. — De quem é? — Adivinhe. — Sei lá! pelo assumpto parece ser de estudante de Seminario... — Pois saiba que é de um socialista, de um republicano, talvez de um atheu. — Então é troça. — Pois não é. Veja. É um soneto respeitoso, grave e serio, como é serio e grave o seu auctor, Anthero do Quental.»

Em 1886 editou o sr. J. P. Oliveira Martins os *Sonetos completos de Anthero do Quental,* volume de 126 paginas, tambem impresso no Porto, precedido de uma elegante

---

1 A numeração romana que entre parenthesis acompanha cada nome de poeta indica o numero da poesia ou poesias que lhe pertencem.

introducção do editor, onde se incluem algumas outras poesias do mesmo poeta. Os SONETOS são 110, divididos em cinco series, comprehendendo 20 a primeira (1860–1862), 28 a segunda (1862–1866), 17 a terceira (1864–1874), 23 a quarta (1874–1880) e 21 a quinta (1880–1884). Pertence á quarta o que dedicou á *Virgem Maria* (pag. 88). É tambem religioso o ultimo da collecção, que se intitula *Na mão de Deus*.

O sr. Oliveira Martins dá a sua opinião a respeito d'este lyrico notavel: «É sabidamente, diz elle, um poeta na mais elevada expressão da palavra; mas ao mesmo tempo é a intelligencia mais critica, o instincto mais pratico, a sagacidade mais lucida, que eu conheço. É um poeta que sente, mas é um raciocinio que pensa. Pensa o que sente; sente o que pensa... Anthero do Quental não *faz* versos á maneira dos litteratos: nascem-lhe, brotam-lhe da alma como soluços e agonias. Mas, apezar d'isso, é requintado e exigente como um artista: as suas lagrimas hão de ter o contorno de perolas, os seus gemidos hão de ser musicaes. As faculdades artisticas geradoras da estatuaria e da symphonia são as que vibram na sua alma esthetica.»

O soneto que inserimos lembra-nos o do visconde Henrique de Rochefort, que se publicou em 1854, dedicado á CONCEIÇÃO, e que reproduzimos.

LA CONCEPTION

Toi, que n'osa frapper le premier anathème;
Toi, qui naquis dans l'ombre et nous fis voir le jour,
Plus Reine par ton coeur que par ton diadème,
Mère avec l'innocence et Vierge avec l'amour,
Je t'implore là haut, comme ici bas je t'aime,
Car tu conquis ta place au céleste séjour;
Car le sang de ton Fils fut ton divin Baptême,
Et tu pleuras assez pour régner à ton tour.
Te voilà maintenant près du Dieu de lumière,
Le genre humain courbé t'invoque la première;
Ton sceptre est de rayons, ta couronne est de fleurs.
Tout s'incline à ton nom, tout s'épure à ta flamme,
Tout te chante, ó Marie! et pourtant quelle femme
Même au prix de la gloire eut bravé tes douleurs?

Luçay — 1854.

VICOMTE DE ROCHEFORT.

Este visconde é hoje o cidadão Rochefort, o revolucionario, celebre desde a Communa em 1871 até hoje que apoia o general Boulanger. D'este peregrino engenho nos escreveu ha pouco um nosso venerando amigo: «Il ne faut pas désespérer de son retour à des sentiments chrétiens. La Mère de miséricorde qu'il a glorifiée dans ses beaux vers aura pitié de cette pauvre âme égarée par les doctrines perverses du siècle.»

E noutra parte accrescenta: «Révolutionnaire au premier chef, il a pris part à tous les complots, à toutes les émeutes sous le règne de Napoléon III et sous la seconde république. Plusieurs fois enfermé à Sainte Pélagie, c'est dans la prison qu'il s'est marié, et, chose curieuse, il a voulu contracter un mariage non civil seulement, mais religieux. Exilé à Nouméa, il rompa la vigilance de ses gardiens, il retourna en France. Actuellement il est en Angleterre auprès du fameux Boulanger et sera prochainement jugé par la Haute-Cour comme complice du général accusé d'attentat et de complot contre la sureté de l'Etat — la République.»

Antonio d'Azevedo Castello Branco (XLVIII), filho de Francisco José d'Azevedo, natural de Villarinho da Samardam, districto de Villa Real, é bacharel formado em direito; e na escala administrativa tem sido, segundo diz seu tio materno, o sr. Camillo Castello Branco, visconde de Corrêa Botelho, (*Serões de S. Miguel de Seide*, vol. III, pag. 93 e 94) administrador do concelho, primeiro official do governo civil, presidente á junta geral do districto, vice-governador civil. Foi deputado ás côrtes e é presentemente sub-director da Penitenciaria de Lisboa. Publicou ha pouco tempo a *Lyra meridional*, collecção de poesias, que seu tio analysou, e onde se inclue a que hoje selectamos.

O *Nascimento de Christo* é uma poesia que pertence indubitavelmente á *sasão ditosa* (palavras de Camillo) que o poeta passou em Coimbra, onde primeiro frequentou o lyceu, e depois a Universidade no classico quinquennio d'uma formatura de 1860 a 1865. Encontramos a sua collaboração no volume XIII do *Instituto* de parceria com Anthero do Quental e Theophilo Braga, Costa Simões e Rodrigues de Gusmão, Luiz Carlos, Chaves e Castro e outros. Era então este jornal redigido pelo saudoso dr.

Antonio da Cunha Vieira de Meirelles. O sr. Antonio d'Azevedo escrevia em prosa sobre a *Biblia como livro de educação*, e em verso o *Nascimento de Christo*. Esta poesia vem a pag. 89 e 90. A origem de tão formoso poemeto filia-se por ventura na identidade do dia de nascimento, pois o poeta nasceu a 25 de dezembro de 1842, dezoito seculos e meio (menos oito annos) depois do divino Salvador. Diversificam porém muito as duas edições de 1865 e 1885, como se póde ver e cotejar perante os dois livros. Nós extractamos este fragmento do *Jornal da Manhã* de 12 de outubro de 1885 (n.º 270, anno 14.º).

No congresso juridico de 1889, que neste anno, se celebrou em Lisboa, o sr. A. Castello Branco distinguiu-se muito por um excellente livro relativo ao assumpto das penitenciarias e pelos seus discursos.

Antonio Diniz da Cruz e Silva (XXXIII). Conhecemos todos este insigne poeta, o famoso Elpino Nonacriense. O *Hyssope* e as *Odes Pindaricas* formaram o pedestal da sua fama; outras muitas poesias testemunham a fecundidade do seu ingenho. Este varão erudito fundou a Arcadia Lusitana em 11 de março de 1756 conjunctamente com Theotonio Gomes de Carvalho (Tirse Minteu) e Manuel Nicolau Esteves Negrão (Almeno Sincero). A estes se associaram, entre outros, Pedro Antonio Correia Garção (Corydon Erymantheo), Domingos dos Reis Quita (Alcino Micenio), Manuel de Figueiredo (Lycidas Cynthio), Manuel Pereira de Faria (Sylvio Aquacelano), Francisco José Freire (Candido Lusitano), e outros que omittimos por brevidade, pois é longa a lista. Além d'isso, se não ha duvida em certos nomes bem averiguados, ha outros que se não combinam na citação arcadica ou que se reputam extranhos a esta associação. A primeira conferencia solemne teve logar no dia 19 de julho de 1757. O local onde se celebravam as sessões denominava-se *Monte Menalo*, e no sello da secretaria lia-se insculpida a inscripção: *Sigillum Moenali Pastorum*. Os arcades, designados como *alumnos*, escolhiam cada um para si nome e sobrenome de pastor, adequados para esta ficção e pelos quaes eram conhecidos e nomeados em todos os exercicios e funcções da Arcadia. A divisa ou empreza consistia num meio braço, armado d'um podão, com o lettreiro: *Inutilia truncat*. O emblema

era um LIRIO, allegoria da VIRGEM NOSSA SENHORA, que sob o mysterio da sua CONCEIÇÃO IMMACULADA era venerada como protectora nata da sociedade. Na conferencia publica, que em sua honra se celebrou no Menalo em 8 de dezembro de 1757, recitou Elpino uma ode pindarica, de que é variante a que copiamos. Vem inserta no tomo III (que contém as poesias lyricas), pag. 279 a 282, das *Poesias de Antonio Diniz da Cruz e Silva, na Arcadia de Lisboa Elpino Nonacriense*. Lisboa, 1812.

O manto da VIRGEM MARIA cobriu sempre este reino desde a sua fundação até hoje. Affonso Henriques invocou em seu auxilio a Virgem do Claraval, D. João I a Senhora da Victoria em Aljubarrota, D. Manuel a do Restello na descoberta da India, D. João IV tomou a purissima CONCEIÇÃO como nossa padroeira. Antes de definida como dogma, a Universidade já a jurava nos seus graus, e a Arcadia Ulysiponense a jurava e cantava nas suas conferencias. Este influxo religioso domina os corações, avassallando as vontades mais intransigentes. É *columna* que sustenta a nossa fragilidade, *nuvem* que purifica o ambiente mundano em que vivemos [1].

Elpino Nonacriense nasceu em Lisboa a 4 de julho de 1731, filho de João da Cruz Lisboa e de sua mulher Eugenia Thereza, e falleceu no Rio de Janeiro em fins de 1799 ou principios de 1800. Cursou os estudos juridicos em Coimbra e seguiu a carreira judicial. Em muitas poesias allude ao Mondego, e mais vezes ainda ao seu patrio Tejo. Rebello da Silva publicou um excellente estudo sobre este arcade nos volumes do *Panorama* de 1855 e 1856; Innocencio inseriu uns copiosos apontamentos da sua vida no *Archivo Pittoresco*, vol. I (1858), e no *Diccionario bibliographico*, tomo I, pag. 123 a 127, accrescenta mais algumas noticias, a que adjudica um juizo de Pato Moniz que não é muito favoravel ao poeta. Como quer que seja, Diniz é muito distincto; muitas das suas odes anacreonti-

---

[1] O sr. dr. BERNARDO A. DE MADUREIRA nas suas *Institutiones Theologiae Dogmaticae Specialis*, vol. I, pag. 249, attribue estas comparações ao nosso thaumaturgo, Sancto Antonio, coevo do principio da monarchia.

cas são mimosas, os idyllios singelos e essencialmente bucolicos, os dithyrambos engraçados e eruditos.

Sobre tudo porém alumia a vida do poeta por valiosas investigações e fino criterio o estudo biographico do sr. José Ramos Coelho, que precede a edição critica do Hyssope de 1879, edição que se pode considerar como monumento singular á memoria d'aquelle que Bocage denominava

Cantor da gloria, majestoso Elpino.

Antonio Duarte Gomes Leal (XLIX) nasceu em Lisboa a 6 de junho de 1848. Assim como Camões foi um *trinca-fortes* com a espada, o sr. Gomes Leal aspirou a sêl-o com a penna. Foi poeta satanico, um *bulhento,* um *estroina* inoffensivo, que por fim nos deu a *Historia de Jesus,* leitura para as creancinhas. É um lindo livro, primoroso na edição e de poesia vivida e elegante, deliciosamente amoldada á infancia. Foram seus editores a firma Santos Valente & Faro, e conta 128 paginas com oito não numeradas. Imprimiu-se em 1883.

Do seu *prologo* copiamos os periodos seguintes: «... de todas as historias que se podem contar ás creanças para lhes formar o coração e as pequeninas almas virgens, qual póde ser mais propria e mais poetica do que a de Jesus?... todas as maximas moraes, todos os apologos dos fabulistas, todas as lendas floridas das fadas, podem servir acaso mais felizmente para a orientação moral das creanças, póde alguma ser mais maravilhosa do que a historia d'esse simples poeta da Galiléa, que vivia no meio da Natureza e das almas virgens, ensinando a encher as redes aos pescadores, conversando com as samaritanas, convertendo os publicanos, consolando os doentes?

Esta historia vale, de certo, mais para a imaginação infantil do que a do proprio Aladin com a sua lampada magica e os seus jardins com arvores de fructos de esmeraldas e carbunculos. Os deuses de todas as velhas theogonias, á excepção do Krishna da India, apparecem logo nas liturgias primitivas guerreiros, conquistadores violentos, symbolizando as forças da natureza;—mas logo no uso do seu poder, da sua força, da sua majestade, Jesus apparece-nos com toda a poesia florida da infancia! É portanto um Deus meigo, humano, piedoso, que as crean-

ças amam logo no collo das mães, e que lhes ensinará a Piedade, a Justiça, a Honestidade. Mais tarde, se deixarem de ser uns mysticos, e penetrarem mais na humanidade: se abandonarem as crenças da infancia, continuarão a respeital-o sempre como um integro caracter immaculado, e um moralista.

Que historia pois mais florida, mais ideal, mais infantil, do que a historia de um Deus que brincou com as creanças? Ensinem-lhes a taboada; — mas dèem-lhes tambem á alma a poesia, a moral, a imaginação!»

A proposito d'este distincto poeta portuguez apresentamos uma poesia de Vicente Raspail, o conhecido apostolo da camphora, por elle composta em 1813, quando estava no seminario de Avinhão. É insuspeito este insigne republicano.

L'ASSOMPTION

Que nos chants réunis étonnent la nature;
Que les plus doux transports s'emparent de nos coeurs;
La Mère du Très-Haut, la Vierge la plus pure
Permet que notre voix célèbre ses grandeurs.
Dans les terres d'exil, hélas! dès sa naissance
De peines, de douleurs son coeur fut agité:
Son triomphe est venu, le lys de l'innocence
Embellit les vallons de la félicité.
Quelle est celle qui part, plus belle que l'aurore,
Que des anges sans nombre enlèvent à nos yeux?
On le voit à ses traits, l'amour saint la dévore!
Mortels, c'est notre Mère et notre Reine, ó Cieux!
Les lyres d'or déjà s'unissent aux cantiques,
De son éclat brillant les cieux sont étonnés.
Elle entre, elle aperçoit sous les sacrés portiques
L'Éternel qui l'admire et les Saints prosternés.
O' délices des cieux! Recevez nos hommages,
Ouvrez-nous un asyle en nos malheurs divers;
Lorsque des passions s'excitent les orages,
Venez, Arc radieux, venez calmer les airs.

1813.

VINCENT RASPAIL.

D'este homem tão illustre diz-nos o mesmo digno informador de Rochefort o seguinte: «François Vincent Raspail naquit à Carpentras (Vaucluse, France) le 14 janvier 1794. Son père tenait un restaurant fort achalandé; sa

mère, femme chrétienne, inspira de bonne heure au jeune François des sentiments religieux.

L'abbé Eysséric, vénérable prêtre de cette ville, avait fait vœu de consacrer sa vie à instruire et à soulager les pauvres; il était regardé comme un puits de science. La maison du digne abbé était une école gratuite; François était son meilleur élève. Modeste et cédant à l'influence de sa famille, il voulut entrer dans l'état ecclésiastique. Le grand Séminaire d'Avignon lui ouvrit ses portes. A 17 ans, avant d'avoir terminé ses études théologiques, on lui donna la chaise de philosophie; il a été le professeur de plusieurs évèques et archevèques.

En 1812, à peine âgé de 18 ans, quoiqu'il ne fût pas dans les ordres sacrés, on lui permit de prêcher dans la métropole le 2 décembre, anniversaire de la bataille d'Austerlitz. Son discours, tout brûlant de patriotisme, fit tant d'impression sur l'auditoire, qu'on l'envoyât à Napoléon I qui le renvoya au préfet de Vaucluse avec cette annotation: — «qu'on s'occupe de ce jeune homme, il ira loin.» — Devenu professeur de théologie, il crut découvrir que les théologiens modernes étaient en désaccord avec les anciens. Sommé de se rétracter, il quitta le séminaire, partit pour Paris, et devint un ennemi acharné du catholicisme. Flatté et adulé partout, l'orgueil le perdit, comme il en a perdu tant d'autres.

De 1815 à 1824 nous voyons notre héros en lutte avec le besoin. Il donne des leçons privées, entre en qualité de professeur dans plusieurs maisons d'éducation; enfin la politique acheva sa perte, nous le voyons prendre part aux émeutes, aux complots des révolutionnaires contre l'Empire et plusieurs fois enfermé à Sainte Pélagie. Les premières notions qu'il avait reçues de l'abbé Eysseric jalonnèrent sa marche vers les découvertes réellement prodigieuses dans la chimie, la botanique et dans les sciences naturelles. Il a laissé de nombreux et savants ouvrages; il s'est rendu surtout célèbre par son apologie du camphre, qui est à ses yeux la panacée universelle. A ce propos, nous citerons le calembour de Louis Blanc, qui le voyant arriver à l'Hotel-de-Ville, au pouvoir des insurgés, s'écria: — Voici mr. Raspail, qu'en ferons nous? — *Camphrons-nous.*

François Vincent Raspail était marié; il a laissé plusieurs enfants qui partagent l'opinion de leur père.»

Antonio Feliciano de Castilho (VII, XXIX, LI), primeiro visconde de Castilho, nasceu em Lisboa na rua de S. Roque a 26 de janeiro de 1800, filho do doutor José Feliciano de Castilho, lente de medicina, e falleceu na mesma cidade em 15 de junho de 1875. Um nosso amigo e distincto litterato disse d'este marechal das lettras o seguinte: «Amou a natureza e a arte, e desatou-se em canticos que ficarão echoando na historia da litteratura portugueza. Interpretou Anacreonte, Virgilio, Ovidio, Shakspeare, Goethe e Moliére, emprestando áquelles peregrinos ingenhos as maiores riquezas da lingua de Fr. Luiz de Sousa.» (Veja-se o *Cenaculo*, vol. 1.º, pag. 161.)

Foi da traducção que Castilho fez do *Fausto* de Goethe (publicado em 1872 como *tentativa unica* do theatro do celebre dramaturgo allemão, pag. 305—307) que extrahimos a prece angustiosa de Margarida (VII). Esta traducção de Castilho foi muito discutida, como se sabe, na imprensa, distinguindo-se na accusação os srs. Francisco Adolpho Coelho e Joaquim de Vasconcellos e na defeza o sr. José Gomes Monteiro.

Entre as poesias religiosas de Castilho sobresahe eminente no seu genero o *Rimance da Senhora da Nazareth*, publicado nos *Quadros historicos de Portugal* (1838), pag. 60 e 61, que pertencem ás *notas* do quadro setimo. Este mesmo rimance foi trasladado mais tarde para a collecção de poesias do mesmo auctor, intitulada o *Outono* (1863), pag. 153 a 171.

Foi d'aqui que extrahimos o canto III (XXIX), o qual contém a *prophecia* de Romano, o monge cauliano que a tradição refere que acompanhara o rei godo D. Rodrigo depois da batalha do Guadalete. Conhecida e popularissima é a tradição, assim como o milagre de Fuas Roupinho, o alcaide de Porto de Moz. Este rimance ou chacara, pois qualquer d'estas denominações lhe cabe, é das melhores cousas do nosso poeta, que não se tornou inferior a Garrett neste gracioso trovar, eminentemente nacional. No começo justifica elle o encanto que estes contos despertam, contados tradicionalmente no curso das edades.

> Não ha taes memorias de tanto deleite,
> por onde a vontade melhor se esperguice,
> como as que rescendem aos beijos e leite
> de nossa apartada feliz meninice.

Cavar pelas minas de fundas verdades
é nobre fadiga:
mas contos contados de edades a edades
tem força de encanto que a todos obriga.

Lidae á luz triste das lampas nocturnas,
cobri-vos de brancas, minciros da historia,
mandae-nos bom oiro das lobregas furnas
que a vida vos comem sedenta de gloria:
e nós fundidores
d'esse oiro que achardes, e seus polidores,
fa-lo-hemos estatuas aos olhos do dia;
e porque as o povo frequente á porfia,
as c'rôas sabidas lhes pômos de flores.

O *Cantico da Noite* (LI) vê-se que foi composto por ventura numa hora de tribulação, recorrendo no cerrar das palpebras ao auxilio da VIRGEM. É uma poesia adoravel. A correcção da fórma, puritanamente classica, casa-se com a elevação e nobreza da ideia. É um poemeto excellente. Que pintura sublime a da primeira estrophe na transição natural e insensivel do dia para a noite! Que accumulação riquissima de imagens, que emmolduram uma enargueia tão energica! Nas outras seguintes revela-se uma elegia suave, impregnada de affectos, onde sobresahe espontanea a tristeza que repassa as horas que se immergem nas trevas.

Pedindo nós ao sr. J. de C. que segurasse com a sua revisão uma prova d'esta poesia, respondeu-nos o seguinte, que trasladamos da sua carta como nota preciosa que a completa: «Neste momento, depois de escripta e fechada esta, chega-me o seu bilhete com a prova do *Cantico da Noite*. Revi-o, e devolvo-o. As emendas são importantes. Peço a maior attenção para ellas.

«Na 4.ª estrophe substitui *fundo* por *curso*.[1] Ouvi assim esse verso a meu Pae; não posso agora verificar se em alguma das vezes que esta poesia saiu impressa appareceria já assim: mas (além de achar boa a alteração) é authentica. Tenho isso tudo muito presente. Foi a ultima poesia que lhe ouvi recitar, numa soirée em minha casa,

[1] Servira de norma para a copia da poesia a edição da *Revista Universal Lisbonense*, tomo x, 1840, onde se emprega o termo *fundo*, convertido effectivamente noutras partes em *curso*.

na Travessa do Convento das Bernardas, em 30 de dezembro de 1873, inauguração do retrato d'elle pelo Lupi na parede do meu salão. Elle estava sentado junto ao movel sobre o qual assentava aquella enorme tela, esplendida obra, talvez a melhor producção de Lupi.

«Dos versos em si, que lhe posso dizer? Compol-os meu Pae em Ponta Delgada; isso é que eu sei. Quem não ouviu meu Pae recitar nessa tal noite que lhe digo, não ouviu uma das coisas mais bellas e artisticas do mundo: elle já muito quebrado, com a sua nobre apparencia, as suas barbas brancas crescidas, e a sua admiravel voz como que já velada de melancholia senil, mas ainda rica de meios tons e gradações finissimas. Toda a assembleia (que era numerosa) escutando num silencio respeitoso.—Foi assombroso!—me dizia um amigo—nunca tive uma impressão artistica d'esta ordem.»

Involveu-se por vezes o nosso poeta em polemicas acaloradas, que sustentou por meio da penna já com summidades litterarias, já com os adversarios do seu methodo de leitura, já com a eschola denominada coimbrã, etc.

Quando se publicou o *Eurico* de Alexandre Herculano, Castilho impugnou-o com severidade por insinuar o suicidio como desenlace preferivel para as contrariedades da vida e miserias d'este nosso mundo sublunar. Contra Silvestre Pinheiro Ferreira combateu porfiada e desenvolvidamente a proposito d'um artigo sobre a *Oração do christão,* que aquelle publicara no jornal conimbricense o *Christianismo.* Esta discussão tornou-se famosa, porque Silvestre Pinheiro appellou para Roma e obteve provimento no seu aggravo. Todos os escriptos de Castilho revelam de modo invariavel, além do merito litterario, muito amor pela patria, zelo pela religião e entranhado desvelo pelo ensino do povo. Todos os que hoje escrevem são mais ou menos discipulos seus, e a sua memoria veneranda durará sempre pura em quanto se fallar e ouvir a lingua portugueza.

Antonio Ferreira (XLII). Com o nome de Francisco de Sá de Miranda anda enlaçado o de Antonio Ferreira, por serem os dois primeiros consules da republica classico-litteraria portugueza. Ambos eminentes no ingenho e fecundos na erudição, são ainda modelos de gosto e exemplares para estudo. Foi Miranda mais philosopho, Ferreira

mais lusitano; o primeiro distinguiu-se em duas litteraturas e o segundo timbrou em sobresahir só na litteratura patria.

Ha entre nós tres poetas horacianos, qual mais perfeito, difficeis na competencia, abundantes todos de primores de linguagem: Ferreira, Garção e Filinto Elysio. Ferreira, se é o primeiro na chronologia, não o é menos na concisão, embora o Garção pareça mais ornado e Filinto mais energico; as suas odes e elegias regorgitam com os thesouros do Lacio. É admiravel na tragedia *Castro,* conceituoso nos epitaphios, sobriamente didactico nas cartas, concertado nos sonetos: em tudo mestre excellente.

Para o nosso *Parnaso* selectamos de suas obras o soneto á *Virgem da Lapa,* que se encontra no tomo primeiro de seus *Poemas Lusitanos,* edição de 1771, pagina 92, com o numero XL.

Foi este poeta muito estimado de seus contemporaneos, que com elle se carteavam. Pedro de Andrade Caminha lhe diz na sua Epistola IX:

> Antonio, quando vejo o ingenho raro,
> O puro esprito que nos vás mostrando,
> O estylo facil, alto, limpo e claro,
> Vejo que vás em tudo renovando
> Aquella antiguidade, qu'inda agora
> Com grande nome e fama está espantando.

Diogo Bernardes na sua Carta XII, logo no introito, exclama com energia:

> Ferreira meu, não meu que foste dado
> Do céo ás nove Irmãas, para que sejàm
> Postas por ti no seu antigo estado;
> Ouvir teu doce canto já desejam
> Tejo, Mondego, Douro, Neiva e Lima,
> Por onde o curso seu mais brando rejam,
> Dos quaes se não fará menos estima
> Que d'Arno, Mincio, e Pó, Sorga, e Sebeto
> Ouvindo em suas praias tua rima,
> Ouvindo aquelle som brando, e quieto
> Que vai fazendo inveja ao que o famoso
> Anfriso ouvia do pastor do Ameto.

No primeiro dithyrambo de Diniz enfileira-se uma collecção graciosa dos nossos classicos, por cada um dos quaes

o poeta vai brindando com a taça em punho. O brinde que endereça ao Ferreira é o seguinte:

> Esta de roxo vinho taça cheia,
> Sangue espremido da gentil parreira,
> Consagral-a pretendo ao bom Ferreira.
> Ferreira illustre,
> Que por modos diversos
> Ou deu versos ás leis, ou leis aos versos.
> Ferreira, que, assombrando a culta Athenas,
> Calça o cothurno ás tragicas Camenas:
> E na lyra sonora e som campestre
> É dos nossos pastores sabio mestre.

Antonio Ferreira nasceu em Lisboa em 1528 e doutorou-se na Universidade. Falleceu em 1569 da peste que neste anno assolou o reino, contando 41 annos escassos.

* **Antonio José Viale Lodi** (XXIII, XCIV). Este amavel cavalheiro e litterato distinctissimo nasceu em Lisboa em 1806, contando porisso hoje (1886) perto de oitenta annos de edade. Foram seus paes José Viale, primeiro pintor de miniatura da camara e côrte, e D. Antonia Lodi, ambos genovezes. Concluidos com muito aproveitamento os estudos de humanidades em 1826, estudou Theologia Dogmatica, Moral, Escriptura e Canones sob a direcção de Monsenhor D. Carlos Mignardi, que então era auditor da Nunciatura. Em 1827 foi-lhe offerecido o priorado de S. Miguel de Cintra, de que era padroeira a imperatriz-rainha D. Carlota Joaquina, e que rendia cinco mil cruzados, tendo apenas 40 fogos. Porque não sentia vocação para o estado ecclesiastico não acceitou. Em 1828 foi nomeado amanuense de primeira classe da secretaria de estado dos negocios extrangeiros, tendo aliás pedido o logar de segunda classe; e em 1833 foi promovido a official ordinario. Foi demittido em 1834 em consequencia de medidas geraes, e tendo sido chamado a Genova por seu pae, que alli residia, demorou-se com elle por dois annos. Passou depois a Paris em 1837, e foi professor de humanidades e de outras disciplinas no collegio de *Fontenay-aux-Roses,* onde foi empregado. Era este collegio dirigido pelo afamado doutor em theologia, Fr. José da Sacra Familia (no seculo José da Silva Tavares), muito conhecido e estimado em Coimbra. Regressou em 1843 o sr. Viale a Lisboa, e em

fevereiro de 1846 foi provido, precedendo concurso, no emprego de official da Bibliotheca Nacional, onde hoje é primeiro conservador. Em 1848 foi nomeado professor de humanidades dos filhos de D. Maria II. Em 1859 foi nomeado professor de litteratura grega e latina no Curso Superior de Lettras, creado por D. Pedro V, de que obteve a jubilação em 1878. Durante todo o tempo do seu professorado só deu sete faltas. Em 1857 foi mandado a Berlim e a Dusseldorf, encarregado de instruir na lingua, historia e litteratura portugueza a futura rainha D. Estephania, esposa do rei D. Pedro V; e em 1862 deu lições de lingua portugueza á actual Rainha, a sr.ª D. Maria Pia de Saboia. Em outubro de 1870 foi encarregado por El-Rei D. Luiz da instrucção primaria de seus dois filhos, e ainda depois por algum tempo foi professor de humanidades do Principe Real. Em 1877 foi nomeado vogal da Junta Consultiva de Instrucção Publica, e em 1884 membro do Conselho Superior que succedeu á mencionada Junta Consultiva. Eis em ligeiros traços a synthese dos serviços publicos d'este varão esclarecido. Além d'isso é socio emerito da Academia Real das Sciencias de Lisboa, socio honorario do Instituto de Coimbra, socio litterario do Real Conservatorio Dramatico, socio correspondente da Academia de Historia Patria da cidade de Genova, socio do Gabinete de Leitura portuguez de Pernambuco. Tem a carta de conselho (1858), as commendas das ordens de Christo e de S. Thiago, assim como as de S. Mauricio e S. Lazaro na Italia, da Lealdade e Merito na Prussia, e da Roza no Brazil. Recusou a grã-cruz da ordem de S. Thiago e a commenda da Conceição. No *Diccionario Bibliographico* de Innocencio vem a relação das suas producções litterarias, que são numerosas. Podem ver-se no vol. 1.º pag. 181 e 182 e no 8.º (1.º do supplemento) pag. 218, 219 e 220. Collaborou tambem em muitos jornaes, podendo citar-se entre outros a gazeta franceza *La France* em 1838 e 1839, o *Jornal da Sociedade Catholica* em 1845, a *Revista Universal Lisbonense* e o *Instituto* de Coimbra.

Das obras do sr. Viale selectaremos, por brevidade, as seguintes: *Miscellanea hellenico-litteraria,* Lisboa — 1868; *Bosquejo metrico da historia de Portugal,* Lisboa — 1866 (4.ª edição), e 1886 (5.ª edição correcta e augmentada) e *Tentativas dantescas,* Coimbra, 1884. A primeira é um the-

souro de erudição, a segunda a biblia do patriotismo, e a terceira um modelo peregrino e poderoso incentivo para traductores.

D'um pequeno opusculo[1] de poesias religiosas (Lisboa — 1885) despregámos o trecho que lhe pertence. Se este venerando ancião é distincto pela sua carreira publica e singular pelo seu relevante merecimento litterario, os seus purissimos sentimentos religiosos o characterisam egualmente como um perfeito homem de bem.

A estes apontamentos, que esboçámos na primeira edição d'este livro, temos que accrescentar o obito d'este homem insigne, que falleceu a 26 de abril do corrente anno de 1889. A sua morte foi geralmente sentida, e a imprensa pranteou unanime tão lastimosa perda, lastimosa sobre tudo para as lettras, que cultivou constantemente com singular distincção. Na frente d'este nosso volume honra o veneravel sacerdote, o sr. Thomaz Blanc, parocho de Domazan em França e nosso consocio, a memoria d'este varão virtuoso, vertendo para a sua lingua a elegia *Tristezas e Preces*, que neste livro leva o n.º XXIII.

Com o n.º XCIV extractamos tambem da mesma folha volante uma singela e devota *Salve Rainha*.

Do sr. Thomaz Blanc junctamos aqui muito de proposito a formosa poesia que se segue, a qual foi inserta no semanario *Le Rosier de Marie, journal hebdomadaire en l'honneur de la Sainte Vierge*, de 20 de julho ultimo. Este periodico religioso de Paris conta já trinta e cinco annos.

SOUVENIRS

LE SÉMINARISTE A LA CASERNE

Me voilà donc, soldat, dans l'infecte caserne,
Un mousquet à la main, sur le dos la giberne,
En costume de fantassin.
Un sergent m'initie aux vertus militaires.
O Christ, tu m'enseignais l'amour de tous mes frères;
J'apprends ! ! ! le métier d'assassin.

[1] Deveria chamar-se antes *folha volante* (de quatro paginas). A expressão pleonastica é intencional e bem cabida.

Dans la bruyante nuit quand parfois je sommeille,
Un horrible blasphème en sursaut me réveille,
Plus de sommeil, plus de repos.
Du conscrit gouailleur, la cible et la risée,
Je suis contraint d'entendre, hélas! l'âme brisée,
Jurons et cyniques propos.

Toi qui servais d'asile à mon adolescence,
Séminaire chéri, doux séjour du bonheur,
Rends-moi, rends moi ces jours de paix et d'innocence
Que je coulais tranquille en servant le Seigneur:

Sous les lambris dorés de ton humble chapelle,
Où la Mère de Dieu veille sur son autel,
Ces jours où je dormais à l'ombre de son aile,
Comme un enfant s'endort sur le sein maternel.

Aux douteuses lueurs du naissant crépuscule,
La cloche matinale à la vibrante voix
M'arrachait au sommeil, à ma pauvre cellule,
A mon cher crucifix que je baisais trois fois.

Aux lévites pieux à genoux sur la pierre,
Qui levaient et leurs mains et leurs cœurs vers le ciel,
Je courais me mêler, et mon humble prière,
Douce comme un parfum, montait vers l'Eternel.

Alors je savourais les transports de l'extase:
Ravissantes douleurs, pures félicités!
Et mon cœur vierge encor, débordant comme un vase,
S'enivrait au torrent de chastes voluptés.

Le mystère accompli, je sortais en silence
Du temple du Seigneur, et retournais joyeux
A ma simple demeure, asile d'innocence,
Où m'attendaient la Bible et des livres pieux.

Les clameurs des méchants et les pas de la foule,
Comme un écho lointain, arrivaient jusqu'à moi,
Je riais de ce bruit, comme rit de la houle,
Le nocher dans le port tranquille et sans effroi.

Mais les vents déchaînés, la tempête qui gronde,
Au milieu des écueils, sur la mer de ce monde,
Poussent mon frêle esquif;
O ma sainte Patronne, ô Marie, ô ma Mère,
Veille sur ton enfant, guide sur l'onde amère,
Eloigne ma nef du récif.

Me voilà donc, soldat, dans l'infecte caserne,
Le mousquet à la main, sur le dos la giberne,
En costume de fantassin.

Un sergent m'initie aux vertus militaires,
O Christ, tu m'enseignais l'amour de tous mes frères,
J'apprends ! ! ! le métier d'assassin.

THOMAS BLANC.

Antonio de Macedo Papança (XLVII), visconde de Monsaraz, é bacharel formado em Direito e socio do Instituto de Coimbra. Nasceu em Villa Nova de Reguengos a 20 de julho de 1852, filho de Joaquim Romão Mendes Papança. É auctor de tres livros notaveis de poesias: *Crepusculares*, versos do seu tirocinio academico; *Catharina de Athayde*, com que celebrou o tricentenario de Camões, e *Telas historicas*, em honra do centenario do Marquez de Pombal. Além d'estas obras tem disseminadas pelos jornaes muitas outras poesias, que podem já constituir um novo cancioneiro.

Antonio Papança, poeta, faz-nos lembrar o seu condiscipulo Antonio Candido, orador; e associados com estes nomes os de outros seus contemporaneos nas lides academicas, poetas como João Penha, Gonçalves Crespo, Candido de Figueiredo, Guerra Junqueiro; homens de sciencia como Bernardino Machado, Correia Barata, Augusto Rocha. Outros muitos diriamos, que são lustre e decoro da Universidade, d'esta Universidade, alvo de tantos despeitos pueris, e que vai comtudo *lexiviando* os seus mesmos detractores. Basta-nos apontar, para honra, que nos proprios governos avulta a maioria composta de filhos seus: no ministerio ultimamente demissionario (em 1886) contavam-se os srs. Barjona de Freitas, Hintze Ribeiro, Manuel d'Assumpção, Thomaz Ribeiro e Barbosa du Bocage; no actual distinguem-se os srs. José Luciano, Emygdio Navarro, Veiga Beirão, Henrique de Macedo e Visconde de S. Januario. Na recentissima (1886) discussão parlamentar, que attrahiu as attenções geraes, distinguiu-se nos deputados o sr. José Dias Ferreira, lente de direito, e nos pares o sr. José Maria Latino Coelho, lente da eschola polytechnica, mas discipulo de Julio Pimentel, de José Estevão, de Filippe Folque, de Guilherme Pegado, alumnos conimbricenses que illustraram e dirigiram os primeiros annos d'aquelle instituto.

O Visconde de Monsaraz, publicando no jornal *Interesse Publico*, n.º 8, um *Conto triste*, d'uma prosa suave e cor-

rectissima, opulenta de bellezas de elocução, intermeiou-lhe os versos que copiamos, singelos e d'um trovar eminentemente nacional. Este *Conto* póde lembrar os de Daudet, não tanto pela amenidade do estylo como pela delicadeźa do sentimento.

Antonio Pereira da Cunha (XXVIII). Este cavalheiro, filho de Sebastião Pereira da Cunha, é fidalgo da Casa Real, senhor da Casa da Torre da Cunha, e Parque de Portuzello em Sancta Martha, membro do Conservatorio Real de Lisboa, e do Instituto de Coimbra. O sr. Candido de Figueiredo accrescenta-lhe (*Homens e Lettras,* pag. 382) o appellido de Castro; usaram-no seus avós, mas nem o sr. Antonio Pereira da Cunha, nem seu filho, o sr. Sebastião Pereira da Cunha, o têm usado, que nos conste. Nasceu em Vianna do Castello a 9 de abril de 1819, sendo pouco mais velho que o sr. João de Lemos, nascido a 6 de maio do mesmo anno. A 4 do mesmo abril nascera tambem na côrte do Rio de Janeiro a Princeza da Beira (como primogenita do Principe Real) D. Maria da Gloria. Os dois poetas legitimistas sobresahem insignemente na litteratura contemporanea, J. de Lemos mais espontaneo, P. C. mais erudito. Com estas iniciaes (P. C.) publicou em 1848 no primeiro volume da *Revista Popular,* n.º 8, pag. 64, a seguinte

AVE MARIA

Ave, Rainha dos céos,
Maria, cheia de graça,
Os teus labios nem tocaram
Do peccado a negra taça.

Nesse throno do universo
O Senhor comtigo está;
És bemdicta entre as mulheres,
Ó casta flor de Judá!

Do vosso ventre sagrado
O Rei dos reis déste á luz;
É bemdicto o vosso fructo,
Ó doce mãe de Jesus!

Rogae, ó Virgem das virgens,
Rogae por nós peccadores,
Nas phases da triste vida,
Na méta das nossas dôres.

O sr. A. Pereira da Cunha é muito estimado como poeta, dramaturgo e romancista. Os seus romances baseiam-se nas tradições populares, os seus dramas na historia patria, e as suas poesias accentuam um complexo de nobilissimos sentimentos que revelam um homem de coração e de consciencia. Muito antes das notaveis *Novellas do Minho* do sr. Camillo Castello Branco, o *Masilgado* e os *Quatro Irmãos* eram já modelos do genero. As *Duas Filhas* (primeiro drama, dedicado a seu pae), *Brazia Parda*, a *Herança do Barbadão* filiam-se na eschola dramatica de Garret. *Pedro* e o *Voto d'El-Rei* com outros poemas da sua *Selecta* (ultimo livro, dedicado a seu filho) characterizam um grande poeta. E foi tambem em Coimbra, ha já bastantes annos, que em prosa e verso appareceram algumas das primeiras amostras litterarias do sr. Pereira da Cunha. Em 1840 na *Chronica Litteraria da Nova Academia Dramatica*, tomo primeiro, se publicou o seu soláo, *Dona Branca ou o Castello de Gondar*, dedicado ao sr. José Freire de Serpa Pimentel; e na prímeira *Revista Academica*, em 1845, se encontram os primeiros paragraphos d'um formosissimo romance de costumes universitarios, o *Fidalgo e o poeta*. No *Trovador* (1848) se inseriram tambem varias poesias.

Do poemeto o *Voto d'El-Rei* extrahimos a invocação, feita por D. Manuel a Nossa Senhora do Restello, com promessa de lhe levantar o templo e claustro de Belem, se Vasco da Gama regressasse ao reino com a descoberta da carreira da India. O poema é primoroso na metrificação, ardente de enthusiasmo religioso e patrio, e por ventura a melhor perola poetica do sr. Pereira da Cunha. Foi impresso em folheto, edição de luxo, e depois incluido na collecção de poesias, que tem por titulo *Selecta*, publicada em 1879, onde occupa as paginas 84 a 105.

Antonio Pereira de Sousa Caldas (XIII, LII) foi brasileiro. Formou-se na faculdade de Leis em Coimbra, mas seguiu a carreira ecclesiastica ordenando-se depois da sua formatura. Nasceu no Rio de Janeiro a 24 de novembro de 1762 e morreu na mesma cidade a 2 de março de 1814. As suas producções poeticas publicaram-se postumas em 1820 (primeiro tomo) e 1821 (segundo tomo). Foi editor seu sobrinho Antonio de Sousa Dias, e as notas e obser-

vações, assim como o discurso sobre o hebraico, são do general Garção Stokler. Neste poeta predominou o gosto, a philosophia e a religião. A traducção dos *Psalmos* (incompleta) e muitas poesias sacras e profanas accentúam o seu incontestavel merecimento. Ferdinand Wolf (*Le Brésil littéraire,* pag. 88) diz a seu respeito o seguinte:

«Les poésies de Caldas occupent un rang éminent dans l'histoire de la littérature brésilienne, non seulement pour leur valeur poétique absolue, mais surtout parce que leur auteur osa le premier si ce n'est dans la forme, du moins dans le fond, se délivrer des entraves du classicisme et se produire ouvertement comme poète chrétien. On remarque à chaque pas que ce sont la Bible et les inspirations sublimes des Péres de l'Église qui l'ont formé.»

Na sua sepultura (na egreja de Sancto Antonio) se gravou um epitaphio latino-portuguez, composto por outro poeta brasileiro, José Eloy Ottoni. É o seguinte:

Brasiliae splendor, verbo, sermone tonabat,
Fulmen erat sermo, verbaque fulmen erant.

Do Brasil esplendor, da patria gloria,
Discorrendo, ou fallando trovejava,
O discurso, a dicção, a essencia, a forma
Tâo veloz como o raio s'inflammava.

No tomo segundo das suas *Obras poeticas* (edição de Paris), a que já nos referimos, se acham duas *Deprecações* á Virgem Maria Nossa Senhora. Copiamos ambas, uma com o n.º XIII e outra com o n.º LII.

Incluimos nesta collecção alguns poetas, filhos do Brasil, nascidos todos quando aquelle imperio era colonia nossa. Assim deve ser. Nós descobrimos aquellas regiões; colonisámol-as, educámol-as. Pedro Alvares Cabral, quando sahiu na terra, só achou «povoações de casas palhoças, em «que havia gente branca bestial,... assim homens como «mulheres... gente mansa, que não fugia nem fazia mal. «Não tinham nas casas nenhum fato, sómente redes de fio «de algodão. Nem houve lingua que os entendesse.» Isto diz Gaspar Correia nas suas *Lendas da India*. Metamorphoseámos tudo aquillo; affeiçoámos aquelles povos aos nossos costumes, á nossa lingua, ás nossas crenças; convertemos aquelles sertões virgens num imperio florescente.

Com o correr do tempo o Brasil tornou-se de filho em nosso irmão, de irmão em nosso alliado. A nossa litteratura é tambem a sua, e os fructos do seu talento amadureceram e expandiram-se com o verbo sonoro da lingua de Camões e de João de Barros, de Garrett e de Castilho. Os seus hymnos religiosos por tanto pertencem tambem a este nosso *Parnaso*.

Antonio Pinto da Fonseca Neves (LXXXV). Foi este homem segundo tenente de artilheria e oriundo de paes illustres; nasceu no Porto em 1784 e falleceu em 1836 no posto de major sendo governador do castello de S. Jorge em Lisboa. Padeceu muito por se lhe imputar cumplicidade na conjuração de Gomes Freire em 1817. Do seu folheto *Obras poeticas* tiramos este soneto composto (assim como outras poesias) dentro da prisão. Escreveu tambem uma *memoria* historica e justificativa sobre a sentença que o condemnou a pena de degredo de dez annos para Moçambique, a qual lhe foi commutada. Acha-se incluida no mesmo folheto.

Antonio (Fr.) de Portalegre (XXXVIII). Este frade, natural da cidade de Portalegre, foi franciscano da provincia da Piedade e confessor da princeza D. Maria, filha de D. João III e mulher de Filippe II de Castella. Morreu no convento de Sancto Antonio dos Olivaes, nos suburbios de Coimbra, pelos annos de 1593. É d'elle o livro, reputado como raro, intitulado: *Meditaçã da inocẽtissima morte e payxã de nosso senõr em estilo metrificado, nouamente composta*. Minuciosamente lhe descreve o frontispicio o distincto bibliographo Innocencio no seu *Diccion. Bibliog.*, tom. I, pag. 240, donde se vè ter sido impresso em Coimbra *(a muy nobre e sempre leal cidade)* por *João de Barreyra e João Aluarez, empressores da uniuersidade*. E por ordem e *aa custa do muyto illustre e reuerendo senhor dom Braz, bispo de Leyria*. E declara que *se acabou aos XXIX dias do mes de Julho de MDXLVII*.

A poesia que extractamos (XXXVIII) pertence ás *Trouas que fes ho autor pera huns passos que ordenou de fazer prégando a mesma paixão*. E foram tambem impressas por ordem do mesmo primeiro bispo D. Fr. Braz de Barros ou de Braga, cuja correspondencia com as pessoas reaes do

seu tempo foi este anno publicada no *Instituto* pelo sr. João Corrêa Ayres de Campos.

Trasladamos a poesia do curiosissimo livro do sr. dr. Theophilo Braga: *Anthologia Portugueza,* pag. 193, ed. de 1876.

Antonio de Serpa Pimentel (XXXVI). A cidade de Coimbra tem dado até hoje nove ministros ao governo da carta constitucional, que são os seguintes: José Freire de Andrade, ministro da justiça em 1827, no governo da infante D. Izabel Maria, já fallecido; dr. Joaquim Antonio de Aguiar (nascido a 24 de agosto de 1792 e fallecido a 26 de maio de 1874), ministro do reino e da justiça e presidente do conselho na regencia do duque de Bragança e nos reinados de D. Maria II, D. Pedro V e D. Luiz I; visconde de Algés, José Antonio Maria de Sousa Azevedo (nascido a 18 de agosto de 1796 e fallecido a 3 de março de 1865), ministro da justiça, da fazenda e interino da guerra no reinado de D. Maria II; Ildefonso Leopoldo Bayard (nascido a 3 de setembro de 1785 e fallecido a 25 de janeiro de 1855), ministro dos estrangeiros e interino da guerra no reinado de D. Maria II; dr. Francisco Antonio Fernandes da Silva Ferrão (nascido a 3 de julho de 1798 e fallecido em maio de 1874), ministro da justiça e da fazenda no reinado de D. Maria II; dr. Augusto Cesar Barjona de Freitas (nascido a 13 de janeiro de 1834), por vezes ministro do reino e da justiça no actul reinado de D. Luiz I; José de Mello Gouveia (nascido a 12 de dezembro de 1815), ministro da marinha e da fazenda e interino da justiça no reinado de D. Luiz I; Antonio Maria do Couto Monteiro (nascido em 14 de outubro de 1819), ministro da justiça no reinado de D. Luiz I; e Antonio de Serpa Pimentel (nascido a 20 de novembro de 1825), ministro das obras publicas, da fazenda, dos estrangeiros e interino da guerra nos reinados de D. Pedro V e D. Luiz I.

É filho o sr. Antonio de Serpa do dr. Manuel de Serpa Machado, antigo lente de prima da faculdade de Direito, deputado ás côrtes constituintes de 1821 e ás geraes de 1826, e par do reino. A este succedeu no pariato seu filho primogenito, o segundo visconde de Gouveia José Freire de Serpa Pimentel de Mansilha e Silva Donnas Botto de Mesquita Sequeira e Vasconcellos, que tal se denomi-

nava, pelo menos quando foi governador civil do Porto, e por obito d'este é actualmente par o sr. conde de Gouveia D. Affonso de Serpa Leitão Freire Pimentel. Por nomeação regia é tambem par o sr. Antonio de Serpa, assim como seu irmão, o dr. Bernardo de Serpa Pimentel, actualmente vice-reitor da Universidade. É notavel, e por ventura unica, esta ramificação do pariato numa mesma familia.

A *Ave Maria* que tomamos do sr. Antonio de Serpa é extrahida do volume segundo (1849) da *Revista Popular,* pag. 39. Poeta e prosador, o sr. Serpa prima nestas duas linguagens e foi sempre reputado patricio na nossa litteratura. Lopes de Mendonça (*Memorias de litteratura contemporanea,* 1855, pag. 285 a 292) o classifica muito honrosamente. «O sr. Antonio de Serpa, diz elle, tem o estimulo de todas as almas nobres, de todas as vocações consagradas; fortes e severos estudos fecundam admiravelmente o seu talento poetico... Prosador conceituoso e elegante, a sua penna apresenta-se tão habil nas discussões litterarias, como nos assaltos de uma polemica incisiva...» E pouco depois accrescenta, como que synthetisando toda a sua critica: «O sr. A. de Serpa é um mimoso poeta, mas ainda é melhor, um nervoso, colorido e substancial prosador.»

Na politica occupa o sr. Serpa logar importante, que conquistou com a penna de jornalista e com a palavra de orador; na imprensa e no parlamento, nestas duas liças, terçou sempre as armas com denodo, distinguindo-se muito nos estudos economicos e financeiros e na satyra: nos problemas scientificos e na critica graciosa. Ha tambem d'elle dois livros muito notaveis e valiosos: o que consagrou á memoria de *Alexandre Herculano* e o que versa sobre a *nacionalidade e governo representativo.*

Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro (LXVII). «Nasceu na poetica aldeia das Córtes (a 4 kilometros de Leiria) em 23 de Dezembro de 1819, filho de lavradores modestos e honrados. Educou-o sua virtuosa mãe nos mais sanctos principios dos doces affectos, da probidade, do amor da patria, e da beneficencia para com os similhantes.

«Destinado á industria, trocava-a, sempre que podia, pelos livros, que devorava ás escondidas dos seus superiores,

revelando tanta propensão para as lettras, que um tio seu, bem aconselhado, satisfez á justa inclinação do mancebo, facilitando-lhe o ensino dos preparatorios e a sua entrada na Universidade. Matriculou-se na faculdade de direito em 1842. Foi sempre um estudante muito distincto, recebendo premios no seu curso e formando-se na referida faculdade no anno de 1848. Pelos seus merecimentos e caracter bondosissimo conquistou a estima de seus lentes e a sincera amizade de seus contemporaneos.

«Pertenceu, como poeta, á cohorte tradicional de João de Lemos, José Freire de Serpa, Augusto Lima, Couto Monteiro e outros, sendo um dos fundadores da celebre revista, o *Trovador*.

«Liberal por convicção, foi um dos combatentes a favor da revolução *Maria da Fonte,* primeiro num batalhão de voluntarios, depois ás ordens de Cesar de Vasconcellos. E não pelejou só com a espada, mas tambem com a penna, escrevendo em jornaes do Porto a bem da causa nacional.

«Recolhendo-se ao seu districto no fim da campanha, foi depois um dos fundadores do celebre jornal, o *Leiriense*, do Centro da instrucção primaria de Leiria, do Monte-pio, e de outros melhoramentos importantes. Nomeado administrador do concelho de Leiria, exerceu as funcções do cargo como era de esperar da sua aptidão e do seu genio conciliador. Nessa epocha abriu e regeu gratuitamente um curso nocturno de instrucção popular pelo methodo Castilho, recebendo do governo, sem a solicitar, uma condecoração, digna d'aquelle feito.

«Deputado ás côrtes em diversas legislaturas, mereceu de Almeida Garrett elogios especiaes em plena sessão, e tomou parte em differentes discussões, sempre com animo independente. Pertence á repartição da redacção da camara electiva.

«Como poeta, quem não conhece a *Doida de Albano,* o *Tasso,* a *Corrida veloz,* o *Outomno,* e outras producções, já populares? As suas *Chronicas,* as primeiras impressas no *Leiriense* e outras ainda ineditas, são de um grande merecimento historico e litterario. Foi o continuador do celebre almanach fundado por Alexandre Magno de Castilho, e denominado actualmente *Novo Almanach de Lembranças*. Nelle tem escripto valiosos estudos sobre fallecidos homens celebres, portuguezes e brasileiros. Tambem

por muitas vezes collaborou em jornaes politicos e de litteratura.

«Estes apontamentos são todos exactos, mas não provieram do biographado, immerso actualmente na dôr mais pungente da sua vida. Esposo amantissimo, acaba de perder a idolatrada consorte durante 25 annos, que succumbiu a um imprevisto desastre; mas a sua dôr encontrou echo em milhares de corações, que o presam como um talento distincto e como um coração admiravel.»

Estes traços biographicos, escriptos (em 1886) por um extremoso amigo e condiscipulo do sr. Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, tomamol-os como nossos enriquecendo assim esta secção do *Parnaso Mariano*. Sobre este distincto litterato póde ver-se o vol. I do *Diccionario Bibliographico*, assim como o excellente livro *Homens e Letras* do nosso amigo, o sr. Candido de Figueiredo, pag. 125—128 e 403—406.

A poesia *Á sombra da Virgem* foi recitada no theatro de Portalegre na noite de 26 de abril de 1876 numa recita em beneficio do Asylo de Nossa Senhora da Conceição, e dedicada á distincta actriz Emilia das Neves, que figurou nesta festa de caridade. Aproveito para o texto os dois primeiros cantos, porque só estes se referem exclusivamente á *Virgem*. Foi-me offerecida para esta collecção pelo meu presado amigo, o sr. dr. Rodrigues de Gusmão, que me cedeu para este fim o proprio original.

Para que a poesia fique completa, aqui copío a sua ultima parte:

III

Ás vezes a caridade,
a fada que os seus thesoiros
espalha, derrama a flux
nos campos e na cidade;
que sobe ás pobres trapeiras,
onde a pallida indigencia,
sem pão, sem amor, sem luz,
'té descrê da Providencia;
que desce aos fundos covís,
onde, a par com as toupeiras,
se escondem, meu Deus! miserias,
mais vís que a lepra, mais vís;
ás vezes a caridade,
pé ante pé, diligente,

vem bater á nossa porta,
que se não fecha a ninguem;
entra, risonha deidade,
entra qual se entrasse a aurora,
e diz á *Virgem:* consente,
venho ajudar-te, Senhora,
nos teus encargos de mãe.

Como é formosa esta fada,
meiga, etherea, apaixonada,
que a essencia do amor inflamma!
Depois, como ella nos ama,
e a nossa mãe lhe quer bem!
Como ella corre o Universo,
sósinha, audaciosa e forte!
Se amor é sempre o seu norte,
sempre o caminho é diverso.
Depois de dar o que tem,
vai reclamar de quem póde,
e caminha, implora e lida,
e em quanto lhe dura a vida,
a toda a miseria acode.

Hoje entrou no nosso albergue
coroada de rainha,
e deslumbrante reluz;
não sabemos donde vinha,
não sabemos onde vai,
mas só que a gloria a conduz;
e quando essa fronte se ergue,
o olhar que a fita descahe.
Olhae-a, actriz eminente
sobre a scena que ennobrece,
quem a vê nunca a esquece,
quem a viu vê-a presente.
Por tapete tem as flores
que em ondas aos pés lhe lançam;
por corôa tem as palmas,
que de cahir não descançam!
De todos captiva as almas,
todo o Portugal a acclama
sacerdotisa da arte
como ainda outra não viu;
e ella a todos inflamma;
ella por todos reparte
as parcellas d'essa chamma
com que Deus a distinguiu.

Salve, artista! Conquistando
nova c'roa, aqui vieste
mostrar-nos quanto valias
por dotes do coração.

Passarão dias e dias,
e as pobres a quem quizeste,
as que afagaste chorando,
nunca mais te esquecerão.

Ayres Telles de Menezes (LIX) foi fidalgo do tempo de D. João II, e privado d'este monarcha. No *Cancioneiro* de Garcia de Rezende ha poesias suas, citadas por Innocencio; mas a que trasladamos é do livro de Antonio Lourenço Caminha, que se intitula: *Obras ineditas de Ayres Telles de Menezes, da illustre casa de Unhão,* etc. Innocencio critíca muito o Caminha no que elle diz não só ácerca d'este poeta, como tambem de Francisco Galvão e de Pedro da Costa Perestrello.

O sr. dr. Theophilo Braga afasta-se de Innocencio, ou antes desmente-o, dizendo que ha «factos que nos mostram que a publicação do Caminha não é uma falsificação como aquelle pretende». São palavras textuaes do *Curso de historia da litteratura portugueza,* 1886. Não interpomos nesta divergencia auctoridade que não temos. Colhemos de todos os tempos e escholas, respeitando opiniões e criticas, os tributos que os nossos poetas têm inalteravelmente pago ao culto da Virgem Maria.

É todavia curioso que Caminha, para desculpar a ignorancia de Diogo Barbosa Machado, que não cita as que elle reputa ineditas, quando d'este auctor deu noticia na *Bibliotheca Lusitana,* tom. I, pag. 82, diga o seguinte: «Recolhido ao claustro, é bem verosimil que, acceso no fogo de uma celeste devoção, escrevera então as poesias de que Barbosa não teve noticia...»

Ayres Telles, gozando na côtte do *principe perfeito* de grande preponderancia, pela morte do rei professou effectivamente na Ordem de S. Francisco, em cujo habito morreu amortalhado.

Balthasar Estaço (XXXIV, LXXVII). Este padre, nascido em 1570 na cidade de Evora, foi conego na sé cathedral de Vizeu. Irmão de Gaspar Estaço, antiquario bem conhecido, seguiu outro rumo litterario, e compoz um livro de poesias, unico que publicou, deixando numerosos manuscriptos, cuja existencia é hoje problematica. Temos presente este livro, que se intitula: *Sonetos, Canções, Eglogas, e outras Rimas. Compostas per Balthezar Estaço* etc.

É impresso em Coimbra, na officina de Diogo Gomez Loureyro, Impressor da Universidade, em 1604; e dedicado ao Bispo de Vizeu, D. João de Bragança. Chamava-se sua mãe Brites Estaço e seu pae André Nunes, e teve outro irmão, além do Gaspar, Fr. Manuel Estaço, que era frade graciano.

Pertence á eschola hespanhola com todos os seus defeitos de trocadilhos, e é reputado classico de segunda ordem. A sua obra divide-se naturalmente nas quatro partes que o titulo indica, e contém 200 folhas com verso, o que equivale a 400 paginas, além da Taboada no fim e de quatro folhas iniciaes. É copiosa a collecção de sonetos, poucas as canções e elegias, e ainda menos as eglogas; escassas as rimas. Mas como alguns poemas são extensos, que chegam a fatigar, a sua somma forma um volume regular. E tudo se acha subordinado a uma denominação unica: *Poesia varia*. Diz na dedicatoria que fez a publicação por mandado do Bispo. Num *Epigramma* latino, que vem no principio, lê-se o seguinte pentametro, que characteriza a indole e feição geral das poesias:

Multa sacrat Divis carmina, cuncta Deo.

Fragmentámos alguns trechos (XXXIV) consagrados á Virgem, para darmos ideia d'este poeta, pouco conhecido, e que é dotado de talento e imaginação delicada, dotes que se acham amolgados pelas circumstancias especiaes do seu tempo e da sua eschola.

Alem d'esta poesia accrescentámos agora nesta segunda edição outra, tambem por extracto, canção imitada de Petrarca á maneira de Bernardes, Sá de Miranda e Perestrello, como adeante indicaremos.

Belchior Manuel Curvo Semmedo Torres de Sequeira (LXVIII). Do *Novo Almanach de Lembranças* para 1887 trasladamos um excellente *soneto* de Semmedo. Foi este poeta notavel no merecimento, hombreando quasi com Bocage, de quem foi emulo. Nasceu em Montemór o Novo a 15 de março de 1766, e falleceu em Lisboa a 28 de dezembro de 1838. Publicou quatro volumes de versos: *Composições poeticas de B. M. C. S. entre os Arcades Belmiro Transtagano*. Lisboa, na Imp. Regia 1803 (os dois

primeiros volumes); 1817 (o terceiro) e 1835 (o quarto). Veja-se o *Diccion. Bibliogr.* tom. I.

Diogo Bernardes (II, XXI, XXVI, XXVII). Do pequeno volume de poesias intitulado *Varias rimas ao Bom Jesus, e á Virgem gloriosa sua Mãe e a sanctos particulares* etc. impresso em Lisboa em 1622, que é a 6.ª edição, trasladamos este soneto (II) que alli se encontra na folha 26 v. Seguimos a orthographia moderna. Neste livrinho vem tambem a *Historia de Sancta Ursula,* que muitos attribuem a Camões, affirmando que lhe fôra usurpada por Bernardes.

Este Diogo Bernardes, a quem accrescentam tambem o appellido de Pimenta, de que nunca usou, embora seja de sua familia, nasceu em Ponte do Lima segundo diz o proprio frontispicio do opusculo que temos á vista, e segundo outros em Ponte da Barca. Foi um bom poeta, e distincto no genero pastoril como o demonstram de sobejo as suas eclogas. As poesias sacras são muitas, e algumas excellentes.

Innocencio Francisco da Silva no seu *Diccionario Bibliographico* diz d'elle o seguinte: «... parece-me que ha, no que é innegavelmente seu, merito sufficiente para assegurar-lhe um logar distincto entre os poetas da eschola italiana, a que pertenceu, e com especialidade entre os bucolicos. Ninguem poderá desconhecer nas suas poesias pureza de linguagem, suavidade de metrificação, e certa natural simplicidade de ideias e conceitos, que lhe conquistam a affeição dos leitores.»

Sob dois pontos de vista portanto se ostentam as suas composições: no genero bucolico e no sacro, e sobresahe em ambos. Talvez que no primeiro exceda Camões; e haverá quem opine que no segundo, se não se equipara com Bocage nos seus vôos aquilinos, vence-o na suavidade metrica e no sentimento religioso. Quiz D. Sebastião, aspirando á fama d'um novo Achilles, leval-o comsigo a Africa com o fito de o fazer seu Homero. O poeta assistiu á derrota de Alcacer como soldado; e, feito prisioneiro, foi rasgatado e regressou ao reino. No captiveiro é que compoz quasi todos os seus versos sagrados, os quaes são pouco lidos sómente por escassez de edições, pois refinam em merito superior, e alguns chegam a ser sublimes. O trecho que aproveitamos (XXII) demonstra o que asseveramos.

Encontra-se nas *Varias rimas ao Bom Jesus*... (anno 1622), que acima citámos.

Expomos ainda mais duas formosas poesias, elegantes e expressivas como poucas. A primeira (XXVI) é um soneto, a pedra de toque por onde se aquilatam os bons poetas, como geralmente se diz, e achamol-o dignissimo de se equiparar com os melhores de Bocage. O velho poeta Castilho reputava Bocage unico neste genero, mas enganava-se muito. Não ha poeta que possa empanar a gloria do Sadino, pleitear primazias com o seu singular talento; mas amortalhar o soneto no mesmo ataude que o levou á cova é ser injusto[1]. «Quem faz um soneto é poeta. Podem com outros generos de poesia ageitar-se os leigos, com este só os professos.» Isto disse no jornal *Republicas* o sr. Thomaz Ribeiro em 15 de agosto ultimo (1886), e disse bem; e ninguem o diria com melhor conhecimento de causa. Pois o *soneto* que hoje inserimos neste *Parnaso* só cabe a um grande poeta, que tal foi Bernardes. E avaliem-se bem as circumstancias em que foi composto, que foi no captiveiro, assim como a *canção* (XXVII) que depois se segue. Vencidos os portuguezes em Alcacer nas margens do Lucus, e feitos prisioneiros muitos d'elles, imaginem-se as tribulações e o estado afflictivo de cada um, a estreiteza, o desamparo, a prisão escura, ora em ferros, ora sem elles. Dizia o mesmo Bernardes numa das suas elegias:

> — Eu que livre cantei ao som das aguas
> Do saudoso, brando e claro Lima
> Ora gostos d'amor, outr'ora maguas,
> — Agora ao som do ferro que lastima
> O descoberto pé, choro captivo
> Onde choro não val', nem amor se estima.

Frei Thomé de Jesus, egualmente prisioneiro, compunha nesse mesmo tempo os seus *Trabalhos de Jesus,* e dizia: «Commetti esta obra, havendo por industria e muito segredo papel e tinta, e escrevendo as mais das vezes sem

---

1 .... «o soneto é uma bella composição, mas pelo abuso que d'ella se fez, tanto como pelas suas apertadissimas difficuldades, tambem já quasi se não faz. O soneto portuguez, podemos dizer sem exaggeração, nasceu com Bocage e com Bocage morreu.» Castilho, *Tractado de versificação,* pag. 29.

mais luz que a que entrava por gretas da porta, ou agulheiros ou buracos das paredes.» (*Carta á Nação Portugueza,* que precede o livro.)

Tomados estes preliminares, leia-se com attenção o nosso cantor do Lima, e entender-se-hão bem com natural sensibilidade as fundas maguas que o opprimiam, só attenuadas pela piedade religiosa. O leitor com estas poesias á vista decida por si do merecimento do poeta no genero sacro. No bucolico nada aqui diremos, que não é campo para este assumpto; mas Francisco Dias Gomes, mestre em critica litteraria, affirma que Bernardes é geralmente reputado pelo primeiro bucolico da Hespanha, e o celebre Lope de Vega expressamente confessa que a leitura dos seus poemas lhe ensinara a fazer eclogas.

No dithyrambo 1.º de Diniz, que já citámos, brinda o grande arcade em honra de Bernardes com os versos seguintes:

> Este, que agora empunho
> Nesta taça,
> Derretido rubim,
> Este sim,
> A ti bebo, suavissimo Bernardes,
> Que nas frescas manhãs, serenas tardes,
> Á sombra de altas arvores soltando
> Doces queixas de amor em doce rima,
> Tão celebre tens feito o manso Lima.

Diogo Brandão (LXXXI). Na penumbra dos nossos primeiros tempos litterarios lobrigamos este nome (assim como o de Luiz Henriques, de quem diremos no seu logar) folheando o *Cancioneiro* de Garcia de Rezende. Este livro é muito notavel e precioso, e toma o titulo de *Cancioneiro Geral: cum preuilegio.* «Comprehende (diz Innocencio) este amplissimo repositorio de todos os versos e trovas, que a diligente curiosidade do seu coordenador Garcia de Resende conseguiu reunir (provavelmente com bastante custo e grandes difficuldades), as obras de não menos que de duzentos e oitenta e seis auctores, se não estão alguns multiplicados, como ha motivo para suppor; pertencentes pela maior parte á classe da nobreza, e contando-se entre elles os individuos mais conspicuos do reino por sua hierarchia e posição social.»

O livro do *Cancioneiro* é uma preciosidade litteraria de

Garcia de Rezende, pagem da escrevaninha de D. João II e seu predilecto, e que porisso escreveu a vida d'este monarcha, vida que pouco valor merece a A. Herculano, que d'ella diz não se encontrar nas suas paginas a *vida da nação*. Do *Cancioneiro* porém affirma que é um dos mais raros monumentos da nossa litteratura, e o verdadeiro titulo de gloria de seu auctor.

Em 1865 vimos na capella do Espinheiro proximo a Evora a sua sepultura, que se conhecia pelo epitaphio, o qual suspeito que hoje nem já existe.

Este poeta Diogo Brandão conta no CANCIONEIRO muitas das suas poesias desde fol. 90 a 97, assim como noutros sitios. Apresentando esta poesia anterior á eschola classica, accentuamos com mais força o que ponderámos a principio: que «em todas as epochas os melhores poetas portuguezes afinaram as suas lyras em honra da religião christã, e o assumpto que se lhes tornou mais grato foi sempre o elogio da VIRGEM.»

Domingos Maximiano Torres (LXII, LXXXIII, LXXXIV). A formosa *Cantata* (LXII) que tanto ennobrece esta collecção fórma um folheto em 8.º de 15 paginas, que temos presente, com o titulo seguinte: *Á Immaculada Conceição de Maria Santissima Senhora Nossa, Cantata Pastoril para representar-se na Secção Academica, que se celebra no dia em que a Egreja festeja este Soberano Mysterio em o anno de* 1787.—Lisboa, na Off. da Academia Real das Sciencias anno M.DCC.LXXXVII. Com licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o exame, e censura dos livros.—Na folha immediata accrescenta:—*Interlocutores. Dulce, Elvira, Dorothea, Matilde, Coro de Pastoras.* A composição do Drama é do senhor doutor *Domingos Maximiano Torres*. A composição da musica é do senhor *José Joaquim dos Sanctos*, mestre de musica no Real Seminario da Santa Egreja Patriarchal.—Este auctor, poeta muito distincto como se vê, adoptou o nome arcadico de Alfeno Cynthio, por onde é conhecido, e teve intimidade com os homens litteratos do seu tempo, principalmente com Filinto Elysio, em cujas obras se encorporaram algumas das suas peças poeticas, tendo, além d'isso, um volume que se publicou em 1791 com o titulo de *Versos do bacharel Domingos Maximiano Torres*, etc. Era filho de Julião Francisco Torres e de

Joaquina Agueda Maria, e nasceu em Lisboa segundo uns, ou perto de Cintra na opinião d'outros, a 6 de fevereiro de 1748, e falleceu na Trafaria a 5 de outubro de 1810. Formara-se na faculdade de Leis em Coimbra em 1770.

Esta *Cantata pastoril* allude ao *magnifico Manique,* a quem parece dever-se a festividade em honra da Virgem da Conceição. Este era sem duvida o intendente geral da policia, Diogo Ignacio de Pina Manique, que primeiro illuminou a cidade de Lisboa e foi o fundador da Casa Pia, o qual viveu nos reinados de D. José I e D. Maria I e governo do principe regente, depois D. João VI.

Um nosso amigo (o sr. R. de Gusmão) nos escreveu ainda ha pouco tempo, dizendo de Alfeno o seguinte: «Não prima este poeta nem pela sublimidade dos pensamentos, nem pelas galas e louçainhas da phrase; mas é exemplar na pureza da elocução, e tão correcta é a sua linguagem, que é tida na conta de classica. Ainda assim a cançoneta — *Gozo e Pena* — publicada a pag. 291 da sua obra (*Versos de Domingos Maximiano Torres,* etc.), foi premiada pela Academia Real das Sciencias na Assembleia Publica de Maio de 1790.»

Esta opinião d'um critico auctorisado é quanto basta a confirmar os creditos d'um poeta, que tanto vale e tão pouco é conhecido. D'elle apresentamos mais dois sonetos (LXXXIII e LXXXIV) em honra da Virgem Maria.

Domingos dos Reis Quita (XIX) floresceu na poesia bucolica e na dramatica, e teve na primeira Arcadia o nome pastoril de Alcino Mycenio. Foi natural de Lisboa, onde nasceu a 6 de janeiro de 1728, e morreu assassinado a 13 de julho de 1770. Almeida Garrett o cognomina o nosso *melhor bucolico* e o segundo depois de Gessner. O trecho que d'elle apresento é extrahido do seu idyllio primeiro. Podemos enumerar entre os nossos poetas, distinctos no genero pastoril, Bernardim Ribeiro, Diogo Bernardes, Rodrigues Lobo, Quita, Filinto Elysio, Maximiano Torres e Antonio Feliciano de Castilho. D'onde se vê que em todas as escholas teve esta poesia excellentes modelos. Os que citamos não são os unicos, entendamo-nos; mas sim os primeiros, os principes na côrte de Theocrito. Outros poetas cultivaram tambem este genero; mas, se foram grandes poetas, não sobresahiram na *delicada avena.*

As bellezas ingenuas, a singeleza nativa da vida pastoricia desbotam-se com as galas e louçanias de Camões e Bocage, como já acontecera ao proprio Virgilio, o sublime e afamado mantuano.

Quita merece tambem ser citado como alumno de Melpomene, pelo menos com a sua *Castro,* sendo o segundo depois de A. Ferreira que aproveitou para a scena este tragico assumpto. Serviu mais tarde de norma á *Nova Castro* de João Baptista Gomes. Além d'estes tres poetas enumerarei Manuel de Figueiredo com a sua *Ignez,* Nicolau Luiz com a *Tragedia de D. Ignez de Castro* e o francez Lamotte com a *Ignez de Castro,* drama que foi traduzido por José Pedro d'Azevedo e Sousa da Camara. É pouco conhecida por se não distribuir pela venda, mas tem singular merecimento, a *D. Ignez de Castro* do segundo visconde de Castilho, o sr. Julio de Castilho, que foi impressa em Paris em 1875. A *Castro* de Quita foi traduzida em inglez por Benjamin Thompson Esq. em 1800.

Nesta segunda edição accrescentamos um soneto (XCIII) do mesmo auctor, paraphrase da Salve Rainha.

Eugenio de Castro e Almeida (LIV) nasceu em Coimbra a 4 de março de 1869, contando por isso hoje (1886) pouco mais de 19 annos. Em 1884 publicou um livrinho de poesias, *Crystallisações da morte,* e em seguida outro, *Canções d'abril;* em 1885 terceiro, *Jesus de Nazareth,* donde extractamos o presente trecho. Frequenta actualmente o Curso Superior de Lettras. É filho do dr. Luiz da Costa e Almeida, lente de vespera de mathematica, e da ex.ma sr.a D. Ermelinda de Castro Freire. Por lado de seu pae é neto do dr. Luiz da Costa e Almeida, lente cathedratico da antiga faculdade de leis e depois desembargador do Paço [1], e por lado de sua mãe do conselheiro Francisco de Castro Freire, que foi lente de prima jubilado de ma-

[1] Defendeu theses em 8 de julho de 1799 e fez exame privado a 22 do mesmo mez e anno, tomando capello no dia 25. Em 1812 era substituto extraordinario, e nesse anno regeu cadeira substituindo o dr. José Pedro da Costa. Tomou posse de substituto ordinario em 29 de janeiro de 1816 e foi promovido a cathedratico em 15 de outubro de 1825. Regeu a cadeira de Historia de Direito Romano e Patrio, que se lia então no terceiro anno. Foi despachado para o Desembargo do Paço em 1830.

thematica e vice-reitor da Universidade. D'este seu avô materno herdou o juvenissimo litterato a vocação poetica, pois o dr. Castro Freire foi um excellente traductor de Lamartine.

A proposito das *Canções d'abril* o sr. João de Deus dirigiu ao seu auctor as palavras seguintes:

«Envio as suas — *Canções d'abril* — que devorei, e não saboreei como é necessario para melhor juizo. Um escrupulo religioso me inhibe de tocar essas primicias dos quinze annos. Nesta edade ou não se publicam versos ou se publicam illesos de emenda alheia.

«Quizera uma leitura por miudo, falar, conversar sobre elles todos e talvez indicar algum retoque, embora insignificante; mas por escripto direi o que já disse, que me revelam e até manifestam apreciaveis qualidades.

«Assim o meu poeta seja cada vez mais de si mesmo, fechando um pouco os olhos ao esplendor das maiores celebridades, para não as seguir, dando-nos sempre coisas suas........»

A dedicatoria dos seus *primeiros versos*, endereçada a seus Paes, é esta amabilissima poesia:

> **Estas canções sem luz, sem claridade,**
> **—Aves que a mãe deixou abandonadas,**
> **São pequeninas petalas roubadas**
> **Ao lirio virginal da mocidade.**
> **Nada valem, bem sei, têm pouco brilho,**
> **Mal se divisa ao longe uma esperança;**
> **Mas, como em cada nota se contém**
> **A alma d'este filho,**
> **Gravae-as bem gravadas na lembrança,**
> **Meu Pae, oh minha Mãe!...**

Eusebio de Mattos (XIV). Nasceu na Bahia em 1629 e falleceu na mesma cidade em 1692. Parece que nunca sahiu da sua terra natal, onde se dedicou á vida religiosa, primeiro como jesuita e mais tarde como carmelita, tomando então o nome de Fr. Eusebio da Soledade. Honrou singularmente o pulpito, rivalisando com os melhores prégadores do seu tempo, como Antonio Vieira e Antonio de Sá. A este proposito diz Francisco Adolpho de Varnhagen (depois barão de Porto Seguro): «Foi grande prégador, a ponto que a Bahia, então acostumada só a apreciar os sermões do grande Vieira, e de seu rival no estylo, o P.

Antonio de Sá, seguia unanime voto que era superior este ultimo aos outros na voz e accionado, Vieira, na logica e clareza de phrase e subtileza.» (*Florilegio da poesia brasileira,* vol. I, pag. 5).

Foi filho de Gregorio de Mattos e Maria da Guerra, proprietarios d'uma fabrica de Patatiba, e irmão mais velho d'outro Gregorio de Mattos, poeta satyrico, celebre no seu tempo pela virulencia da phrase, e que por isso denominavam *Bocca-do-inferno.* Este formou-se em Leis em Coimbra, e era tambem homem de muito talento. O verso decasyllabo, por elle cultivado, denominou-se do seu nome *verso de Gregorio de Mattos.* Os dois irmãos foram sempre muito unidos, mas contrastavam na indole poetica: Eusebio era serio e sensato, e Gregorio (ao principio João) era comico e mordaz. As poesias religiosas de Eusebio de Mattos respiram piedade sincera e nobre simplicidade, entrelaçadas com gosto e talento. O trecho que apresentamos é um argumento da nossa opinião, e encontra-se no livro, já citado, de Wolf, pag. 3, 4 e 5.

Fernão Alvares do Oriente (XLIV). Temos neste homem um poeta, que é o avesso de Pedro d'Andrade Caminha, sendo inferior a sua fama, que é pequena, ao seu merecimento, que o realça muito. Filia-se egualmente na eschola italiana, e tem um livro de prosas e versos: *Lusitania transformada,* de que ha duas edições, uma de 1607 e outra de 1781. Nasceu em Goa em 1540 e militou na marinha. Ainda que a sua prosa, em estylo narrativo, não sobresaia muito, as suas poesias são boas, e algumas primorosas; quizeram até attribuil-as a Camões. Tem bucolicas que são das melhores que possuimos. Nos brindes de Diniz (dithyrambo I) occupa um logar de honra:

Mas oh! que já esquecia-me
Do rosado Oriente a joia, a perola,
Tu, Fernando belligero,
Que a lança e a cithara
Vibrando intrepido,
Tocando harmonico,
D'altas palmas á sombra a voz alçaste,
E clara Lusitania transformaste.
Com este vinho,
Da cuba vindo,
Eu já te brindo.

Os *extractos* (XLIV) que inserimos do seu *Laberinto* pertencem a uma folha maior que acompanha o livro com a paginação 180. É poesia acanhada pelas peias da rima e do laberinto que lhe dá o nome; consiste em formar as quintilhas não só pela ordem vertical nas cinco columnas que a compõem, como pela horizontal, linha por linha, valendo cada uma por uma estrophe. De tal trama se segue que nem todas são bem intelligiveis.

Francisco de Borja Garção Stockler (LX) filho de Christiano Stokler e de D. Margarida Josepha d'Orgiens Garção de Carvalho, nasceu em Lisboa a 25 de setembro de 1759, e ahi falleceu a 6 de março de 1829. Era barão da Villa da Praia, commendador de Christo, tenente general e bacharel formado em mathematica pela Universidade de Coimbra. Além d'isso foi professor da antiga Academia Real da Marinha de Lisboa, e socio e secretario da Academia Real das Sciencias. São muitas as suas obras scientificas e litterarias, como se póde vęr no *Diccionario* de Innocencio. A poesia que d'elle inserimos é extrahida das *Poesias lyricas,* impressas em Londres (1821) por T. C. Hansard, pag. 57. Ahi toma o nome de *Ode* ou antes *hymno* a Nossa Senhora da Oliveira, destinado a ser cantado na festa de um regimento de infanteria do Alemtejo.

A opinião respeitavel do cardeal Silva, patriarcha de Lisboa e antigo lente de theologia da Universidade, D. Fr. Patricio, relativamente ás *odes* é a seguinte, conforme se lê no tom. 2.º do *Diccionario Bibliographico:*

«...A respeito d'estas nada tenho a dizer, senão que a melodia da versificação sempre natural, sempre majestosa e elevada; a limpeza da linguagem, e desempenho das mais bem traçadas figuras e imagens: tudo nos dá logo a conhecer que lhe pulsa nas veias o sangue de um dos mais esclarecidos poetas lyricos que ennobreceram a patria (Pedro Antonio Correia Garção, de quem Stockler foi sobrinho). É o juizo, que tenho formado de tão bem acabadas composições.»

Francisco Galvão (LVI). Foi estribeiro do setimo duque de Bragança, D. Theodosio II, o qual foi pae do primeiro rei da dynastia brigantina, assim como do desditoso infante D. Duarte. Nasceu em Villa Viçosa em 1563

e ahi falleceu provavelmente em 1635. O soneto que publicamos vem no tomo I das *Obras ineditas*, publicadas por Antonio Lourenço Caminha (Lisboa 1791). Para esta publicação conseguiu o editor carta de privilegio da rainha D. Maria I, carta que vem estampada na frente do livro. Innocencio Francisco da Silva critíca desapiedadamente este Caminha. Quando citarmos outros poetas que pertencem á mesma collecção, diremos d'este assumpto o que nos parece.

Francisco José Freire (LVIII) é muito conhecido pelo cognome arcadico de Candido Lusitano.

Arriscamos este nome sob uma hypothese apenas verisimil; isto é, attribuimos a tão douto escriptor uma poesia que encontrámos sem assignatura do poeta. Parece-nos que nos não enganamos na nossa conjectura, e aventuramol-a por nos fallecer melhor elucidação.

Encontram-se na litteratura patria publicações que miram quasi exclusivamente a disseminar pelo povo a noticia de escriptos estrangeiros. E dizemos *quasi exclusivamente*, porque entre muitas traducções se incluem tambem escriptos originaes. Com o nome de *Revista Estrangeira* (1837) imprimiu José Pereira Reis em Coimbra e continuou depois no Porto uma collecção de monographias muito importantes e conscienciosamente traduzidas. E ao lado de criticas notaveis e romances francezes enfileiraram-se tambem as Prelecções do dr. Agostinho Albano da Silveira Pinto sobre economia politica. Esta sciencia tinha sido iniciada pelo mesmo tempo nas tres escholas superiores do reino: na Universidade de Coimbra pelo dr. Adrião Pereira Forjaz de Sampaio; na Eschola de Lisboa pelo sr. Antonio de Oliveira Marreca, e na Academia do Porto pelo citado dr. Agostinho Albano.—Com o mesmo nome de *Revista Estrangeira* se publicou em Lisboa em 1853 (completando-se muito mais tarde) um curiosissimo jornal, ornado de estampas, tanto intercaladas no texto como separadas, onde ao lado de esmeradas traducções sobresahiam artigos e poesias nacionaes.—Na mesma cidade no anno de 1842 e seguintes se publicara tambem com o titulo de *Recopilador* uma collecção de romances traduzidos, alguns bastante extensos. Durou quatro annos, quatro volumes, e no fecho de cada volume se inseriram algumas poesias,

Mas antes d'estes periodicos já no seculo passado se tinha publicado durante sete annos, 1779 a 1785, um volume por anno, a—*Miscellanea curiosa e proveitosa, ou compilação, tirada das melhores obras das nações estrangeiras; traduzida, e ordenada* por *** *C. J.* Lisboa, na Typographia Rollandiana. Com licença da Real Meza Censoria.—No frontispicio de cada tomo se lê, vertida em latim, a conhecida sentença de Aristoteles: *Turpe est ignorare quod omnibus scire convenit.* E no fim de cada um encontram-se excellentes poesias portuguezas, mas sem os nomes dos respectivos poetas. Conhecem-se facilmente alguns, outros só hypotheticamente. Sobresahem nestas collecções versos de Nicolau Tolentino, de Filinto Elysio, de Candido Lusitano, etc. E são d'este ultimo algumas traducções de Horacio. No tomo IV, a paginas 320—323, lê-se um idyllio *á Purissima Virgem Maria da Conceição,* que é a poesia que conta neste livro o numero LVIII. Segue-se a uma *carta* de Nicolau Tolentino, muito popularmente conhecida. Não podendo o *idyllio* ser de Filinto, e não sendo com certeza de Tolentino, attribuimol-o a Candido Lusitano. Outros talvez o imputariam ao Quita, mas na edição que possuimos d'este poeta não o encontramos.

O padre Francisco José Freire nasceu em Lisboa em 1719, e foi filho de Joaquim Freire Bellas e de Joanna Maria Joaquina Corsini. Falleceu em Mafra a 5 de julho de 1773. Trabalhou indefessamente nas lettras, e é um dos homens mais benemeritos da lingua e dos estudos classicos portuguezes. Barbosa na *Bibliotheca Lusitana,* Innocencio no *Diccionario Bibliographico,* Cunha Rivara no *prologo* das *Reflexões da lingua portugueza,* além de outros, são as fontes principaes aonde podem accudir os que desejarem conhecer os seus muitos e eruditos trabalhos, não só impressos mas (em grande numero) ineditos.

Desejando melhor averiguação, decidimo-nos a consultar sobre a paternidade d'esta poesia o insigne litterato e nosso amigo, o sr. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão. O seu voto auctorisado consta da carta seguinte, que muito agradecemos:

«Amigo e sr.—Quizera dar a V. resposta cabal sobre a authenticidade do Idyllio publicado no *Parnaso Marianno* sob o n.º LVI (1.ª ed.), que V. attribue a Francisco José Freire. Não pude formar opinião bem assentada.

16

Não é, com certeza, de Quita. Possuo das obras d'este poeta a edição havida por mais correcta, e augmentada com as postumas. Não o encontrei lá.

Para melhor avaliar a authenticidade do Idyllio, comparei-o no estylo e linguagem com uma obra não contestada de Candido Lusitano, a *Athalia* de Racine, que traduziu. Ha alguma affinidade em alguns traços do Idyllio e da peça.

E não estranhe, escolhesse, para o intento, uma traducção. Propunha-me confrontar menos os pensamentos dos auctores, do que a roupagem de que os revestiram.

Li toda a tragedia, demorando-me nos formósissimos córos. Pareceu-me entrever, em algumas passagens d'estes córos, a magnificencia do estylo e um certo colorido de phrase analogos aos que brilham no Idyllio. Inclino-me, porisso, a que este seja producção da fecunda penna de Candido Lusitano, como V. julga.—Sou, etc., verdadeiro amigo e muito obrigado collega—*Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão.*»

Francisco José Pereira Palha de Faria Guião de Lacerda (XI), filho de José Pereira Palha de Faria Guião, nasceu em Lisboa, na rua da Cruz de Sancta Apollonia, a 15 de janeiro de 1827. Cursou em Coimbra os estudos juridicos, formando-se em 1848. Como estudante pertencia a um curso distinctissimo, ao curso de Casal Ribeiro, D. Antonio da Costa, Rodrigues Cordeiro, Paulo Midosi...; como poeta collaborou no *Trovador* entre João de Lemos, Couto Monteiro, Augusto Lima, José Freire de Serpa e outros. E além d'isso era actor insigne, e como tal honrou singularmente o palco academico.

Esta Ave Maria extractamol-a do *Novo Trovador* (1856), jornal de poesias, imitação do antigo e redigido por Alexandre Braga, Ayres de Gouveia (bispo de Bethsaida), Soares de Passos, e Guilhermino de Barros, o presidente do ultimo Congresso Postal. É dedicada a Augusto Talone, com a nota de que «faz parte d'uma collecção que o auctor vai publicar brevemente com o titulo de *Flores do tumulo*.» Com effeito por esse tempo appareceu um volume de 160 paginas com o titulo de *Poesias por F. Palha*, dividido em dois livros, contendo o primeiro as referidas *Flores do tumulo* e o segundo *Romances populares* e *Poesias*

varias. Mais tarde (1883) publicou ainda outro livro de versos, intitulado a *Musa velha.*

A musa do sr. Francisco Palha é galhofeira: a sua veia humoristica, graciosa e naturalissima, sobresahe nas suas comedias e poesias. Thalia é a musa que elle escolheu e em cujo culto se iniciou sacerdote. Poderia ter preferido outra carreira litteraria, e seria sempre distincto; para muito é e muito vale o seu grande talento. Numa das suas obras diz elle de si proprio o seguinte: «O auctor conhece, — e Deus sabe com que magua e com que arrependimento! — o logar pouco distincto que lhe é dado occupar na republica das lettras; outro mais elevado não o póde conquistar já — é muito tarde para isso: — mas, ao menos, nestas composições tão insignificantes mostra elle sempre a sua boa fé, e faz a diligencia por se apresentar como homem de bem.» (*Parodias de F. Palha,* pag. 32.)

Francisco de Sá de Miranda (XVII e XLV). Foi natural de Coimbra e doutor na Universidade este insigne poeta, que denominaram *Seneca portuguez.* Pertence á eschola classico-italiana, de que foi um dos fundadores. Poderiamos escrever muito ácerca da sua influencia e estudos, que nunca diriamos bastante. Ha livros e memorias a seu respeito que o abonam, e com justiça, na qualidade de benemerito da lingua. No seu tempo não havia modelos a seguir; era mister destrinçar difficuldades, desbravar terrenos incultos, constituir-se por si mesmo discipulo e mestre: discipulo pela applicação porfiada ás novas ideias que a Renascença indicava, mestre por levantar o ensino na nossa peninsula, intimando novo rumo, um novo codigo ao gosto e á metrificação. Sob este aspecto Sá de Miranda foi reformador habil, e o seu exemplo serviu de norma e de eschola. É classico nas duas litteraturas, portugueza e castelhana, e em ambas citado com elogio.

O celebre allemão Bouterwek na sua *Historia da litteratura hespanhola,* cuja traducção franceza de 1812 temos á vista, avalia-o lisongeiramente como poeta castelhano, reputando-o ao mesmo tempo superior em portuguez. Henri Prat no seu livro *Études littéraires* (XVI.e siècle) não lhe é menos favoravel, e aponta as suas poesias á VIRGEM NOSSA SENHORA, em que muito sobresahe (diz elle) o seu talento,

Mas de todos os seus criticos o mais minucioso e justo é ainda hoje Francisco Dias, no tomo IV das *Memorias de Litteratura portugueza da Academia Real das Sciencias*, onde affirma que «a sua expressão resumida, mas cheia de força e clareza, offerece quasi egual numero de ideias que de palavras; e pinta com tanta vivacidade... que... de todos os poetas portuguezes este seria o mais capaz de ser um Lafontaine.» Nas poesias religiosas cita-o com enthusiasmo pelas suas bellezas de elocução.

A *canção* que inserimos em fragmento (XVII), dedicada á *festa da Annunciação de Nossa Senhora*, é copiada das *Obras de Francisco de Sá de Miranda*, edição do anno de 1614, pag. 141 e seguintes.

Extractámos tambem algumas estancias d'outra notavel *canção* (XLV) a NOSSA SENHORA, que confessam bem o seu alto merecimento e influencia extraordinaria nas nossas lettras. Essas estrophes persuadem melhor que qualquer dissertação erudita ou livro volumoso, que historiasse com factos ou desenvolvesse com argumentos o seu prestimo e a excellencia de suas composições. Ellas até revelam o seu genio poetico em lucta com as difficuldades da lingua; pelo que o poderiamos denominar o nosso Ennio, precursor d'um novo Virgilio. Vejam-se esses endecasyllabos, versos que elle quasi que amoldou ao nosso idioma, os quaes, embora ainda não perfeitos, são comtudo menos asperos que os de Ferreira, elegantes alguns como os de Bernardes, e outros tão canoros como os de Camões. O nosso Sá foi o primeiro degrau d'esta escala, o mestre de taes discipulos; e sob este aspecto ninguem lhe negará capital importancia.

Na transição do provençal para o classicismo a poesia portugueza ensaiou os seus vôos na lyra de Miranda. Era a lingua pobre, a fórma acanhada, e com meios taes a sua musa fez prodigios. Sob seu influxo creador outros poetas se foram desenvolvendo; é esta a sua gloria: *dar claro a tanto escuro, remedio a tanta mingua;* para os que *andavam apalpando pela nevoa baça* era *um pharo que os guiava.*

Ia alvorecendo naquelle tempo a Renascença; da Italia se diffundia o gosto da litteratura antiga, e assim se preparava uma evolução que talvez não fosse ainda a mais sensata. Poliu a rudeza, aperfeiçoou a fórma, mas desbastou muito viço e florescencia espontanea que não eram

inuteis. Desbastou, não extinguiu; e ainda bem, que d'ahi ao menos se dividiram as duas escholas que mutuamente se retemperaram.

Diogo Bernardes, na poesia que expozemos no numero XXVII, teve os olhos fitos nesta de Miranda, e ambos aproveitaram, tanto no conceito sublime como na elegancia de phrase, o texto de Petrarca na sua canção CVIII. O numero de estrophes e ordem de versos são identicos, e até têm todos a mesma invocação da Virgem no começo de cada estancia. Diffunde-se por elles certo sabor latino e biblico, que era proprio do tempo e da erudição da moda.

A segunda canção que copiamos sahiu na primeira edição conforme a letra da de 1614 das *Obras;* mas nesta segunda modifica-se um pouco seguindo a lição da de 1885, feita pela ex.ma sr.a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

No *Bosquejo metrico da Historia de Portugal,* cant. III, est. 27, indica o sr. Antonio José Viale com rara elegancia o merecimento do nosso Sá:

> Bemquisto do monarcha, e aos bons acceito,
> Miranda, probo, culto, ingenuo e grave,
> De Platão portuguez ganha o conceito,
> Pela pura moral, dicção suave.
> Os thesoiros que encerra o sabio peito
> Folga a todos abrir com aurea chave:
> Sem que jámais do assumpto o tom desvaire,
> Quanto escreve tem sal, siso e donaire.

Francisco (Fr.) de São Carlos (XXXVII) nasceu no Rio de Janeiro em 13 de agosto de 1763 e falleceu na mesma cidade em 6 de maio de 1829. Foi frade franciscano e prégador de grande fama. Entre outras obras compoz o poema ASSUMPÇÃO em honra da Sanctissima Virgem, donde extrahimos um trecho notavel. D'elle diz Innocencio no *Diccion.* vol. 2.º (pag. 363) que: «é cheio de grandes imagens, de episodios variados e de descripções locaes, de que o auctor soube tirar todo o partido possivel, para dar á sua obra um colorido propriamente nacional.» Consta de oito cantos, em verso de rimas pareadas. A musa que invoca é a Egreja:

> E tu, Egreja, tu, nunca invocada,
> Musa do Céo, de estrellas coroada,
> Nesta vida escabrosa, e tão confusa,
> Ah! Digna-te de seres minha Musa.

No *Brésil littéraire* de Ferdinand Wolf (Berlin, 1863), no *Resumo de historia litteraria* do conego Fernandes Pinheiro (Rio de Janeiro), no *Florilegio da poesia brasileira* do sr. Pereira da Silva, se tracta mais ou menos minuciosamente d'este intelligente sacerdote com o devido elogio.

Gil Vicente (XVI, XX). Diz-se que o elemento tragico, diriamos antes dramatico, se ensaiou na Grecia com Thespis. Adjudicou-se á musica a declamação; ao choro um primeiro e unico actor. É certo que não devemos entender esta estreia como são as nossas scenas comicas nos seus engraçados monologos. Os diversos papeis d'uma peça eram desempenhados successivamente pelo mesmo individuo, que, intercalando-se com a musica, ia a pouco e pouco, com a variedade de mascaras, desenrolando o entrecho ou enredo do drama. D'aquelle fecundo germe brotaram depois os admiraveis modelos da tragedia grega. Gil Vicente foi em certo modo o Thespis do nosso theatro. É imaginarmos Lisboa em troca de Athenas, D. Manuel em vez de Pisistrato. Os paços reaes ouviram as primeiras e engraçadas scenas do nosso Plauto como geralmente lhe chamam, ou do Scribe do seculo XV como o denominou Garrett.

Os dados biographicos d'este poeta dramatico são obscuros e confusos; não se sabe bem a sua terra natal, nem as datas do seu nascimento e do seu obito, e discute-se ácerca dos seus officios; o que se conhece é a sua valiosa intervenção na nossa litteratura; e as suas obras, que são numerosas, attestam o seu grande merecimento. Publicaram-se postumas cinco annos depois da sua morte sob a direcção de seu filho Luiz Vicente. Um escriptor extrangeiro, que alias lhe não é muito favoravel, ainda assim o elogia do modo seguinte: «... et cependant il y avait encore, dans ces rudes ébauches, une richesse d'invention qui jusqu'alors était sans égale parmi les modernes, une vérité dans le dialogue, une vivacité, une harmonie poétique dans le langage, qui justifiaient l'enthousiasme national et la curiosité des étrangers.» (J. C. Simonde de Sismondi, *De la littérature du midi de l'Europe.*) Garrett levantou um perduravel monumento á memoria d'este nosso Gil com a sua excellente e popularissima comedia-drama, *Um auto de Gil Vicente.*

O trecho (XVI) que apresentamos é extrahido do primeiro tomo das *Obras de Gil Vicente,* (edição de 1852), que comprehende *todas as suas obras de devaçam,* onde se encontra entresachado no *Auto da Mofina Mendes*.

E além d'este copiamos mais outro (XX), que se encontra no seu *Auto da Alma*, que foi recitado na noite de Endoenças de 1508 nos paços da Ribeira na presença de D. Manuel e offerecido á muito devota rainha D. Leonor, viuva de D. João II e irmã do rei reinante. São interlocutores do auto a Alma (protagonista), o Anjo Custodio, a Egreja, os sanctos Padres: S. Agostinho, S. Ambrosio, S. Jeronymo e S. Thomaz, assim como dois Diabos. A scena representa uma estalagem sob esta parabola ou perfiguração: que «assim como foi cousa muito necessaria haver nos caminhos estalagens para repouso e refeição dos cançados caminhantes, assim foi cousa conveniente que nesta caminhante vida houvesse uma estalajadeira, para refeição e descanço das almas que vão caminhantes para a eternal morada de Deus. Esta estalajadeira das almas é a Madre Sancta Egreja; a mesa é o altar, os manjares as insignias da Paixão.» São estas as palavras do proprio auctor do auto. Este nosso trecho é recitado no *Auto* pela Egreja em oração para S. Agostinho:

....
Seja a oração de dor
Sobre o tenor
Da gloriosa Paixão
Consagrada.
E vós, Alma, rezareis,
Contemplando as vivas dores
Da Senhora;...

Eis a explicação d'este formoso fragmento, que é uma excellente enargueia das angustiosas torturas da extremosissima Mãe do Redemptor.

Gregorio de Mattos Guerra (LXXI). Quando escrevemos do bahiano Eusebio de Mattos, referimo-nos tambem a este seu irmão mais novo, que se formara em Leis e Canones na Universidade de Coimbra. Deixou elle, segundo consta, ampla collecção de poesias, pela maior parte ineditas. Devemos ao nosso venerando e muito presado

amigo, o sr. Antonio José Viale, a copia d'esta glosa, que muito vale pelo merito litterario e pelo sentimento religioso.

Costa e Silva diz d'este poeta que: «foi um talento original, e um dos alumnos que entre nós fizeram mais honra á eschola hespanhola. O seu estylo é energico, a sua graciosidade natural, posto que ás vezes demasiado picante, a sua versificação fluida e correcta; a sua linguagem rica, especialmente em termos e phrases populares e familiares...» Innocencio (no *Dicc. Bibliog.*, t. 3.º) observa que «concedendo que a maior parte das poesias de G. de M. sejam na realidade outras tantas satyras... ha ainda assim entre ellas outras repassadas do espirito de devoção, e respirando taes affectos de christandade, que bem podiam remir as culpas do auctor...» D'elle se citam dois sonetos, feitos no desengano da morte, d'um dos quaes selectamos os versos seguintes:

> **Pequei, Senhor; mas não porque hei peccado,**
> **Da vossa alta piedade me despido:**
> ....
> **Se basta a vos irar tanto peccado,**
> **A abrandar-vos sobeja um só gemido:**
> ....
> **Se uma ovelha perdida, já cobrada,**
> **Gloria tal, e prazer tão repentino**
> **Vos deu, como affirmais na Sacra Historia;**
> **Eu sou, Senhor, ovelha desgarrada;**
> **Cobrae-a e não queirais, Pastor Divino,**
> **Perder na vossa ovelha a vossa gloria.**

Ferdinand Wolf *(Le Brésil Littéraire)* affirma d'elle o seguinte: «Comme jurisconsulte il se distingua bientôt tellement par sa manière ingénieuse de traiter les affaires, qu'il fut nommé juge criminel d'un quartier ainsi que curateur des orphelins et des personnes absentes d'un arrondissement. Le célèbre jurisconsulte Pêgas parle de ses jugements comme de modèles de science juridique.» O conego J. C. Fernandes Pinheiro (*Curso Elementar de Litteratura Nacional),* transcrevendo alguns dos versos satyricos de Mattos, accrescenta que: «a sua poesia é rica de ornatos e d'uma infinidade de phrases populares; vivas as suas pinturas, e profundos e penetrantes os seus golpes. Resente-se o seu estylo dos conceitos e trocadilhos que

constituiam o vicio radical d'essa eschola castelhana a que elle se presava de pertencer.»

Gregorio de Mattos nasceu na Bahia a 20 de dezembro de 1633 e falleceu em Pernambuco em 1696 na edade approximada de 73 annos.

Guilhermino Augusto de Barros (XXXIX). É este um dos nomes mais sympathicos da mocidade academica de 1852, um magistrado administrativo dos mais distinctos, deputado em diversas legislaturas e ainda na actual, par do reino electivo, director geral dos correios, conselheiro, orador excellente, poeta e prosador dos mais estimados. Guilhermino de Barros tem hoje cincoenta e cinco annos, (1886), e nasceu no Peso da Regua, donde é tambem natural outro distincto poeta, o sr. João de Lemos. Foram seus paes Francisco Manuel de Barros e D. Maria Maxima de Barros. Teve a sua educação em Villa Real, que lhe foi dada por um seu tio egresso, homem de grande talento artistico e nobre coração. Um seu irmão é medico e outro sacerdote, antigo reitor na egreja de S. Salvador de Torpedo, e hoje o reverendo bispo de Cabo Verde.

No seu curso academico obteve o 2.º *accessit* no primeiro anno e o 1.º *accessit* no segundo anno, foi distincto no terceiro; gosou de dois perdões de acto, e obteve 2 M. B. e 8 B. em merecimento litterario.

Collaborou com Alexandre Braga, Soares de Passos e Ayres de Gouvêa no *Novo Trovador*, assim como no *Bardo* e no *Instituto*. As suas poesias *Sombra de Portugal, Inglaterra* e outras foram muito conhecidas nessa epocha.

Em tempo publicou tambem um romance historico, o *Castello de Monsanto*, que o tornou distincto na classe de Alexandre Herculano, Antonio de Oliveira Marreca, Rebello da Silva, romancistas historicos de primeira plana, aos quaes se seguiu de perto Bernardino Pinheiro. D'este livro escreve uma succinta analyse o sr. Camillo Castello Branco, seu antigo amigo e companheiro em Villa Real, no artigo que acompanhou o retrato do nosso illustre compatriota no jornal *Correio da Europa*. Alli diz o sr. Camillo: «. . . não hesito em aquilatar (esta novella) o romance-chronica mais profundamente assignalado dos cunhos da vida portugueza do seculo XV, este ramo tão pouco enfolhado da litteratura nacional. Todo o drama tragico do

reinado de D. Affonso v, e o fel embryonario que ressumou depois no rancor implacavel de D. João II aos Braganças, é a historia emmoldurada nos dois tomos do *Castello de Monsanto.*»

A poesia que inserimos neste livro imprimiu-se no jornal litterario de Coimbra de 1862, *Tira-teimas,* redigido pelo sr. Rodrigo Velloso, então estudante. E não só neste, mas tambem na *Cruz* e na *Grinalda,* jornaes do Porto, appareceram outras poesias religiosas do mesmo auctor.

Jeronymo Ezequiel da Costa Freire (LXXVI, LXXXII). Tenho em frente um folheto raro de doze paginas, cujo frontispicio é o seguinte: — *Hymno. A Voz da Gratidão. Offerecido em louvor da milagrosa imagem da Senhora da Roxa, a qual por Portento do seu Original salvou de uma inevitavel morte, o agradecido author Jeronymo Ezequiel da Costa Freire.* Lisboa: Na Regia Typographia Silviana. Anno de 1825. Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço. — Consta de duas partes, sendo a primeira (LXXVI) um poemeto de vinte e quatro oitavas, que extractamos, e a segunda (LXXXII) um soneto, que copiamos. Ao centro da folha inicial figuram umas Armas Reaes com os escudos dos tres reinos unidos: Portugal, Brazil e Algarves.

Innocencio no seu *Diccionario* não dá noticia d'este opusculo, nem me consta quem d'elle escrevesse. Ministrou-me este exemplar o sr. Annibal Fernandes Thomaz, um dos mais distinctos bibliophilos portuguezes. Como se vê, Costa Freire cedeu a um intimo e entranhado sentimento de gratidão; o titulo é uma expansão genuina e verdadeira d'uma alma agradecida. Quem se vê agrilhoado com as algemas d'uma molestia perigosissima, com as forças exhaustas e o alento perdido, exanime, quasi moribundo; quem passou por estes trances afflictivos avalia bem estes versos. Desvaneceu-se a esperança, mas resta a fé... Esta salva-nos, ainda mesmo á beira da sepultura. Com os pés mettidos dentro d'uma cova resuscitamos para a vida, e a crença religiosa afina-se, acrysola-se purissima num hymno espontaneo de agradecimento. Esta canção torna-se até um milagre de poesia.

João Baptista da Silva Leitão d'Almeida Garrett

(VIII) nasceu no Porto na rua do Calvario a 4 de fevereiro de 1799, e falleceu em Lisboa na rua de Sancta Izabel, n.º 78, hoje de Saraiva de Carvalho, n.º 72, a 9 de dezembro de 1854. Era filho de Antonio Bernardo da Silva Garrett e de D. Anna Augusta de Almeida Leitão. Ácerca d'este portentoso vulto da nossa litteratura contemporanea já demos a nossa opinião no livro *Prosas Modernas* do distincto poeta, o sr. Candido de Figueiredo, nas paginas 356 e 357. Ahi dissemos o seguinte:

«...Para mim Garrett vale uma litteratura pela variedade da escripta, uma eschola pelo ensino; é mestre pela vasta erudição, guia singular pelo bom senso e bom gosto. Com um grande genio allia uma delicadissima sensibilidade. Foi um poeta excellente, um prosador inimitavel. Faz lembrar por mais d'um titulo o nosso Camões, e muitos o reputam seu immediato no peregrino merecimento. Ha sobretudo nelle a mesma qualidade que distinguiu o nosso epico: o amor da patria. Revela este sentimento em toda a sua opulencia litteraria, e principalmente no theatro. Vemol-o resuscitar no *Alfageme* a gloria de Aljubarrota e no *Auto de Gil Vicente* a pompa bysantina da côrte de D. Manuel. *Frei Luiz de Sousa* é quasi uma elegia, um echo plangente da derrota de Alcacer, *Filippa de Vilhena* o grito energico do escravo que despedaça as algemas.

«Teve o seu berço na cidade invicta no ultimo anno do seculo XVIII, e o seu tumulo em Lisboa pouco mais de meiado o seculo corrente. Foi soldado do Mindello e grande orador parlamentar, insigne na milicia das armas e na milicia da palavra. Revestiu os arminhos de par; tornou-se aulico e ministro, e matizava-lhe o peito esplendida constellação de venéras. Quinhoou as grandezas terrenas, que são communs ás mediocridades e por isso ephemeras, mas immortalisou o seu nome como Homero e Pindaro em myriades de annos, como Camões ha tres seculos, como hoje Victor Hugo. A realeza do genio assenta o solio nas estrellas e conta por vida a eternidade.»

Este trecho soffreu uma critica severa no *Commercio de Portugal* de janeiro de 1885, onde se attribuiu a ignorancia nossa o emprego da phrase *bom senso e bom gosto,* imitada claramente do sr. Anthero do Quental. *Bom gosto,* expressão acremente impugnada no *Commercio,* póde justificar-se como synonyma de GOSTO com o *Diccionario Con-*

temporaneo do sr. Sanctos Valente, além da opinião auctorisada do distincto poeta das *Primaveras Romanticas* e de outros escriptores; mas ainda assim foi injustiça que se imputasse ao desconhecimento do termo GOSTO aquelle modo de escrever.

Em 1880 por occasião do tricentenario de Camões publicou o nosso amigo, o sr. Annibal Fernandes Thomaz, o livro IGNEZ DE CASTRO com a collaboração de A. Filippe Simões, Augusto Mendes Simões de Castro, conselheiro Antonio José Viale e nossa. No nosso artigo escrevemos a pag. 96: «... Para mostrar que Camões é unico entre os poetas portuguezes, unico no genio e no GOSTO...» Na pag. 114 tambem dissemos: «... Com o fino GOSTO de Garrett...» Quando o auctor da diatribe não conhecesse este livro, não o desconhecia o sr. F. Gomes de Amorim, por mais d'um motivo consciente do absurdo de tão leviana accusação em 1885, que se desmentia com uma prova clarissima de 1880. Nas *Memorias* de Garrett d'este distincto litterato, em tres grossos volumes, se póde ver e apprender o que foi e valeu o auctor de *Camões* e *D. Branca*, de *Frei Luiz de Sousa* e das *Folhas Cahidas*. D'este ultimo livro, terceira edição, pag. 232 e 233, copiamos a *Ave Maria* que se lê neste livro com o numero VIII.

João (Fr.) Claro (LXXIV). O douto cisterciense Dr. Fr. Fortunato de S. Boaventura, que dirigiu a Universidade no governo de D. Miguel de Bragança, na sua *Historia Chronologica e Critica da Real Abbadia de Alcobaça*, e depois no tomo I da *Collecção de Ineditos Portuguezes dos seculos XIV e XV* publicou alguns opusculos do Doutor Fr. João Claro, monge da mesma ordem, de quem dá uma *breve noticia* com as seguintes palavras:

«O Doutor FR. JOÃO CLARO, Lente de Prima de Theologia em a Universidade de Lisboa, sem razão foi excluido da *Bibliotheca Lusitana*, quando o Cisterciense Fr. *Carlos Vich*, de que se valeu frequentemente o erudito Abbade de Sever, faz menção d'este Monge, tão sabio como virtuoso. É tido por natural de Lisboa; porém não sem graves fundamentos o julgo nascido em a Villa de Thomar, e admittido na minha Ordem entre os annos de 1450 e 1455. Estudou as Letras Sagradas em Paris, onde recebeu a laurea Doutoral, do que elle fazia tanto caso, que já depois

de ter sido Lente de Vespera e de Prima de Theologia, costumava assignar-se, como eu vi ha pouco em muitos Prazos do Mosteiro de S. João de Tarouca, onde foi Abbade desde 1514 até 1520, que se crê ter sido o proprio anno do seu fallecimento: *Fr. Joannes Clarus, Doctor Parisiensis...»*

O sr. Theophilo Braga na carta que se lê adiante diz que esta *Paraphrase da Ave Maria,* que Fr. Fortunato attribue a Fr. João Claro, é tomada de Hernan Perez de Gusman, o que confirma no seu *Curso de Litteratura Protugueza,* que já citámos. Como quer que seja, o *Doctor Parisiensis* revela nos escriptos publicados nos *Ineditos* erudição e gosto. Versifica com singeleza, espiralando pelas suas producções um perfume de devoção que encanta e commove. Veja-se o seguinte threno:

> Chora e faze pranto, meu coraçom,
> Chagate com dooridos pensamentos,
> Porque contra o meu Criador
> Gravemente errey,
> E muytas vezes anogey
> O meu Remidor.
> Cubre-te de tristura,
> E em pensar teus defectos
> Despende tua vida.
> Porque contra o meu Criador
> Gravemente errey,
> E muitas vezes anogey
> O meu Remidor.
> Tu, consolador Spiritu Sancto,
> Me benze, e livra do infernal quebranto.

Fr. Fortunato de S. Boaventura foi homem muito instruido, e ás lettras patrias prestou relevantes serviços. Por mais de dez annos regeu a cadeira de grego no Collegio das Artes, e foi um dos collaboradores do Diccionario grego que se imprimiu na Imprensa da Universidade: *Benjamini Hederici Lexicon Graeco-latinum manuale, doctorum Virorum curis castigatum et auctum.*

O padre José Vicente Gomes de Moura compoz em sua honra o soneto seguinte, elegante e de muito merecimento:

> Gemia ha muito a lingua portugueza
> De seus bellos adornos despojada,
> A fallar enxacoco violentada
> Pela dos filhos seus torpe rudeza.

Lastimava-se a historia da fereza
Do tempo, em seus thesoiros saqueada.
Jazia a clara gloria oblitterada
D'altas virtudes, que Lysia muito 'presa.

Eis surge um Muratori, eis um Pitheu,
Que as riquezas de Pallas desenterra,
E as lettras salvā de tão vil labeu.

Já a fama entoará por toda a terra
Que sempre eguaes o céo a Lysia deu
Engenho em lettras e valor na guerra.

João de Deus do Nascimento Ramos (IX, XXV, L) nasceu a 8 de março de 1840 no Algarve, em S. Bartholomeu de Messines, districto de Faro. É filho de Pedro José Ramos. Ha annos compoz e publicou em folheto *Loas a Nossa Senhora do Cabo, consagradas pelos festeiros do Almargem no anno de* 1877. Estas *Loas* foram reproduzidas no *Instituto,* volume xxv, pag. 427 a 430. D'ellas selectamos um lindissimo trecho (IX), destinado a cantar-se na chegada ao Almargem.

Para que se entenda bem a importancia poetica do sr. João de Deus, bastará lembrar o que d'elle disse o sr. dr. Theophilo Braga: «Não se poderá comprehender a transformação da poesia lyrica moderna em Portugal sem começar por definir bem a parte que compete a João de Deus neste phenomeno...» Gonçalves Crespo exprime admiravelmente a impressão de ineffavel doçura que inspiram os seus versos:

«Sempre que o leio, sinto-me captivo
De um não sei quê, de infinda suavidade,
E entram commigo uns longes de saudade,
Que me deixam sisudo e pensativo...»

Os seus livros principaes são *Flores do Campo* (1869 e 1877, duas edições) e *Ramo de flores* (1870). Assim como Castilho com o seu methodo repentino, João de Deus teve tambem o seu methodo com a *Cartilha maternal:* dois grandes poetas, dois amigos da infancia, ambos benemeritos das lettras e da patria.

Das mesmas *Loas a Nossa Senhora* desprendemos mais um trecho peregrino d'este poeta, uma formosissima paraphrase da *Salve Rainha* (XXV). O sr. dr. Theophilo Braga

disse tambem algures: «... onde elle poz a mão deixou a irradiação perenne do bello, como se póde ver nas *Loas á Virgem*». O nosso amigo, o sr. Joaquim d'Araujo, retratou-o poeticamente nos quartetos seguintes:

Não se cança ninguem jámais de ouvil-o,
Tem um sorriso limpido e tranquillo,
Cheio de amor, de transparencia e luz,
Que em fina tela Rubens ou Murillo

Pintariam na face de Jesus.
De si derrama perolas a flux,
O seu olhar é luminoso asylo,
Que veste os rotos e agasalha os nus.
....

Tem-se escripto d'este poeta quanto póde haver de bom que se escreva d'um grande poeta, e merece-o. Não se percebe uma nota discordante neste elogio unanime, e harmonia tão admiravel accusa um merecimento extraordinario.

João de Lemos Seixas Castello Branco (XXIV, XXXI, LXI, LXIX). Assim como Castilho em 1822, o sr. João de Lemos era em 1844 o chefe dos poetas academicos. Cada um na sua epocha tornou-se o rei da lyra. A sua superioridade não era contestada; dominio absoluto, direitos inauferiveis. Castilho fez a festa da *Primavera*, João de Lemos o *S. João poetico*, cada um com os seus adeptos. A séde dos ultimos foi na quinta das Varandas, quasi em frente da Lapa dos Esteios. Foi menos numeroso o bando d'estes cysnes, mas selectissimo; eram todos bons poetas. Chamavam-se: João de Lemos Seixas Castello Branco, Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, Augusto José Gonçalves Lima, José Freire de Serpa Pimentel, Luiz da Costa Pereira, Antonio Maria do Couto Monteiro; faltou por doente Antonio Gonçalves Dias. As poesias recitadas intitulam-se: *Hosanna*, o *Poeta*, *Canto de amor*, o *Meu berço*, *Branca e Alvarindo*, *Canto do cysne*. A *Primavera* de Castilho commemora a festa de 1822, o *Trovador* a de 1844. São monumentos litterarios, que eternisam duas epochas distinctas, não só da academia conimbricense mas tambem da litteratura portugueza.

Do *Trovador* (pag. 341) trasladamos a *Ave Maria* do

sr. João de Lemos (XXIV), que depois se incluiu no seu *Cancioneiro* (volume II, pag. 138 a 142). Fragmentámol-a para melhor a accommodarmos ao nosso *Parnaso.* Além do *Cancioneiro*, dividido em tres volumes (o primeiro, *Flores e Amores*, em 1858; o segundo, *Religião e Patria*, em 1859, e o terceiro, *Impressões e Recordações*, em 1866), tem as *Canções da tarde* (I *Ultimos Reflexos*, II *Horas vagas de Buarcos*), que publicou em 1875. Para tecer o elogio do sr. João de Lemos como poeta bastaria accentuar a sua popularidade e copiar os pareceres do primeiro visconde de Castilho (na *Revista Universal Lisbonense*) e de Lopes de Mendonça (nas *Memorias de litteratura contemporanea*), o primeiro insuspeito como poeta e o segundo competente pelo seu criterio seguro. Ha tambem d'elle um volume de prosas, *Serões d'aldeia*, 1876.

O sr. João de Lemos é filho de Ignacio Xavier de Seixas Lemos Castello Branco, segundo visconde e segundo barão do Real-Agrado, e nasceu em Peso da Regua a 6 de maio de 1819. D'elle escreve Innocencio Francisco da Silva no *Diccionario Bibliographico*, tomo 3.°, pag. 396 e 397, e o sr. Candido de Figueiredo no seu excellente livro *Homens e Lettras*, pag. 67 e 359. Diz este que é do nosso poeta um opusculo, os *Arrozaes*, com o pseudonymo de Amaro Mendes Gaveta. Este nome foi aproveitado do *Palito Metrico*, e já fôra empregado por Pedro Diniz no seu folheto contra as *Folhas cahidas* do immortal Garrett.

E além d'estes occorre-me tambem um terceiro *Amaro*, que entrou na lucta denominada da eschola coimbrã, escrevendo um folheto em verso: *O mau senso e o mau-gosto... por Amaro Mendes Gaveta, com uma conversação preambular por Gaveta Mendes Amaro.* É muito possivel que este pseudonymo encubra tambem o mesmo sr. J. de Lemos. Todos conhecem esta famosa questão litteraria, aberta com a penna contra o velho Castilho pelo sr. Anthero do Quental, e pelo mesmo fechada com a espada por causa (segundo parece) do folheto do sr. Ramalho Ortigão, *Litteratura d'hoje.*

A formosa poesia *Stabat Mater* (XXXI) d'este notavel poeta é copiada do terceiro volume do *Cancioneiro, Impressões e recordações* (pag. 91 a 93). Pelo assumpto devêra ter sido inserto no segundo volume, *Religião e patria.*

A Virgem é tambem a protectora dos marinheiros, e as

duas poesias que subordinamos a um só titulo (LXI) o demonstram bem claramente. A da Nazareth inspirou o rimance de Castilho (XXIX); a Senhora da Agonia em Vianna do Castello (LIII) recebeu as maviosas trovas da *Flor milagrosa;* em Buarcos a ermida da Encarnação foi cantada por João de Lemos. De Chateaubriand (*Itinéraire de Paris à Jérusalem,* pag. 7 do tomo primeiro, edição de 1812) tomamos um pequeno trecho, que na suavissima linguagem d'este distincto escriptor traça um quadro maritimo de devoção tão amoravel.

«Le 2, à midi, le vent devint favorable; mais les nuages qui s'assembloient au couchant, nous annoncèrent un orage. Nous entendîmes les premiers coups de foudre sur les côtes de la Croatie. A trois heures on plia les voiles, et l'on suspendit une petite lumière dans la chambre du capitaine, devant une image de la Sainte Vierge. J'ai fait remarquer ailleurs combien il est touchant ce culte qui soumet l'empire des mers à une foible femme. Des marins à terre peuvent devenir des esprits forts comme tout le monde; mais ce qui déconcerte la sagesse humaine, ce sont les périls: l'homme dans ce moment devient religieux; et le flambeau de la philosophie le rassure moins au milieu de la tempête, que la lampe allumée devant la Madone.

«A sept heures du soir, l'orage étoit dans toute sa force. Notre capitaine autrichien commença une prière au milieu des torrens de pluie et des coups de tonnerre. Nous priâmes pour l'Empereur François II, pour nous et pour les mariniers «*sepolti in quaesto sacro mare*». Les matelots, les uns debout et découverts, les autres prosternés sur des canons, répondoient au capitaine.

«L'orage continua une partie de la nuit. Toutes les voiles étant pliées, et l'équipage retiré, je restai presque seul auprès du matelot qui tenoit la barre du gouvernail...»

Da formosissima canção *Natus est Jesus,* publicada primeiramente na *Revista Universal Lisbonense,* tom. IV, pag. 279, e depois no *Cancioneiro,* tom. II *(Religião e Patria),* pag. 124, expomos tambem um trecho (LXIX), que exalta a maternidade de Maria.

João Xavier de Mattos (LVII, LXV). São escassas as informações biographicas que se apuram d'este vate,

Ha cem annos pelo menos que enchia o reino com a sua fama; hoje não é conhecido, nem os seus versos se lêem. Reputam-no poeta de segunda ordem na nossa litteratura, mas talvez que valha mais. Não arriscaremos opinião; mas, verdade seja, desde que o conhecemos estimámol-o muito. Foi a nossa primeira leitura de versos, versos que primeiro deletreámos com os olhos do espirito, com uma analyse instinctiva do bello que mal podiamos em edade juvenil desenvolver e aprofundar com segurança. As impressões antigas ainda se nos rejuvenescem com agradavel reminiscencia, embora avaliemos bem a desegualdade das epochas, a differença das escholas e a revolução litteraria que não foi menos radical do que a revolução politica. João Xavier de Mattos tomou por norte a musa de Camões e obteve as sympathias de Bocage, circumstancias estas que muito o abonam.

Em todas as edições das suas *Rimas* o vemos intitulado *Albano Erithreo* entre os poetas da Arcadia Portuense. Não conhecemos esta Arcadia, mas o sonoroso Albano era geralmente conhecido. O sr. dr. Theophilo Braga no seu *Manual da Historia da Litteratura Portugueza* (1875) o enfileira entre os membros da Arcadia Ulyssiponense, mas eliminou-o mais tarde no seu *Curso da Historia da Litteratura Portugueza* (1886), alludindo apenas á existencia da Arcadia Portuense por aquella declaração de Mattos. A primeira edição das *Rimas*, e só num volume, foi de 1773, impressa no Porto, na Officina de Clamopin Durand, etc.; e a quarta em tres volumes, de 1800, em Lisboa, na Regia Officina Typographica, e todas do mesmo editor Caetano de Lima e Mello. No pequeno prologo que as antecede se diz:

«Judicioso Leitor, as Poesias de João Xavier de Mattos, tão conhecidas e estimadas dos nossos Portuguezes, são as que offereço neste pequeno volume á tua curiosidade: elle poderia ser maior, se fôra vencivel o pouco apreço que faz o auctor das suas admiraveis composições, tanto em prejuizo dos que amam a bella simplicidade, e prezam mais os vestidos proprios da natureza do que os adornos emprestados da arte. Tu, que devo suppôr d'este numero, não desapprovarás o trabalho, que tomei, para dar-te a lêr em um só livro os Theocritos, os Lobos e os Bernardes».

A *Canção*, que apresentamos (LVII) na sua integra, occupa na primeira edição as pag. 143 a 149; e na quarta as pag. 139 a 146. É mais correcta a lição da primeira.

O *Hymno* que inserimos com o n.º LXV, não se encontra nas *Rimas* d'este estimavel poeta, mas foi publicado postumo num folheto com o titulo seguinte: *Hymno a N. Senhora no ineffavel mysterio da sua Immaculada Conceição, obra posthuma de João Xavier de Mattos, e pela primeira vez impressa.—Lisboa,* M.DCC.LXXXXIII. *Na officina de Simão Thaddeo Ferreira. Com licença da Real Mesa da Commissão Geral, sobre o exame, e censura dos livros,* 4.º, 15 pag.

Ainda que seja extenso, é uma poesia admiravel, energica e sibyllina, repassada de sentimento piedoso, e que infunde nos corações uma crença vivissima em tão ineffavel mysterio. Tem arrojos de oraculo: lendo-se a estrophe XXXI, mal se acredita que no seculo passado se tenha perscrutado tão claramente o futuro de 1854, quando em 8 de dezembro d'esse anno *viu o mundo por ultimo esplendor do Vaticano ser este dogma da* CONCEIÇÃO *entre os dogmas da Fé um novo esforço do poder de Roma!* Este *Hymno* póde dizer-se complemento da *Cantata pastoril* de Alfeno Cynthio (LXII). Posta em execução com a devida musica, a *Cantata* remata-se condignamente, recitando-se este *Hymno* com voz firme e sonora, ungida de fé e fervente de enthusiasmo religioso. Num collegio de educação, principalmente feminino, nas Ursulinas por exemplo, caberia a proposito uma festa tão sympathica.

Tanto a *Cantata pastoril* (LXII) de Domingos Maximiano Torres, como o *Hymno* (LXV) de João Xavier de Mattos, ambos hoje rarissimos porque se não reproduziram, nos foram fornecidos por um distincto bibliophilo e nosso presadissimo amigo, o sr. dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro. Do *Hymno* possue tambem um exemplar na sua copiosa bibliotheca outro nosso prestante amigo, o sr. Joaquim Martins de Carvalho.

Joaquim Theophilo Fernandes Braga (XL, LXIII) é um dos mais illustres açorianos, dos filhos d'essas nossas ilhas adjacentes que têem enriquecido a mãe patria com tantos cidadãos benemeritos. Nasceu na cidade de Ponta Delgada a 24 de fevereiro de 1843, filho de José Manuel Fernandes Braga e de D. Maria da Camara Albuquerque.

É doutor em Direito e professor do Curso Superior de Lettras, onde ensina litteratura. As suas obras formam já uma bibliotheca, e nellas sobresahem as que se relacionam com a sua profissão. A poesia que inserimos com o numero XL é extrahida do antigo jornal conimbricense de 1866, *A Academia,* semanario de litteratura, que era então redigido pelos srs. Emygdio Julio Navarro e José Simões Dias, e onde tambem collaboravam os srs. dr. José Joaquim Lopes Praça, Lopo Vaz de Sampaio e Mello, João Penha, João de Deus, dr. M. Emygdio Garcia, F. de Medeiros, F. Adolpho Coelho, Manuel d'Assumpção, Alvaro do Carvalhal, etc.

Inserimos tambem mais dois trechos d'este insigne litterato (LXVIII), extrahidos: o primeiro do livro *Visão dos tempos* pag. 146-148 e o segundo das *Torrentes* pag. 106 e 107. Do seu auctor recebemos uma carta, de que extractamos os paragraphos seguintes:

«... Deseja V. modificado o verso: «Pallidas nuvens vão-se *amontoando,*» por causa do verso que se lhe segue: «*Formando* a negridão da noite feia.» Eu modificaria o segundo pela fórma seguinte:

> **Pallidas nuvens vão-se amontoando,**
> **Cerram a escuridão da noite feia.**

«Mas o meu bom amigo tem carta branca para modificar os versos como melhor entender. Só por isto eu não o iria importunar com uma carta; mas como se tracta de tornar bem completo o *Cancioneiro Mariano,* lembro que no Cancioneiro Collocci-Brancuti, n.° 259, vem uma Salva do seculo XIV, attribuida a D. Affonso de Castella e Leão (Affonso XI) no dialecto galleziano. Provavelmente V. não tem á mão este Cancioneiro, e porisso aqui lhe copio a dicta Salva...

«Não sei se V. já encorporou no *Cancioneiro Mariano* a paraphrase do hymno *Ave Maris Stella,* em portuguez do seculo XV, que vem no t. I, p. 5 a 13 dos *Ineditos portuguezes* publicados por Fr. Fortunato de S. Boaventura, bem como a paraphrase da *Ave Maria* do mesmo seculo, traduzida de Hernan Perez de Gusman. Tambem no rarissimo livro de Frei Antonio de Portalegre, *Meditação da Paixão em estylo metrificado,* vem um pequeno Auto de 1547, em que é protagonista a Virgem Maria. Acha-se

reproduzida na *Anthologia portugueza,* de p. 193 a 197. Nos Romances populares tambem ha muitos relativos á Virgem, que são muito lindos e bem dignos de figurar no *Cancioneiro Mariano.* Felicitando V. pela empreza, peço me considere sempre antigo amigo etc.—*Theophilo Braga.*»

D'esta carta aproveitamos opportunamente os seus conselhos, que muito agradecemos, mas algumas das suas indicações já estavam prevenidas. A *Ave Maria,* que já copiámos do antigo jornal de 1866, a *Academia,* inseriu-se tambem com pequena variante *(Ave! cecem mimosa,* em vez de *Ave! mimosa açucena,)* em 1869 nas *Torrentes,* pag. 137 e 138. Nesta edição seguimos a lição das *Torrentes.*

O sr. Ramalho Ortigão fez na *Renascença* a seguinte descripção do dr. Theophilo Braga, que é muito exacta:

«Simples, sobrio, duro, com habitos de uma austeridade espartana, sabendo reduzir as suas necessidades a toda a restricção a que lhe reduzam os seus meios, vivendo no seu isolamento como Robinson na sua ilha, Theophilo Braga tem uma unica paixão, a paixão proselytica da sciencia. Não publica um volume por semana pela razão unica de que não ha prelos em Portugal que acompanhem a velocidade vertiginosa da sua penna. Escreve de graça, desinteressadamente, em satisfação do seu prazer supremo, o prazer de espalhar ideias. Esta enorme força é ao mesmo tempo a sua unica fraqueza; nunca se lhe conheceu outra.»

Um escriptor brasileiro, o sr. Sylvio Roméro, alias pouco amavel para com portuguezes, escreveu d'elle o seguinte, que tomamos d'uma carta inedita:

«Diga ao Braga que elle é um homem ás direitas. Vejo completo o seu monumento como *poeta,* o seu monumento como *folklorista,* o seu monumento como *historiador da litteratura portugueza.* As *Miragens Seculares,* os *Contos Tradicionaes do P. Portuguez* e a *Historia do Romantismo* ultimaram estes tres monumentos. Deve elle acabar a historia universal. Acabada esta, metter hombros á historia geral de Portugal. Acabada esta, póde quebrar a penna, porque foi um homem.»

José (Fr.) do Coração de Jesus (VI, LV, LXXIII), Os sonetos com os n.os VI e LV são copiados do tomo II. pag. 182, das *Poesias de Almeno publicadas por Elpino Duriense.* Lisboa, 1815. Era este frade missionario de Bran-

cannes em Setubal, e falleceu em Lisboa (donde era natural) a 16 de fevereiro de 1795, sendo sepultado em Xabregas. O seu merito litterario foi grande, como se revela nas suas poesias, e dizem que os seus sermões, se chegassem a ser impressos, realçariam ainda mais a sua fama. Conta neste pequeno volume, que temos á vista, muitas poesias sacras que patenteiam a sua religião sincera e animo virtuoso. Antonio Ribeiro dos Sanctos (Elpino Duriense) precede o 1.º tomo das *Poesias* d'uma apologia biographica d'este seu intimo amigo em termos affectuosos e linguagem elegantissima. «As margens do aprazivel Mondego, aonde o levou na mocidade o amor das lettras (diz elle), foram as que ouviram os seus primeiros canticos e o deram a conhecer entre os poetas: passando depois a outras partes... nem porisso abandonou de todo a sua Musa... entregava-se aos amores da poetica com tanto ardor e vantagem, como se não professasse outros estudos...»

Enriquecemos egualmente esta nossa collecção com as maviosas estrophes (LXXIII) do virtuoso Almeno, com que verteu em vulgar o *Stabat Mater*. Copiamol-as do tomo II das suas *Poesias,* que supra citámos. Quando o nosso frade falleceu, d'elle disse o Elpino Duriense: «Cahiu o Varão sabio no somno eterno da morte, e emmudeceu aquella voz encantadora, que entoava ao som da lyra as canções da mais suave melodia: mas o seu merecimento não feneceu com elle; a gloria, que elle deu á litteratura, á lingua, á eloquencia e á poesia portugueza não será escurecida pela noite da sua sepultura...» Outro amigo, o medico de Setubal, José da Silva Xavier, metrificava quasi as mesmas :deias:

.... já não temos
O nosso Almeno caro;
Ao fio precioso de seus dias
As Parcas se atreveram,
Cerrando os olhos aos prantos das Camenas,
Que para gloria sua
Por mais compridos annos lh'o pediam...

A uncção religiosa com que elle sanctificava a sua alma estampa-se singelamente na decima seguinte:

Dae o vosso coração
Ao Senhor dos corações,

Porque não ha nas prisões
Da sua graça prisão.
O mundo vos faz traição,
Quando vos dá a beber
Por copos de oiro o prazer.
Ponde só o vosso amor
Na lei sancta do Senhor,
Se quereis ditosos ser.

José Eloy Ottoni (XII, XXXII). É poeta brasileiro, pois nasceu na villa do Principe, hoje cidade do Serro, na provincia de Minas Geraes, a 1 de dezembro de 1764. Falleceu a 3 de outubro de 1851. Seu pae chamava-se Manuel Vieira Ottoni. Como o seu nome indica, procedia de origem italiana. Goza dos fóros de bom poeta e é eminentemente religioso. As suas paraphrases biblicas *(Proverbios* de Salomão e *Livro de Job)* e as glosas do *Miserere* e do *Stabat Mater* são muito estimadas. No Rio de Janeiro em 1851 a *Tribuna Catholica,* redigida pelo Conego J. C. Fernandes Pinheiro, e em Lisboa a *Revista Universal Lisbonense* em 1852, então redigida por Sebastião José Ribeiro de Sá. publicaram muitas poesias d'este talentoso mineiro, tanto religiosas como profanas. D'esta ultima copiamos (tomo XII, pag. 33) a sua *Salve Rainha* (XII).

Ottoni foi amigo e collega de Bocage, e pertencia á sua eschola. «É um poeta quasi geralmente ignorado, e que pela força das expressões, pela harmonia da metrificação merece ser mais conhecido.» Esta opinião d'um seu biographo é justa; Ottoni, que apenas hoje se enxerga na penumbra da litteratura, ha de um dia ser apreciado valiosamente e influir no desenvolvimento da poesia brasileira. Importa muito ler-se a *Noticia historica* da sua vida, feita por seu sobrinho, Theophilo Benedicto Ottoni.

É tambem do mesmo José Eloy Ottoni a seguinte

AVE MARIA

Formoso botão de rosa
Que nasce ao romper do dia,
Ó pura e cheia de graça,
Eu te saúdo, Maria.

Ave, Pomba sempre illesa
De contagio e de perigo:

Teu seio será fecundo,
O Deus de Abrão é comtigo.

És bemdicta entre as mulheres,
É bemdicto o fructo teu,
Jesus, o tenro Jesus,
Que d'uma Virgem nasceu.

Mãe de Deus, nós te pedimos,
Escudo de mulher forte,
Que nos protejas na vida,
Que nos ampares na morte.

Já que és Mãe, ao Filho pede
O perdão dos peccadores,
Para que, unidos na gloria,
Demos ao Filho louvores.

Da mesma *Rev. Univ. Lisbon.*, já citada, tomamos tambem parte (XXXII) do seu *Stabat Mater*.

José Fernandes de Oliveira Leitão de Gouveia (XXII). Conhecemos todos a *Primavera* de Castilho, uma linda collecção de poemetos, compostos em Coimbra no seu tirocinio academico e que eternisou a festa da Primavera celebrada em 1822 na Lapa dos Esteios, que então denominaram Lapa dos Poetas. Os nomes dos estudantes que alli recitaram versos são os seguintes: Antonio Feliciano de Castilho, Francisco de Senna Fernandes (Anfriso), José Victorino da Fonseca Cardoso (Elmiro), José Maria Grande (Josino), Augusto Frederico de Castilho (Auliso), Adriano Ernesto de Castilho (Salicio), Albano Sutil de Pina (Albano), Francisco Cesario Rodrigues Moacho (Francilio), Francisco de Assis Salles Caldeira (Francino) e José Feliciano de Castilho, aos quaes se aggregou extraordinariamente José Fernandes de Oliveira Leitão de Gouveia. Castilho diz assim da chegada de José Fernandes á Lapa: «... Meu irmão Augusto Frederico de Castilho (Auliso) leu um longo poema, intitulado a *Primavera*, cheio de harmonia, de novidade e de um gosto exquisito:... A sua leitura foi interrompida por uma flauta, que soou muito perto de nós; era o meu caro amigo, o Horacio portuguez, J. F. de O. L. de G., que inesperadamente nos appareceu alvoroçado na curta escada, que serve de communicação entre a Lapa e a quinta das Cannas, que lhe fica immi-

nente. Tudo se confundiu com clamores de alegria á sua chegada; cercámol-o abraçando-o, e tirando-lhe a flauta das mãos o levámos a todas as partes do nosso Parnaso, contando-lhe todos a um tempo o que até alli se tinha passado, quantas vezes se fallara no seu nome...» São encantadoras as scenas que se passaram na Lapa e que o poeta descreve. O tempo porém, este eterno Saturno, correu insensivel e tudo devorou, e sobre tudo os homens. D'aquelles jovens Anacreontes só nos restam hoje os nomes... Doutoraram-se dois, Augusto Frederico de Castilho em Canones e José Maria Grande em Medicina, o primeiro em Coimbra e o segundo mais tarde em Lovaina; fizeram formatura os restantes. Deixando Coimbra, representaram todos o seu papel na vida social e morreram. Nenhum existe, e José Feliciano de Castilho parece-nos que foi o ultimo, fallecendo em 1879. Fallo da festa da *Primavera,* que da de *Maio* ainda vive em Londres Antonio Ribeiro Saraiva, que substituiu nesta a Francisco de Senna Fernandes. D'este livro da *Primavera* ha duas edições, ambas de Lisboa, a 1.ª de 1822 e a 2.ª de 1838. Só naquella se encontram os nomes dos poetas todos.

José Fernandes de Oliveira Leitão de Gouveia nasceu em Mortagua; e falleceu na quinta do Couço, que lhe pertencia, em 1841. Era presbytero secular, bacharel formado em Canones e professor de latim no Collegio das Artes. Compoz e publicou muitas poesias avulsas, que mais tarde o dr. Adrião Forjaz colleccionou num livro, d'onde trasladamos a que dedicou á Virgem Nossa Senhora (XXII). Esta collecção intitula-se *Poesias do padre José Fernandes de Oliveira Leitão de Gouveia... segunda edição...* 1863; e a poesia encontra-se a pag. 176 e seguintes.

Foi este sacerdote muito estimado, e era popularissimo na melhor e mais selecta sociedade do seu tempo; tinha virtudes que lhe conciliaram respeitos e sympathias, erudição e gosto que lhe crearam eschola. Falleceu a 18 de março, e logo em abril seguinte José Freire de Serpa, depois segundo visconde de Gouveia, escrevia d'elle no tomo 2.º da *Chronica litteraria da Nova Academia Dramatica* um sincero e verdadeiro elogio: «Bom amigo, cidadão benemerito, homem de honra e de paz, coração sem refolhos, alma lisa e generosa, poeta extremado, litterato eximio, condigno mestre,—não deixou sobre a terra um

invejoso:..» Estas phrases encomiasticas traduzem a opinião unanime de todos os que conheciam o padre José Fernandes.

José (D.) Maria da Piedade de Lencastre e Tavora Silveira Castello Branco Almeida Sá e Menezes (XCI), segundo filho do quarto marquez de Abrantes (do mesmo nome) e da marqueza D. Helena do Sanctissimo Sacramento de Vasconcellos e Sousa, filha dos marquezes de Castello Melhor, nasceu a 19 de setembro de 1819 e falleceu a 28 de fevereiro de 1870. Casou a 1 de outubro de 1849 com uma filha dos viscondes de Asseca, D. Maria Rita Corrêa de Sá Benevides Velasco da Camara, illustre poetisa de quem diremos no seu logar. Houve d'este consorcio um filho, D. João de Lencastre e Tavora, nascido a 28 de dezembro de 1864. Foi irmão do quinto marquez de Abrantes, D. Pedro José Maria, que morreu sem geração, e por esta morte ficou herdeiro do titulo de conde de Villa Nova de Portimão (que antes era de Penaguião) por successão de *juro e herdade*, de que se não quiz encartar, e dos vinculos e Casa de Abrantes.

Este cavalheiro, que pertence, como se vê, á aristocracia antiga, foi um poeta que collaborou com o primeiro visconde de Castilho na *Revista Universal Lisbonense*. Tão fidalga companhia litteraria lhe basta para elogio.

José Ramos Coelho (LXVI). Devemos a tão distincto litterato uma fineza singular: a offerta d'esta poesia, composta expressamente para o nosso *Parnaso Mariano*. Se o nosso trabalho na coordenação d'estas canções, endereçadas á Virgem Nossa Senhora, merecesse uma recompensa, outra não poderia ser maior. O sr. José Ramos Coelho nasceu em Lisboa a 7 de fevereiro de 1832; e das suas obras escreve Innocencio Francisco da Silva no *Diccionario Bibliographico*, vol. v, pag. 109, e o sr. Brito Aranha no vol. xiii (vi do *Supplemento*), pag. 178 e 179, da mesma obra. Um nosso presado amigo (o sr. Antonio José Viale) deu-nos d'este escriptor os apontamentos seguintes: «... nasceu em Lisboa em 1832. É segundo conservador da Bibliotheca nacional de Lisboa, socio da Academia Real das Sciencias e do Instituto de Coimbra, cavalleiro da ordem de S. Mauricio e S. Lazaro. É auctor de dois vo-

lumes de poesias originaes (*Preludios Poeticos,* 1857, com o retrato; e *Novas Poesias,* 1866), e de muitos artigos litterarios em diversos periodicos. Publicou em 1864 na Imprensa Nacional uma elegante e muito fiel *traducção* de Torquato Tasso, versão muito melhor que a do classico André Rodrigues de Mattos. Ha tambem d'elle magnificas versões poeticas da Ode de Manzoni *Cinco de Maio* e do *Carmen Seculare* de Horacio; e faz-lhe grande honra a sua recente poesia original o *Bussaco.* Tem inedita uma extensa *biographia* do infeliz infante D. Duarte, acompanhada de importantes documentos historicos. Oxalá que o governo o habilite em breve com os meios necessarios para a impressão d'uma obra tão interessante. Este illustre escriptor tambem se torna digno da geral estima pela sisudeza de seu caracter e pelo seu exemplar comportamento«. A esta synthese das obras e merecimento do sr. Ramos Coelho devemos accrescentar como relevante serviço litterario as *annotações* e *critica* com que enriqueceu a esplendida edição do *Hyssope* de 1879.

Relativamente á *biographia* do infante D. Duarte devemos accrescentar hoje (nesta 2.ª edição) que sahiu já a lume o tomo primeiro, o qual accusa investigação perseverante e consciente, criterio seguro e linguagem tersa e polida, que tornam este trabalho muito importante.

José da Silva Mendes Leal (LXIX). A poesia que aproveitamos d'este notavel publicista é tomada do *Almanach das Senhoras para* 1872 (2.º anno), pag. 113, onde traz a data — Abril 25 — 71. Por occasião do seu fallecimento dissemos no *Instituto* (vol. XXXIV, n.º 2) o seguinte:

«MENDES LEAL nasceu em Lisboa a 18 de outubro de 1820 e foi varão distinctissimo nas lettras. Escreveu muito e em variados ramos: na poesia, no drama, na politica, no romance, na historia; honrou a tribuna como orador nas duas camaras; foi diplomata, representando o paiz nas côrtes de França e Hespanha; sobraçou a pasta de ministro, e pertenceu ao conselho de estado.

«Na nossa sociedade foi dos primeiros socios, e em 1840 era já da Nova Academia Dramatica e collaborava na *Chronica Litteraria,* em cujo volume segundo inseriu uma poesia, *Poeta,* com o n.º 45 nas paginas 319 a 325. Neste nosso jornal, volume VIII, analysou o dr. Antonio da Cunha

Vieira de Meirelles o poemeto *Pavilhão negro*, e Abilio Germano Vieira de Meirelles o poemeto *Napoleão no Kremlim* no volume XIII. Antonio Joaquim da Silva Tullio traçou a sua biographia na *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*, tomo I (1859), e Antonio Pedro Lopes de Mendonça (1855) o seu perfil litterario nas suas *Memorias de litteratura*. No *Panorama*, volume XI (1854), delineou Luiz Augusto Rebello da Silva a critica das suas poesias, e Candido de Figueiredo no seu livro *Homens e Lettras* (1881) o esboceto de seus altos meritos. Innocencio Francisco da Silva no *Diccionario Bibliographico*, tomo V (1860), dá d'elle e de suas obras copiosa noticia.

«Como se vê, trabalhou sempre, e trabalhou muito; a penna na sua mão foi espada nas discussões, buril nas pinturas poeticas; louro de victoria, sceptro de realeza. O seu peregrino ingenho amoldou-a ao serviço das suas variadas aptidões. Desde o *Mosaico* (1840), onde escreveu o seu primeiro romance, *Ignez de Castro*, até ás *Novidades* (1885), onde publicou a sua traducção da Ode de Manzoni,... neste estádio de quarenta e seis annos nunca se lhe embotaram os fios de tão admiravel instrumento. Com ella se engrandeceu; é ella o melhor adorno da sua campa».

José de Sousa Monteiro (XCVII) nasceu na villa da Praia, ilha de S. Thiago, do archipelago de Cabo Verde, a 20 de agosto de 1846, e seguiu com distincção os dois cursos, superior de lettras e de diplomatica. É filho de José Maria de Sousa Monteiro e de D. Claudia Tavares de Almeida. Publicou em 1882 e 1883 dois livros de poesias que lhe deram distincta reputação litteraria. Intitula-se o primeiro *Sonetos* e o segundo *Poemas: mysticos, antigos, modernos*. Posteriormente sahiu a lume outro não menos notavel em prosa: *Os Amores de Julia*. Foi este um dos livros que concorreram a premio no primeiro concurso, aberto por El-Rei D. Luiz I na Academia Real das Sciencias para as obras de merito litterario ou scientifico relevante. Teve neste certame os votos de quatro academicos dos mais conspicuos e independentes: os srs. dr. Antonio Candido, visconde de Monsaraz, Candido de Figueiredo e Christovão Ayres.

O sr. Sousa Monteiro tem nas tradições de familia mo-

delo e incentivo para as lettras e para a discussão, porisso que seu pae foi um bom litterato e polemista respeitavel. Nas luctas da penna era dextro e vigoroso; podemos dizer até que era invencivel. O filho realça com seus dotes esta herança tão illustre.

Do esplendido jornal *Lisboa-Porto, numero unico,* trasladamos o soneto (XCVII) *Mater dolorosa* d'este insigne poeta.

Julio de Castilho (XCII, XCV, XCVI, XCVIII) é o segundo visconde de Castilho, filho do primeiro visconde Antonio Feliciano de Castilho, e nasceu em Lisboa a 30 de abril de 1840.

Não nos atrevendo a emittir opinião propria, por lhe pouparmos offensa de modestia, tomamos como nosso o parecer do sr. Candido de Figueiredo, o qual diz no seu livro *Homens e lettras* (pag. 85 e 86) o seguinte:

«Tem um perfil distincto: faz-me lembrar ás vezes os traços physionomicos da familia Orleans. O olhar é doce, insinuante e, ao mesmo tempo, grave. O seu bigode grisalho, num rosto levemente pallido, acareia-lhe respeitos que a idade não exige. A polidez do gesto e do tracto cercam-no de sympathias que muitos invejam e poucos conquistam.

«Entre os predicados moraes que mais o enaltecem sobresahe o culto que sempre tributou a seu pai e á memoria d'este. Caracter essencialmente benevolo e bom, elle tudo perdoaria, menos qualquer beliscadura, ainda a mais ligeira, em o nome querido de seu pai. Isto, que muitas vezes será uma injustiça, nunca deixará de ser uma grande virtude.

«Entretanto, para si, ninguem ha mais desprendido de vaidades. Não procura nunca impôr o seu merito: compraz-se na obscuridade e modestia do seu labor intelligente e digno. O segundo visconde de Castilho herdou do primeiro, além do nome, as predilecções artisticas: Julio de Castilho venera exemplarmente a antiguidade classica; os seus trabalhos litterarios trazem o cunho d'essa veneração excepcional, e se não canta Phebo e Latona, o Pindo e o Pégaso, é porque bem vê que ninguem o lería.

«Mas d'esse culto pelo classicismo derivou o merito principal dos seus escriptos: a vernaculidade de phrase, a

pureza de linguagem, e á prudentissima escolha dos assumptos».

Nas *Excavações Poeticas* (pag. 245) de A. F. de Castilho se publicou uma linda poesia de M[lle] Pauline Flaugergues, *Horoscope*, «formosos versos, diz Castilho, com que M[lle] Flaugergues festejou o nascimento do meu primogenito *(Julio de Castilho)*; versos que pel-o empenharem a elle em grandes obrigações, com muito melhor vontade ponho aqui...»

HOROSCOPE

Tu Marcellus eris!...
Virg.

Jeune enfant, tu seras poète!
Déjà, sur ta débile tète,
Je vois, je vois briller le laurier paternel.
Que la muse te donne un baiser fraternel!

En songe, elle t'a vu bégayer et sourire...
Tes premiers mots étaient des chants.
Ta petite main rose, en jouant sur la lyre,
Faisait voler des airs touchants.

Enfant, heureux enfant, oui, tu seras poète!
Oui, d'un oeil enchanté tes pas suivront l'essor!
Vers toi je vois descendre un ange aux ailes d'or,
Qui, pour ton jeune front, tient la couronne prête.

Que ton heureuse mère, en admirant tes charmes,
Nous entende applaudir à tes premiers essais!
Et vous, à qui j'adresse un *adieu* plein de larmes,
Dîtes-lui qu'une amie a prédit ses succès!

D'este poeta tomamos quatro poesias, sendo a primeira (XCII) do livro *Primeiros versos*, 1867; a segunda (XCV) das *Manuelinas*, 1889; a terceira (XCVI) composta expressamente para o nosso *Parnaso Mariano*, e a quarta (XCVIII) do *Ermiterio*, 1876.

A primeira lição da poesia XCII appareceu no *Almanack de lembranças* de 1858, e por apresentar algumas variantes aqui a archivamos:

AVE-MARIA

Uma tarde, cansado e cheio o espirito
de fervente poesia,
fui buscar longe, á ermida solitaria,
a santa Ave-Maria.

O campo enviava ao céo doces fragrancias,
qual thuribulo que arde!
Boiavam sons confusos: eram canticos;
os canticos da tarde!

A voz do homem, do vento, pelas plumulas
da ceara estendida,
a harmonisar co'a longe e infantil supplica
do sininho da ermida!

Hour of love diz Byron, o poetico,
da hora da AVE-MARIA!
Oh! campo! oh! Byron! Byron saudosissimo!
oh! poesia! poesia!...

Na primeira edição d'este *Parnaso* aproveitámos só esta poesia; nesta segunda junctamos outras que nos foi permittido selectar. E sobre tudo agradecemos cordialissimamente a que nos foi destinada de proposito, fineza inolvidavel pela honra que merecemos a tão distincto cultor das lettras.

Filhos de reis são principes; são principes os filhos dos reis da lyra. Ha familias onde o talento é herança, e está neste caso a familia CASTILHO, do que a melhor e mais concludente prova é este nosso amigo. O sr. Julio de Castilho é um verdadeiro litterato; o genio e o gosto abraçam-se no seu espirito em laço estreito. Não tem menos erudição do que seu pae, e porventura mais sentimento, coração mais vivo. Espanta-nos no pae a opulencia e a majestade, commove-nos no filho a ternura e a delicadeza.

Além da bibliographia importante d'este illustre academico, que se lê no *Diccionario* do sr. Brito Aranha, vol. 13.° pag. 252 e 253, citamos como homenagem a tão peregrino talento um artigo critico do sr. Luiz Filippe Leite a pag. 136 do tomo I da *Revista Peninsular* (Lisboa, 1856), e um folhetim do sr. Julio Cesar Machado, inserto na *Revolução de Setembro* (1861) e que se intitula *O Ermiterio*.

Luiz Augusto Palmeirim (XLI). É natural de Lisboa e filho do tenente general Luiz Ignacio Xavier Palmeirim, assim como irmão d'outro general, Augusto Xavier Palmeirim. É poeta e prosador, e distincto pelo seu merito litterario. O livro que publicou, intitulado *Poesias*, teve voga extraordinaria, porque foi dos poetas mais po-

pulares. Collaborou em muitos jornaes, e da *Revista Universal Lisbonense,* tomo VII, trasladamos a sua *Salve Regina.*

Luiz de Camões (I, III, XLVI, LXXXVI, XCIX). O primeiro de nossos cantores, o nosso epico immortal, devia por mais d'um motivo ser tambem aqui o primeiro. Os dois sonetos (I e III), que lhe pertencem e precedem esta collecção, são transcriptos das *Obras de Luiz de Camões*... pelo Visconde de Juromenha, vol. II, pag. 99 e 100, Imprensa Nacional, 1861; e têem na secção dos sonetos os numeros CXCVII e CXCVIII; transcrevemol-os com pequena variante orthographica. Tem este poeta mais poesias sacras, entre as quaes ainda outro soneto (LXXXVI) á CONCEIÇÃO. Ha ainda tres sonetos a N. S. Jesus Christo, dois á Cruz, um a S. Francisco de Assis, outro ao Baptista, outro a S. João Evangelista. E além dos sonetos conta outras do mesmo genero, sendo notavel a Elegia XI (Idem, vol III, 1862, pag. 205 a 210), cujo extracto leva aqui o n.º XLVI.

Camões nasceu em Lisboa nos fins de 1524 ou principios de 1525, e falleceu na mesma cidade a 10 de junho de 1580. Foi filho de Simão Vaz de Camões e de sua mulher D. Anna de Sá de Macedo. Era um grande poeta, e a sua obra prima são os *Lusiadas.* Quando ha poucos annos se celebrou festivamente o tricentenario do seu fallecimento, o sr. Ramalho Ortigão escreveu do celebre poema as seguintes sentenciosas palavras: «Os *Lusiadas* são a pedra monumental sob que jaz a gloria da patria, e é nessa pedra que terão de vir afiar as suas espadas de combate todos os portuguezes que se armarem para resistir a esta invasão terrivel com que luctamos e que se chama—a decadencia.»

D'este peregrino poeta tanto se tem dicto e escripto, que seria tentamen impossivel completar uma *Camoniana,* ou collecção de quanto lhe diz respeito em litteratura. Apesar d'isso talvez ainda não fosse bem avaliado em algumas de suas producções. Ha muito que dizer das suas *rimas,* em que tem raros imitadores, e nenhum que o eguale. As suas *sacras* passam despercebidas, misturadas inconscientemente na multidão de outras poesias. Enfeixam-se estas em grupos, que se coordenam pelo genero e não pelo assumpto. Apinham-se os *sonetos* em cardume, cerram-se em fileiras as *eclogas,* as *canções,* as *odes,*

etc. Não se discriminam pelo sujeito, classificam-se pela fórma. Por occasião do tricentenario publicaram-se monographias importantes: este, por exemplo, estudou a *flora* dos *Lusiadas*, aquelle encarou o poeta como *marinheiro*; pouco ficou por explorar dos multiplices aspectos que as obras do poeta offerecem aos estudiosos. A compilação do que é religioso todavia não se fez. Por ventura ainda em tempo a tentaremos, avaliando o grande epico sob uma face que muito especialmente o distingue.

Não queremos comtudo affirmar que tenha passado inapercebido o seu caracter eminentemente religioso, o qual se revela em quasi todos os seus escriptos. E neste sentido apontaremos um estimavel opusculo que se publicou por occasião do tricentenario, escripto pelo padre Antonio Honorati, ha poucos mezes fallecido. Intitula-se: *O caracter religioso dos Lusiadas de Luiz de Camões — Documentos e reflexões de um professor do collegio de Maria Sanctissima Immaculada em Campolide* — Lisboa, 1880, 8.º 142 paginas. Tem no frontispicio a seguinte epigraphe, tirada dos *Lusiadas:*

> Aquelles sós direi que aventuraram
> Por seu Deus, por seu rei a amada vida.

Este sacerdote pertencia á Companhia de Jesus, e era erudito, como se revelou nas suas obras. Além d'este livrinho fôra tambem auctor do *Chrysostomo portuguez*, onde tinha compilado, e em parte corrigido, depurando-o de argucias e torcidas applicações e allusões biblicas, o nosso grande Antonio Vieira; d'esta obra, util para os nossos oradores sagrados, deixou publicados quatro volumes, todos precedidos de excellentes introducções, em que sobresahe o seu bom criterio e gosto. No opusculo camoniano aprecia magistralmente a indole religiosa do nosso epico, mas analysando sómente os *Lusiadas*; tem por ventura o defeito de se entranhar demasiado na lenda. *Est modus in rebus:* é preceito horaciano que um espirito tão culto não devêra esquecer [1]. Nas *Rimas* do grande poeta

[1] D'este preceito do venusino (Sat. I, 1.ª, v. 106) apontamos a versão do sr. Antonio Luiz de Seabra, *Satyras e Epistolas de Quinto*

superabundam tambem poesias religiosas, sendo algumas singularmente distinctas.

Acabamos como principiámos. Camões é o alpha e o omega do nosso livro. Cantou a Conceição e a Encarnação (I e III), remata com a scena (XCIX) do Calvario. Abriu e fechou o nosso epico esta serie de poesias marianas; posto á frente d'este batalhão sagrado, cerra-lhe a retaguarda. Não expomos todos os poetas nem exploramos todas as poesias d'este assumpto: cumprimos o que prometteramos, mostrando que a poesia portugueza em todos os tempos e em todas as escholas prestara á VIRGEM MARIA preito e veneração.

D'esta elegia do grande poeta copiamos o que diz o fallecido visconde de Juromenha (*Obras de Luiz de Camões,* vol. III, pag. 516.):

«Esta elegia é escripta no estylo da *Lamentação á morte de Christo,* de Sannazaro; é obra sem duvida do tempo em que cursava os estudos em Coimbra, e por isso das primeiras cousas que escreveu. Distingue-se por certa vangloria em mostrar erudição, e revela os conhecimentos que havia adquirido naquella universidade em todos os ramos da sciencia; é além d'isto repassada de sentimentos religiosos, e de extrema compuncção pela tragedia sagrada que libertou o genero humano, commemorada pela Egreja em sexta feira maior, dia em que esta poesia parece ter sido recitada pelo Poeta. É tambem para notar o exaltado enthusiasmo de que já se achava possuido, em annos tão tenros, por Homero e Virgilio:

> Tomára ser Virgilio ou ser Homero.
> Sómente no saber que foi divino,
> Que ser o que elles forão não n'o quero.

«Foi feita, como diz, á sombra de um freixo, e é acompanhada do soneto dedicatorio, que eu supponho dirigido a seu tio D. Bento de Camões, prior de Sancta Cruz de Coimbra. Vem no manuscripto de Luiz Franco.»

Horacio Flacco; traduzidas e annotadas. Porto, 1846, 2 vol. (tom. I, pag. 6):

> . . . . ha certo modo em tudo;
> Ha certas rayas entre as quaes consiste,
> Nem mais cá, nem mais lá, o justo acerto.

O sr. conselheiro Antonio José Viale no seu *Bosquejo metrico da historia de Portugal* (Edição 5.ª cant. III, de 1886) allude a este poeta nos versos seguintes:

Do nobre Gama a empreza peregrina
É por Camões cantada em versos d'oiro:
....
Não sobrevive á patria moribunda
O seu cantor sem par, o eximio vate:
....
Camões, da cara patria o fado corres:
Floresce? Vives. Perde a gloria? Morres!

No dithyrambo 1.º, já citado por vezes, do nosso famoso Diniz sobresahe este brinde a Camões:

Tu que, cantando, do grande Gama
Fizeste eterna no mundo a fama,
Sempre famoso,
Ou com as trompas
Os ares rompas,
Ou dos amores
A doce pena,
Que o céo te ordena,
Cantes saudoso
Na branda lyra,
Ou rude avena
Entre os pastores,
Tu, em meus versos benigno inspira
De tuas vozes o grato accento:
E emquanto respeitoso a mente inclino,
Dobro o joelho e o grande vaso empino.
....

Luys Anrriques (LXXX). O poeta Luiz Henriques occupa com as suas producções no *Cancioneiro* de Garcia de Rezende desde fol. 97 v. até 106, e d'aqui trasladamos a poesia dedicada a Nossa Senhora, especie de glosa á *Ave Maria*. Conservamos a propria orthographia, por lhe não tirar o sabor proprio da sua longevidade litteraria. E facillimo é interpretar o seu sentido, lendo-a com alguma attenção.

Já na nota de *Diogo Brandão* dissemos do livro do *Cancioneiro*.

Manuel José Coutinho Pereira de Sousa e Menezes (LXX). Este soneto, rubricado por *Coutinho*, attribuimol-o a um antigo conego d'este nome, que per-

tençia á casa do visconde da Bahia, oriunda de José de Seabra da Silva. Era um sacerdote illustrado e bemquisto, e que além d'isso privava com as musas. Conhecemos d'elle um folhetinho com o titulo: *Ode que á saudosa memoria do illustrissimo e excellentissimo senhor D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho... offerece M. J. C. P. S. M.* Foi impresso em 1822 na Imprensa da Universidade. Na mesma Imprensa se publicou em 1841 o *Sermão* do Padre Fr. Alexandre Palhares, prégado na Sé Velha em 1802, e que tem a declaração de ser *mais correcto e expurgado de muitas faltas e erros orthographicos por Manoel José Coutinho Pereira de Sousa e Menezes. Alpedrinha* 20 *de abril de* 1833. O conego Coutinho pelas suas opiniões politicas foi deportado de Coimbra para Alpedrinha no governo de D. Miguel de Bragança, e nesta villa, segundo informações que nos deram fidedignas, se portou exemplarmente com dignidade e affabilidade, que arguiam nobreza ingenita de character. É curioso o soneto que inserimos, e que tomámos d'um manuscripto que pertence ao nosso presado amigo, Augusto Mendes Simões de Castro. A paternidade que lhe attribuimos é conjectura do sr. Simões de Castro, que adoptamos.

Manuel Maria de Barbosa du Bocage (IV, XVIII, XXXV, LXXII) é o famoso Elmano Sadino, que creou eschola e teve admiradores enthusiastas e inimigos acerrimos. Compoz muitas poesias sagradas, sendo algumas de merecimento peregrino. O conego fluminense Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro diz ácerca d'ellas (*Resumo da historia litteraria,* tomo II, Rio de Janeiro, 1873) o seguinte: «Preciosas gemmas são sem duvida os *Cantos á Conceição de Nossa Senhora,* em que sua alma, essencialmente religiosa, arrôba-se toda em mysticos effluvios, e parece despregar-se do seu involucro terreno. É uma antecipação da musa de Manzoni e de Lamartine.»

Bocage nasceu em Setubal a 15 de setembro de 1765, e foi filho de José Luiz Soares de Barbosa e de D. Marianna Joaquina Xavier du Bocage. Commemorando a sua alta reputação, os setubalenses em 10 de abril de 1864 instauraram uma lapida no frontispicio da casa onde nascera; e a 21 de dezembro de 1871, sexagesimo setimo anniversario da sua morte (succedida em Lisboa no anno de

1805), numa praça da mesma cidade de Setubal se lhe erigiu uma estatua pedestre por iniciativa de José Feliciano de Castilho e de outros portuguezes residentes no Brazil.

O soneto que apresentamos, em que elle invoca o amparo da Virgem Sanctissima, é extrahido das *Poesias de Manuel Maria de Barbosa du Bocage... dispostas e annotadas por I. F. da Silva*... edição de A. J. F. Lopes, Lisboa, 1853, vol. I pag. 188.

A opinião de Luiz Augusto Rebello da Silva ácerca das suas poesias religiosas é muito notavel, e porisso a apontamos:

«A religião nos seus versos sobe á altura, em que o espirito a deseja, e as harmonias com que a celebra vê-se que nascem da alma e não do artificio. Menos suave e reflexivo do que Lamartine, em cujos quadros corre a luz doirada da imaginação atheniense, voz mais exterior no culto do que devota na essencia,... Bocage adora, e em rasgos desiguaes, mas extraordinarios, eleva-se á eloquencia fogosa dos Tertullianos, á devoção extatica dos primeiros apologistas. Entre os labios e o coração não se percebe o calculo. Não canta a pureza da Virgem, não lança em traços epicos as grandes imagens dos prophetas; não treme, não chora, não se converte sobre as cinzas do arrependimento,... a inspiração de Elmano rebenta do sentimento que o devora; canta porque ama, porque adora, porque crê!... Não combina um papel, diz o que sente, o que desde a infancia acreditou e temeu....»

O primeiro biographo d'este poeta foi o professor regio da lingua grega em Belem, Antonio Maria do Couto, pois fallecendo Bocage a 21 de dezembro de 1805, logo em 1806 se imprimia na officina de Simão Thaddeo Ferreira em Lisboa um opusculo de 46 paginas (terceiro numero das conhecidas *Producções* de Couto) com o titulo de *Memorias sobre a vida de Manuel Maria de Barbosa du Bocage, escritas por Antonio Maria do Couto*, etc. É dedicado ao conego da sé de Lisboa, José Pedro Bayard, e apresenta como epigraphe o verso de Bocage:

Perdeste o mundo e renovaste a vida.

É curioso o folheto e merece que se leia. Numa *nota* a pag. 21 apresenta a opinião do celebre allemão Link, que

na sua viagem a Portugal em 1797 avaliou com elogio a litteratura portugueza. De Bocage diz elle: «Não se lhe póde negar um particular talento, e mui distincto. Senhor sempre da sua dicção, sua expressão é energica e concisa; e o que ha nisto de mais notavel é que ainda com esta qualidade o seu estylo é todo cheio de harmonia. Elle foge do tom inspirado, enjoativo e frouxo que domina em todas as obras dos seus rivaes; e apezar de que todas as suas poesias têem um certo resabio de melancholia, elle se exprime sempre forte e vigorosamente. Evita o escolho em que naufragam sempre os poetas hespanhoes e italianos, (isto é) pouco se entrega aos jogos do espirito e aos conceitos.»

Couto não avalia o poeta nos seus cantos religiosos, que têem uma reputação superior com trechos admiraveis. Nunca o catholicismo teve por ventura entre nós poeta mais inspirado. Ha uma allusão á Sanctissima Trindade, por exemplo, que é exposta com grande energia e muita devoção. Permitta-se-nos que a transcrevamos:

Acatamento em si e audacia unindo,
....
A impavida Razão, celeste effluvio,
Se eleva, se arrebata.
Por entre immensa noite e dia immenso
(Mercê do conductor, da Fé que a anima)
Sobe de céos em céos, alcança ao longe
O grão Principio dos principios todos.
....
Luz, de reflexos tres, inextinguivel,
Luz, que existe de si, luz de que emanam
A natureza, a vida, o fado, a gloria,
D'alli reparte aos entes
Altas virtudes, sentimento augusto;
....

D'este opusculo de Antonio Maria do Couto se fez segunda edição em 1840, junctando-se-lhe as *poesias satyricas* de Bocage, segundo indica I. F. da Silva. Mais tarde, em 1841, appareceu tambem do mesmo auctor a *Biographia de José Agostinho de Macedo*, com quem tivera graves dissenções litterarias, e o azedume da antiga hostilidade ainda transpira na sua apreciação. Da famosa guerra de Bocage e Macedo procederia porventura a inclinação e sympathia de Couto por aquelle, visto ter sido martyrisado

asperamente por este segundo. Bocage e Macedo pertenceram á segunda Arcadia com os nomes de Elmano Sadino e de Elmiro Tagideu. Esta Arcadia fôra fundada em 1790 por Domingos de Caldas Barbosa (Lereno Selinuntino), e se intitulava Academia de Bellas-Lettras, e teve muitos confrades, de que citaremos os seguintes: José Thomaz da Silva Quintanilha (Eurindo Nonacriense), Francisco Joaquim Bingre (Francelio Vouguense), Belchior Manuel Curvo Semmedo (Belmiro Transtagano), Nuno Alvares Pereira Pato Moniz (Olino), Sebastião Xavier Botelho (Clario), cujo elogio historico foi feito por Alexandre Herculano, Thomaz Antonio dos Sanctos Silva (Thomino), Antonio José de Lima Leitão (Almiro Lacobricense), Francisco Freire de Carvalho (Filinto Junior) etc.

Parece-nos que são as *cantatas* as poesias que este notabilissimo poeta compoz com maior predilecção, as fôrmas em que modelou mais perfeitamente as inspirações do seu genio. *Medêa, Ignez de Castro, Leandro e Hero* são monumentos litterarios de fino gosto, d'aquelles de que o lyrico latino, consciente do proprio merito, affirmava: *exegi monumentum aere perennius*. Succedem-se as escholas, modifica-se a linguagem, alteram-se os costumes, transformam-se as ideias, mas eternisam-se os modelos, que se tornam desespero de mestres e exemplos para vindoiros. Bocage não esquece. Não terá embora nada do nosso tempo (como diz o sr. Camillo Castello Branco), mas possue o que é de todos os tempos: o genio, que não envelhece, mas antes se remoça. Será esteril o seu periodo litterario, triste como as charnecas; mas não perde o brilho, por ser mal emmoldurado, o quadro excellente. Não o encadearam, cortando-lhe os vôos, as peias da mythologia; como as cantatas de Rousseau, que são mythologicas, as de Bocage fixaram-se de vez na litteratura.

Sobresahe tambem entre ellas uma excepcionalmente sacra e dedicada á *Purissima Conceição de Nossa Senhora*, que extractamos. O retrato da Virgem é majestoso; phrase escolhida e vocabulos sonoros, harmoniosa a cadencia do verso. O do dragão é energico e vivissimo, e a sua exposição admiravelmente onomatopaica. Aqui o reproduzimos:

....

Mas que feroz dragão lhe jaz ás plantas,
Sangue a bocca medonha, os olhos fogo!...

Rábido arqueja, tumido sibila,
Baldadas forças prova
Contra o pé melindroso
No collo inerme, na cerviz calcada,
Que rubras conchas escabrosas forram:
Enrosca, desenrosca a negra cauda,
E em horridos arrancos desfallece...
Oh triumpho! Oh mysterio! Oh maravilha!
Oh celeste heroina! A sacra turma,
Os entes immortaes, que te rodêam,
Modulam tua gloria em almos hymnos,
Que entre perfumes para os astros voam...
....

Manuel Mendes de Barbuda e Vasconcellos (LXXV). Foi este poeta magistrado e nasceu em Verdemilho, proximo de Aveiro, no anno de 1607. Falleceu a 30 de março de 1670. O poema donde extractámos os trechos citados intitula-se: VIRGINIDOS, *ou Vida da Virgem Senhora nossa. Poema heroico, dedicado á magestade da rainha D. Leonor, nossa senhora.* Lisboa, por Diogo Soares Bulhões — 1667. 4.º de XIV–487 folhas numeradas pela frente. Como se vê, pertence á eschola hespanhola e seguiu de perto o trilho do gongorismo.

Maria (D.) José Furtado de Mendonça (XC). O *Stabat Mater,* vertido em portuguez por esta senhora e por nós inserto nesta collecção, vem publicado num opusculo in 8.º de 42 paginas, sahido a lume em Nova-Goa (na Imprensa Nacional) de envolta com varias outras producções poeticas de diversos auctores, o que tudo está abrangido sob o titulo — «*Flores Christans* — versos escolhidos e publicados por um Indio». Nesse livrinho, por baixo do nome de D. Maria José Furtado de Mendonça, vem (entre parentheses) a indicação «Celorico da Beira». Isto importa dizer que a poetisa era d'alli natural, ou lá residente, ou ambas as cousas ao mesmo tempo.

E com effeito, por intervenção do nosso carissimo amigo, o sr. conego Abel Augusto de Sousa, conseguimos uma elucidação completa ácerca d'esta respeitavel dama, que ainda vive, com apontamentos que foram dictados por uma de suas filhas. São os seguintes, que fielmente copiamos como elementos valiosos para a sua biographia.

«Maria José Furtado de Mendonça nasceu na aldeia da Rapa, concelho de Celorico da Beira, a 22 de fevereiro

de 1826, e por tanto no mesmo anno que Camillo Castello Branco.

«Sua mãe, descendente de familia boa e honesta, e que pelas vicissitudes da fortuna ficou sem meios, tinha vindo, ainda menina, para aquella aldeia como mestra d'outra menina de familia abastada. Chamava-se Angelica Rita Furtado de Mendonça. Uma vez terminada a educação da discipula, casou com um rapaz da aldeia.

«Os primeiros annos da infancia de D. Maria José foram passados em meio da agitação que até nas pequenas aldeias causava a guerra civil que enluctou aquelles annos. Seu pae, levado por um genio enthusiasta, alistou-se como voluntario realista, e seguiu a sua bandeira, deixando na terra a familia. A pobre mãe, a quem por isso escasseara a subsistencia, lançou mão do unico meio que nesse tempo era permittido a uma mulher decente para ganhar a vida — o ensino.

«Abriu uma aula para creanças particulares, e em methodos escriptos por ella mesma ensinava a ler, escrever e contar as creanças que queriam alistar-se. Tão creança era a nossa biographada, que sua mãe apenas ás vezes por distracção lhe ensinava o som das lettras. Ficou pois espantada, quando a creança lhe disse uma manhã: — Ó mãe, eu sei ler! — Deixa ver o *abc*, disse-lhe esta. A creança leu, quasi correntemente, os caracteres manuscriptos que sua mãe traçara para outro discipulo! Nem as difficuldades que naquelle tempo embaraçavam o tirocinio escholar fizeram com que aquelle espirito não penetrasse nesse labyrinto de syllabas e combinações absurdas, adivinhando logo o x daquelle problema. Apprendido isto, pouco restava. Em poucas semanas escrevia, com lettra garrafal de creança, mas perfeitamente legivel, as cartas que as mulheres do povo enviavam aos maridos ou parentes, voluntarios realistas. Existem ainda cartas, escriptas por ella aos seis annos.

«Mas os mezes passavam, e a questão da legitimidade não se decidia. A pobre Angelica de Mendonça, com o coração cheio dos mais puros sentimentos religiosos, ensinava á pequena filha a orar constantemente por seu pae; e quanto mais as privações affligiam as pobres creaturas, mais aquelles corações se acendravam no mysticismo.

«Foi esta a raiz das crenças religiosas que mais terda

sua filha manifestou, já nos seus escriptos, já na mais rigorosa pratica. Com mais alguns annos tornou-se-lhe em adoração o amor que tinha á mãe, porque, além do carinho, apoio e conselhos que tinha nella, era a unica pessoa com quem convivia cujo espirito comprehendesse e guiasse os impulsos e voejar do seu espirito.

«Foi pois como uma desgraça irreparavel que avaliou a sua morte, de que hoje, passados quarenta annos, não poude ainda consolar-se. O que a susteve no seu desespero foram as crenças religiosas que a sancta creatura lhe tinha inoculado. Com o coração e o espirito asphyxiados, sem a unica pessoa que a havia comprehendido, concentrou-se muito, tendo por unico allivio as lagrimas e a solidão. Foi então que fez os primeiros versos, consagrados á memoria da mãe idolatrada. Após estes, outros e outros; e como era só ella que provia á sua subsistencia, costurando e ensinando creanças, teve mais d'uma vez retidos na memoria os versos feitos na segunda feira, e que só escrevia no domingo seguinte para não roubar uns poucos minutos ao trabalho da semana. A sua memoria é tão pouco vulgar, que ainda hoje sabe quasi completos livros e dramas apprendidos na infancia.

«A unica pessoa com illustração que havia no logar era o sr. José Maria d'Almeida Rebello, proprietario abastado, e que aos doze annos a tinha baptizado, pondo-lhe por isso o seu nome invertido — Maria José. Viuvo a este tempo d'uma senhora que lhe não deixou filhos, mostrou uma verdadeira predilecção pela afilhada, e começou a avaliar-lhe as qualidades de espirito e coração. Foi esta uma das epochas mais terriveis da vida da pobre rapariga. Por um lado ia-lhe tomando todo o coração um vivo affecto pelo padrinho, por outro a differença de condições, e o parentesco, que ella suppunha não ter dispensa, — pois era crença vulgar que padrinho e afilhada era como pae e filha — deram naquelle coração uma lucta, a que ella por vezes allude nos seus escriptos. A saude acabou de se lhe deteriorar; mas, sempre corajosa, guardou para si o motivo.

«Entretanto seu padrinho tractava da dispensa em Roma; e quando viu vencidas as difficuldades, disse-lhe — que não era um parentesco sem dispensa o seu, visto que lhe offerecia a sua mão. — Não é facil calcular o transporte e

quasi delirio que sentiu aquella alma tão impressionavel. Casaram a 2 de fevereiro de 1856. Durante alguns annos conheceu as alegrias de esposa, que em cada dia vê mais acrisolado o affecto e a estima do marido. Não podia durar muito felicidade tão completa. A 6 de dezembro de 1863 deixava de existir esse honrado homem, deixando tres filhos, e sua mulher no principio da quarta gravidez.

«Do que ella então soffreu dão uma leve ideia muitas das suas poesias, feitas á memoria do esposo e onde ia deixando pedaços do coração. Volvidos annos, um conjuncto de circumstancias, e a necessidade de ter quem lhe administrasse a sua casa, levaram-na a contrahir segundo matrimonio. A incompatibilidade de genios não a tornaram feliz. Perdeu tambem o segundo marido, ficando dois filhos d'este. O mais velho, Pedro dos Santos Furtado de Mendonça, de que hão de lembrar-se todos os alumnos do Collegio de S. Fiel do anno de 1881–1882, era dotado d'uma intelligencia phenomenal, e talvez por isso falleceu d'uma meningite no referido Collegio a 30 de novembro de 1882, tendo, no unico anno que frequentou aquella casa de educação, ganhado todos os primeiros premios. O outro filho d'este matrimonio é uma menina, que, quasi creança, tem já hoje escripto alguma cousa sob pseudonymo. Tem o nome de sua avó materna — Angelica.

«Ha muito que a sr.ª D. Maria José Furtado de Mendonça soffre de cataracta, tendo ha annos perdido toda a luz d'um dos olhos. Em 1888 sujeitou-se á operação, de que não tirou outro resultado mais que inauditos soffrimentos, que durante quasi seis mezes a retiveram no leito.

«Hoje vive na Rapa, em companhia de suas duas filhas mais novas — Maria da Soledade, a filha postuma, e Angelica, o seu *secretario*. As duas meninas já como filhas dedicadissimas, já como enfermeiras carinhosas e intelligentes, trabalham incessantemente em amenisar e prolongar os preciosos dias de sua mãe. Não tem a pobre senhora — privada de quasi toda a vista — maior alegria, do que ver reunidos no lar paterno suas duas filhas casadas e seus netos.

«Continua sempre escrevendo, ou dictando a sua filha, e avolumando assim os seus manuscriptos, que já hoje constituiriam alguns volumes, mas de que só parte têm sido publicados avulsos».

Junctamente com estes apontamentos nos enviaram uma poesia notavel e extensa, que se pode considerar como uma auto-biographia. D'ella aproveitamos algumas quadras que relatam os primeiros tempos da sua vida, e duas oitavas que exprimem as deliciosas sensações que experimentou com a proposta de casamento de seu primeiro marido.

Não tive berço doirado:
filha do povo nasci,
num logarejo isolado
entre os pequenos vivi.

Sem mais bem que o da innocencia
a minha infancia passou;
doirado sol da opulencia
nem uma vez me aquentou.

Assim, do mundo ignorada
passou minha adolescencia,
muita vez amargurada,
tocando quasi a indigencia.

Não podem dizer-se andrajos
as vestes que me cobriam;
mas eram humildes trajos
que o frio mal me tolhiam.

Caprichosa, a natureza
mostrou-se avara commigo:
não me concedeu belleza,
livrou-me d'esse inimigo.

. . . .
Ai! que gozo senti n'alma!
Que alegria sancta e pura!
Ter a suprema ventura
de amar tanto e ser amada!
N'aurea taça um puro nectar
sofregamente libei,
e alguns momentos fiquei
de prazer embriagada.

As notas do alaúde
a meus ouvidos soavam;
vi mil flores, que exhalavam
olores de pura essencia.
Repeti: «eu amo, eu amo
«sem faltar ao meu dever!
«Oh! quanto é doce o prazer
«que não mancha a consciencia!»
. . . .

Maria (D.) Rita Corrêa de Sá Benevides Velasco da Camara (LXXXIX) nasceu a 2 de outubro de 1821 e falleceu a 30 de janeiro de 1868. Foi filha do sexto visconde de Asseca (com grandeza) Antonio Maria Corrêa de Sá Benevides Velasco da Camara, e de sua mulher D. Rita de Castello Branco, terceira filha dos primeiros Marquezes de Bellas, e irmã do setimo visconde de Asseca Salvador Corrêa de Sá. Casou com o ultimo herdeiro da casa de Abrantes, D. José Maria da Piedade de Lencastre, de quem dizemos no seu logar proprio. Pertence-lhe o *Stabat Mater,* que nesta collecção tem o numero LXXXIX, a pag. 181.

Nicolau Tolentino de Almeida (V) insere este soneto logo no principio de todas as suas poesias: *Obras poeticas de Nicolau Tolentino de Almeida,* nova edição, tomo I, (Lisboa, 1826), pag. 3. Nasceu este poeta em Lisboa a 10 de setembro de 1741, sendo seus paes Francisco Soares de Almeida e D. Anna Soares. Sobre o seu grande merito apontarei o que diz o visconde de Almeida Garrett, mestre sobre todos competente: «Nicolau Tolentino é o poeta eminentemente nacional no seu genero: Boileau teve mais força, mas não tanta graça como o nosso bom mestre de rhetorica.... Confesso que de todos os poetas... unico é este em cuja causa me dou por suspeito: tanta é a paixão, a cegueira que tenho pelo mais verdadeiro, mais engraçado, mais *bom homem* de todos os nossos escriptores...»

Paulina (M^lle^) de Flaugergues (XV). Esta senhora era uma poetisa franceza dotada de muito talento. Veio a Portugal, não sei bem em que anno, convidada para preceptora das filhas da infanta D. Anna de Jesus Maria e do marquez (depois duque) de Loulé. Estava em Lisboa pelo menos desde o principio de 1836, segundo se vê no jornal *L'Abeille,* d'essa cidade, tomo I, pag. 84. Foi laureada na Academia de Tolosa com a VIOLETA D'OIRO, e recebeu do rei dos francezes, Luiz Filippe, uma pensão vitalicia. Consta-me que morrera ha muito tempo. Não sei marcar as datas do seu nascimento nem do seu obito; o que é certo é que foi muito bemquista entre nós e honrada pelos nossos primeiros litteratos de ha quarenta annos.

Traduziram poesias suas, que eu saiba, Almeida Garrett, Castro Freire e Augusto Lima; elogiou-a Castilho em formosos versos, escriptos na lingua de Racine e de Victor Hugo.

Temos sob os olhos um elegante livrinho de poesias d'esta dama, intitulado *Au bord du Tage,* que é uma carta de naturalização na nossa sociedade litteraria. Precede-o uma estampa, que representa a VIRGEM animando affavelmente a poetisa. Vê-se esta de joelhos na ré d'uma barca, que se baloiça sobre o mar agitado, adorar a celeste apparição.

D'este livro extractamos em fragmento a poesia juncta, que mereceu a um venerando prelado, o bispo de Rodez, Pedro Giraud, as palavras seguintes: «Nous avons lu avec un pieux intérêt l'hymne à la très sainte Vierge qui a pour titre *L'Étoile des mers.* On ne peut exprimer en plus beaux vers des sentimens d'une résignation plus chrétienne comme d'une confiance plus tendre la protection de celle qui remplit de la gloire de son nom le ciel, la terre et les mers...»

Acerca d'esta amiga dedicada dos portuguezes escreveram varios jornaes e livros. Entre outros citaremos *L'Abeille,* tom. I, pag. 84 (que já indicámos) e tom. II, pag. 173, assim como o *Portuguez Constitucional,* n.º 58, de 7 de setembro, sendo ambos estes jornaes de 1836; a *Revista Universal Lisbonense,* tom. I (1841-1842), paginas 47 e 511; *Excavações poeticas* de Antonio Feliciano de Castilho (1844), pag. 242 e seguintes; *Flores sem fructo* de Garrett (1844), *passim;* o *Trovador* (1848), pag. 133; *Recreações poeticas* de F. Castro Freire (1861), paginas 174, 175 e 176; *Portugal e os extrangeiros* (1879), tom. I, pag. 341.

M.lle de Flaugergues em 1840 era uma senhora de seus quarenta annos, modo muito agradavel, nariz comprido, physionomia fina, e usava aquelle penteado de saca-rolhas que era tão characteristico d'esse tempo. Podemos descrevel-a assim á vista d'um seu retrato, ou antes esboço (muito parecido segundo dizem), que foi tirado por pessoa que muito a estimava.

Pedro de Andrade Caminha (XLIII). Pertence este poeta á eschola de Ferreira e Sá de Miranda, e foi d'estes

muito conhecido e estimado. Ha de suas obras até hoje uma unica edição de 1791, e que se intitula: *Poesias de Pedro de Andrade Caminha, mandadas publicar pela Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Imprimiu-se na Typographia da mesma Academia. Para a historia da nossa litteratura foi util esta publicação, e não deslustra a eschola classica a collecção de todas as rimas, tão variadas, de Caminha. Cultivou a poesia com esmero, e até com algum merecimento. Comtudo a sua reputação accentuou-se com mais vantagem do que devia. Se é correcto e de grande erudição classica, propria do tempo e da côrte que frequentava como fidalgo e camareiro do infante D. Duarte, não póde hombrear com os melhores poetas contemporaneos. Fallece-lhe o estro; fraqueja-lhe a naturalidade, que se lhe asphyxia sob o artificio da imitação. É acanhada a fórma, rasteira a phantasia. Apesar d'isso recebeu um dos brindes de Diniz, que já por vezes mencionámos. Diz elle:

. . . .
Encham-me pois
D'esse liquidó pyrópo
Todo este cópo.
Que inteiro quero
Bebel-o em honra
Do grande Andrade.
De ti, Andrade,
Agora fallo,
Que de todos o primeiro,
De Verona o cysne imitando,
Entre nós gracioso derramas
Os curtos, mas picantes epigrammas.
Só te vejo nesta estrada;
Mas seguir-te a mi me agrada.
E entretanto de vinho o copo arrazo,
E em louvor de teu nome já o vaso.

O *soneto* que incluimos neste *Parnaso* vem no seu livro a pag. 422 e 423, e pertence aos *Fragmentos já impressos*.

Pedro da Costa Perestrello (LXXVIII). O douto Abbade de Sancto Adrião de Sever, Diogo Barbosa Machado, no tomo III da sua *Bibliotheca Lusitana* poucas palavras avança sobre este Perestrello.

Diz que fôra escrivão d'elrei, insigne poeta vulgar, e contemporaneo do grande Luiz de Camões. Assistiu com o posto de capitão na celebre batalha naval, que se deu

no golfo de Lepanto no anno de 1571 contra a potencia ottomana. Compoz: *Descobrimento de Vasco da Gama,* em oitava rima. Consta o poema de 16 cantos. Não publicou esta obra por ter sahido o grande Camões com a sua LUSIADA, cujo argumento era o mesmo que elle emprehendeu...; *Batalha Ausonia*, poema de D. João d'Austria. Consta de seis cantos em oitava rima. No ultimo canto traz pintada a fórma do estandarte real que os christãos ganharam ao grão-turco. Começa o poema:

> La santa Liga de christianos canto
> De Austria las armas, y el varon potente,

e acaba:

> Unida d'estes Principes la mano
> Los septros partiran del Ottomano.

Ha tambem d'elle *Satyra á Côrte de Madrid,* e outras producções.

Isto diz o eruditissimo Machado. Figurando na batalha de Lepanto e cantando o heroe d'esta guerra famosa, Pedro da Costa Perestrello faz naturalmente recordar o ROSARIO DE NOSSA SENHORA, a quem a victoria foi attribuida. Por ordem de Pio V se rezou o ROSARIO por occasião d'esta peleja em toda a Europa christã, e d'aqui proveio a sua grande devoção e popularidade. Como é sabido, foi em Lepanto que se poz dique decisivo á invasão mahometana, sangrando-lhe os impetos com uma derrota formidavel. *Fuit homo missus a Deo, cui nomen erat Johannes,* disse o Pontifice ácerca do general vencedor. Além de Perestrello, tambem o nosso Jeronymo Corte-Real, o cantou noutro poema epico, intitulado *Austriada*. Ambos os poetas esqueceram, mas a piedade religiosa consagra ainda o facto.

A *Academia dos Singulares de Lisboa,* que floresceu no seculo XVII, tomou NOSSA SENHORA DO ROSARIO para sua padroeira. Distinguem-se os seus discursos e poesias por um gongorismo exaggerado, ficira estreita por onde se achatavam os bons ingenhos d'aquelle tempo; mas o impulso religioso era o mesmo, e em honra da VIRGEM se desabotoavam esplendidos os requintes da eschola hespanhola. Para justificar as palestras litterarias d'esta Academia dizia o seu presidente, André Rodrigues de Mattos,

traductor da *Jerusalem libertada,* o seguinte: «São os certames academicos exame digno do litterario valor, concorrem para elles os juizos com o melhor do que sabem, fabricando, como engenhosas abelhas, do nectar de muitas flores a doçura de um só favo, inventou-os a competencia, repete-os a ambição não para conseguir o interesse dos premios, mas sómente por lograr a gloria dos applausos, porque contam os animos generosos seus triumphos pela honra e não pelo despojo.» E pouco depois accrescenta da santa Protectora: «E se sempre esta nossa Academia foi illustre mûseu de ingenhos Singulares, neste dia se levanta com a honra mais suprema, pois soube eleger por Protectora a Virgem Senhora Nossa do Rosario, em cuja Soberana Invocação podemos esperar todos da verdadeira Sciencia o melhor fructo, que assim nol-o segura o patrocinio de umas flores que tomaram os antigos por emblema da elegancia, confirmado em o adagio latino: *Vidimus loquentem rosam,...*»

No mesmo Certame um dos poetas academicos, Antonio Marques, cantou o seguinte:

....

Mas para que te invoco, oh musa humana,
quando outra Musa tenho soberana,
que no Pindo celeste
dos raios de outro Sol melhor se veste,
cuja fonte Hipocrene
é a fonte da Graça mais perenne?!
A vós, do mar Strella, sempre bella,
(Ave Maris Stella)
nesta empreza que toco,
imploro, solicito, exclamo, invoco,
para que em vosso amparo
o culto seja vosso,
sendo o meu verso claro;
e porque meu discurso se acrisole,
dae-me spirito, vós, genio divino,
dirá da Peregrina um peregrino.

....

Parece que a *empreza* d'esta Academia se formava d'uma pyramide de livros orlada de heras entrelaçadas com o lettreiro latino: *Solaque non possunt haec monumenta mori.* A estes signaes chamava um academico «coroas de eminencia e firmezas de duração». «Elegantemente o diz a nossa empreza (prosegue elle) n'esses dois geroglificos de

eminencia e firmeza: uma em as lettras e outra em os livros representados. São os livros os amigos mais fieis, os conselheiros mais puros, os juizes mais rectos, os guias mais certos,... tudo consegue quem os tracta, tudo senhoreia quem os estuda;... São as heras plantas que sempre florescem, verdores que nunca diminuem, antidoto do esquecimento e espelho da firmeza... Podemos logo com propriedade applicar que a pyramide de livros, claustro das sciencias humanas, representa aquella pyramide de graça e livro purissimo da Virgem Senhora... Na orla e cercadura de heras podemos tambem entender o Rosario sanctissimo, e debaixo d'aquelles verdores descobrir a purpura de Rosas...»

Inserindo estes trechos, que tanto discrepam do «bom senso e bom gosto», fazemol-o por accentuar a generalisação do culto da Virgem por todos os centros litterarios, quer na Arcadia de Garção e Diniz ou na de Bocage e Semmedo, como já na Academia de André de Mattos e de Manuel de Galhegos. Esta foi instituida em outubro de 1663 por Pedro Duarte Ferrão, e deixou cinco volumes de trabalhos das suas sessões, «documento palpavel (diz o sr. dr. Theophilo Braga) da perversão das ideias litterarias da epocha.» D'ella diz D. Francisco Manuel: «Famosa Academia de Lisboa, que se chamou dos *Singulares* por ser a primeira que se celebrou nesta cidade á imitação dos *Illuminados, Insensatos, Lyricos* da Italia, em Urbino, Padua e Roma.»

A festa do Rosario foi entre nós popularissima, e nos nossos sermonarios sobresahem discursos peregrinos sobre este assumpto desde o famoso sermão do padre Antonio Vieira até á oração formosissima do sr. Pedro Manuel Nogueira, recitada na sé de Coimbra em 8 de novembro de 1885.

A poesia de Perestrello, que apresentamos por extracto, é modelada pelas canções, já aqui indicadas, de Diogo Bernardes (n.º XXVI) e Sá de Miranda (n.º XLIII), as quaes imitaram por ventura todos tres da de Petrarca (c. 108). Innocencio Francisco da Silva, como noutras partes dissemos, reputa apocriphas as poesias de Perestrello, Francisco Galvão e Ayres Telles, que Antonio Lourenço Caminha publicou em dois volumes, sendo o primeiro em M. DCC. XCI na Offic. de Antonio Gomes, e o segundo em M. DCC. LXXXXII

na Offic. de Filippe José de França, e Liz, ambas de Lisboa. Em cada um dos dois volumes precede as poesias uma provisão de privilegio privativo de impressão por dez annos de D. Maria I, de 19 de outubro de 1791, passada a favor d'este Caminha (que era professor regio de rhetorica) á maneira da que se concedera á viuva de Garção. O sr. dr. Theophilo Braga desmente o auctor do *Diccionario Bibliographico,* mas não desenvolve nem justifica bem a sua opinião, a qual baseia sómente em se encontrarem entre os de Camões sonetos de Perestrello com variantes notaveis. Nós, sem esmiuçarmos argumentos, apontaremos sómente que as poesias dos tres poetas são muito distinctas umas das outras para se aventar que pertencem todas a Caminha, como pretende Innocencio. Nem sequer rastreamos nellas aquelle ar, aquella semelhança de familia de que falla Ovidio, alludindo ás nereidas:

> ....Facies non ... una
> Nec diversa tamen, qualem decet esse sororum.

Sophia (D.) de Roure Auffdiener Pimentel (LIII), filha de João de Roure e de D. Emilia Auffdiener, é a sr.ª Viscondessa de Villa Maior, viuva do visconde do mesmo titulo e ultimo reitor da Universidade, Julio Maximo de Oliveira Pimentel, com quem casou aos 18 annos de edade em 19 de julho de 1839. Teve do seu consorcio um filho, que foi artista distincto, Emilio Pimentel, o qual adornou de primorosas estampas a excellente monographia de seu pae, o *Douro Illustrado;* e uma filha, a Marqueza de Bellas, primeira esposa do actual Marquez. É neta materna de José Aglaé Auffdiener e de D. Maria Antonieta May, e bisneta de Luiz Auffdiener e de Genoveva de Remusat. Nasceu em Lisboa a 17 de março de 1821.

Assim como extrahimos a poesia n.º XLV d'um conto triste, NO MAR, do visconde de Monsaraz, egualmente trasladamos esta da viscondessa de Villa Maior d'um conto seu, FLOR MILAGROSA, que se publicou em tempo no jornal a *Semana,* tomo II, e logo em seguida na *Revista Popular,* tomo IV, redigido o primeiro por A. da Silva Tullio e o segundo pelo sr. J. M. Latino Coelho.

Da mesma senhora ha um livro muito curioso, approvado pelo Conselho Geral de Instrucção Publica para auxilio do

ensino secundario: *Poesias lyricas selectas de Luiz de Camões*, impresso em 1876. De tal livro escreveu o nosso presado amigo Seabra d'Albuquerque na sua *Bibliographia da Imprensa da Universidade* (anno de 1876), a que addicionou importantes notas biographicas, que aproveitamos nesta curta noticia.

O pequeno conto da sr.ª Viscondessa de Villa Maior tem por scenario o Gerez, aś margens do Cávado e a cidade de Vianna do Castello na foz do Lima, e assenta numa singela tradição do Minho. Não se assemelha aos *contos* do sr. A. Pereira da Cunha ou ás *novellas* do sr. Camillo Castello Branco. Tanto uns como outras respiram paixões violentas, desatam-se em desfechos tragicos; a *Flor milagrosa* é suave como o seu nome, uma narração innocente: flor a que faltava a luz, recuperada num milagre de fé. «É um conto, diz o sr. Latino Coelho (*Semana*, vol. II, n.º 34), tão singelo no pensamento, como simples e elegante na fórma...; pertence a esta eschola ingenua e simples que se dirige mais ao sentimento que á phantasia. O enredo marcha rapidamente até á peripecia, que é de um effeito agradavel e bem combinado. O estylo é culto, sem ser guindado.» É o conto que eu tenho lido que melhor se coaduna com o clima amoroso d'aquella provincia, descripta a primor no livro *No Minho* do sr. D. Antonio da Costa.

Em 1878 fui ao Minho; uma viagem de dois dias a *vol d'oiseau*. Partindo do Porto no dia 16 de agosto pela madrugada, estava de volta no dia 17 á noitinha. Naquelle delicioso trajecto fui recebendo successivamente as mais agradaveis impressões que póde experimentar um viajante.

Passei pelo Ave e pelo Cávado, costeei o Neiva, atravessei o Lima, depois o Ancora, e logo adeante cheguei ao Minho na sua foz e confluencia com o Coura; achava-me em Caminha, defronte da Galliza. Isto tudo em poucas horas; na sua rapida carreira o comboio ia numas partes serpejando por viçosas pradarias, matizadas de frequentes casaes e campanarios, além rompia por entre collinas perfurando varios tunneis. Darque e Vianna ostentavam formosissimos panoramas, e logo em seguida avistava-se o mar... É lindo o passeio de Vianna até Caminha, estreitado pelo Oceano e pela serra de Arga, lindo como difficilmente haverá outro nesta nossa bemfadada terra. De

Caminha retrocedi logo para Vianna, aonde vim pernoitar. A princeza do Lima[1] alvoroçava-se então em donosas galas com a festa da *Senhora da Agonia;* os romeiros povoavam em numerosos ranchos o espaçoso campo fronteiro á capella. Lembrei-me insensivelmente da *Flor milagrosa* e d'esta delicada poesia.

Thomaz Antonio Ribeiro Ferreira (XXX). Extractámos o *Stabat Mater* do sr. Thomaz Ribeiro do seu livro de versos, *Sons que passam,* edição de 1868 da antiga casa editora, Viuva Moré. Vem na primeira secção, que se intitula *Corôa d'espinhos,* e que contém as poesias seguintes: *Deo gloria! Consummatum est! Stabat Mater, Jesus.* Apresentando o introito e o fecho d'esta excellente elegia sacra, elimino por ser extensa a sua notavel prosopopeia. Chegando-se á porta dos vivos, o poeta viu blasphemos os que são desgraçados e os ricos captivos dos encantos que os algemam: foi-se portanto a evocar os mortos,

> e os sepulcros condoídos
> ....
> se abriram de par em par!

Em frente das dores da Virgem expõe as tribulações dos personagens principaes da Biblia, e com este confronto faz realçar a paixão dolorosa de Jesus Christo. Deante de tão pungente soledade materna o poeta exclama:

> Do mundo não vem ninguem
> ás solidões do Calvario!
> Chorae, sombras, no sacrario
> do seio da Virgem Mãe!...

O sr. Thomaz Ribeiro, filho de João Emilio Ribeiro Ferreira, nasceu em Parada de Gonta, concelho de Tondella, a 1 de julho de 1831. Foi estudante em Coimbra,

---

[1] «Muito linda, e bem situada é na verdade a villa de Vianna foz do Lima!... A sua situação é aprazivel, os edificios pomposos, os caes magnificos, as ruas proporcionadas e limpas, os bairros extensos e vastos, o rio espaçoso e manso com deleitosa foz, a fortaleza respeitavel, a gente polida...» No seculo passado descrevia assim esta risonha povoação Manuel Gomes de Lima Bezerra, na sua obra, os *Estrangeiros no Lima,* vol. II, pag. 70, Coimbra, anno de 1791.

onde já sobresahia como filho dilecto das musas; esteve na India como secretario geral, e ahi escreveu as suas impressões, que se publicaram nas *Jornadas;* foi governador civil, e os seus *Relatorios* formam o elogio da sua administração; foi deputado e é par do reino, e o seu verbo eloquente honra a tribuna parlamentar: foi ministro da marinha, da justiça, do reino e das obras publicas, e nos conselhos da corôa se tem revelado como estadista; pertence á Academia Real das Sciencias, ao Instituto de Coimbra, assim como a outras corporações litterarias do Brazil, da França e da Hespanha; ornam-lhe o peito condecorações portuguezas, italianas e hespanholas. E além de todas estas distincções, que tanto merece, tem o seu principal titulo de gloria no famoso poema *D. Jayme,* e é o vulto mais popular na Beira, onde os seus patricios o estimam com idolatria.

Violante (Soror) do Céo (LXXIX, LXXXVIII), natural de Lisboa, nasceu em 1601 e morreu a 28 de janeiro de 1693. Foi religiosa dominicana no convento da Rosa. Escreveu muitas e diversas obras, que são citadas por Innocencio no *Diccion. Bibliog.,* tom. VII (1862). Da que se intitula *Parnaso Lusitano de divinos e humanos versos,* 1733, 8.º 2 tomos, copiamos duas poesias, uma a Nossa Senhora da Assumpção (LXXIX) e outra á do Rosario (LXXXVIII). Filiada na eschola gongorica, predominante no seu tempo, inutilisou o seu grande talento em trabalhos inglorios, sem proveito nenhum para a litteratura patria e muito menos para a sua fama.

Zephyrino Norberto Gonçalves Brandão (LXXXVII), filho de José Gonçalves Brandão e de D. Guilhermina Amalia Ferraz, nasceu em Sancta Combadão a 17 de fevereiro de 1842, e é bacharel na faculdade de mathematica, socio correspondente do Instituto de Coimbra e da Academia Real das Sciencias, effectivo da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes, e ordinario da Sociedade de Geographia de Lisboa, capitão de artilheria. Em 1883 publicou um livro muito curioso: *Monumentos e Lendas de Santarem,* e em 1884 outro de poesias: — *Paginas intimas — Versos da juventude.* D'este ultimo tiramos esta AVE MARIA.

JOSÉ RAMOS COELHO

NOTA SUPPLEMENTAR.—Em o n.º 12, segunda serie, IV anno (1886) das *I. C.*, foi inserida no noticiario uma *Rectificação* do teor seguinte:

«Pela urgencia com que tivemos de rever o ultimo numero das *I. C.*, não reparámos devidamente na primeira poesia Á VIRGEM, onde o poeta, querendo talvez significar que Jesus Christo, assumindo a natureza humana, não foi sujeito ás fraquezas da culpa, sacrificou ao seu ideal a verdadeira doutrina da Egreja catholica, mais notavelmente quando attribue ao Verbo Divino só a *apparencia* e não a *realidade* de homem. A verdade, a doutrina da Egreja, é que Jesus Christo é verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, como se acha definido no Concilio de Chalcedonia e se professa no Symbolo de Santo Athanasio».

A poesia a que se refere o noticiarista é a do sr. José Ramos Coelho, publicada nesta collecção sob o n.º LXVI, e que é como segue:

Á VIRGEM MARIA

É meiga, é doce a figura
De Jesus, o Redemptor;
Dizem seus labios, se fallam,
Fallas de paz e de amor:

Mas ha não sei quê de grave
Naquelles traços divinos,
Mesmo quando acolhe e afaga
A sorrir os pequeninos,

Ou defende a peccadora
Do furor da turba insana,
Ou aos miseros e humildes
Elle, forte e Deus, se irmana;

Um não sei quê de severo,
Que nos mostra a cada instante
O Filho dos céos, o Mestre,
Na palavra e no semblante.

Soffre, e cala quanto soffre;
Morre, e perdoando expira;
Nem chora, nem quer que o chorem,
Porque a carne, que vestira,

De homem deu-lhe a apparencia,
Porém não a realidade,
E ficou sendo na essencia,
Como outr'ora, divindade.

Ella não, a Virgem Sancta;
Essa é fraca, essa é mulher;
E, antes de ser divina,
Conhece o que é padecer.

Geme, pranteia, soluça,
Vendo pregado na cruz
Já pallido, agonisante,
O seu Filho, o seu Jesus;

Depois o sagrado corpo
Sanguento, livido, frio,
Beija e sobre elle derrama
Tristes lagrimas em fio;

E a todos que encontra, anciosa,
Pergunta: oh vós que passais,
Dizei-me se dor como esta
Houve no mundo jámais!

É que, ao matarem-lhe o Filho,
Arrancaram-lhe tambem
Como que as proprias entranhas,
É que sobretudo é mãe.

É mãe: esta voz sómente,
A mais bella, a mais sublime,
Resumo de affectos varios,
Que o mais puro affecto exprime;

Só esta voz nos explica
O vivo culto, o fervor
De quantos com fé se acolhem
Ao seu manto protector.

Gemeu, ouvirá quem geme;
Chorou, verá os que choram;
E buscam-n'a confiados
E, como filhos, a imploram.

Mãe os poetas a cantam,
Mãe debuxam-n'a os pintores
Ou co'o Menino nos braços,
Ou no Calvario entre horrores,

Aos pés da cruz, de joelhos.
É mãe, e mãe de piedade;
Com mil nomes, em mil templos,
Mãe lhe chama a christandade;

Que, por mãe, é mais humana,
É entre os homens e Deus
Formosa ponte de graças
Do abysmo da terra aos céos.

Segundo se vê da nota acima transcripta, o noticiarista encontra nesta composição poetica resaibos de heterodoxia, e soccorre-se á *urgencia da revisão* para desculpar a facilidade, senão leveza, com que a admittiu nas paginas do seu jornal. Ora fui eu que publiquei a dicta poesia e sem *urgencia de revisão;* fui eu que a acceitei e adoptei, e que estou muito grato ao seu amavel auctor pela espontaneidade e fineza com que m'a offereceu e enviou. É pois do meu dever, não tanto provar a orthodoxia dos versos incriminados, para o que não fôra necessario esmerilhar argumentos; como lavrar um protesto contra uma desconfiança infundada e que só a mim se dirige.

É principio trivialissimo em hermeneutica dever o interprete investigar bem todo o sentido das palavras do texto que deseja interpretar, comparando-o com os seus antecedentes e consequentes, visando sempre ao fim geral do escripto, examinando este com attenção e imparcialidade, e tomando sempre no sentido que mais se ajuste com a sciencia e probidade do auctor as palavras que possam offerecer alguma duvida. Ora, quaes serão nos versos do sr. Ramos Coelho as palavras que escandalisaram a orthodoxia do noticiarista das *I. C.?* Estas, que se lêem nas estrophes 5.ª e 6.ª: «a carne que (Jesus) vestira deu-lhe de homem a apparencia, porém não a realidade, pois na essencia ficou sendo divindade como outr'ora.»

Confesso que estas palavras, lidas assim e separadas do resto da poesia de que fazem parte, poderiam á primeira vista induzir em erro algum leitor menos attento e reflectido, fazendo-o suppôr que o poeta recusava a Jesus Christo a natureza humana: cotejadas porém, como o devem ser, com os antecedentes e consequentes do logar e com o pensamento geral da poesia, ellas apresentam logo um sentido claro e em perfeita conformidade com a orthodoxia catholica. *Apparencia* alli não é ficção, é a «*similhança* com os outros homens *em geral* (*in similitudinem hominum factus,* como disse o Apostolo)»; e *realidade* alli fôra essa «similhança *em tudo*» no peccado, nos defeitos

inherentes á fragil humanidade, e dos quaes Jesus Christo não participou (*«absque peccato»* como disse o Concilio de Chalcedonia). Jesus é verdadeiro homem, como o provam os diversos actos da sua vida mortal, de alguns dos quaes falla a poesia: não tem porém, nem podia ter (porque tambem é Deus) as culpas e defeitos da humanidade, como se patenteia dos muitos factos sobrehumanos com que cumpriu entre os homens a sua missão divina, alguns dos quaes a poesia indica tambem. Eis o que esta quer dizer e o que diz realmente, em plena conformidade com a Escriptura, com os Sanctos Padres, com os Concilios, com a crença catholica.

Apparencia, tórno a dizer, não é illusão. Jesus não é mero phantasma, nem a poesia tal affirma, como o noticiarista parece suppôr. Leiam-n'a toda attentamente. — Uns «labios que fallam» proferindo «palavras de paz e de amor»; um homem que «acolhe sorrindo e afaga os pequeninos»; que «defende a peccadora» contra o «furor da turba» infrene que requer a sua morte; que com «os miseros e humildes Elle, forte e Deus, se irmana»: um ente assim, embora excepcional, com taes characteristicos de vitalidade não é, não póde ser, um *apparente phantasma,* uma *sombra,* uma simples *mystificação.* Se o fosse, ficaria tambem sem sentido aquella scena do Calvario, tão bem descripta pelo poeta, onde a Mãe angustiada vê «pregado na cruz o seu Filho agonisante», derrama rios de lagrimas sobre «o seu sagrado corpo, frio» e inanimado; e no devaneio da sua dor cruciante «pergunta a todos os que encontra: oh vós que passais, dizei-me se dor como esta houve jámais no mundo!» Pinta pois o sr. Ramos Coelho a Jesus como um homem verdadeiro: porém este homem, vestindo a natureza humana, conserva a feição e natureza divina que já tinha, e porisso não é capaz de culpa ou de fragilidade como os outros homens; porisso *não é realmente* um homem *em tudo* a elles similhante: antes é a victima pura e immaculada, que vem sacrificar-se pela regeneração dos homens. Esta natureza divina sublima Jesus acima das condições da humanidade. Sob o peso da dor elle «não chora», que as lagrimas poderiam arguir fraqueza ou arrependimento da sua empreza divina, mas «soffre, e cala quanto soffre»; e na cruz, entre escarneos,

affrontas e angustias, «expira, perdoando» aos seus perseguidores! Sua «figura meiga e doce» tem tambem «um não sei quê de grave e de severo, que nos mostra o Filho dos céos, o Mestre, na palavra e no semblante». Assim fica nitidamente characterisado o Homem-Deus, o verdadeiro Christo do Evangelho, que sequioso pede agua á Samaritana, mas dá-lhe ao mesmo tempo lições de sabedoria divina; compassivo enternece-se com a morte de Lazaro, mas logo o restitue á vida e ao amor dos seus. Eis o que a poesia, de que me estou occupando, diz claramente; nem outra cousa póde deprehender-se de todo o seu contexto.

Com estes pensamentos concordam as decisões do Concilio de Chalcedonia, celebrado em 451 para condemnar a doutrina de Eutyches, que não admittia em Jesus mais que a natureza divina. A sua resolução sobre este ponto foi: «... unum eumdemque confiteri Filium et Dominum nostrum Jesum Christum, consonanter omnes docemus, eumdem perfectum in deitate, et eumdem perfectum in humanitate, Deum verum et hominem verum, eumdem ex anima rationali et corpore, consubstantialem Patri secundum deitatem, consubstantialem nobis secundum humanitatem, per omnia nobis similem absque peccato[1]». Segundo esta doutrina, a crença catholica reconhece a Christo como verdadeiro homem «*per omnia nobis similem absque peccato*». Jesus assume realmente a carne para poder sujeitar-se ao sacrificio da cruz, mas fica isento de toda a macula carnal, porque permanece sempre Deus. A morte veio pelo homem; a resurreição da morte pelo homem devia vir tambem. São estes dois homens Adão e Christo: — Adão, o homem-barro, fragil e peccador; — Jesus, o Homem-Deus, o Verbo salvador feito carne. Com estas ideias catholicas harmonisa a poesia do sr. Ramos Coelho. Este não pretende resuscitar as antigas ideias sobre a

---

[1] Concil. Chalced. Sess. vi. Póde ver-se Evagr. *Hist. Eccles.* lib. ii, cap. 4. Dos nossos theologos confira-se o dr. Bernardo A. de Madureira, *Institut. Theol. Dogm. Special.*, vol. ii, pag. 111 e 112. O concilio celebrou-se na basilica de Sancta Euphemia, cuja descripção se lê em Evagr. cit. lib. ii, cap. 3; e o decreto da fé está no cap. 4.

magna questão relativa á dupla natureza de Christo: se toca esse ponto, é apenas por incidente. Para cantar a Virgem escolhe a scena tragica da Paixão, pondo em confronto a Mãe com o Filho; e characterisa estas duas personagens fazendo sobresahir as differenças profundas que se dão entre uma e o outro. Ella «geme, pranteia, soluça,» porque é «fraca e mulher». Elle porém, que continúa sendo a divindade que era, ainda depois de ter vestido a carne que lhe deu a similhança de homem, tem porisso mesmo, pela virtude d'essa dupla natureza, a força para «soffrer calando quanto soffre» e «perdoar» quando «expira».

Abram-se agora os Evangelhos; e percorramol-os com uma leitura singela e sem outros adminiculos mais que o bom senso natural; e o vulto de Jesus desperta immediatamente sympathia, respeito e admiração. A superioridade d'aquelle Homem insinua-se, impõe-se, espanta-nos. Isto já o sentira J. Jacques Rousseau, e o consignara nestas palavras memoraveis: «A majestade das Escripturas, diz elle, enche-me de espanto; a sanctidade do Evangelho falla ao meu coração... É possivel que um livro, ao mesmo tempo tão sublime e tão simples, seja obra do homem? É possivel que aquelle, cuja historia elle refere, não seja mais que um homem?... que doçura! que pureza de costumes! que graça tocante em seus ensinamentos! que elevação em suas maximas! que sabedoria profunda em seus discursos! que serenidade, que finura, que justeza em suas respostas! que imperio sobre as proprias paixões! Onde está ahi o homem, onde o sabio, que saiba proceder, padecer e morrer sem fraqueza e sem ostentação? Quando Platão pinta o seu *Justo ideal* coberto de todos os opprobrios do crime e digno de todos os premios da virtude, elle pinta feição por feição a Jesus Christo; a similhança é tão notavel que todos os Padres a sentiram, e sobre ella não ha engano possivel». E pouco depois conclue, dizendo: «Se a vida e morte de Socrates são de um sabio, a vida e morte de Jesus são de um Deus!» Realmente o Evangelho é uma biographia unica, sem exemplo. O biographado é um amigo, um mestre, um Deus: esta gradação ascendente é visivel e desenvolve-se naturalmente no espirito do leitor.

Os Sanctos Padres, gregos e latinos, sobre este ponto não nos offerecem novidade, mas confirmam ainda mais a impressão que nos deixam as Escripturas. Estes interpretes famosos não olvidam uma unica palavra do Redemptor, uma acção, um gesto a que não attribuam sentido elevado; uma lição, uma prophecia, um milagre. Em seus escriptos o homem esquece: para elles o Evangelho é um Thabor, onde resplendece o grande Mestre nas amplas proporções da sua missão divina.

Neste pensamento encontram-se elles com os dois grandes luminares do christianismo — a Aguia dos Evangelistas e o Apostolo das gentes. O primeiro, alludindo á dupla natureza de Christo, diz: «E o Verbo se fez *carne* e habitou entre nós; e nós vimos a sua *gloria,* gloria como de Filho Unigenito do Pae [1]». E o segundo exprime-se de modo analogo: «Deus, tendo fallado muitas vezes... pelos prophetas, ultimamente nos *fallou* pelo Filho... o qual, sendo o *resplendor da sua gloria* e a figura da sua substancia [2]...» E noutra parte... «e elle se *aniquilou* á si mesmo, tomando a natureza de servo, fazendo-se *similhante aos homens,* e sendo reconhecido na condição *como* homem [3]». — Alli o termo *gloria* de S. João e a phrase *resplendor da sua gloria* de S. Paulo combinam-se perfeitamente, indicando na mesma etymologia ser o Filho reflexo do Pae, mas um reflexo substancial, sem que o Pae brilhe menos do que o Filho, ou o Filho deixe de brilhar tanto como o Pae. «Semper coexistens Filius Patri» pondera Sancto Ireneu. Por essa razão é que Jesus Christo dizia: «A minha doutrina não é minha, mas é d'Aquelle que me enviou [4]». Por outra parte S. Paulo diz-nos tambem: «Mas quando veio o cumprimento do tempo, enviou Deus a seu Filho, feito de mulher, feito sujeito á lei [5]». Estas expressões do

---

[1] Et Verbum caro factum est, et habitavit in nobis: et vidimus gloriam Ejus, gloriam quasi Unigeniti a Patre... *Joan.* I. 4. São correlativos: *Matth.* I. 16. *Luc.* II. 7.

[2] Multifariam... olim Deus loquens,.. in prophetis: novissime... locutus est nobis in Filio... qui cùm sit splendor gloriae, et figura substantiae Ejus... *Ad Hebr.* I. 1, 2, 3.

[3] ... semetipsum exinanivit formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus, et habitu inventus ut homo... *Ad Philip.* II. 7.

[4] Mea doctrina non est mea, sed Ejus qui misit me. *Joan.* VII. 16.

[5] At ubi venit plenitudo temporis, misit Deus Filium suum, factum

Apostolo «aniquilou-se a si mesmo *(semetipsum exinanivit)*» e «feito similhante aos homens *(in similitudinem hominum factus)*» equivalem e explicam perfeitamente o sentido que deve ligar-se á palavra *apparencia* da poesia do sr. Ramos Coelho. Sancto Agostinho entende tambem pelo *semetipsum exinanivit* de S. Paulo a acção de o Verbo assumir a carne humana ficando sempre Deus, «non perdendo quod erat, sed accipiendo quod non erat [1]». Outro padre (Theodoreto) diz: «celata dignitate, summam elegit humanitatem». Do mesmo modo a *apparencia* da poesia mencionada é a *similhança* da Escriptura e não uma illusão phantastica; preferindo-se o nome de «similhança», porque, comquanto Jesus Christo fosse homem verdadeiro e «feito sujeito á lei», não era todavia capaz de culpa «absque peccato»; e assim era uma similhança de homem, «quoniam *non omnia* aequalia habebat» segundo pondera um illustre commentador (S. João Chrysostomo). Bellamente se diz (exclama ainda o mesmo) «habitu inventus *ut* homo, non enim erat unus ex multis, sed *ut* unus ex multis». É exactamente a *similhança* que encontramos na Escriptura, é a *apparencia* empregada na poesia discutida.

Concluindo, como comecei: no que fica exposto desejei protestar pela orthodoxia d'um ponto que julgo leviana e injustamente censurado. Suppôr que o sr. Ramos Coelho na sua formosa elegia quiz dizer que Christo só *ficticiamente* tomara a apparencia de homem, que vestira a fórma humana como se afivela ao rosto o disfarce de uma mascara, é suppôr o que está muito longe do pensamento e até das palavras (bem entendidas) do religioso escriptor. Eliminar a realidade do corpo de Jesus é supprimir a vida mortal do Homem-Deus, que o poeta canta em sentidos versos; é supprimir designadamente a tragedia do Golgotha, que elle nos pinta com tanta viveza; é destruir pela raiz a essencia mesma da crença catholica, á qual mostra prestar inteira adhesão. O poeta merece mais justiça. Os seus versos, devidamente interpretados, encerram doutrina

---

ex muliere, factum sub lege. *Ad Gal.* IV. 4. A traducção que dou de todos estes trechos biblicos é do padre Antonio Pereira de Figueiredo.

[1] *S. Aug.* Contr. Maxim. arian. lib. II, cap. 5.

perfeitamente orthodoxa em completa harmonia com a Escriptura, com os Sanctos Padres, e com as decisões do mesmo Concilio que se invoca para os condemnar. A sua formosa elegia, toda impregnada de suavissimo affecto religioso, não visa, nem de longe, a macular a fé catholica; nossa e egualmente sua, e que resumbra espontanea, eloquente, irresistivel em todos os versos da sua maviosa canção.

(CARTA DE FRANÇA)

Très honoré Collègue: — Je viens de relire la très belle élégie de votre poëte portugais sur la Vierge au pied de la croix. Mr. Ramos Coelho n'a voulu montrer qu'une chose: que la divinité de Jésus-Christ mourant sur l'infame gibet se révèle au milieu des cruelles souffrances qu'il endure. En effet l'humanité semble avoir disparu:

«Il souffre, et il se tait sur ses
cruelles souffrances; il meurt et expire
en pardonnant; il ne pleure pas,
et il ne veut pas qu'on le pleure,
parce que la chair qu'il a revêtue

Lui donne l'apparence de l'homme,
mais non la réalité;
Et il reste, dans sa nature,
Dieu, comme auparavant.»

Qu'a voulu dire le poëte? — que Jésus-Christ n'était pas homme et Dieu? nullement. Il a voulu prouver que le divin Sauveur, quoique ayant «la forme de l'esclave», un corps comme le nôtre en apparence, a en réalité un corps auquel n'étaient point inhérentes toutes les faiblesses de l'humanité, toutes les passions, qui sont la suite funeste du péché originel, un corps sans péché, sans souillure. C'est pourquoi il a pris ce corps dans le corps pur et virginal de Marie conçue sans péché et exempt de la souillure commune à tous les enfants d'Adam. Jésus-Christ n'avait donc que l'apparence de l'homme déchu, de l'homme souillé dans son origine, quoiqu'il fût réellement homme, *habitu inventus ut homo,* ayant une double nature, la nature divine et la nature humaine. Mais au milieu des tortures de la crucifixion cette nature humaine est sans faiblesse,

comme il convient à l'Homme-Dieu, parce qu'elle est plus parfaite que celle du reste des descendants souillés d'un père coupable.

Si le poëte nous montre le Fils comme impassible en face de la mort et au milieu des souffrances les plus cruelles, il place sous nos yeux la Mère désolée, le coeur percé par le glaive de la douleur, qui l'oppresse et qui se répand en gémissements et en sanglots.

> «Elle gémit, elle pleure,
> pousse des sanglots, en voyant,
> suspendu à la croix, pâle
> et agonisant, son Fils, son Jésus.»

Ceux qui aiment à épiloguer sur les mots pourraient encore blâmer notre poëte d'avoir appliqué à Marie l'épithète de «*divina*» *divine,* cette expression est généralement employée et reçue dans cantiques français. Faudrait-il en conclure que Mr. Ramos Coelho croit que la Sainte Vierge n'est pas une créature, qu'elle n'a plus notre nature, mais qu'en devenant mère du Sauveur elle a pris la nature divine? Qui oserait le soutenir?

En résumé, je crois que certaines expressions employées par notre poëte — *prout sonant* — peuvent prêter le flux à la critique, mais que, sérieusement examinées, elles peuvent recevoir un sens très orthodoxe.

Qu'on n'oublie pas que, s'appuyant sur l'autorité du maître, les poëtes peuvent se montrer *hardis;* que c'est un privilège que leur accorde le chantre de Tibur:

> *Quidlibet audendi semper fuit aequa potestas.*

Il ne faut donc pas trop se presser de critiquer les favoris des muses, mais attentivement péser les mots qu'ils emploient pour en bien pénétrer le sens.

J'ai l'honneur d'être avec le plus profond respect votre très humble et très reconnaissant serviteur et collègue

Domazan, 18 janvier 1888,
par Aramon, Gard.

THOMAS BLANC.